

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Tânia Lídia Ribeiro Aversi**

**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:  
NARRATIVAS DESDE UMA REVISITA À PERSPECTIVA FREIRE(E)ANA**

**Volume 1**

**Sorocaba/SP  
2021**

**Tânia Lúcia Ribeiro Aversi**

**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:  
narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana**

**Volume 1**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação na linha de pesquisa Cotidiano Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota.

**Sorocaba/SP  
2021**

## Ficha Catalográfica

Aversí, Tânia Lídia Ribeiro

A97p Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença: narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana / Tânia Lídia Ribeiro Aversí. -- 2021.

2v. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Prática de ensino. 3. Educação ambiental. 4. Educadores – Brasil. 5. Freire, Paulo (1921 – 1997). 6. Freire, Ana Maria Araújo. I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, Denise, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

**Tânia Lúcia Ribeiro Aversi**

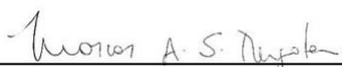
**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:  
narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana**

**Volume 1**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba

Aprovada em: 20/09/2021

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota  
Universidade de Sorocaba – Orientador



---

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera  
Universidade de Sorocaba



---

Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo  
Universidade de Sorocaba



---

Profa. Dra. Débora Barbosa Agra Junker  
Garret-Evangelical Theological Seminary – USA



---

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães  
Universidade Federal de Santa Catarina

A **Paulo e(m) Nita Freire**, responsáveis pelos deslocamentos da(s) minha(s) pedagogia(s) na direção da pergunta, da indignação, da autonomia, do compromisso, da tolerância, da solidariedade... e da esperança nos sonhos possíveis.

Às **professoras** que, diante da realidade do inacabamento, insistem na transformação e, nesse caminho, se descobrem não-indiferentes às narrativas dos meninos e meninas e, com eles e elas se solidarizam.

## **Gratidões**

Aos céus, às terras, às rochas, às águas, aos gentis lugares, confins, que me acolheram e permitiram que neles eu andarilhasse em descobertas;

Aos animais, às plantas, às pessoas e grupos delas, às amorosas existências, enfim, que em profundos atravessamentos me constituíram enquanto provocavam em mim deslocamentos de toda ordem,

Gratidões, sempre!

AVERSI, Tânia Lídia Ribeiro Aversi. **Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença**: narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2021.

## RESUMO

Às vésperas do centenário de Paulo Freire, uma professora pesquisadora tem um afortunado encontro com a viúva do maior pensador da educação brasileira. Tal encontro marca de forma definitiva sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Estando no caminho de seu doutoramento em educação, um desvio de rota acaba por levá-la a frequentes viagens à terra natal de Paulo e Nita Freire onde se dedica a uma “arqueologia Freire(e)Ana”. Este trabalho funda-se na experiência de uma formadora de professoras cuja *bio:grafia* é registrada por meio de textos, imagens e sons. *Narrativas ficcionais* são tomadas como alternativa teórico-metodológica para traduzir olhares outros sobre paisagens do Brasil profundo e sobre a educação que se descortinam por ocasião do encontro dela com inusitados acontecimentos cotidianos. A andarilhagem é utilizada metaforicamente como recurso linguístico e a crônica é adotada como gênero textual para transcrever as reflexões e conhecimentos produzidos durante percursos nos quais contextos, conversas, referências, dados/achados, objetos, sujeitos e resultados da pesquisa, incluindo, neste grupo, a própria pesquisadora viajante, se transmutam ou caminham entrelaçados em *espaçotempos* contemporâneos. A tese defende o potencial formativo presente nos deslocamentos espaciais, cognitivos, estéticos, afetivos, éticos e políticos dos/nos cotidianos de professoras que aceitam vivenciar e propor experimentações pedagógicas em tempos de retrocessos e conservadorismos. A partir da Perspectiva Ecologista de Educação e de aportes freireanos, dedica-se à construção da noção de pedagogias em deslocamento, segundo a qual práticas pedagógicas se originam, se constituem e se modificam ao longo da vida de um(a) educador(a) e, como obras inacabadas, carregam possibilidades de educação sensível, solidária e de nutrição estética em movimentos contínuos, prenes de *inéditos viáveis* quanto ao enfrentamento à indiferença e à ausência de sentidos produzidas e repercutidas no tempo presente e, portanto, também no cotidiano escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas ficcionais. Pedagogias em deslocamento. Cotidiano docente. Indiferença. Solidariedade. Paulo e Nita Freire.

AVERSI, Tânia Lídia Ribeiro Aversi. **Pedagogies on the move in the daily life of (in)difference**: narratives from a revisit to the Freire(e)Ana perspective. 2021. Thesis (Doctorate in Education) - University of Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2021.

### ABSTRACT

On the brink of Paulo Freire's centennial birth, a research teacher has a fortunate encounter with the widow of the greatest thinker of Brazilian education. Such encounter definitively marks her personal, academic, and professional trajectory. While being on the path of her doctorate in education, a detour ends up taking her to frequent trips to the birthplace of Paulo and Nita Freire, where she dedicates herself to engage in a "Freire (and) Ana archeology." Thus, this work is based on the experience of a teacher trainer whose *bio:graphy* is recorded through texts, images, and sounds. Fictional narratives used as a theoretical-methodological alternative seek to translate other perspectives on the landscapes of deep Brazil and education unveiled on the occasion of her encounter with unusual everyday events. Travel is metaphorically used as a linguistic resource. The chronicle is adopted as a textual genre to transcribe the reflections and knowledge produced during journeys in which contexts, conversations, references, data / findings, objects, subjects and research results, including in this group the traveling researcher herself, all intertwine in the contemporary space-time. The thesis defends the formative potential present in the spatial, cognitive, aesthetic, affective, ethical and political changes of/in the daily lives of teachers who accept to experience and offer pedagogical experiences in times of setbacks and conservatism. From the Ecologist Perspective of Education and Freirean contributions, it aims to construct the notion of *pedagogies on the move*, that is, pedagogical practices developed and transformed throughout the educator's experience. Hence, as unfinished works, they carry possibilities for sensitive, solidary education and aesthetic nutrition in continuous movements, pregnant with untested feasibility in terms of coping with indifference and the absence of meanings produced and reflected in the present time and, therefore, also in the daily events of school life.

KEYWORDS: Fictional narratives. Pedagogies on the move. Teaching routine. Indifference. Solidarity. Paulo and Nita Freire.

## SUMÁRIO (OU CARTA DE NAVEGAÇÃO)

<b>SOBRE UMA TESE ITINERANTE</b>	11
<b>CONTEXTO: O COTIDIANO DA INDIFERENÇA</b>	20
<b>A PESQUISADORA ANDARILHA: PRIMEIROS DESLOCAMENTOS</b>	30
<b>Como alguém se torna o que é</b>	35
<i>O que não fui e talvez por isso não seja</i>	36
<i>Como e porque me tornei o que tenho sido</i>	41
<b>NO CAMINHO: O COTIDIANO DOCENTE CONVERSADO, NARRADO E FICCIONADO</b>	51
<b>Com-versas</b>	53
<b>Narrar: necessidade do (para) ser (humano)</b>	58
<b>Narrativas ficcionais: dados ou achados?</b>	62
<b>Crônicas em pesquisa</b>	69
<b>DE ESTAÇÃO EM ESTAÇÃO: CONSOLIDANDO PARCERIAS E ITINERÁRIOS</b>	72
<b>Tucuna vai à Monte Alegre</b>	74
<b>Perdizes recebe Aclimação</b>	80
<b>Do Tietê ao Sorocaba</b>	85
<b>ENTRE A TERRA RASGADA E A PEDRA ENXUTA: NOVOS DESLOCAMENTOS</b>	88
<b>Vivências na Terra Rasgada</b>	91
<i>Novas perspectivas sobre a mesma paisagem</i>	91
<i>O (re)encontro com Paulo e(m) Nita Freire</i>	93
<b>Pedagogias em deslocamento</b>	96
<b>Re-existências na Pedra Enxuta</b>	100
<i>Uma antologia de vozes</i>	100
<i>Na sala das/com as professoras</i>	104

<b>UM DESVIO DE ROTA: A TERRA NATAL DE PAULO E NITA FREIRE PELO OLHAR DE VIAJANTE DE UMA PESQUISADORA</b>	110
<b>Uma “arqueologia Freire(e)Ana”</b>	112
<b>Acontecimentos</b>	118
<i>No avião</i>	118
<i>Uma experiência artístico-poético-pedagógica, demasiado pedagógica</i>	121
<i>Escavando na Biblioteca Pública de Pernambuco</i>	125
<i>Leituras de mundo entre quatro paredes</i>	127
<b>Encontros</b>	131
<i>O encontro de uma pesquisadora conversadora com o cotidiano de um artista e de um educador do Nordeste e do mundo</i>	131
<i>O outro lado de Olinda</i>	134
<i>Encontro de/com “meninos do Recife” em três atos</i>	137
<i>Na casa dos Freire</i>	144
<b>Atravessamentos</b>	152
<i>Linhas imaginárias na Casa Amarela</i>	152
<i>Fortes emoções na Federal de Pernambuco – parte 1</i>	155
<i>Fortes emoções na Federal de Pernambuco – parte 2</i>	157
<i>Voltando para casa</i>	161
<b>O NOVO (EM) CONTEXTO: ESPAÇOS TEMPOS DE IMOBILIDADE E (IM)POSSIBILIDADES</b>	163
<b>Vidas mais solitárias de professoras não menos solidárias</b>	169
<i>Desabafo</i>	170
<i>Vizinhança</i>	171
<i>Uma professorapesquisadora em tempos de isolamento</i>	175
<b>CONSIDERAÇÕES: É PRECISO CHEGAR PARA PODER PARTIR</b>	179
<b>REFERÊNCIAS</b>	185
<b>ANEXO A - Dossiê Paulo Freire – Faculdade de Direito do Recife</b>	198
<b>ANEXO B - Ficha vida escolar Paulo Freire – Faculdade de Direito do Recife</b>	269
<b>ANEXO C - “Desenhos para Paulo Freire” – Francisco Brennand</b>	270



*Não vês que somos viajantes?*

*E tu me perguntas:*

*Que é viajar?*

*Eu respondo com uma palavra: é avançar!*

*Experimentais isto em ti*

*Que nunca te satisfaças com aquilo que és*

*Para que sejas um dia aquilo que ainda não és*

*Avança sempre! Não fique parado no caminho*

Santo Agostinho

## SOBRE UMA TESE ITINERANTE

Este trabalho que, em sua concepção, desenvolvimento e resultados, remete à uma viagem, utiliza tal metáfora como recurso linguístico para traduzir as reflexões ocorridas durante percursos nos quais contextos, questões, referências, dados/achados, discussão, resultados, objetos e sujeitos da pesquisa, incluindo, neste grupo, a própria pesquisadora e sua redação, se transmutam ou caminham entrelaçados em *espaçotempos*<sup>1</sup> contemporâneos.

Funda-se na premissa de que o itinerário formativo da autora se torna peça-chave na constituição do argumento que ela visa defender – o de que as dimensões subjetiva e política das professoras<sup>2</sup>, afetadas pelos acontecimentos inesperados e/ou inusitados do cotidiano, colocam suas pedagogias em deslocamento. Pedagogia compreendida, neste trabalho, como fazer educativo político, não neutro portanto, e não distanciado de crenças, valores, símbolos e princípios de quem a pratica (FREIRE, 2002; SPINK, M. J., 2010; SPINK, P., 2008; IÑIGUEZ-RUEDA, 2020).

A definição do tema apresentado no título do trabalho - *Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença* – emerge da experiência da pesquisadora, do seu *olhar de viajante* (PRADO, 2004; RIBEIRO, 2004) e da sua participação em movimentos de formação de professoras/es sob uma Perspectiva Ecologista de Educação (REIGOTA, 2012, 2020b), concepção esta que, alinhada aos trabalhos de pesquisadores da vertente dos chamados Estudos Culturais, tem, por meio de *ecologias e pedagogias inventivas* (GUIMARÃES, SAMPAIO, 2014; COMAZZATO, 2014), colocado sob rasura certezas consolidadas por práticas pedagógicas conservadoras nesta área. Trata-se, portanto, da teorização de uma prática reflexiva (FREIRE, 2002).

O problema surge a partir da observação, por parte da pesquisadora, de que a dimensão subjetiva e a perspectiva política poderiam ser mais amplamente

---

<sup>1</sup> Este trabalho se apropria do modo de se escrever esses e outros termos (reunidos e em itálico) adotados pelo Grupo de Pesquisa com os Cotidianos, coordenado por Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira. Termos esses geralmente concebidos e escritos como opostos: *espaçotempos, práticateoria; gerallocal; dentrofora; praticantepensante, aprenderensinar etc.* Esta pesquisadora se alinha à tal corrente que visa superar limites, fragmentações e dicotomias criadas pelas ciências modernas para mostrar “a única possibilidade de existência desses termos – um tem relação com o outro e só existem nessa relação” (ALVES, 2015, p. 91, 124, 173).

<sup>2</sup> Será adotada a flexão de gênero no feminino todas as vezes que a autora estiver se referindo aos grupos com os quais conviveu, ou convive, cujo número de mulheres tenha sido, ou são, majoritária ou exclusivamente, feminino.

consideradas nas práticas pedagógicas de formação docente, uma vez que os sentidos e os significados que as professoras atribuem às experiências vividas se tornam elementos determinantes das pedagogias que adotam (NÓVOA, [1992] 2014; PLACCO, SOUZA, 2006).

No que diz respeito ao presente trabalho, tem-se como pano de fundo um contexto marcado cada vez mais profundamente por posturas de indiferença (HERZFELD, 2015; KOPENAWA, ALBERT, 2015; MBEMBE, 2016; KRENAK, 2019; SANTOS, 2020) de um privilegiado grupo em relação à condicionante invisibilidade da outra expressiva parcela de humanos, aos quais têm tido negados seus direitos mais básicos.

Nesse cenário, que desnuda a produção de ausência de sentidos (REIGOTA, 2019) em relação às outras formas de vida e outras maneiras de *serestar* no mundo, caberia a pergunta: Onde percebemos/identificamos indícios, fragmentos, instantes de não-indiferença (SERODIO; PRADO, 2020) ou de solidariedade (FREIRE, P.; FREIRE A. M.; OLIVEIRA, 2014) e de produção de sentidos (SPINK M. J., 2010) no cotidiano docente?

Considerando o potencial político-pedagógico-formativo presente nos deslocamentos espaciais, cognitivos, políticos e estéticos (COHN, 2017) do/no cotidiano docente, suspeita-se que aportes freireanos<sup>3</sup>, contribuições da Perspectiva Ecológica de Educação, de autores ligados à formação de professores, aos Estudos Culturais (GODOY; AVELINO, 2009; GUIMARÃES; PREVE, 2012; GUIMARÃES, SAMPAIO, 2014; BELINASSO; DE CODES, 2020) e à Teoria Construcionista da psicologia social (SPINK, P. K., 2008; SPINK, M. J., 2010) podem subsidiar práticas pedagógicas mais *solidárias* (FREIRE, P.; FREIRE, A.; OLIVEIRA, 2014) e produtoras de sentidos na escola (ALVES; GARCIA, 2001), especialmente aquelas relacionadas com a formação de professoras/es.

O subtítulo do trabalho – *narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana* – elucida, primeiramente, o caminho teórico-metodológico escolhido

---

<sup>3</sup> A opção pelo adjetivo “freireano”, em vez de “freiriano”, se dá mediante o posicionamento da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP, que a justifica “pela compreensão de que a manutenção da grafia integral do sobrenome do autor destaca com mais vigor a procedência das produções: a matriz de pensamento de Paulo Freire. Em alguns redutos acadêmicos significativos, seguiu-se, pois, o seguinte critério: à ortografia original do antropônimo, foi acrescentado o sufixo ano, resultando no adjetivo freireano” (VOLTAS; SAUL, A. M.; SAUL, A., 2021, p. 5).

para a maior parte da produção textual: a *bio:grafia* (REIGOTA; PRADO, 2008) e as *narrativas ficcionais* (REIGOTA, 1999, 2016).

A opção pelo *narrador-personagem* (SILVA, 2021) em alguns trechos da tese, se deu, fundamentalmente, pela compreensão de que uma *bio:grafia*<sup>4</sup> pressupõe a narrativa na primeira pessoa do discurso, no singular. Trata-se de uma prerrogativa geralmente vinculada à escrita de autobiografias e que vem sendo adotada pelas chamadas *pesquisas narrativas* em psicologia social (CORDEIRO; KIND, 2016) e em educação, notadamente no campo da formação de professores (NÓVOA, [1992] 2014; CAMPOS, PRADO, 2014; NAKAYAMA, PASSOS, 2018; COSTA et al., 2020).

O produto de uma narrativa na primeira pessoa do singular, entretanto, não garante a realidade ou a veracidade dos fatos, tampouco pode caracterizar um fenômeno se considerarmos que ela apresenta apenas uma versão sobre os acontecimentos, ou seja, o ponto de vista do narrador o qual, ao escrever, acessa subjetividades que selecionarão aquilo que, para ele, merece ser registrado (e publicado). Esse tem sido, como veremos na 4ª estação, o maior desafio desses pesquisadores e pesquisadoras, ou seja, o de conseguir a legitimação dos seus estudos pela tradição positivista da academia, mesmo na área das humanidades.

O *narrador-personagem*, nesta tese, portanto, não assume o compromisso de se ater à realidade, embora por ela tenha sido atravessado e nela tenha interferido. Seu discurso não está sujeito à categorização ou análise, embora possa, eventualmente, representar outras pessoas ou até grupos delas. Importa mais saber o que a escrita e o compartilhamento da narrativa provocou tanto no(a) autor(a) quanto nos(as) ouvintes.

Nesse sentido, a pesquisadora se aventura em encontros fronteiriços com a literatura de Milton Hatoum, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Carlos Sena, entre outros que ora misturam ficção, realidade e personagens, ora extraem do cotidiano inspiração para narrativas que se aproximam da ficção.

---

<sup>4</sup> Noção cunhada por Marcos Reigota e Bárbara H. Soares do Prado (2008) bastante utilizada por pesquisadores do Grupo Perspectiva Ecologista de Educação a partir do conceito freireano de “sujeito da história” (FREIRE, [1968] 2014, p. 175). Diferentemente da biografia autorizada ou da autobiografia, elas não têm caráter editorial ou comercial assim como não visam revelar detalhes da vida de personalidades. São narrativas escritas por pessoas anônimas, em contextos de formação pedagógica, que trazem a público aspectos políticos, sociais, econômicos e ecológicos de suas trajetórias, que impactaram suas práticas pedagógicas.

A escolha pela narrativa onisciente – na 3ª pessoa do singular –, na maior parte do texto, foi fundamentada, primeiramente, nas pesquisas com *narrativas ficcionais*. Busca romper com a concepção, comum em *pesquisas narrativas*, como já fora dito anteriormente, de que esta precisa ser relatada em primeira pessoa e pelo sujeito da experiência. Entende-se, de outro modo, que na perspectiva de pesquisa nas/com conversas e narrativas no/do cotidiano escolar, as dimensões individual e coletiva das experiências ali vividas são inseparáveis.

Visa também, subverter, ainda que apenas um pouco, o formato do texto acadêmico, na tentativa de experimentar outras formas de comunicar conhecimento construído com pesquisa, neste caso, por meio do exercício de narrar a experiência procurando, em alguns trechos, observar o fenômeno por outros pontos de vista.

O narrador onisciente, segundo a professora e pesquisadora Marina Cabral da Silva, “conhece tudo sobre os personagens e sobre o enredo, sabe o que passa no íntimo das personagens, conhece suas emoções e pensamentos [...] é capaz de revelar suas vozes interiores, seu fluxo de consciência [...] o enredo se torna plenamente conhecido, os antecedentes das ações, suas entrelinhas, seus pressupostos, seu futuro e suas consequências” (SILVA, 2020, online).

As narrativas traduzem a trajetória formativa da pesquisadora e o seu olhar de viajante sobre novas paisagens do Brasil profundo que se descortinam por ocasião de eventuais, efêmeros, reais e fictícios encontros dela com as professoras com as quais convive, com outras professoras e professores, pesquisadores, escritores, poetas, compositores, artistas plásticos, músicos, cordelistas, xilogravuristas e com pessoas e lugares outros que atravessa e/ou pelos/as quais é atravessada durante o percurso desta tese itinerante.

O subtítulo da tese aponta também para a principal referência do trabalho quanto à sua fundamentação teórica. Revisitando a perspectiva *Freire(e)Ana*<sup>5</sup>, a

---

<sup>5</sup> Pensado a partir da palavra “freireana”, que adjetiva a perspectiva e a pedagogia de Paulo Freire, o neologismo *Freire(e)Ana*, proposto pelo presente trabalho, expressa textualmente uma ideia que vem sendo defendida por Marcos Reigota há muitos anos. Para ele o pensamento de Ana Maria Araújo (Nita) Freire, viúva de Paulo Freire, esteve, desde *Pedagogia da Autonomia*, de alguma forma, presente nas publicações do grande educador, seja por meio de notas explicativas que contribuem para o entendimento do pensamento freireano, seja pelas obras publicadas em parceria com o marido cujo conhecimento construíram juntos, ou ainda, pelos livros da escritora que revelam o cotidiano, a trajetória e a obra do patrono da educação brasileira. O próprio Freire, inúmeras vezes e publicamente, fez questão de dividir com Nita as honras recebidas por suas criações. Nesta tese, o neologismo (sintático e por aglutinação) *Freire(e)Ana* reforça o papel da mulher intelectual que, para além da admiração que tem pelo pensamento do grande educador, teceu *nele/com ele* parte de um legado mundialmente reconhecido. Trata-se, no caso desta tese, de um registro desse reconhecimento e de uma homenagem a essa profícua e singular parceria.

pesquisadora encontra a *solidariedade* (FREIRE, P.; FREIRE, A.; OLIVEIRA, 2014) necessária aos processos que considera não de formação, mas de *transformação* docente. Processos fundados na concepção de professora como sujeito de sua própria formação, em permanente tecitura com as pessoas de sua rede de relações, neste caso, mais especificamente, com as outras/os docentes. Em Freire e Ana, a pesquisadora também percebe *inéditos viáveis*<sup>6</sup> ao cotidiano da indiferença gestados nas pedagogias em deslocamento, sem desistir portanto de lutar pelo sonho, de *esperançar* um mundo melhor (FREIRE, A. M., 2013a, p. 205).

Nesta andarilhagem, dedica-se à construção da noção de pedagogias em deslocamento, segundo a qual o sujeito *aprendenteensinante*, pode educar-se sensível e solidariamente e nutrir-se esteticamente em movimentos *transformativos* que possibilitem ou potencializem o enfrentamento à indiferença e à ausência de sentidos presentes, também, no cotidiano escolar.

Esta tese itinerante se divide em nove “estações”, ou seções. Para além desta introdução, a segunda estação, como revela o título - *Contexto: o cotidiano da indiferença* -, apresenta os preâmbulos que a originaram e a paisagem na qual se insere.

Na terceira estação, encontra-se a *bio:grafia* da autora intitulada *A pesquisadora andarilha: primeiros deslocamentos* que, inspirada em Nietzsche (2008), discorre sobre *Como alguém se torna o que é*. A pesquisadora relata, em primeira pessoa, *O que não fui e talvez por isso não seja* e *Como e porque me tornei o que tenho sido*.

A quarta estação aborda, primeiramente, o conceito de deslocamento assumido no trabalho. *No caminho: o cotidiano conversado, narrado e ficcionado*, apresenta a fundamentação teórico-metodológica do mesmo nas subseções: *Conversas, Narrar: necessidade do (para) ser (humano), Narrativas Ficcionalis: dados ou achados?* e *Crônicas em pesquisa*.

*De estação em estação: consolidando parcerias e itinerários*, a quinta estação, como o enunciado sugere, relata os primeiros passos, propriamente ditos, percorridos pela pesquisadora na construção desta tese. Metáforas e alegorias são utilizadas

---

<sup>6</sup> Para Nita Freire, há aqueles que veem o cotidiano opressor como uma fatalidade, para a qual não há solução e à qual resta nos adaptarmos. Há, entretanto, os que se sentem impelidos a agir e a descobrir o “inédito viável”, ou seja, “[...] uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade” (FREIRE, A. M., 2013a, nota 1, p. 106).

como recurso de linguagem, a começar pelo título da seção secundária: *Tucuna vai à Monte Alegre*, que anuncia o modo como as personagens reais e fictícias acompanharam a pesquisadora viajante e narra os caminhos que a levaram ao mestrado em educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo bem como os desdobramentos, para esta tese, da reflexão e dos acontecimentos ali ocorridos.

O encontro da pesquisadora, então mestranda, com o seu atual orientador de doutorado e o grupo de pesquisa por ele coordenado, bem como as implicações desse atravessamento, compõem as narrativas de *Perdizes recebe Aclimação*.

*Do Tietê ao Sorocaba* abarca os encontros da pesquisadora com as novas referências que chegam durante o seu doutorado. Referências com as quais estabelece diálogos que marcam profundamente sua trajetória e colocam sua visão de mundo e sua pedagogia em deslocamentos de várias ordens.

A sexta estação, *Entre a terra rasgada e a pedra enxuta: novos deslocamentos*, dá continuidade ao processo de desvelamento das questões que cercam a professora pesquisadora. Revelam em *Vivências na Terra Rasgada*, rupturas com o projeto original da pesquisa a partir de *Novas perspectivas sobre a mesma paisagem* e o aprofundamento de conceitos que vão constituindo um novo objeto, na verdade, um novo interesse de estudo – a dimensão subjetiva e política na *transformação docente*. Narram *O (re)encontro com Paulo e(m) Nita Freire* e a construção do principal argumento: movimentos espaciais, cognitivos, culturais, políticos e afetivos que engendram as vivências cotidianas como potência formativa capaz de colocar *Pedagogias em deslocamento* na direção de práticas pedagógicas mais solidárias e como possibilidade de enfrentamento ao estado de indiferença e à produção de ausência de sentidos no tempo presente.

A subestação *Uma antologia de vozes* apresenta o trabalho da pesquisadora que resultou na publicação de uma coletânea de narrativas colhidas entre diversos sujeitos envolvidos nas atividades de um longo Programa de Educação Ambiental implementado em uma unidade escolar de uma cidade no interior paulista. *Na sala das/com as professoras* relata as atividades desenvolvidas pela pesquisadora com o grupo docente e descreve alguns acontecimentos que acabaram por colocar *Pedagogias em deslocamento*.

*Um desvio de rota: a terra natal de Paulo e Nita Freire pelo olhar de viajante de uma pesquisadora*, a sétima estação, narra os inusitados episódios ocorridos no Nordeste do Brasil e, mais especificamente, em Recife, onde a autora se dedica a

*Uma “arqueologia Freire(e)Ana”* entre documentos e outros achados. Por meio de crônicas, ou melhor dizendo, um exercício da autora de escrita nesse gênero, são narrados os *Acontecimentos* que impactaram sua forma de ver o mundo e a construção desta tese.

São relatados, também, os *Encontros*, reais e fictícios, da autora com músicos, poetas, escritores, artistas, pesquisadores e pessoas outras, famosas e anônimas, enfim, cujas vidas e histórias foram marcadas por *Atravessamentos* pela vida, história ou pelo legado de Paulo Freire ou que, de outro modo, embora não o tivessem conhecido, acabaram por mostrar não somente as mazelas, mas também as riquezas deste pedaço do Brasil profundo. A crônica *Na casa dos Freire*, traz a segunda das duas únicas narrativas escritas em primeira pessoa, no corpo da tese.

Na estação seguinte, denominada *O novo (em) contexto: espaçostempos de imobilidade e (im)possibilidades*, uma longa parada torna-se compulsória – a Pandemia de Covid-19 - e exige a descoberta de novas formas de se movimentar na vida pessoal, acadêmica e profissional da pesquisadora. Formas, certamente, de *Vidas mais solitárias de professoras não menos solidárias*, entretanto, ao pensar e tecer o *novovelho* cotidiano em deslocamentos, por vezes, viscerais. Ainda inspirada na escrita de crônicas, a pesquisadora apresenta, nessa seção, os conflitos e desafios docentes diante das (im)possibilidades da “cruel pedagogia do vírus” (SANTOS, 2020).

A nona e última estação apresenta os resultados da tese para a pesquisadora e, possivelmente, para o grupo de professoras com as quais trabalha. *Considerações: É preciso chegar para poder partir* revela eventuais limites, desdobramentos e contribuições deste estudo para práticas pedagógicas atentas às concepções de *transformação docente*.

Por hora, imprime-se um “bilhete” ao leitor ou à leitora para que “embarque”, junto aos/às demais companheiros/as de jornada, nessa revisita ao pensamento de Paulo Freire, às vésperas das comemorações do seu centenário. Experiência que tem como ponto de partida um sobrevoo pelo tempo presente, um olhar para a condição humana, para nós mesmos e, sobretudo, para o estado desumano de muitos de nossa espécie, enquanto sujeitos de história e da história, como nos lembraria Paulo Freire em sua extensa obra.



Autoritarismo não existe  
 Sectarismo não existe  
 Xenofobia não existe  
 Fanatismo não existe  
 Bruxa, fantasma, bicho, papão

O real resiste  
 É só pesadelo, depois passa  
 Na fumaça de um rojão  
 É só ilusão, não, não  
 Deve ser ilusão, não, não  
 Só pode ser ilusão

Miliciano não existe  
 Torturador não existe  
 Fundamentalista não existe  
 Terraplanista não existe  
 Monstro, vampiro, assombração

O real resiste  
 É só pesadelo, depois passa  
 Múmia, zumbi, medo  
 Depressão, não, não

Trabalho escravo não existe  
 Desmatamento não existe  
 Homofobia não existe  
 Extermínio não existe  
 Mula sem cabeça, demônio, dragão

O real resiste  
 É só pesadelo, depois passa  
 Com o estrondo de um trovão  
 É só ilusão, não, não  
 Deve ser ilusão, não, não  
 Só pode ser ilusão

Esquadrão da morte não existe  
 Ku-Klux-Klan não existe  
 Neo-nazismo não existe  
 Tirania eleita pela multidão

O real resiste  
 É só pesadelo, depois passa  
 Lobisomem, horror,  
 Opressão, não, não  
 Não, não, não...

**O real resiste**  
 Arnaldo Antunes<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wx\\_Pd-rpEhc](https://www.youtube.com/watch?v=wx_Pd-rpEhc)

## CONTEXTO: O COTIDIANO DA INDIFERENÇA

Mundo, predominantemente ocidental, segunda metade da segunda década do vigésimo primeiro século da era cristã, embora de tudo o que sempre fora atribuído ao cristo, pouco esteja na paisagem ou apareça nos gestos de expressiva parte dos apressados transeuntes, cujas falas, ainda que polidas, acabam se materializando em duvidosas atitudes, somente capturadas por um olhar mais cuidadoso...

É da janela que dá para a rua, que a pesquisadora, todos os dias, ao amanhecer, se põe à espreita. Para ela, a mensagem que a paisagem lá fora tenta passar é a de que não há alternativa à dominação da onipresente *santíssima trindade - capitalismo, colonialismo e patriarcado* (SANTOS, 2020). Que os modos de viver predominantemente neoliberais – estilo “salve-se quem puder” – estão inscritos na gênese humana. Que há um considerável grau de segurança e proteção oferecido pelo Estado para o qual todos os humanos são iguais e livres. Que é possível combinar desenvolvimento com sustentabilidade e que sempre haverá oportunidades para quem não é preguiçoso.

A professora sente-se angustiada com o que vê e com o que tem experimentado logo que se junta aos demais humanos. O coração dela dispara e uma náusea sobe até sua garganta.

Mas nem sempre se sentiu assim. Essa nova forma de olhar para o mesmo cenário que se apresenta para ela todas as manhãs, o qual desperta agora outros desejos e sentidos para sua existência, na verdade, é fruto de movimentos relativamente recentes. Deslocamentos que a levaram a (re)visitar o Brasil profundo, (re)conhecendo sujeitos de outra(s) história(s) do(s) nosso(s) povo(s). Histórias que, segundo ela mesma, a retiraram de um estado de indiferença, expressão que passou a usar para traduzir o que ocorria consigo mesma em relação à invisibilidade daqueles humanos que não têm garantidos os mais básicos de seus direitos.

Indiferença. Para tentar circunscrevê-la, encontrou no texto de Michael Herzfeld (2016) um sentido que abarcaria aquele que mais traduziria a condição humana à qual estaria se referindo e que considera um dos empecilhos ao processo de emancipação.

Para o antropólogo inglês, a indiferença humana, particularmente no Ocidente, tem suas raízes na reprodução de símbolos compartilhados na sociedade que seriam usados para incluir ou excluir outros e que esses símbolos levariam um grupo a *aceitar*

a *humilhação de terceiros*. Segundo o autor, na permanência desses símbolos se engendraria “a produção social da indiferença” (HERZFELD, 2016, p. 21).

Em primeiro lugar estaria o símbolo que ele denomina *sangue/parentesco*. Herzfeld defende que esse atributo levaria a pessoa, em situações de crise ou ameaça, a pensar, primeiramente, no seu próprio bem-estar e no bem-estar de seus familiares. Em segundo lugar, viria o símbolo *religião*, que a impeliria a proteger aqueles com quem compartilha sua visão de mundo e, em terceiro, o símbolo do *nacionalismo*, que “exibe uma enorme capacidade de um povo cultivar a si mesmo, sob a forma de códigos: linguagem, modos, vestuário, arte, moral” (HERZFELD, 2016, p. 40). O autor escreve mais adiante:

Em um mundo de pensamento aparentemente científico, os símbolos produzem o que devem ser relatos surreais se julgados com a lógica de seus próprios usuários: armas tornam-se humanizadas, enquanto seres humanos são descartáveis. (HERZFELD, 2016, p. 71).

A produção da indiferença, portanto, em Herzfeld, se dá nos grupos. Não é uma atitude individual, isolada, particular. Está ligada primeiramente ao sangue, ou seja, há uma tendência a sermos menos indiferentes ao sofrimento dos nossos familiares, um pouco mais em relação àqueles que comungam de nossas ideias, à cultura de um outro povo e quanto mais distante o outro estiver em relação à essas três referências, mais indiferentes seremos, como grupo, ao sofrimento alheio e menos solidários também.

Indiferença que, muitas vezes, não é percebida, muito menos questionada e que precisa ser desnaturalizada. Em Herzfeld, a professora compreende que ela, enquanto educadora, e a escola, enquanto uma instituição, não são capazes, sozinhas, de transformar as relações humanas na direção da construção de uma convivência mais justa.

A história tem mostrado que tanto as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki quanto o Holocausto - para mencionar apenas dois fenômenos (des)humanos vividos ao longo dos dois últimos séculos – deixaram marcas profundas na nossa espécie, principalmente nas vítimas diretas desses crimes e na descendência delas (REIGOTA, 2015; PROFETA, ZANELLA, 2020). Tais episódios, entretanto, teriam sido capazes de modificar a maneira como homens e mulheres olham para o seu semelhante?

O desvelamento midiático de tais acontecimentos pode ter contribuído para um considerável desconforto humano em relação ao sofrimento alheio, se considerarmos o grande número de documentários e livros produzidos sobre crimes contra a humanidade e que continuam sendo publicados, ainda hoje.

Entretanto, o recente ressurgimento ou desvelamento, na cena cotidiana, de adeptos de ideias autoritárias e/ou totalitárias, demonstram que sete décadas pode ser tempo suficiente para que uma doença social considerada extinta, volte a nos infectar, mesmo com todo o conhecimento produzido e disseminado, inclusive nas escolas, ao redor do mundo, durante todos esses anos.

Não são poucos os filósofos e estudiosos da área de comunicação e de psicologia que têm entrado em cena para defender que a constante exploração e exposição de casos de violência ou indiferença acabam por produzir uma espécie de naturalização do mal. Argumentam que tais eventos podem contribuir de forma significativa para a manutenção de um estado de indiferença em relação à vida do outro, no qual cada acontecimento nefasto torna-se apenas “mais um” entre tantos.

A naturalização da indiferença e da violência vem alcançando gente que, aparentemente, nunca teve, ou demonstrou ter, inclinação para odiar o(s) diferente(s) ou para agredir e até matar alguém. Pessoas que, ao se autointitularem “de bem” e defensoras “da moral e dos bons costumes”, têm considerado todo e qualquer pensamento divergente do seu, uma ameaça “à ordem e ao progresso da humanidade” que precisa ser eliminada.

A percepção de que o avanço desse processo de naturalização da indiferença também está atrelado à maior capacidade de mobilização dos grupos identitários, via redes sociais - que permitem qualquer tipo de manifestação verbal e física - também é recente para a professora. Ela entende que assim como a indiferença é uma produção social, a sua naturalização também o seja. Neste estado, mantido por concepções fatalistas de mundo, em que não há lugar para inéditos viáveis (Freire, 1997), se movem os mais diversos interesses. Trata-se de um estado, de uma condição, que precisam ser superados.

Desde que se aproximou do pensamento de Hannah Arendt, por meio da leitura de uma matéria publicada em um dos números da revista *Cult*, emprestada pelo seu orientador, e assistiu ao filme *Hannah Arendt* (2012), que a pesquisadora tem refletido a condição humana e as relações entre o atual contexto e a (im)possibilidade de um cotidiano escolar solidário, de uma (trans)formação de professoras para o exercício

da solidariedade que, para ela, fundamentada em Freire (FREIRE P., FREIRE A. M., OLIVEIRA, 2014), seria uma das formas de superação do estado de indiferença.

Ao descrever Adolf Eichmann – oficial do alto escalão do regime nazista e réu confesso pelo extermínio de milhares de judeus, durante a 2ª Guerra Mundial –, no julgamento dele em Jerusalém, Hannah Arendt argumenta que o problema daquele tenente-coronel “era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (ARENDR, 1999, p. 299).

Para a autora, quando os discursos de ódio e de indiferença se materializam nas vozes e atitudes de atores representantes do Estado – autoridades eleitas pelo povo ou servidores públicos –, se instaura o que ela, em meados do século passado, chamou de “banalidade do mal” (ARENDR, 1999, p. 310; OLIVEIRA, 2014, p. 93) ou no que Aquille Mbembe, mais recentemente, vem nomeando de “política de morte” (MBEMBE, 2016, p. 123), circunstâncias nas quais, sobre o Estado, repousa o poder de ditar, implícita ou explicitamente, quem deve viver e quem deve morrer.

Na recuperação de um fragmento do texto da jornalista Eliane Brum, escrito para o jornal *El País-Brasil*, pode-se constatar que a retomada do poder por simpatizantes e defensores de regimes totalitários, mascarados de democratas, vem, especialmente na segunda metade da década vigente, confirmando essa tendência de retrocesso e de negação dos direitos humanos mais básicos.

O sobressalto encarnou-se nos dias [...] Não há mais como imaginar o dia de amanhã. Às vezes, não dá para imaginar a hora seguinte. O sobressalto tece a experiência – tanto a coletiva, a maneira como estamos com os outros, como a individual, nosso modo de estar consigo mesmos [...] E, sobressaltados, replicamos o que nos sobressalta, sobressaltando outros. E, assim, criamos um mundo de gente que suspende a respiração – e às vezes também o pensamento [...] O pensamento é ainda a melhor forma de resistência. (BRUM, 2017, *online*).

Publicado no dia 29 de maio de 2017, este texto de Brum bem poderia ter sido escrito e publicado na mesma data, porém três anos depois, tamanha pertinência.

Informações aceleradas e, muitas vezes, tendenciosas ou falsas, têm gerado em boa parte dos humanos, sensações de frustração e/ou impotência diante de tanta coisa a ser feita para mudar este estado de coisas, mas também, um certo conformismo, uma aceitação de que tais acontecimentos seriam só o prenúncio do

pior que ainda estaria por vir. Paulo Freire (2013) identifica essas visões como posturas deterministas de mundo que não concebem a história enquanto possibilidade. O educador, para quem esta é uma questão política, critica formas de fatalismo tanto entre conservadores quanto entre “progressistas”:

Essa visão “domesticada” do futuro, de que participam os reacionários e “revolucionários”, naturalmente cada um e cada uma a sua maneira, coloca, para os primeiros, o futuro como repetição do presente que deve, porém, sofrer mudanças adverbais e, para os segundos, o futuro como “progresso inexorável”. Ambas estas visões implicam uma inteligência fatalista da história, em que não há lugar para a esperança autêntica (FREIRE, 2013, p. 101).

Envolvida pelo contexto, a professora decide assumir-se como roteirista e participar da escrita de outros cenários. Quem sabe, transformar situações extremas de aniquilamento da vida, as quais tem visto ou experimentado, em rastilhos para processos de humanização e atitudes mais solidárias no mundo (Freire, 1997; Freire, Freire e Oliveira, 2014). Neste caso, que papel desempenharia a escola e ela mesma nesses cenários?

Fenômenos como Greta Thunberg, a jovem estudante sueca que se coloca diante do parlamento e protesta: - *Não deveríamos ter que faltar às aulas para lutar contra as mudanças climáticas*, são casos que fazem a professora refletir sobre o sentido da escola. Enquanto para aquela menina, aos 11 anos de idade, assistir aos vídeos sobre aquecimento global nas aulas de Ciências lhe causaram depressão e perda de apetite, para seus amiguinhos, tal angústia, se é que a sentiram, se dissipou assim que a aula terminou e cruzaram a porta da sala, na saída para o recreio.

Somam-se a ela jovens do mundo todo como a menina Artemisa Xakriabá, de 19 anos, símbolo da resistência indígena em Minas Gerais contra a invasão de garimpeiros e pecuaristas. Artemisa discursou na Cúpula da Juventude pelo Clima, representando milhões de comunidades originárias da Aliança Global de Comunidades Territoriais.

Às vésperas da Cúpula do Clima, que reuniu representantes de 140 países, em 2019, na ONU, 16 crianças entre 8 e 17 anos protocolaram uma ação judicial contra cinco países por inação ante as alterações climáticas: Turquia, Alemanha, França,

Argentina e Brasil<sup>8</sup>. O que essas e esses jovens exigem, em comum, é que os governantes reconheçam a crise climática-humanitária e promovam a discussão do tema nas escolas. Tais movimentos encorajam a professora a continuar acreditando que a educação escolar tem o seu papel nessa (re)construção de outros cenários e no enfrentamento ao estado de indiferença e à iminente barbárie à qual os seres vivos – e os considerados não vivos (KRENAK, 2019, p. 40 e 49) - estão expostos.

Uma pesquisa realizada recentemente, na interface entre Comunicação e Educação, corrobora o grau de inação por parte dos gestores da educação brasileira. Ao investigar se as representações “do outro”, em imagens de livros didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental, estariam contribuindo para a desnaturalização das desigualdades e promovendo o respeito às diferenças, Souza e Drigo (2018) constataram que, das quase 8500 imagens encontradas nos livros didáticos de Geografia e História, havia apenas “67 representações visuais em que os povos originários estão presentes, o que corresponde a 0,8% do total de imagens” e que

Apenas três (duas charges, uma foto jornalística), das 67 imagens coletadas, rompem com a estereotipia do exótico, do “selvagem” feliz com a liberdade e em harmonia com a natureza, olhar tão afeito ao colonizador. Numa delas, denuncia-se a escravização do índio no tempo do Brasil colônia, tempo em que o segregacionismo imperava. Noutra, denuncia-se a dificuldade de se viver em harmonia com a natureza em meio à degradação do meio ambiente. Na terceira, a estátua da deusa da Justiça instalada em Brasília, em frente ao Palácio da Justiça, tem na cabeça um cocar. (SOUZA; DRIGO, 2018, p. 13).<sup>9</sup>

Na análise de Souza e Drigo (2018), no que diz respeito à questão da promoção da alteridade em relação aos povos indígenas, os livros didáticos contribuem muito pouco para desconstruir o olhar de colonizador, tampouco subsidiam a construção de uma visão mais crítica sobre os povos originários.

---

<sup>8</sup> Desde 2014, vigora na Convenção dos Direitos da Criança, fundada em 1989, um “protocolo opcional”, pouco conhecido, que autoriza crianças a registrar queixas no Comitê dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU) caso considerem que seus direitos estejam sendo violados.

<sup>9</sup> A foto referida pelas autoras diz respeito a uma intervenção “ativista” de Bené Fonteles e representantes do Conselho de articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (COPOIB) durante uma manifestação, em 1996, em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal “em favor da demarcação das terras indígenas, uma interferência com cocar e flechas na escultura representando a justiça, de Alfredo Cheschiatti. A manifestação produziu fortes e contundentes imagens que ocuparam as capas dos principais jornais no país e no exterior.” (FONTELES, 2008, p. 387).

Eventos desumanizantes, quando problematizados na escola, podem tocar subjetivamente meninas e meninos no sentido de deslocá-los da condição em que se encontram. Talvez colocá-los, ainda que por alguns instantes, dentro do acontecimento e, quem sabe, estando ali, alguém se sinta parte dele e possa dizer “a história da bomba atômica é a minha história” (PROFETA; ZANELLA, 2020, p. 13).

A dimensão da tarefa, no entanto, é dada pela frequência com que acontecimentos provocados por intolerância, preconceito, violência verbal e/ou física vêm sendo repercutidos no cotidiano escolar e pelo descrédito em que as ciências, dentre elas as humanas, estão mergulhadas atualmente.

Não bastasse as questões concretas e intrínsecas às dinâmicas escolares, falsas notícias, infundadas ou enviesadas sobre o trabalho de professores/as, divulgadas amplamente e sem direito de resposta, têm levado expressiva parte da comunidade a interpretá-los como doutrinadores, como se a escola estivesse sendo apenas lugar “da opinião e não do conhecimento, de um exercício de profunda reflexão teórico metodológica [...] E qualquer ação que ‘supostamente’ extrapole o ensino é denominado de doutrinação (ideológica)” (VARANI, 2020, p. 116-117).

As políticas neoliberais para a educação, nas quais se apoiam movimentos como *Escola sem Partido*, *Escolas Cívico-Militares*, ao preconizarem “a técnica do ensino, no lugar do professor” (VARANI, 2020, p. 117), humano e, portanto, ser político, negam a relação educativa forjada na relação de ensino e tentam esvaziar o espaço de discussão das questões que realmente importam, aquelas para as quais todo o conhecimento construído pela humanidade deveria responder, ou seja, de que forma podemos construir e habitar melhor uma mesma casa/mundo, respeitando-nos uns aos outros.

O gesto manual de uma arma apontando para o outro, tão icônico no recente cotidiano brasileiro, feito também por crianças na escola<sup>10</sup>, indica

[...] o expurgo das ideias que defendem as diferenças, que defendem os direitos humanos, que defendem as minorias. Uma arma é sinal de extermínio e da defesa do autoritarismo [...] uma arma que tira a vida

---

<sup>10</sup> O referido gesto tornou-se uma forma de identificação entre os/as admiradores/as e apoiadores/as da candidatura de Jair Bolsonaro ao cargo de presidente da República, cuja propaganda eleitoral durante a campanha para o pleito de 2018 contemplava propostas como políticas de rearmamento da população (destituindo o Estatuto do Desarmamento, Lei n° 10.826/2003), entre outros projetos que representam retrocessos de importantes políticas de segurança e de garantia dos direitos humanos, ambientais, sociais e educacionais conquistadas nos governos anteriores.

do outro, é um ato de não reconhecimento de que o outro existe. (VARANI, 2020, p. 122).

Costa e Vianna (2020), em *Contextos e formação de professores no Brasil entre 2017-2019*, narram, neste recorte temporal, os retrocessos experimentados especialmente pela educação.

As autoras analisam discursos de representantes políticos e excertos de documentos como a proposta de plano de governo do atual presidente denominado *O caminho da prosperidade* (2018), publicada numa rede social privada (atualmente fora do ar) do dirigente capitão-reformado, no qual as autoras encontraram, no que diz respeito à educação, a proposta de “dar um salto de qualidade na educação com ênfase na infantil, básica e técnica, sem doutrinar” e que “conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mais matemática, ciências e português, SEM DOCTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PRECOCE [...] expurgando a ideologia de Paulo Freire” (COSTA; VIANNA, 2020, p. 177-178).

Nesse contexto, resta à professora pesquisadora resistir e re-existir no seu micro cotidiano, com a força da sua narrativa diante de outras tantas narrativas existentes no entorno, o que já é muito para ela.

A janela se fecha.

Envolta em seus pensamentos, ela começa a se preparar para mais um dia de trabalho com as docentes na escola. Para a professora pensante, basta. O contexto tem se mostrado suficiente para deslocá-la daquela cena e colocá-la no palco itinerante da vida. Trata-se de um ponto de partida.



Não sou daqui nem sou de lá  
Sou sempre de outro lugar  
Não sou daqui nem sou de lá  
Sou sempre de outro lugar

Mas o que sou é onde estou agora  
Na lágrima no riso que aflora

Não sou do rio nem sou do mar  
Sou sempre de outro lugar  
Não sou do rio nem sou do mar  
Sou sempre de outro lugar

Mais interior por esse amor afora  
Na lágrima, no riso que aflora

### **Outro lugar**

Arnaldo Black/Tetê Espíndola<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=geitt6SwEw8>

## A PESQUISADORA ANDARILHA: PRIMEIROS DESLOCAMENTOS

Nunca foi uma aluna muito boa nas aulas de Física. Pelo contrário, um dos motivos de ter optado pelo Curso de Magistério, em nível técnico, no início da década de 1980, foi justamente fugir estrategicamente do referido e temido conteúdo que a perseguiria por mais dois anos, caso continuasse a cursar o Colegial – que hoje corresponderia ao Ensino Médio.

Suas notas eram pífiás, mas uma coisa conseguia elaborar, talvez intuitivamente, durante aquele primeiro ano do curso: o conceito de trajetória. Possivelmente por ser um componente curricular muito elementar da física mecânica ou, quem sabe, o modo como fora apresentado à turma tenha produzido algum sentido para a jovem que, por outro lado, apreciava o estudo de elementos da Arte, como linha e ponto.

A estudante, hoje pesquisadora em projeto de doutoramento, lembra do professor de ascendência japonesa, frequentemente mal-humorado, em seu jaleco branco, explicando a matéria na lousa. Dizia algo parecido com: *trajetória é o lugar geométrico das posições ocupadas pelo ponto em movimento em relação a um dado referencial no decorrer do tempo. A trajetória pode ser retilínea ou curvilínea, dependendo do referencial considerado*<sup>12</sup>. Compreendeu, portanto, a estudante, que tomada uma referência, poderia estabelecer um marco zero em qualquer ponto de uma trajetória, estando este ponto em repouso ou em movimento.

Tais memórias, recuperadas neste momento, ilustram a ideia de que numa trajetória pessoal ou profissional, embora se considere um determinado ponto como um divisor de águas, ou um marco histórico de mudança de direção ou de sentido, há que se levar em conta alguns elementos do passado como referência para que se possa dizer que algo ou alguém se transformou ou encontra-se em transformação. Há sempre uma história anterior àquela que se inicia em qualquer marco zero. Referências que possibilitam diferentes tipos de deslocamento.

Quem parte, obviamente, parte sempre de um lugar com vistas a conhecer, visitar ou, ainda, habitar outros lugares. Pressupõe necessidades ou interesses a serem possivelmente contemplados na chegada ao destino estabelecido.

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/fisica/movimento-trajetoria-e-referencial>

Parte sempre de algum ponto e se põe em movimento por várias razões. Porque alguém lhe pede o ponto ou porque deseja escapar de alguma coisa que tem lhe mantido presa/o ao ponto. Por já não caber mais em um ponto apenas ou por estar insatisfeita/o estando no ponto em que se encontra. Talvez por querer percorrer outros pontos e de lá experimentar outros pontos de vista. E há ainda quem decida partir pela soma de todos esses pontos. É o caso desta pesquisadora andarilha. Nas palavras de Brandão, ao abordar o aspecto itinerante da vida de Paulo Freire, em seu verbete *Andarilhagem*,

Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” [...] os “comprometidos com o outro, com uma causa”. (BRANDÃO, 2010, p. 41).

Neste caso, uma força poderosa toma o ponto no qual a pesquisadora se encontra, e a envolve: Uma potência negativa ambulante materializada na insensibilidade institucionalizada em relação à *sub-humanidade* (KRENAK, 2019, p. 21): as vítimas da pobreza, da fome, da violência e dos desequilíbrios ambientais. A cruel entidade que, não tão sorratamente, vem se instalando tem nome: trata-se da *Globalização da Indiferença*, nas palavras de Jorge Mario Bergoglio no 3º Encontro dos Movimentos Populares, no Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 1).

O que tem mantido a professora presa ao ponto é a aparente segurança oferecida pelos que dela se avizinham e pelo conservadorismo das ideias que a têm nutrido no conforto da mesmice. Ela só percebe a presença da entidade, instalada ali já há algum tempo, e seu real interesse, escamoteado pelo discurso bem engendrado, quando ela, ou ele, “o diabo” (BETTO, 2020, p. 17), em meio às lisonjas costumeiras e à confusão semântica que caracteriza sua fala, por um descuido, deixa-se revelar, ainda que parcialmente.

A presença opressora vai deixando claro à *pesquisadorapensante* que ela já não cabe mais naquele ponto. Desde a revelação, sente-se incomodada com o pouco que viu e decide ficar mais atenta às manifestações de caráter duvidoso da entidade acolhida e adorada pelos vizinhos que se mostram cada vez mais hostis quando ela tenta expor suas opiniões e impressões sobre a “nova moradora”.

As conversas vão, pouco a pouco, como um espelho, revelando, para a infelicidade dela, que sua forma de ver o mundo, bem como sua prática, na verdade,

não tem dado ouvidos ao *anjo louco* de Torquato e Macalé e, portanto, em nada tem desafinado o *coro dos contentes*. Começa a perceber que tem assistido à iminente *queda do céu* (KOPENAWA; ALBERT, 2015), à ameaça do *fim do mundo* (KRENAK, 2019) e à tentativa de *sequestro do futuro* (BRUM, 2020) sem sentir-se responsável como gente e como educadora, em relação ao projeto de extermínio da vida, em pleno curso na vizinhança.

Uma pergunta agora lhe tira o sono: como é que nos tornamos o que temos sido, essa expressiva e crescente *massa de indiferentes*, assim chamada por Hannah Arendt (SILVA, 2019). Pessoas de “postura não-política” para a qual a cena pública pouco interessava e que agora

[...] gritam, aos montes, que os problemas da economia nacional se resolvem se todos acordarem mais cedo para trabalhar, que as questões sociais se sanam com castigos mais severos [...] acreditam que grandes mudanças exigem apenas a demonstração de suas verdades, creem no fim instantâneo da corrupção e nos efeitos imediatos de leis moralizantes [...] acreditam que um vereador pode acabar com a nudez nas artes, que o jornalismo deve entregar bandidos e corruptos à polícia, que seus filhos se tornarão bons alunos porque o presidente prometeu educação rígida” (SILVA, 2019)

A pesquisadora descobre que o parco saldo da educação bancária com o qual contava já não é mais suficiente para cobrir os gastos com as novas vestes. As que têm usado estão ficando justas ou folgadas demais, já não lhe caem bem. Encontra-se tão insatisfeita neste ponto que decide partir, deslocar-se, ainda que se sentindo envergonhada, seminua.

Fica sabendo que há outros pontos, não tão distantes dali, pelos quais circulam professoras/es e pesquisadoras/es que resistem bravamente à invasão totalizante e decide juntar-se a eles e elas para compartilhar utopias e ritmar pensamentos.

A *pesquisadora viajante* (PRADO, 2004; RIBEIRO, 2004) precisará da ajuda delas/es se quiser costurar novas vestes, mais adequadas para percorrer esses novos pontos, conhecer novas perspectivas e, a partir delas, explorar pedagogias outras, mais ecologistas. Começa a sentir falta de criação e de originalidade. Almeja estar em espaços de encontro, de conversas. Em lugares de solidariedade, onde valha a pena estar. Deseja produzir nos e com os cotidianos escolares outros cenários para outras educações possíveis.

Nesse sentido, parece necessário registrar fragmentos da trajetória desta *professorapesquisadora* que antecedem o marco zero da sua caminhada rumo à defesa da tese de doutorado em educação que ora apresenta. Em outras palavras, tentar compreender *como alguém se torna o que é* (NIETZSCHE, 2008).

### **Como alguém se torna o que é**

Das questões refletidas durante os quatro anos de doutorado em educação na Universidade de Sorocaba, aquela desencadeada pela frase de Friedrich Nietzsche, que compõe o subtítulo de seu livro *Ecce homo: Como alguém se torna o que é*, mencionada em um dos seminários pelo professor Marcos Reigota, talvez tenha sido uma das mais inquietantes para esta pesquisadora, a ponto de mobilizá-la, durante boa parte do curso, na busca de sentidos para sua trajetória *peçoalprofissional*.

Sempre soube que a história de vida de uma pessoa define o que ela é, mas o que o professor Marcos estava propondo com aquela reflexão, na verdade, era um refinamento do olhar filosófico, ético-político e epistemológico sobre a própria constituição dos seus e das suas ouvintes. Um movimento que se aproximaria daquele proposto por Margareth Rago em *A aventura de contar-se* (2013), livro que reúne narrativas autobiográficas de feministas históricas com o objetivo de compreender como elas têm se reinventado subjetivamente em diferentes contextos contemporâneos.

Reigota – que se alinha a autores da nova geração de pesquisadores atentos às micropolíticas ecosólicas em curso nos trópicos, e que considera “como político e pedagógico o movimento de tornar(se) público” (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2018, p. 266) o cotidiano pedagógico e social de sujeitos anônimos – tem desafiado cada um de seus orientandos a radicalizar, a se entregar ao exercício de *desnudar(se)*.

Em seus trabalhos, bem como no de seus orientandos e orientandas, vem, há pelo menos duas décadas, consolidando a pesquisa narrativa como uma proposta ética, teórica e metodológica alternativa aos modos hegemônicos e institucionalizados de se fazer pesquisa em educação. Uma forma de “acessar o subjetivo, onde o peculiar se apresenta, transfigurando os sentidos, modificando e criando outros mundos” (YANG; MACHADO; REIGOTA, 2017, p. 142).

Tentar compreender o modo como elementos políticos, educacionais, e culturais constituem uma pessoa e se reorganizam durante a sua existência talvez

seja um dos caminhos mais desafiadores sobre o qual têm se debruçado os pesquisadores e as pesquisadoras em educação que consideram suas origens e trajetórias, assim como as das pessoas que participam de suas pesquisas, a chave para que mulheres e homens se compreendam como sujeitos livres de uma visão “fatalista da história e, portanto, seres de inserção no mundo e não de pura adaptação ao mundo [...] por ter no sonho também um motor da história” (FREIRE, 2013, p. 91).

Este trabalho, portanto, parte da perspectiva de que

Narrar-se é um movimento contrário à perspectiva de neutralidade científica que colabora com a ideologia na produção de conhecimento, é deixar claro o “quem” e o “como” se está pesquisando [...] A história do pesquisador torna-se parte do processo de produção do conhecimento. Ao narrar-se realiza um processo analítico, pessoal, singular e intransferível que traz outros sentidos à pesquisa” (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2018, p. 142 e 266).

Para que o leitor, ou a leitora, tenha uma melhor compreensão de como esta *professoraviajante* tem se constituído *professorapesquisadora* e, sobretudo, entenda como ela se posiciona e no que se diferencia de outros e outras pesquisadoras (REIGOTA; PRADO, 2008), torna-se necessário conhecer o seu percurso.

Nietzsche, dirigindo-se à humanidade para a qual se sentia um incompreendido, em *Ecce homo*, ao revelar *quem é*, afirma, a priori, *o que não é* (NIETZSCHE, 2008, p.15). Inspirada no mesmo movimento feito pelo grande filósofo alemão, guardadas, evidentemente, as devidas proporções entre o pensamento dele e o dela, a pesquisadora dá início à redação de sua *bio:grafia*, de saída, anunciando o que não foi e, por isso, não é.

*O que não fui e talvez por isso não seja*

Voar...  
Velho desejo  
Do homem antigo,  
Ao ver os pássaros no ar.  
Espaço aberto sem abrigo,  
Liberta a mente e vai sonhar.

**Sonhos de Ícaro**  
Geraldo Ribeiro (1984)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Geraldo Ribeiro, pai desta pesquisadora, grande entusiasta do saber e aprendiz de poeta. Até recentemente, mostrava a todos o exemplar do livro organizado pela filha, publicado em 2019, e falava com orgulho da trajetória acadêmica da caçula. Faleceu quatro meses antes do exame de qualificação

Não nasci em berço de família tradicional ou abastada de Mococa, minha cidade natal, no interior do estado de São Paulo. Longe disso, sou a caçula de cinco filhos de uma empregada doméstica e de um pedreiro que conseguiram ascender economicamente na década de 1960, época em que, por um descuido deles, vim ao mundo.

Não fui, portanto, fruto de uma gravidez planejada, pelo contrário, cheguei em meio ao luto que vivia minha mãe, Manoela, pelo recente falecimento de um querido irmão mais novo dela, um rapaz autodidata, muito bem-querido pela vizinhança, cuja inteligência era considerada acima da média pelos professores e professoras. Um moço que, antes dos vinte anos e morando na periferia de uma cidade vizinha, para o espanto de todos, falava fluentemente inglês, além de “arranhar” o francês, mas que fora precocemente vencido por um câncer na medula, tornando-se uma referência para toda a família.

Manoela, semianalfabeta, aprimorou o ofício de costureira por meio de um curso por correspondência oferecido pelo Instituto Universal Brasileiro<sup>14</sup>, passando a atender clientes abastadas da redondeza, onde ficou relativamente famosa pelo fino acabamento que dava às suas confecções. Não poucas vezes, aos prantos, se dedicava à difícil tarefa de ler e interpretar os textos do material que recebia pelos correios, meio pelo qual também enviava seus trabalhos para avaliação. Intrigava aqueles que a conheciam pela habilidade com que lidava com números e medidas.

Algumas de suas criações lhe roubavam o sono nas madrugadas. Lembro de um dia em que acordei bem cedo, fui até o quartinho de costura e a vi sentada em frente a máquina, cantarolando uma das músicas que eram tocadas diariamente no programa do radialista Zé Bettio, na rádio Record. Tudo no intuito de ajudar nas despesas da casa e obter recursos para que cada um de seus rebentos pudesse ter uma festinha de aniversário e, evidentemente, comprar tecidos e vestir, com alguma distinção, seu único menino – que crescia tão rápido quanto o angico-branco do quintal

---

para o doutorado dela, por desdobramentos da Covid-19, pandemia sem precedentes que desafiou saberes dos profissionais da saúde e que, em nosso país, agravada pela “banalidade do mal” e por “políticas de morte” engendradas no poder público, notadamente em nível federal, ceifou mais de quinhentas e setenta mil vidas (até o dia 20 de agosto de 2021).

<sup>14</sup> O Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941, fez parte da primeira geração de instituições a oferecer educação à distância por meio de ensino por correspondência. Entre as décadas de 1960 e 1980, oferecia cursos técnico-profissionalizantes. Ainda em atividade, há alguns anos mantém, também, cursos supletivos de ensino fundamental e médio. Mais informações disponíveis em: <https://www.institutouniversal.com.br>

da casa – e, com alguma elegância, suas quatro meninas, sempre ávidas por um vestido novo.

Geraldo, meu pai, que na sua vida escolar havia concluído apenas a quarta série do chamado “ensino primário”, conseguiu deixar a antiga profissão ao assumir um emprego como operador de máquinas em uma estatal do setor elétrico, em expansão, na época.

Curioso, autodidata, assinante da revista *Seleções* (versão em português da americana *Reader's Digest*), era estudioso da Bíblia e leitor voraz de tudo que dissesse respeito ao transcendente, sem que isso o tivesse tornado um fundamentalista. Pelo contrário, era capaz de manter um diálogo respeitoso e acolhedor com pensamentos divergentes o que fazia com que os mais próximos buscassem sabedoria nos conselhos que dava. Me alfabetizei abrindo gavetas repletas de revistas em quadrinhos que ele comprava para os filhos, nos finais de semana. Sua resposta às indagações existenciais desconcertantes do filho e das filhas era sempre: “*O que eu sei é que existem mais mistérios entre o céu e a terra do que imagina nossa vã filosofia...*”, sem nunca ter mencionado o autor dessa frase. Talvez porque desconhecesse o famoso poeta e dramaturgo inglês.

Cursando o Madureza Ginásial e, logo em seguida, o Madureza Colegial<sup>15</sup> – tempo marcado por muito esforço, abdicção e determinação –, fez carreira até onde sua formação lhe permitiu, vindo a aposentar-se como encarregado de operação na transmissão do sistema elétrico, depois de ter trabalhado quase trinta anos na mesma empresa.

Na época, não era tão fácil para crianças, como eu, frequentarem a escola que ficava na cidade. Morávamos na vila dos operadores da Usina Limoeiro, uma das subestações de geração e transmissão da Companhia de Energia elétrica de São Paulo (CESP), estatal na qual meu pai trabalhava, que ficava a 18 quilômetros de Mococa.

Na escola, nos colocavam nas classes C e D de cada série. Quem conheceu esse tipo de classificação de estudantes, sabe como as meninas e os meninos destas turmas eram vistos pelos professores, diretores e até mesmo pela sociedade. Se

---

<sup>15</sup> Madureza Ginásial e Madureza Colegial eram os nomes dos cursos e dos respectivos exames finais de aprovação que equivaleria, hoje em dia, ao programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi implementado por força da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Em 1971 foi substituído pelo Projeto Minerva e, mais tarde, pelo Supletivo. Mais informações disponíveis em: <https://www.educabrasil.com.br/madureza/>

saíssem da escola sabendo, minimamente, ler e escrever, e realizar as quatro operações matemáticas, poderiam se considerar satisfeitos. Minha mãe, por sua vez, zelava para que os uniformes dos filhos estivessem sempre impecáveis e para que isso também, de certa forma, nos conferisse algum respeito, ou talvez, nos fizesse sumir na multidão. Éramos reconhecidos, entretanto, como “o povo da usina”.

Embora contássemos com transporte escolar, a estrada que ligava a vila à cidade não era asfaltada e, sempre que chovia forte, o ônibus atolava e ficava difícil completar o trajeto. Quando chegávamos atrasados na aula, éramos chamados de “pés sujos”. Uma inverdade, porque, nessas situações, a nenhum de nós, estudantes passageiros, era permitido descer do ônibus.

Por conta dessa realidade econômica, que foi e continua sendo a de muitos brasileirinhos e brasileirinhas, não fiz o colegial – ou o atual Ensino Médio – em escola privada, como era, e continua sendo, comum a um seletivo grupo de meninas e meninos que estavam, e ainda estão, destinados a serem aprovados nos vestibulares das universidades estatais<sup>16</sup> (NASCIMENTO, 2004) das cidades mais próximas, e também da capital, cujas famílias teriam condições financeiras para mantê-los, posteriormente, em repúblicas e pensionatos para poderem dar sequência aos estudos e aos estágios.

Desse modo, não me foi possível ingressar na faculdade de Artes Plásticas, como desejava. Ao concluir o curso de magistério, como era comum às meninas que, como eu, deveriam entrar logo no mercado de trabalho e/ou procurar um bom casamento, comecei a lecionar em pré-escolas, atual Educação Infantil. Com uma pequena parcela do salário que recebia e uma outra considerável fração bancada pelo meu pai, consegui cursar um ano de pedagogia em uma faculdade privada, ainda na minha cidade natal.

Não cheguei, entretanto, a concluir o referido curso na minha juventude. Com o casamento, as constantes mudanças de cidade e as duas maternidades – em 1988, dei à luz Maria Manuela e, em 1991, Ana Gabriela - segui lecionando em escolas privadas. Até consegui ingressar na rede pública de ensino por meio de dois concursos, - um em Santa Bárbara d’Oeste e outro, mais tarde, em Itapetininga - mas

---

<sup>16</sup> A autora refere-se às chamadas universidades públicas brasileiras. A opção pela expressão universidades estatais encontra respaldo nos estudos de Alexandre do Nascimento, para quem “O que chamamos de “público” tem o sentido de “comum”, ou seja, aquilo que deve ser comum a todas as pessoas de uma determinada sociedade, aquilo que todos, rigorosamente todos, devem ter acesso” (NASCIMENTO, 2004, p.1)

tive que abdicar do trabalho e adiar a conclusão do curso por conta de novas transferências de posto de trabalho do meu marido, Moacir, para outras cidades.

Somente no final da década de 1990, retomei a graduação em pedagogia, depois de avisada pela coordenação da escola onde trabalhava que a “nova” Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) preconizava a formação em nível superior para docentes da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Não frequentei, infelizmente, um curso de graduação do tipo que busca excelência. Pelo contrário, o programa não contemplava formação técnica, tampouco formação teórica - a impressão que eu tinha era de que o magistério, sim, havia me instrumentalizado tecnicamente para atuar na sala de aula.

Eram aulas e mais aulas ocupadas por leituras e interpretações sabidamente inócuas sobre leis, diretrizes e programas oficiais com a justificativa de que o curso estaria nos preparando para concursos públicos e para ocupar cargos de gestão nas escolas. Para se ter uma ideia da rasa formação a que me refiro, nem mesmo uma monografia ou um trabalho de conclusão de curso me foi requerido.

Em três anos, nenhuma referência aos grandes filósofos e pensadores da educação – os poucos que me foram apresentados no magistério, não se pode dizer que os conheci, ou que “acenaram” para mim, apenas que “os vi passar ao longe”. Nenhuma leitura mais aprofundada, sequer uma experiência capaz de transformar saberes do senso comum em gênese de saberes científicos. Nenhum conhecimento significativo, portanto. Ausência de “qualquer curiosidade”, especialmente “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1997, p. 42).

Não fui e não tenho sido, entretanto, apesar de todo esse histórico, uma professora medíocre. Sempre comunguei, em alguma medida, da noção de *inacabamento* e do conceito de *ser mais*, presentes no pensamento freireano. Mesmo sem conhecê-lo, essas ideias, com outros nomes, me colocavam em permanente movimento.

Ocorre que, ao prestar atenção no difícil vocabulário, muitas vezes incompreensível, presente na fala dos mestres e doutores que, de tempos em tempos, iam até a escola onde trabalhava fazer a tão esperada “formação continuada”<sup>17</sup> de

---

<sup>17</sup> A expressão colocada entre aspas visa problematizar não somente o conceito de formação, como também o conteúdo e o modelo vigentes das atividades formativas direcionadas, no caso, às professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental.

professores, sentia que a ideia de apresentar um projeto de pesquisa em uma universidade estatal, ou mesmo em uma instituição privada – que eram poucas, na época – jamais seria coisa para uma professorinha do chamado “chão da escola”. Na primeira, por me considerar cognitivamente incapaz de superar o baixo capital cultural que julgava ter amealhado e, na última, além disso, por recursos insuficientes.

Mesmo gostando de estudar e nutrindo o desejo de defender o que hoje compreendo como uma pedagogia que considera a dimensão subjetiva de docentes e estudantes envolvidos nos processos de aprendizagem, me sentia uma operária a serviço do saber construído nos gabinetes da educação. Tivesse sido a “formação” que tive um *espaçotempo de estudo, interrogação, diálogos e ação* (ALVES, 2015, p. 21), no qual houvesse o encontro entre academia e escola, “questionando a cisão entre conhecimentos formais ou científicos e cotidianos, teoria e prática, pensar e fazer” (ALVES, 2015, p. 27), certamente a história teria sido diferente.

Tendo, até aqui, apresentado uma espécie de *denúncia* (FREIRE, [1968] 2014) do que não fui e talvez por tudo isso não seja, tomo novamente como referência a maneira nietzschiana de dizer *como alguém se torna o que é* (NIETZSCHE, 2008, p. 21) para fazer um *anúncio* ao leitor ou à leitora sobre como me tornei o que tenho sido.

*Como e porque me tornei o que tenho sido*

[...] Pensamentos esvoaçantes  
 Como corcéis galopantes  
 No azul do infinito,  
 Sem rumo, ao léu  
 [...] Voar, voar...  
 Loucura, utopia  
 Ou pura verdade?

**Sonhos de Ícaro**  
 Geraldo Ribeiro (1984)

Sou aquela criança cuja existência, apesar de não ter sido planejada, trouxe alegria àquela casa onde, havia sete anos, já não se ouvia um choro de bebê. A garotinha confiante que, todos os dias, ao final da tarde, se colocava à espreita, na calçada, em frente à sua casa, esperando a figura do pai despontar, subindo a ladeira em sua direção, no retorno do trabalho. Corria ao encontro dele e me jogava em seus

braços obrigando-o a girar-me no ar algumas vezes antes de me colocar no chão e retomar o caminho de casa. A pequena que, nessa rotina, cresceu abraçando o desejo do encontro com o outro e nele ainda se abastece de confiança e esperança.

Sou a menina que, após o jantar, se juntava ao irmão e às irmãs no terraço da casa para ouvir o pai, ao violão, cantar músicas de Nelson Gonçalves, Adoniran Barbosa, entre outros cantores do rádio, e que, em dueto com minha mãe, cantava hinos da igreja que visitavam esporadicamente. Completamente abduzidos, o ouvíamos contar casos, alguns “misteriosos”, ocorridos durante a infância e a juventude dele, vividas na roça. Entre parábolas, metáforas e alegorias contidas nas narrativas bíblicas, tão amorosamente interpretadas por ele, constituía-me, aos doze anos, uma contadora de histórias.

Não havia TV em casa, naquela época. Papai a considerava uma distração nociva à educação da meninada. Às vezes, à tarde, acompanhados de mamãe, íamos até a casa de D. Luzia, uma vizinha, assistir *A pantera cor-de-rosa*, em desenho animado.

O rádio, por vezes, também era ligado nas reuniões noturnas da família e, em uníssono, acompanhávamos o refrão das divertidas letras das modas de viola de artistas sertanejos como *Amado e Antônio*, *Trio Parada Dura* e *Tonico e Tinoco*, a dupla sertaneja preferida de vovó. Momentos que fundaram em mim o gosto pela narrativa e alguma habilidade para imaginar e contar histórias. Sementes de respeito pelas diferentes formas de existência e de expressão.

Torno-me a pré-adolescente que, na escola, não se identifica muito com o conteúdo da área de exatas e biológicas, mas que tem enorme interesse pela língua materna. O primeiro livro indicado pela escola - na pessoa da professora de português, Maria Helena Paione de Figueiredo, na antiga 5ª série do Primeiro Grau - foi um dos volumes da Coleção *Para gostar de ler*, da Editora Ática (1977); título que acabaria por profetizar minha preferência pela crônica como gênero literário. Ali me aproximei de alguns dos maiores cronistas brasileiros como Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Meus preferidos, entretanto, eram os textos de Clarice Lispector e de Paulo Mendes Campos.

Papai não media esforços para que tivéssemos acesso a todo o material solicitado pela escola e assim, li todos os volumes da referida coleção. O prazer da leitura começava com a chegada do material, pelo cheiro de livro novo e o ato de desembalar a tão esperada encomenda plastificada. Livros, na pequena estante do

corredor da casa, somente duas enciclopédias que, juntas, não chegavam aos pés de uma *Barsa*, – a qual consultávamos na casa da D. Santa, outra vizinha – além de uma Bíblia, bastante surrada, sobre a qual meu pai se debruçava frequentemente, além dos volumes sobre o transcendente, de autoria de Huberto Hohden, que ele colecionava e que o inspiravam na escrita de suas poesias. Não lembro de tê-lo ouvido reclamar com mamãe, pelo menos perto dos filhos, do quanto lhe custava a educação dos rebentos<sup>18</sup>.

Sou a jovem que apreciava as aulas de história e de geografia. Tudo o que as/os professoras/es dessas disciplinas abordavam, para mim, tinha sabor de descoberta. Achava curiosos, entretanto, os temas tratados nas disciplinas inseridas no currículo escolar pelo Ministério da Educação, na ocasião, sob o comando dos militares.

Meu pai não comentava política, pelo menos não em casa – imagino eu que, precavido, também evitasse o assunto com os amigos –, embora deixasse transparecer, nas entrelinhas de uma conversa, o medo que tinha – não somente ele, como grande parte dos brasileiros que viviam em cidades pequenas, onde as perseguições aos militantes de esquerda eram menos explícitas – da “ameaça comunista que pairava sobre o Brasil”.

Diferentemente dele, já me interessavam, naquela época, pensamentos divergentes, questionadores, destoantes. Via com estranheza a postura dos professores – todos homens – ao abordarem os temas das disciplinas Educação Moral e Cívica, Estudos dos Problemas Brasileiros e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Ao tratarem o conteúdo, alguns mostravam-se displicentes, não ligavam para a indisciplina que se instalava na sala, tampouco para a avaliação da aprendizagem. Outros assumiam um porte sisudo e um discurso autoritário. Defendiam, mesmo diante dos números<sup>19</sup> e com outras palavras, o pensamento do recém-deposto, na época, Presidente Médici, que dizia “O Brasil vai muito bem, o povo é que vai mal”.

---

<sup>18</sup> O MEC, naquela época, não recomendava ou determinava os livros didáticos a serem adotados pelas escolas. Essa era uma tarefa para os representantes das editoras que periodicamente visitavam as instituições e na sala dos professores se alternavam nos argumentos – nem eram tantas as editoras – no sentido de convencer os professores a adotarem suas publicações. Aos pais, cabia o ônus pela compra dos livros nas papelarias ou o empréstimo nas bibliotecas da escola, da prefeitura ou com algum vizinho.

<sup>19</sup> Em 1977, éramos 17 milhões de brasileiros vivendo com até um dólar por dia. Em 1983, somávamos 30 milhões nessa mesma condição.

Somente mais tarde é que encontrei uma possível resposta para aquelas condutas dos professores: os primeiros, provavelmente, eram indiferentes, desprezavam ou tinham ideias radicalmente contrárias àquela presente nos componentes curriculares que eram obrigados a ministrar; os segundos, por outro lado, se identificavam tanto com o discurso dos nossos governantes que a linguagem corporal deles refletia o pensamento hegemônico instaurado pelo golpe civil-militar de 1964 (um ano antes do meu nascimento) e que se consolidou por meio dos Atos Institucionais que se seguiram durante o regime ditatorial.

Não me recordo de ter ouvido na escola, ou mesmo fora dela, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, notícias sobre a, então, recente independência de países africanos do domínio europeu, assim como também não soube da criação das empresas Microsoft e Apple nos EUA, tampouco assisti ao filme *Star Wars*, uma das maiores bilheterias da história. Ainda que norte-americana, minha referência cultural vinha da TV adquirida por papai em 1981. Seriados como *O homem de seis milhões de dólares*, *As panteras*, *Mulher maravilha*, cuidavam de me manter em “mente e corpo são”.

Mesmo sem entender o que se passava no meu país e no mundo, nos anos finais da década de 1970 - pois, ainda que tivesse tido acesso a jornais e TV em casa, as matérias e a programação chegariam censuradas - não conseguia me manter calada nas aulas. Na mochila, infinitas indagações me levavam a inquirir os/as professores/as. As respostas, do tipo padronizadas, eram sempre no sentido de encerrar uma discussão que sequer havia sido iniciada. Brasa apagada, sentimento de indignação e de rebeldia, tão necessários, sufocados por décadas.

Sou a professora iniciante que, em 1984, como muitos outros jovens brasileiros da minha idade, amargava a frustração pelo natimorto projeto das Diretas Já. Desejava o direito de escolher um presidente que sinalizasse compromisso, entre tantos outros e não menos urgentes problemas, com a contenção e redução da inflação que, na época, chegava a 211% ao ano. Restava-me a esperança na figura simpática de Tancredo Neves, mineiro, como minha avó, de feições e entonação parecidas com as dela, que despontava como uma possível ruptura com o regime militar.

Cursando o último ano do magistério, trabalhava em uma escola de Educação Infantil bastante diferente para a época e para uma pequena cidade como Mococa, no interior de São Paulo. A proprietária, também diretora, alguém que defendia alguns

princípios da pedagogia Waldorf, assistindo à minha performance interpretando Emília - personagem das histórias do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato - em uma encenação feita durante o evento de encerramento do curso, tomou a iniciativa de me contratar, inicialmente, como “professora de teatro”.

Naquele tempo, era um luxo uma escola de uma pequena cidade manter, além das professoras das turmas, um ou mais profissionais que trabalhassem exclusivamente com artes visuais, cênicas ou musicais com as crianças. Naquela escola, havia tudo isso, e somente eu não era uma especialista nestas modalidades de ensino. Meu trabalho, basicamente, era contar histórias e coordenar as crianças na produção das respectivas encenações.

A escola funcionava em um casarão colonial, do final do século XIX, com porões e amplas salas de pé direito alto, pisos em tábuas corridas de madeira que produziam sons característicos e encantavam as crianças. Os materiais, as paredes e a mobília, predominantemente brancos, eram um convite às intervenções daqueles/as que ali frequentavam.

A disposição dos equipamentos nos ambientes interno e externo dava sinais claros, a quem visitasse o local, de que se tratava de um espaço para viver a infância na sua plenitude. No quintal, árvores e muito espaço para brincar. As crianças eram estimuladas a gerir a agenda de cada grupo e a realizar as tarefas de forma coletiva. Um viver do jeito delas. Para os desavisados, a escola anunciava, logo nos umbrais do portão: “É proibido proibir”. Talvez por isso a clientela fosse tão diminuta.

Lá, conheci uma perspectiva de educação segundo a qual o conhecimento poderia ser construído dentro do campo de referências das crianças, com o que elas tivessem à mão. Uma pedagogia baseada no atendimento às necessidades dos pequenos, focada no desenvolvimento reflexivo e sensível do ser humano, sempre apoiados na boa vontade e na curiosidade epistemológica das professoras, e no trabalho vivo e criativo delas.

Experiências nas quais ficavam evidentes o que a pesquisadora tem chamado ultimamente de pedagogias em deslocamento. Nos relatórios que éramos obrigadas a redigir diariamente, o registro do cotidiano de uma professora que escolhe não ignorar, desprezar ou escamotear as transformações ocorridas nela mesma enquanto mulher, mãe, educadora, um ser humano, enfim, (in)consciente do seu inacabamento.

Pelo contrário, ficavam evidentes os deslocamentos cognitivos e afetivos advindos de uma prática pedagógica forjada nas trocas de conhecimento,

experiências e sentimentos ocorridos entre professora e crianças e entre as próprias professoras. Embora ainda não compreendesse como condicionante a dimensão subjetiva em minha formação e no meu quefazer cotidiano, me era solicitado que o relatasse, e eu gostava muito de fazê-lo.

Como se pode ver, minha primeira aproximação com fragmentos do pensamento de Paulo Freire se deu não por meio da leitura de uma de suas obras – até porque nem mesmo o nome dele havia ouvido durante o curso de magistério -, mas pela concepção e trabalho de uma diretora de escola que pensava e vivia uma educação para a liberdade.

Naquela época, Paulo Freire havia recém-chegado do exílio (1980) e aceitado o cargo de professor na PUC-SP, ministrando “seminários” - e não aulas, como ele gostava de frisar - no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Seu sonho, na verdade, era voltar ao Recife, sua terra natal, para retomar suas funções na Universidade Federal de Pernambuco (antiga Faculdade do Recife), interrompidas pelo golpe civil-militar. Ele teria, entretanto, segundo a Lei de Anistia (1979), que requerer ao governo o estudo do seu caso, humilhação a qual jamais se sujeitou (FREIRE, A. M., 2017, p. 247).

Com o passar do tempo, fui tecendo a ideia de que infância não combina com escola, pelo menos não com as escolas que fui encontrando no meu percurso, também em outras cidades, depois dessa experiência em Mococa. Cheguei, inclusive, a apresentar, na disciplina História da Educação, no curso de Pedagogia, um trabalho cujo título era *Infância versus Escola*, no qual me alinhava com autores que já defendiam, naquela época, o que outros e outras advogam para a Educação Infantil nos dias de hoje, ou seja, uma proposta pedagógica construída no cotidiano *com* as crianças e não *para* elas, um “espaço aberto à criação, marcado mais pelo tempo “aiônico”, do que pelo cronológico, e que escape ao previsível e esperado (SILVA, 2021, p. 122)”. Projeto este que, lamentavelmente, foi engavetado assim que saí daquela escola para, depois de ter sido aprovada em um concurso da rede pública municipal de ensino, assumir turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental, segmento onde atuei pelos 25 anos seguintes.

Sou a professora iniciante surpreendida pela realidade vivida na sala de aula de uma escola pública brasileira, com muitos alunos, distante daquela imaginada enquanto estudante de magistério e daquela vivida na primeira escola onde lecionei: a escola concebida e norteadas – boa parte delas, ainda hoje - por modelos europeus

e norte-americanos e que, infelizmente, segue carente de uma proposta brasileira de educação que, segundo Ana Lúcia Goulart de Faria<sup>20</sup>, assegure o direito constitucional de toda criança nascida neste país a ter acesso a uma educação emancipatória, como idealizou Paulo Freire. Sou a moça que ainda não compreendia que o problema estava mais na prática de ensalamento de crianças em um país tropical, de grandes dimensões e de população diversa, do que no números de crianças que um(a) educador(a) ético-político(a) deve acolher em uma determinada turma.

Sou a jovem docente que criticava as pedagogias conservadoras e a educação “bancária” – sem, entretanto, saber nomeá-las - nas quais eu mesma fora formada e, dentro dos limites por elas estabelecidos, me deslocava. Que peregrinava por teorias e métodos “importados” apostando na boa didática como forma de transmitir conhecimento, ou, no final das contas, depositá-lo, mesmo, na cabeça dos e das estudantes. A docente que, vez ou outra, tinha lampejos de consciência da simbiótica condição *docente/discente* (FREIRE, 1997, p. 27) que o ofício exige.

Sou a graduanda que, na Faculdade de Pedagogia, cursada inicialmente em Mococa, depois em Americana e concluída em Itapetininga, cidades do interior de São Paulo – foram 6 anos, ao todo, para finalizar o curso -, tive meu primeiro e curtíssimo “encontro” com Paulo Freire. Na verdade, pode-se dizer que a experiência tenha se mostrado mais um “desencontro”.

Foi quando, por uma indicação despreziosa de uma das professoras, eu li *Professora, sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar* (FREIRE, 1997). Infelizmente, aquelas ideias de Freire sobre ensinar ser uma “profissão que envolve certa militância [...] enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco” ou a respeito da “armadilha ideológica presente na tentativa de adocicar a vida da professora e amaciar a sua capacidade de luta, para a desvalorizar profissionalmente” (FREIRE, 1997, p. 21 e 25) não fizeram sentido algum para mim, na época e, na verdade, até pouco tempo atrás, quando ainda era adepta de um ensino meramente tecnicista, fundamentado numa concepção apolítica de educação e de neutralidade docente, como se isso fosse possível.

Desse modo, o referido livro ficou, por quase duas décadas, esquecido na parte menos visitada da estante. Somente bem mais tarde viria a reencontrar Paulo Freire.

---

<sup>20</sup> Para maiores detalhes, assistir a *live Uma pedagogia à altura das crianças: os parques infantis de Mário de Andrade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-UOwZSlljk>. Acesso em: 16 jun. 2021.

Sou a professora madura que experimentou o fracasso e o sucesso, avanços e retrocessos na minha trajetória, mantendo-me sempre insatisfeita com os resultados de minha prática, mas que ainda não percebia o quão enraizada me encontrava nas concepções que me forjaram. A educadora que, por 25 anos, viveu para tentar despertar a curiosidade pelo conhecimento e torná-lo algo desejável para os/as pequenos/as estudantes, e acreditava que isso tinha se concretizado de alguma forma, se consideradas as falas de ex-alunos/as quando me encontravam.

Sou a experiente docente que, decidida a explorar outros ambientes educativos, menos privilegiados que o da escola privada, porque acreditava ter algo a oferecer “a quem precisa”, descobri, na prática, que era eu quem mais precisava rever não somente minhas concepções de educação, mas, sobretudo, minha visão de mundo. Me atualizei sobre letramento e passei a ajudar na alfabetização tardia de meninos e meninas com 10, 12 e até 14 anos que frequentavam um projeto social no contraturno escolar e, por isso, fui convidada a compartilhar o que estava aprendendo com as demais educadoras do projeto. Pequenos indícios de uma “escuta” freireana se revelando para além de uma atividade fisiológica ou de uma regra de etiqueta.

Sou a educadora, também, ambiental, quando decidi fazer uma pós-graduação em Educação Ambiental e passei a me dedicar à consultoria em projetos com essa temática. A discutível “educação para o desenvolvimento sustentável” tornou-se meu tema preferido. Para mim, uma questão de conteúdo exclusivamente atitudinal, de mudança de postura individual, visando atender aos padrões do que considerava “um sujeito ecologicamente correto”.

Sou a professora especialista que, enquanto formadora de “multiplicadores” de educação ambiental, cheguei ao mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação “Formação de Formadores”, na PUC-SP, ainda com um interesse específico na área de educação ambiental, mas tive minha visão ampliada a partir do encontro com o pensamento de Marcos Reigota, momento em que comecei a conceber educação sem adjetivação. Qualquer adjetivação, aliás - ambiental, inclusiva, étnico-racial, especial... – perdeu o sentido, dada a concepção que comecei a construir: educação como ato político, prioritariamente não-indiferente (humanizante) e solidário.

Sou a mestranda que reconhece na professora Alda Luiza Carlini, a expressão da solidariedade de que falo quando ela, sabendo da minha condição – nenhuma outra professora do programa se identificava com o meu tema da pesquisa – decide

me acolher como sua orientanda e, mesmo se considerando “limitada em saberes relacionados à ecologia” e dizendo ter ela “pouco a acrescentar” ao meu trabalho, se dedica intensamente a me orientar.

Sou a professora em final de carreira que, deslocando o meu olhar, antes fixado nas crianças, o direciona para as professoras das séries iniciais, consideradas ainda objetos, tanto quanto as crianças, da minha ação pedagógica. A “formadora de professores” que, nesses movimentos, demoro a experimentar colocar-me no lugar das colegas e quando isso acontece já não encontro mais sentido na pedagogia que elegi, ou melhor, na amálgama de pedagogias que foram me constituindo pedagoga. Compreendo, finalmente, a ideia que tantas vezes ouvi e que, por vezes, sem refletir, repercuti: a de que “ninguém educa (ou forma) ninguém, como tampouco ninguém educa (ou forma) a si mesmo: os homens se educam (se formam) em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, [1968] 2014, p. 96).

O universo no qual as professoras com as quais trabalho hoje circulam, suas subjetividades, seus desafios, as questões cotidianas do lugar onde atuam com as crianças, e ao qual demonstram sentimento de pertença, é o que mais me interessa.

Torno-me a pesquisadora doutoranda que, como tantas/os outras/os “que vêm das margens” (REIGOTA, 2010), sou acolhida na linha de pesquisa Cotidiano Escolar, no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Pesquisadora que luta, com dificuldade, para superar o meu baixo repertório teórico-filosófico, inclusive da área da educação, tão necessário para acompanhar a reflexão dos/das doutores e doutoras e dos/das colegas do programa, mas que procuro ler tudo o que me recomendam, estar em todos os lugares que frequentam, ouvir aqueles/as a quem eles/as têm como referência e que, assim, vou me compreendendo e me constituindo sujeito da história. Desejo cada vez mais fortemente escrever, ler e “dizer a minha palavra” (FREIRE, 1981, p. 15) e ser ouvida no diálogo com outros, a despeito de todo o medo que sinto de me colocar em público e da iminente possibilidade de fracassar.

Sou a pesquisadora que hoje se considera, pelo que ouço e presencio no seu cotidiano, uma das referências para algumas das professoras com as quais convivo e para as quais dedico esta pesquisa. Sigo valente nos primeiros deslocamentos dessa andarilhagem pela educação. Caminhada sem destino preciso, sujeita, portanto, a encontros, desencontros e descobertas prenes de novos caminhos. Conto, nesse caminho, com a companhia da minha família, de amigos e amigas, do meu orientador,

de colegas, de algumas professoras pesquisadoras com as quais compartilho meu processo e de outras referências pessoais, acadêmicas e profissionais que me são caras.

Hora de abrir o mapa, traçar um plano, escolher o primeiro destino, consultar as rotas, fazer as malas e partir.



[...] O que eu sou,  
Eu sou em par.  
Não cheguei  
Não cheguei sozinho.

Quem bebeu água da fonte não vai se perder [...]  
Quem cruzou aquela ponte não vai se esquecer [...]  
Quem agora é distante para não dizer:

O que eu sou,  
Eu sou em par.  
Não cheguei  
Não cheguei sozinho.

### **Castanho**

Lenine/Carlos Posada<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível (versão completa) em: <https://www.youtube.com/watch?v=wbqZ-MfzzPU>

## NO CAMINHO: O COTIDIANO CONVERSADO, NARRADO E FICCIONADO

A palavra deslocamento, de acordo com o *Grande Dicionário Houaiss* tem como alguns de seus significados o “ato ou efeito de deslocar(-se); mudança de algo ou alguém de um lugar para outro, transferência de indivíduo ou grupo de posto ou função” (HOUAISS, s.a). Dessa definição, podemos depreender que uma pessoa que se desloca, muda o ponto de vista que passa a ter sobre o objeto que via anteriormente. Nesse novo lugar, interações outras podem ser potencializadas entre velhos/novos sujeitos que ali também se encontram, conversam e narram como veem agora o mesmo objeto. Essa mudança de perspectiva carrega a possibilidade de ressignificar o que uma pessoa passa a ver, na nova posição, e de experimentar um devir transformador.

Nesse sentido, o referido verbete cabe perfeitamente nesta tese, tanto no seu sentido literal - de deslocamento espacial, físico de um corpo - quanto se adotado em um sentido abstrato – de deslocamento subjetivo: cognitivo, afetivo, estético, ético e político. No caminho da pesquisadora, o cotidiano é (re)pensado nas conversas, nas narrativas e nas crônicas.

### Com-versas

*[...] nunca se sabe aonde uma conversa pode levar...  
uma conversa não é algo que se faça,  
mas algo no que se entra... e, ao entrar nela,  
pode-se ir aonde não havia sido previsto...  
essa é a maravilha da conversa...  
que, nela, pode-se chegar a dizer  
o que não queria dizer,  
o que não sabia dizer,  
o que não podia dizer*

Jorge Larrosa

A entrevista semiestruturada, gravada para posterior análise, que marcava o caminho metodológico do projeto apresentado por esta pesquisadora à banca de exame de admissão ao curso de doutorado, mediante uma nova perspectiva de pesquisa *com* o cotidiano docente, foi cedendo lugar à conversa e, em seguida, à

*com-versa* (ROMAGUERA et al., 2021) entre coautores de um pensamento elaborado por uma “rede de tecitura de conhecimentos” (ALVES, 2015, p. 207).

Acompanhando a professora Alda Romaguera, as(o) colegas Ana Cristina Silva, Magda Bellini e Vinícius Santos, a pesquisadora assumiu

[...] da palavra “conversa”, sua ação de *versar com*, em contraponto aos tantos modos de versar “por” e de versar “pelas” pessoas, tomando-as em separado como problemas de pesquisa, numa concepção enrijecida, que nos conforma entre sujeitos pesquisadores e objetos pesquisados. Ao fazer este gesto, deslocamo-nos para uma posição de escuta/fala/escrita que nos envolve *com* as comunidades em todas as outras produções de sentidos possíveis. E nos entendemos implicados nas subjetividades que se instauram quando são suspensos o julgamento e a interpretação como centralidades das pesquisas em Educação. (ROMAGUERA et al., 2021, p. 297)

A pesquisadora *conversadora* (SPINK P. K., 2008), abandonando o roteiro, não se colocava mais a fazer anotações enquanto falava com elas e eles, sujeitos da pesquisa. Sua postura, ao contrário, foi se tornando a de alguém que se dispõe a ouvir atentamente, numa atitude sensível e condição genuína de não-indiferença em relação ao que era narrado. Se necessário, tal como num encontro informal, casual, sacava da bolsa um caderninho para anotar uma dica, um nome, um endereço passados pelas(os) interlocutoras(es).

Foram muitos os encontros. Deixaram de ser contados depois que o grupo de sujeitos estabelecido no projeto de pesquisa se ampliou, envolvendo pessoas e contextos outros que exigiram movimentos constantes de revisão de objetivos e metodologias.

Somente ao rememorar cada encontro, a pesquisadora anotava as falas, gestos e impressões que estes elementos ou o conjunto deles, no contexto, causaram nela enquanto os relacionava à temática da pesquisa.

Alguns encontros e *com-versas* foram desencadeados pela rotina cotidiana, outros, por deslocamentos que levaram a pesquisadora, não raras vezes, a vivenciar experiências inusitadas. Encontros concretos, outros transcendententes.

São *com-versas* com referências e pessoas as quais a pesquisadora andarilha já vem caminhando há algum tempo e outras que, rapidamente, atravessaram o seu percurso. Cada uma ocorrida em um *espaçotempo* diferente, mas que, de repente, se misturaram e reelaboraram sentidos. Em cada paisagem, um acontecimento, um

evento, um detalhe que pode ter escapado a um olhar menos atento. Conversas curtas ou longos colóquios que podem ter resultado em ressignificação de práticas sociais e pedagógicas.

Conversas que, como diz Skliar (2018, p. 11), “transitam entre vários temas a ponto de não ser mais possível saber por qual deles a conversa teve início” e que não são

[...] o mesmo que um experimento de diálogo, segundo o qual as partes se revezam, esperam, perguntam e respondem com alternância serena [...] é um conglomerado de rostos, gestos, vozes e silêncios. É o corpo quem conversa, não o conhecimento prévio [...] conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós [...] para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo [...] não tem a ver com o, às vezes indigno, “colocar-se no lugar do outro”. Esse é o lugar do outro [...] O eu não tem qualquer transcendência na conversa porque se dilui na potência do “nós”. (SKLIAR, 2018, p. 11-13).

A adoção da conversa como fonte de dados – mas também como referência, método, enunciado, resultado, quando se transmuta em outros elementos - neste trabalho, acompanha as ideias de Nilda Alves e Carlos Eduardo Ferraço (FERRAÇO, ALVES, 2018) e do grupo de autores que, ao seu turno, conversam com *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, se envolvem nas *Conversações*, de Gilles Deleuze, e praticam *A arte da conversa* com Jorge Larrosa, entre outros parceiros.

Na conversa, segundo Ferraço e Alves (2018), prevalece a empatia em detrimento da submissão ou da opressão entre os envolvidos “algo se desloca em nós, fazendo com que nossas emoções sejam alteradas, ao mesmo tempo em que buscamos afirmar nossas diferenças.” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 42). A conversa exige “movimentos de abertura e negociação de sentidos que, tal como em um rizoma, se expande em diferentes direções e sempre cresce pelo meio” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 45).

A conversa é tomada, neste trabalho como uma alternativa teórico-metodológica de pesquisa com os cotidianos (GARCIA, 2003) *dentrofora* da escola por se mostrar “uma linha de fuga às normativas da pesquisa científica, apresentando-se como uma metodologia menor que produza assombros, perplexidades e encantamentos” (MARQUES, 2018, p. 15). A pesquisadora, neste sentido, procura indícios de indiferença e/ou de solidariedade humana em conversas dos cotidianos

docente, acadêmico e da vida privada nos/com os quais estabelece relações cognitivas, afetivas e políticas.

Quem vive o cotidiano escolar o reconhece como espaço de conversa. Skliar (2018) lembra que a escola é o lugar privilegiado do pensar. Segundo o autor, “pensar é rebelar-se contra a estupidez naturalizada” e “para pensar, há que se conversar [...] escutar e tomar a palavra” (SKLIAR, 2018, 209, 210).

Embora a escola ainda esteja sob o jugo tecnicista e mercadológico sustentado por políticas educacionais neoliberais, cercada pelo “barulho das balas”, com “os olhos irritados e a garganta ressecada” (SKLIAR, 2018, p. 210), a conversa ainda é “um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida [...] o instante em que o mundo parece e é muito mais belo que de costume” (SKLIAR, 2018, p.12, 13).

Marques (2018) advoga que, enquanto alternativa metodológica, a conversa

[...] valoriza a ecologia de saberes e não negligencia a diversidade epistemológica do mundo [...] ao considerar o acontecimento e a ordinariade em suas potências e as historicidades, as subjetividades, as localidades e os dissensos, não contribui com a prática e multiplicação dos epistemicídios do Norte. (MARQUES, 2018, p. 19).

Em outras palavras, a conversa como possibilidade metodológica pode “sulear” (FREIRE, A. M. 2013, p. 217; ADAMS, 2010, p. 385) ou emancipar a educação brasileira. Na perspectiva dos estudiosos com o cotidiano, a conversa pode tecer *teoriaspráticas* contextualizadas.

Tanto estudantes quanto professores anseiam pelo escasso tempo que a escola “bancária” tem cedido à conversa cotidiana (ALVES, 2015). São nesses momentos que se pode acessar o que realmente as pessoas sentem, pensam e vivem por meio das narrativas orais e corporais que produzem e que são (auto)censuradas em outros contextos. O que se ouve nessas conversas cotidianas são

[...] palavras teimosas, insistentes, inquietas, balbuciantes; palavras que seguem ressoando, provocando, sinalizando, apontando perguntas, forçando a que nós não nos acomodemos com o que está posto, com a ordem natural das coisas. Palavras em constante rebelião: aquelas que abrem o mundo à indignação e põe em dúvida nossas certezas mais acalentadas. (SILVA, ALBRES, RIBEIRO, 2018, p. 7).

Há modos de se pesquisar o cotidiano que o observam para dizer algo *sobre* ele. As chamadas pesquisas *com* os cotidianos, fazem o caminho contrário. Elas emergem dos múltiplos, diversos e específicos cotidianos engendrados nas escolas ou outros cotidianos que, de alguma forma, tem seus sujeitos impactados pelas experiências relacionadas com a trajetória formativa deles. Os/as estudiosos/as do cotidiano buscam, nas conversas, os (des)encontros, consensos e dissensos, narrados e refletidos coletivamente.

Não partem da academia para o cotidiano pesquisado levando uma verdade qualitativa ou quantitativamente comprovada, a ser aplicada e assumida pelos sujeitos. Manifesta-se *na* voz daquele/as que vivem as questões para encontrar na academia, e nos acadêmicos, (im)possibilidades de produção de sentidos e alternativas para os acontecimentos vividos.

A pesquisa com o cotidiano de modo algum pode ser produzida por alguém que se considera neutro ou que pretende manter um distanciamento dos sujeitos da sua pesquisa. Paulo Freire nos lembra que isso, na verdade, seria impossível, posto que o/a pesquisador/a, ser humano, político, portanto, está, nas palavras dele, "molhado" por uma leitura, a partir do seu lugar e do seu tempo do/no mundo, que será a lente com a qual observará os atores, o enredo e o cenário que lhe serão descortinados.

O problema do/a pesquisador/a com os cotidianos não precisa ser encontrado. De alguma forma, já lida com ele cotidianamente, está impregnado/a dele. Se vê sujeito, objeto, problema de pesquisa e pesquisador/a, ao mesmo tempo. Assume essa postura e pesquisa coletivamente, porque se compreende coautor/a de teorias outras, capaz de pesquisar, teorizar a sua prática, de praticar a sua teoria e não, meramente ou somente, ser consumidor de teorias alheias. Freire, neste sentido, pode-se dizer que é uma das maiores referências de pesquisa com o cotidiano, se observada sua trajetória como *praticantepensante* da educação.

Nessa modalidade de pesquisa, há um movimento desencadeado e mantido por *novosvelhos* problemas que se mostram pertinentes aos envolvidos e que agenciam *professorpesquisadores/as* em subversões, demolições e reformas coletivas sabidamente, intermináveis, posto que operadas por seres cientes de seu próprio inacabamento. Pessoas que choram os retrocessos, mas também celebram o que já conquistaram, sem deixar de acreditar e esperar pela boniteza do cotidiano. Um constante pesquisar promovendo e produzindo, ou tecendo, como prefere Nilda

Alves, com aquelas/es que, por inúmeras razões, não conseguiram, ainda, adentrar a academia.

Pesquisadores/as com os cotidianos, no final das contas, são “caçadores de si mesmos”, que se identificam com Carlos Eduardo Ferrazo (2003, p. 160).

Pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. Então, em nossos estudos “com’ os cotidianos das escolas, no lugar de perguntas como *que significa essa atitude? Que quer dizer esse cartaz? Que significa esse texto? Qual o sentido dessa fala?* Devemos perguntar *que leituras “eu” faço dessa atitude, cartaz, texto ou fala?* [...] no fundo estamos nos explicando.

Neste movimento, estão, os “caçadores de si mesmos”, de alguma forma, ressignificando o pensamento de Paulo Freire, para quem não existe docência sem discência (FREIRE 2002, p. 12) ou, em outras palavras, não há pesquisador/a que não seja professor/a, posto que, pesquisando, terá sempre um saber a ser ensinado/compartilhado, assim como não há professor/a que não seja pesquisador/a posto que, para verdadeiramente ensinar/compartilhar um saber, terá sempre que pesquisar(-se) e narrar(-se).

### **Narrar: necessidade do (para) ser (humano)**

*Quando é verdadeira,  
quando nasce da necessidade de dizer,  
a voz humana não encontra quem a detenha.  
Se lhes negam a boca,  
ela fala pelas mãos,  
ou pelos olhos,  
ou pelos poros,  
ou por onde for.*

*Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros,  
alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada  
ou perdoada pelos demais.*

Eduardo Galeano

A experiência com formação de professoras tem revelado que as docentes, de um modo geral, se mostram desconfortáveis, nos grupos de estudos, quando lhes é indicada ou solicitada a leitura de um artigo científico ou de um trecho de uma

dissertação ou tese em educação, publicados em revistas especializadas, para discussão de alguma temática que as tem desafiado no cotidiano escolar.

Diante do desafio, é comum ouvir comentários das professoras assumindo para si a culpa por não conseguirem acompanhar a reflexão proposta por mestres e doutores, justificando a situação embaraçosa por meio de relatos sobre suas trajetórias formativas que, segundo elas, não as teria capacitado para a leitura de textos “difíceis” (acadêmicos). Mas, afinal, para quem escrevem os pesquisadores?

Ao se utilizar de narrativas como possibilidade de registro de sua pesquisa, baseada em toda a fundamentação teórico-metodológica que as suportam, esta pesquisadora aposta na possibilidade de aproximação entre um texto acadêmico e um texto coloquial, procurando manter o chamado rigor teórico-metodológico que, para ela, reside mais na fundamentação dos seus argumentos e na pertinência do seu estudo do que propriamente na linguagem adotada.

Deseja, com Garcia (2003, p. 13), tornar “a escrita acadêmica mais agradável à leitura”, mais palatável às professoras com as quais cotidianamente, tece redes de conhecimento e para as quais, antes de qualquer outro destinatário, dedica este trabalho.

Entendida como uma prática humana essencial e inevitável, como lembra Galeano (2009) na epígrafe que abre essa alínea, a narrativa oral, concretizada na escrita, tem sido cada vez mais utilizada por estudiosos da área das ciências sociais e humanas (LIMA, 2014), inclusive por alguns pesquisadores da educação “situados na interface entre narrativas, pesquisa e formação de professores” (NAKAYAMA; PASSOS, 2018).

Assim como para Nakayama e Passos (2018), entende-se, neste trabalho, que o texto narrativo é o que mais se aproximaria dos modos de se registrar as afetações provocadas pelos acontecimentos cotidianos. Entende-se também que há potencial pedagógico nas conversas entre os sujeitos da pesquisa sobre seus cotidianos pessoais, familiares, sociais e nos impactos que tais experiências, por vezes consideradas desimportantes, provocam em suas próprias pedagogias e nas de outras/os docentes, quando registradas e socializadas.

Para isso, a pesquisadora se ancora nos estudos de Regina Leite Garcia e seu grupo (GARCIA, 2003, 2011). Elas e eles discutem não somente “a quem estamos atendendo” – academia, agências de fomento, editoras, ego ou a um compromisso político – quando pesquisamos, como também “para quem escrevemos” (GARCIA,

2011, p. 25): academia, nossos pares ou para as professoras que habitam o honroso “chão da escola”. Os/as autores/as indagam se suas pesquisas estariam sendo compreendidas pelos/as possíveis destinatários/as e, de alguma forma, contribuindo para melhorar a educação pública.

As pesquisas focadas em narrativas orais, na verdade, já vêm sendo abordadas desde a década de 1940 (REIGOTA, 2016, p. 51). Para Reigota, o ponto comum entre as mais diferentes vertentes epistemológicas que fundamentam as pesquisas acadêmicas contemporâneas com narrativas são

[...] em linhas, gerais, o aspecto político que procura colocar no espaço público e acadêmico argumentos teóricos, políticos, sociais, culturais, econômicos e ecológicos que desestabilizam certezas e verdades e que atuam como acontecimentos e possibilidade de produção de sentidos, de direitos e de alternativas cidadãs frente à banalidade da crueldade, da injustiça e do desrespeito na vida cotidiana. (REIGOTA, 2016, p. 50).

A produção e publicação de narrativas, particularmente aquelas que trazem a público biografias, autobiografias e as mais recentes, e polêmicas, “biografias não autorizadas”, fazem parte de um movimento que vem, já há algumas décadas, sustentando o mercado editorial e dando ainda mais visibilidade às pessoas públicas ou celebridades que despertam a curiosidade do público em geral (REIGOTA; PRADO, 2008).

No espaço acadêmico, por sua vez, embora não seja esse o objetivo, Marcos Reigota e Bárbara Heliodora Prado, em meados da primeira década deste século, envolvidos em projetos de formação de educadores ambientais, já propunham aos/às anônimos/as participantes que, por meio da escrita de suas *bio:grafias*, narrassem “suas lutas pessoais, sociais, políticas e subjetivas para continuar existindo como ‘sujeito de direitos’ (Ricoeur, 1995 *apud* REIGOTA, 2016, p. 55). As narrativas coletadas pela dupla de pesquisadores estão publicadas em “Educação Ambiental: utopia e práxis” (REIGOTA, PRADO, 2008). A opção de torná-las públicas como “um momento de ativismo político do autor”, os pesquisadores trouxeram do conceito de “escrita de si”, em Foucault (2004).

Tal proposta, na verdade, é uma extensão de uma outra noção anterior, cunhada por Reigota quase dez anos antes: a ideia de *narrativas ficcionais*, apresentada em *Ecologistas* (REIGOTA, 1999), a qual será abordada mais adiante.

Nesta última década, editoras de prestígio e produtoras de cinema, têm descoberto a potência dos discursos dos anônimos e das minorias e buscado publicar narrativas de mulheres, nordestinos, negros(as), gays, refugiados e indígenas, como é o caso de *Refugiadas: a violência de gênero em narrativas de migrantes forçadas* (LOFTI, 2021), *O lugar de fala* e *Quem tem medo do feminismo negro?* (RIBEIRO, 2017, 2019), *A queda do céu* (KOPENAWA; ALBERT, 2015), *Ideias para adiar o fim do mundo*, *O amanhã não está à venda* e *A vida não é útil* (KRENAK, 2019, 2020a, 2020b).

A narrativa pode ser compreendida como uma explosão da necessidade de escrever para não esquecer, para pensar depois do vivido, para contar para alguém, um acontecimento do qual o narrador participou com total envolvimento, tomada de posição no acontecimento e em relação aos demais envolvidos (SERODIO; PRADO, 2020, p. 85).

As narrativas podem ser compreendidas ainda como

[...] percursos interpretativos da realidade adiposa posta pelo neoliberalismo e inflada pelas redes digitais de comunicação. Surge um problema novo que precisa de compreensão nova. De uma ciência outra. Uma ciência que se faz não entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado, mas entre sujeitos conscientes únicos e produtores de percursos interpretativos únicos da própria vida, cujos sentidos são produzidos na dádiva ofertada de seus muitos outros constitutivos e constituintes. (SERODIO; PRADO, 2020, p. 107).

Ainda segundo Serodio e Prado (2020, p. 100), a potência da narrativa está na possibilidade de levar o/a leitor/a a entrar no mundo narrado “e depois de entrar, empaticamente, (sair) de lá com outras aspirações para suas próprias intuições, pensamentos e porventura expressões a lhe formar conhecimentos”.

O Grupo Perspectiva Ecologista de Educação, do qual a pesquisadora é integrante, dialoga com autores que fazem *pesquisa com narrativas* como é o caso do grupo liderado pelas psicólogas Rosineide Cordeiro e Luciana Kind (CORDEIRO; KIND, 2016). Há grupos de pesquisadores em educação que trabalham *pesquisa narrativa* numa outra vertente (NAKAYAMA, PASSOS, 2018; COSTA et al., 2020), em cujos textos esta pesquisadora “escavou” e encontrou fragmentos que a ajudaram a compor os fundamentos do seu trabalho que apresenta nesta seção.

A perspectiva de narrativa assumida nesta tese, entretanto, é a mesma defendida pelos pesquisadores do Grupo Perspectiva Ecologista de Educação, entre eles, André Yang, Carmem Machado e Marcos Reigota. Pesquisa narrativa que

[...] é de filiação construcionista, ou seja, o conhecimento produzido é fruto de um determinado momento histórico, vinculado à cultura. Em outras palavras, o saber não é absoluto e inquestionável, é político, multifacetado, relativo, em constante elaboração. A pesquisa narrativa é uma forma de acessar o subjetivo, onde o peculiar se apresenta, transfigurando os sentidos, modificando e criando outros mundos. A narrativa “O processo de narrar-se como movimento questionamento do tempo presente” [...] Vinculamos o processo de narrar-se ao de “escrita subjetiva” que, segundo Margareth Rago, atua como um indicador de fragmento da realidade. Seguindo trilhas de Nietzsche e Foucault, ela argumenta que acreditar cegamente na objetividade é um erro, que essa ideia é alheia a condição humana. O devir é transmitido na escrita. A narrativa não se apresenta como uma imagem definitiva do objeto, mas como uma perspectiva apresentada por seu narrador, a única que este poderia transmitir. Narrar-se é um movimento contrário à perspectiva da neutralidade científica que colabora com a ideologia na produção de conhecimento, é deixar claro o “quem” e o “como” se está pesquisando. (YANG; MACHADO; REIGOTA, 2017, p. 3).

As narrativas que constituem este trabalho expõem, por meio de *narrativas ficcionais* (REIGOTA, 1999; 2016; 2019; 2020; 2021) processos políticos e subjetivos ocorridos no cotidiano de docentes (incluindo neste grupo a própria pesquisadora), que colocam as pedagogias, ou práticas pedagógicas, em deslocamento, especialmente quando se refere às relações humanas de indiferença ou, por outro lado, de solidariedade ao “outro” no cotidiano. Cotidiano, também escolar, marcado pela intolerância ao “invisível, silenciado, subalterno, oprimido, anônimo, diaspórico ou qualquer adjetivação encontrada na literatura especializada” (REIGOTA, 2016, p. 55) para aqueles e aquelas que não têm reconhecidos e atendidos seus direitos mais básicos (incluídas nesse grupo, número expressivo de professoras).

### **Narrativas ficcionais: dados ou achados?**

*O narrador sempre tira da experiência aquilo que narra; de sua própria experiência ou daquela que lhe foi contada. E, por sua vez, torna suas histórias uma experiência para quem escuta.*

Walter Benjamin

Ao prefaciар o livro *Ecologistas*, de Marcos Reigota, Mary Jane Spink o descreve como um “coleccionador de histórias”, um “fazedor de quebra-cabeças, [que] corta cada história em múltiplos fragmentos e, embaralhando-os, cria novas histórias: as narrativas ficcionais” (SPINK, 1999, p. 11).

Narrativas ficcionais são, portanto, histórias que alguém publica e que, por uma questão ética, embaralha personagens, fatos e informações obtidas, por meio de conversas informais, em situações de camaradagem, e não seguem um protocolo ou roteiro.

Sem colocar os informantes em situação de risco, apresenta-se como uma possibilidade de trazer ao público histórias ouvidas, vivências e diálogos reais ou fictícios. Possibilitam, ainda, trazer as reverberações dessas narrativas no sujeito/pesquisador, como o deslocaram, para onde o levaram e de que forma contribuíram para a construção do principal argumento defendido por ele sobre uma determinada temática.

Numa Perspectiva Ecologista de Educação (REIGOTA, 2012, 2020b), as narrativas ficcionais trazem à tona fragmentos de histórias que podem, na identificação do(a) leitor(a) com os prazeres e desconfortos provocados por esses fragmentos, ampliar sua percepção, abrir possibilidades para ele(a) revisitar contextos históricos nos quais construiu seus conceitos e até preconceitos, num exercício reflexivo de grande valor pedagógico. Narrativa ficcional é história em movimento – e que movimenta.

Nas palavras de Reigota e Prado (2008),

Se as narrativas dos anônimos são exercícios de ficção, discursos, descrição imaginária ou realista de si e da sociedade, qualquer que seja a definição, ela não diminui os méritos e possibilidades pedagógicas, políticas e de produção de conhecimentos e sentidos sobre a sociedade em que sujeitos vivem e atuam como profissionais e cidadãos. (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 124).

O que diferencia um pesquisador historiador de um pesquisador de “indícios” e de narrativas, segundo a fala de Reigota - em um encontro do grupo de pesquisa coordenado por Mary Jane Spink, na PUC-SP, em 2018 - é que o primeiro consulta o que faz parte do patrimônio oficial, o que está na “superfície”, nos documentos de acesso geral. O segundo, por sua vez, tem seu trabalho assemelhado ao de um detetive ou de um arqueólogo, ou seja, ele busca por pistas para encontrar sentidos

nas trajetórias pessoais. Procura pelo que está oculto, latente, o que é particular, específico, peculiar. Trata-se de uma curiosidade que, alimentada, adquire uma dimensão de pesquisa.

Dizia Reigota - ainda nesse mesmo encontro - em sua explanação, que o que se lê da história é da ordem do cognitivo e o que se lê das narrativas é da ordem do subjetivo. O pesquisador/escritor de narrativas ficcionais está atrás do que escapa ao oficial, ao que já está publicado. Ele mostra “os bastidores” da pesquisa, o que não deu certo, o que teve que ser alterado na programação e o que essas mudanças provocaram nele como pessoa e pesquisador. Fala sobre um objetivo de pesquisa que acabou sendo mudado durante o percurso porque foi atravessado por um outro interesse que considerou mais relevante para o conhecimento da área.

A narrativa histórica, de características etnográficas, capta e escreve a visão do outro sobre um determinado fenômeno. Nesse sentido, a narrativa ficcional se distancia da etnografia porque o pesquisador, nesse caso, escreve sobre o que ele mesmo está vendo no outro, ou o que escolheu ver.

Não se trata, por exemplo, de observar, investigar e escrever sobre o que um grupo de estudantes de engenharia, por exemplo, pensam sobre um determinado tema ou questão que enfrentam, para se fazer uma análise dos discursos coletados. Trata-se, neste mesmo exemplo, de relatar como foi para o pesquisador estar entre os estudantes; o que, de inédito ou inusitado, ele capturou sobre o tema que está pesquisando e/ou sobre outras temáticas desencadeadas nas conversas com eles; o que, nas narrativas dos estudantes, impactou as narrativas dos colegas e colocou em deslocamento a narrativa do próprio pesquisador, sobretudo numa perspectiva política tanto de pesquisa em educação quanto de formação de profissionais para atuarem de forma mais humana e solidária, forma essa compreendida como processos cada vez menos competitivos e excludentes.

As narrativas e as narrativas ficcionais apresentadas neste trabalho não descrevem apenas o cotidiano docente limitado ao aspecto físico ou territorial de uma unidade escolar. Ao contrário, foge dos lugares marcados pelas posições predominantemente dicotomizadas em ensinantes e aprendentes, para acessar pensamentos, sentimentos e experiências que se dão nos mais variados ambientes e nos deslocamentos dos sujeitos entre esses ambientes/contextos. Foge, também, da tentativa de analisar e interpretar ideias em discursos de professoras à luz de categorias preestabelecidas, como é comum em um projeto de pesquisa.

Ficcionais porque são mosaico de enredos, espaços e tempos, “um processo criativo de digestão e recombinação de dados da realidade” (SPINK, 1999). São metáforas, ilustrações de problemas enfrentados, mas também de possibilidades pedagógicas. Narrativas que desafiam a academia e o método científico pela semelhança com a realidade ao se tornarem vozes representativas de parcela significativa de professoras do nosso tempo.

Narrativas ficcionais têm a característica de possibilitar a exposição do capital simbólico, uma vez que estão para além do significado pessoal do acontecimento narrado. Carregam valores, conquistas e aspectos relacionais e políticos que podem representar grupos sociais, profissionais, acadêmicos. Não é a história de um só apenas, mas a representação de alguns ou até de muitos. São memórias coletivas. Nas narrativas estão presentes as “crenças” (Michel de Certeau), as “visões de mundo” (Max Weber), as “representações sociais” (Serge Moscovici), as “leituras de mundo” (Paulo Freire) e os modos como o sujeito se relaciona com essas subjetividades.

Nessa perspectiva, a pesquisadora pede licença para transitar, na sua escrita, entre realidade-ficção, entre objetividade-subjetividade, considerando, evidentemente, a impossibilidade de dicotomia destes termos.

As narrativas reavivam em nós não apenas memórias de experiências vividas, mas também memórias de conhecimento que foram sendo deixados de lado para que coubesse a racionalidade eurocêntrica. E é aí que precisamos olhar para as narrativas ficcionais sob uma perspectiva anticolonial, que poderia ser traduzida por uma única expressão: respeito à diversidade de pensamento, de saberes, de existências, ou, na verdade, por apenas uma palavra: respeito.

Respeitar e ser respeitado é não deixar que o que nos constituiu ou o que constitui o outro seja esquecido, porque, embora invisíveis, nós existimos e merecemos que respeitem a nossa história. Seria, nas palavras de Reigota, em uma roda de conversa, “tirar o chapéu em respeito a história do outro”.

Trata-se de termos pesquisas guiadas por princípios éticos. E a ética, na pesquisa, na área da educação, não necessariamente significa buscar a assinatura de um termo de consentimento dos sujeitos participantes, mas em pedir licença a eles e elas para adentrar a sua intimidade, o seu pensamento. É colocar sob suspeita procedimentos que são acatados pela comunidade científica na área das ciências humanas e que podem se revelar antiéticos, na medida que cumprem um papel

meramente burocrático e que permitem aos pesquisadores fazerem o que bem entenderem, uma vez munidos de uma assinatura e da aprovação por um comitê.

Em um contexto marcado pelo ensino conteudista e pela aprendizagem cognitivista, as narrativas ficcionais podem provocar sensibilização e reflexão. Trata-se do que essas histórias trazem à tona; que reflexão provocam nos ouvintes/leitores enquanto sujeitos *com* história, sujeitos *de qual* história, sujeitos de direitos que estão sendo aviltados, ignorados, para reafirmar um modelo de educação que se diz “para todos”. Nessa perspectiva, a narrativa cumpre o papel de, para além de provocar alegria, tristeza ou identificação no ouvinte/leitor, trazer a dimensão política do projeto pedagógico, se é que lutamos, verdadeiramente, por uma educação e por um cotidiano escolar com vistas à emancipação dos humanos oprimidos.

Uma prática pedagógica pode ser reconhecida como anticolonizadora se possibilita aos sujeitos participantes do processo educativo terem suas narrativas compartilhadas e valorizadas e reconhecerem-se como sujeitos da história que almejam.

Sobre pesquisas e práticas pedagógicas com narrativas, sob uma perspectiva anticolonizadora, Marcos Reigota, em um dos seminários que coordenou na Universidade de Sorocaba, em 2019, deixou claro que

*Trabalhamos com um outro olhar sobre os sujeitos das margens. Diferente de Antônio Cândido, Gilberto Freyre e outros escritores que descrevem e analisam o caipira numa perspectiva de classe, de um intelectual situado na elite paulistana. Um olhar sobre os sujeitos das margens atravessado pela sociologia e pela epistemologia da universidade estatal que nos coloniza ao se apresentar como modelo de trabalho bem-feito. Pedimos respeito, pois também estamos fazendo trabalho bem-feito, mas somos caipiras. Estamos fora desse sistema de validação e nos posicionamos em relação a ele, recusando esse colonialismo acadêmico que insiste em dizer que o que fazemos pode até ser simpático, interessante, mas que não é ciência, não é pedagogia, não é educação... e que se um pesquisador quiser tentar ter direito a voz, terá que seguir o padrão consagrado pelas universidades de prestígio. (Transcrição de fala de Marcos Reigota durante seminário, em 2019, na Universidade de Sorocaba).*

Em seus trabalhos, Reigota utiliza as narrativas ficcionais como possibilidade ética e política de trazer ao espaço público o olhar de sujeitos anônimos sobre acontecimentos marginais àqueles contados pela história oficial ou que a colocam em suspensão, e/ou suspeição.

Os resultados das pesquisas com *narrativas ficcionais* (REIGOTA, 1999; 2016; 2019; 2020; 2021) não visam a produção de dados concretos, geralmente traduzidos em gráficos, quadros ou tabelas, como nas pesquisas convencionais. Ensejam, numa outra perspectiva, que os/as pesquisadores/as encontrem *produção de sentidos* (REIGOTA, 2019), não somente para o autor da narrativa, como para o/a pesquisador/a e, possivelmente, para o leitor da narrativa, quando compartilhada.

Influenciada pelo trabalho de Teresa Sales, socióloga recifense, que relata encontros fictícios entre personalidades históricas nordestinas (SALES, 2014), a pesquisadora investe na criação de cenas (im)possíveis para compor mosaicos com seus achados de pesquisa. Apoiada, também, em trabalhos de Francisco Imbernón e Beatriz Jarauta como *Os professores daqui a cem anos: brincando com o tempo*, no qual propõem *ucronias*<sup>22</sup> sobre o futuro da educação, a pesquisadora, por vezes, utiliza heterônimos para compor as personagens.

A acompanharam, desde a juventude, cronistas como Clarice Lispector<sup>23</sup>, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, João Ubaldo Ribeiro, entre outros(as) autores(as).

Mais recentemente, inspirada na obra de Milton Hatoum, especialmente nos romances *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), os dois primeiros volumes da série *O lugar mais sombrio*, a pesquisadora se dedicou ao exercício da narrativa ficcional para registrar boa parte do seu trabalho.

A narrativa de Hatoum alterna presente e passado vividos no Brasil e na França e o modo como os sentidos e significados atribuídos pelas personagens às suas vivências vão se modificando nesses *espaçostempos*.

As experiências vividas pelos estudantes da turma de Martim, durante a ditadura civil-militar brasileira, em *Pontos de Fuga*, a transportaram para uma cena, em especial. Martim - que Hatoum nega ser seu alter ego no romance – divide o tempo entre namorar e estudar e vive um pouco à margem dos acontecimentos. Como um

---

<sup>22</sup> Para Jarauta e Imbernón (2015, p. 19), ucrônia é uma “reconstrução lógica, aplicada à história, dando por supostos acontecimentos que não aconteceram, mas que poderiam ter acontecido [...] especula sobre as realidades alternativas fictícias, nas quais os fatos se desenvolveram de forma diferente da que conhecemos”. Os autores, no livro, criam e descrevem realidades educacionais ucrônicas como forma de provocar reflexões sobre o presente e projetar utopia, que para eles é “plano, projeto, doutrina ou sistema otimista que aparece como irrealizável no momento de sua formulação [...] uma projeção humana de um mundo idealizado que se apresenta como alternativo ao mundo realmente existente”.

<sup>23</sup> Chaya Pinkhasovna Lispector (Clarice Lispector), ucraniana, naturalizada brasileira, morou no Recife até os quatorze anos. Relatava em suas crônicas os passeios que fazia com o pai nas praias da capital pernambucana e da vizinha Olinda.

narrador-onisciente – posto que, naquele dia, havia escolhido ficar com Angela - relata o momento em que a polícia reprime violentamente o protesto dos manifestantes, na Praça da Sé, em São Paulo, durante a missa de 7º dia do estudante Alex. Conta com detalhes como seus amigos teriam sido feridos e conseguido escapar na multidão que exigia a abertura de uma investigação sobre o assassinato do jovem.

Naquele momento da leitura, a pesquisadora sentiu um arrepio. Aquele fragmento da narrativa de Hatoum era real. Ele sequer trocou o nome do estudante falecido. Alexandre Vanucci Leme, jovem sorocabano, que estudava na Universidade de São Paulo, era sobrinho do Professor Aldo Vanucci, reitor da Universidade de Sorocaba por muitos anos. Um senhor muito estimado pela comunidade a quem a pesquisadora teve o prazer de ser apresentada nos corredores da Uniso e de sentar-se próxima a ele no evento em que Hatoum discutiu *A noite da espera* com Marcos Reigota e o público presente no auditório do SESC Sorocaba, em 2018.

As narrativas de Martim sobre os acontecimentos ocorridos na Vila Madalena e a recorrente citação de lugares próximos à casa da pesquisadora ou por onde ela sempre circulava, quando morava em São Paulo, a atravessaram de modo extraordinário. Essa proximidade entre personagens/cenários e pessoas/lugares, a emocionaram e a inspiraram fortemente a tentar escrever suas narrativas ficcionais do ponto de vista do narrador-onisciente, ou seja, na 3ª pessoa do singular. Apresentadas nos seminários coordenados pelo professor Reigota, o conjunto delas foi batizado por Mauro Tanaka Riyis, um dos colegas de disciplina, de “Coletânia do cotidiano”.

Mesmo correndo o risco de ter sua pesquisa questionada sob vários aspectos e até mesmo invalidada por quesitos acadêmicos hegemonicamente observados, a pesquisadora assume, deliberadamente, esta que considera uma posição política, ao manter-se solidária às professoras. Docentes que se descobrem, muitas vezes na maturidade, sujeitas da sua formação, que desejam tornar-se pesquisadoras adentrando o mundo acadêmico da pós-graduação. Professoras que, porque alguém ou o sistema lhes disse que o lugar delas é o de consumidoras de conhecimento produzido por mestres e doutores, sentem-se oprimidas e incapazes, como a própria pesquisadora outrora se sentiu, de romper com as convenções e levar sua contribuição à universidade, para, junto com os “especialistas”, pensar a educação brasileira. Contribuição que “vem das margens” (REIGOTA, 2010), sim, mas que por

isso mesmo, por vir de lá, do lugar onde grande parte das escolas públicas se encontra, pode representá-la tão dignamente no espaço acadêmico.

## Crônicas em pesquisa

*A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. [...] Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. [...] Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma...*

Antônio Candido, 1981

Muitos autores, em distintas épocas da nossa literatura, usaram a fala cotidiana na composição de suas narrativas não somente para os narradores, mas, sobretudo, para as personagens. Construindo diálogos escritos mais próximos da realidade falada, extraíram, e continuam extraíndo dessa representação, efeitos expressivos através da exploração de recursos que registram a variabilidade linguística.

Do latim *chronica* e do grego *khronos*, o gênero textual é usado para eventos marcados pelo tempo cronológico. De acordo com a professora e pesquisadora Daniela Diana, as crônicas têm, desde o século XV, relatado “fatos históricos (reais ou fictícios) ou acontecimentos cotidianos, algumas com toque de humor” (DIANA, 2020, online). A crônica se torna, assim, uma representação seletiva da realidade.

O objetivo desta subseção não é, evidentemente, analisar os aspectos ou elementos do gênero crônica, tal como fazem os estudiosos da língua ou a produção de autor(es) que se dedicam a este tipo de texto.

Produções textuais que compõem esta tese, entretanto, parecem trazer elementos de uma *crônica argumentativa* que, segundo Diana (2020), além das características do gênero - texto curto, linguagem simples e coloquial, nenhum ou poucos personagens, espaço reduzido, acontecimentos conectados ao contexto em que são produzidos – traz ainda subjetividade, criatividade, um certo teor crítico e reflexão, entre outros constitutivos.

Nesse sentido, em que pese a “gradidão a Deus”, na epígrafe de Antônio Candido, pela crônica permanecer um gênero “menor”, é intenção da pesquisadora reivindicá-la como produção docente que, transcrita em trabalhos acadêmicos, se legitima não somente como fonte de dados, mas também como resultado de pesquisa.

Para a escrita de crônicas sobre os deslocamentos ocorridos consigo mesma, a pesquisadora se apoia na reflexão da Professora Regina Leite Garcia. Para ela, sujeitos somos todos os envolvidos na pesquisa (pesquisadoras/es e professoras/es). Pessoas que, neste processo, pensam e repensam sua pedagogia e vão tecendo novos saberes. Garcia completa:

Essa a razão de cada vez mais irmos modificando a linguagem científica dura, tão dura quanto a ciência de que fala, tendo aprendido, sobretudo com o movimento feminista, o conteúdo machista da linguagem hegemônica na Academia e, com a literatura e a poesia, melhor dizendo, com as artes em geral, a possibilidade de tornar a escrita acadêmica mais agradável à leitura, sem perder o caráter científico. Estamos sempre num movimento de aproximação entre Ciência e Arte. Isto porque temos substituído “a produção”, e mesmo “a criação”, por “a tessitura”. Isto porque temos cada vez mais uma forte preocupação estética ao escrever nossos textos. Isto porque passamos a generalizar a partir do feminino, já que a maioria de docentes do ensino fundamental é do sexo feminino. (GARCIA, 2003, p. 13).

Guilherme Prado (2013), Corinta Maria Geraldi (2014), João Wanderley Geraldi (2014) e Renata Cunha (2020), vêm propondo, nas pesquisas com narrativas de professoras, a escrita de *crônicas pedagógicas* “com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e também da pesquisa” (PRADO, 2013, p. 150).

A pesquisadora se aproxima de Corinta Geraldi, para quem a crônica é “um gênero próprio de expressar os saberes docentes”, daquele que “quer dar a ver os acontecimentos com que se depara no cotidiano e, se possível, dialogar sobre eles” (GERALDI, C. M., 2014, p. 8,10). Concorda com João Wanderley Geraldi (2014, p. 90) que

A reflexão imediata do cronista – que seleciona entre inúmeros acontecimentos do cotidiano aquele (ou aqueles) que considera narrável – é também da ordem da própria seleção que o faz narrar o que narra: provém da comparação entre o rotineiro, entre o

inesperado, o surpreendente para o cronista. Muitas vezes, o insignificante se faz grande e extraordinário precisamente pela voz do cronista [como do poeta, mostra-nos Manoel de Barros].

Entende, assim como o referido autor, que o registro narrativo em forma de crônicas está para além da leitura lúdica (por vezes, bem-humorada) ou despretensiosa. A produção textual sobre o cotidiano docente a partir do ponto de vista da/o própria/o docente

[...] é o começo de qualquer pesquisa que se queira comprometida com a história efetiva do fazer pedagógico: a humildade da crônica pode nos ensinar que a grandeza das coisas ínfimas vela o mundo e desvela, para quem “transvê”, a complexidade do aprender com o outro, esta relação que nos faz humanos. [...] na história pequena e curta do dia-a-dia de que se faz a vida. (GERALDI, J. W. 2014, p. 93).

As crônicas parecem ser um tipo de registro apropriado também para as professoras que se veem desafiadas diariamente a estabelecer conexões entre o que dizem os autores, intelectuais e pesquisadores da educação e os acontecimentos que emergem do cotidiano. É na urgência dos fatos sociais, políticos, econômicos e culturais que ali ocorrem que, esperançosas, atuam sobre a realidade que clama por mudanças (FREIRE, 2002). O uso deste gênero textual ajuda a desfazer a visão dicotômica, tão comum na escola, entre fala e escrita. Ao desvelarem estados de indiferença nas relações e ausência de sentidos nas práticas pedagógicas, podem contribuir também para a superação dessas condições e para a promoção da solidariedade no cotidiano docente.

Paulo Freire lembra que todos precisamos dizer a nossa palavra (FREIRE, 1981). Esta pesquisadora escolheu dizer a sua palavra por meio de crônicas.

Na próxima seção, como o título sugere, serão narrados os deslocamentos da pesquisadora, durante o mestrado, na direção, ainda imprecisa, dos seus interesses de pesquisa e os referenciais teóricos que foram chegando para compor esta tese.



PAU DE ARARA DO NORDESTE J. BORGES

*J. Borges-2020*

Por isso é que agora vou assim  
no meu caminho  
Publicamente andando  
não, não tenho caminho novo  
O que tenho de novo é o jeito de caminhar  
Aprendi (o caminho me ensinou)  
a caminhar cantando como convém a mim  
e aos que vão comigo  
Pois já não vou sozinho.

**A vida verdadeira**

Thiago de Mello (Chile - 1964)

## DE ESTAÇÃO EM ESTAÇÃO: CONSOLIDANDO PARCERIAS E ITINERÁRIOS

*As melhores coisas que fiz na vida sempre foram feitas com, pelo menos, mais uma pessoa. E é sobre isso que quero falar a vocês, nesta noite: Sobre andar em par, sobre chegar a destinos e ter com quem dividir uma conquista, mesmo que esta se resuma à contemplação de um efêmero pôr do sol. Quero falar, ainda, sobre construir pontes e sobre edificar o que realmente importa. Porque melhor é caminhar juntos do que caminhar sozinho, melhor é construir pontes do que muros, e porque sempre será melhor investir em “ideias” e em “conversas” para “adiar o fim do mundo”, como diriam o líder indígena Ailton Krenak e seu amigo, o artista e ativista Bené Fonteles, respectivamente.<sup>24</sup>*

Esta pesquisadora, como se pode ver no excerto acima, não é muito afeita ao isolamento. Pelo contrário, prefere o nomadismo e contar com uma boa companhia com quem possa ter uma daquelas conversas que a coloque em crises. Crises de riso, de choro, de indignação, de angústia, de euforia, mas também, de silêncios. Crises, para ela, são como encruzilhadas que apontam mais de uma saída e dão sentidos outros à existência.

Há, inclusive, parceiros e parceiras de caminhada com os/as quais mantém conversas em monólogos ou até em silêncios pois, muitas vezes, tudo o que ela e a sua companhia precisam ou querem, em determinados momentos, é não-dizer ou não-ouvir palavras, apenas sentir presença.

Para alguns trechos do itinerário, a pesquisadora conta com mais de um/a acompanhante. No caso desta longa jornada, um número considerável deles/as, por vezes desconhecidos/as, andaram ao seu lado. Ao final, percebeu que não lhe faltou companhia em nenhum momento, mesmo quando sentiu o contrário. Na verdade, boa parte de andarilhos e andarilhas foram se aproximando e se distanciando dela, e ela deles/as, em (des)pretensiosos (des)encontros. Gente que foi ajudando-a a tecer conhecimento em atravessamentos afetivos, políticos e culturais.

### **Tucuna vai à Monte Alegre<sup>25</sup>**

---

<sup>24</sup> Trecho extraído da fala da pesquisadora por ocasião do lançamento do livro *30 anos no Quintal: trajetórias atravessadas pela educação ambiental*, obra que organizou em parceria com Valter Almeida.

<sup>25</sup> Tucuna é o nome da rua onde a pesquisadora morava, na cidade de São Paulo. Monte Alegre é uma das ruas que dão acesso ao Campus da PUC-SP que leva o mesmo nome.

Na tela do desktop, a primeira página do site de buscas anunciava a abertura das inscrições para o recém-lançado Programa de Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores, ofertado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bingo! Não poderia ser melhor!

Havia começado a trabalhar como consultora para projetos na área de “educação para a sustentabilidade”<sup>26</sup> e a pedagoga vinha insistindo na ideia de que formar, ou multiplicar, educadores ambientais era apenas uma questão didática, metodológica. Nutria um ideal de cidadania “ecologicamente correta” a ser difundido via educação, e esse era o projeto de sua vida pessoal e profissional. O que buscava em um curso de mestrado, na verdade, eram “receitas”.

As expressões “formação de formadores” e “PUC-SP” lhe soavam como fogos de artifício, pois sua casa ficava a menos de dez quadras daquela conceituada Universidade e ela vislumbrava, afinal, dar continuidade à sua formação sem que para isso tivesse que se submeter aos processos muitíssimo concorridos em universidades públicas – aquele novo programa oferecia mais de trinta vagas -, aos grandes deslocamentos e aos expressivos custos com mensalidades – o mestrado profissional custaria, naquela época e naquela conceituada instituição, aproximadamente quarenta por cento do valor de um mestrado acadêmico. Um alívio para quem, havia dois anos, gastava quatro horas do seu dia dentro do transporte coletivo, durante dois dias por semana, até concluir a Especialização em Educação Ambiental no SENAC-SP, no bairro do Jabaquara.

Se inscreveu no exame de seleção da primeira turma. O tema da prova de redação era a pertinência da obra *Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, de Paulo Freire (1997). Havia lido o livro no curso de Pedagogia, há mais de dez anos, mas dele lembrava apenas que as ideias de Freire sobre ensinar ser um ato político não tinham produzido, naquela época, sentido algum para ela. Pelo contrário, como professora e, mais adiante, como coordenadora de educação infantil, achava que não havia nada de errado com aquele tratamento carinhoso dedicado às docentes. Durante a redação, entretanto, até tentou argumentar a favor do que

---

<sup>26</sup> Perspectiva de educação alinhada aos ditames da teoria do desenvolvimento sustentável, segundo a qual é possível mitigar e até reverter os profundos impactos socioambientais, produzidos pela humanidade, por meio de ações conciliadoras, visando o equilíbrio entre crescimento econômico e preservação das espécies sem, contudo, colocar sob suspeita o atual modelo econômico neoliberal, capitalista, extrativista.

imaginava ser o “politicamente correto” a ser dito para ser aprovada, mas evidentemente não deu certo.

Como desejava muito fazer aquele curso, não desistiu. Se inscreveu novamente no semestre seguinte e deu sorte. O tema da redação, desta vez, era exatamente o mesmo que ela vinha estudando há algumas semanas. Andava intrigada com a leitura de uma matéria de jornal que trazia dados sobre os cursos de graduação mais - e menos - procurados pelos estudantes concluintes do Ensino Médio ao se inscreverem nos processos seletivos para as universidades.

Como pedagoga, se indignava diante dos dados que revelavam, segundo aquela pesquisa, que o curso que fizera era o menos concorrido de todos. As justificativas dos estudantes para não desejarem cursar Pedagogia eram ainda mais desanimadoras: desvalorização social, desestímulo familiar, desrespeito dos governantes por meio de políticas de redução de recursos para a educação, tendência em culpar os professores pelo baixo desempenho dos estudantes, e baixos salários. Buscou um certo aprofundamento no assunto, afinal se tratava de defender a sua categoria.

Quando leu o enunciado da prova, sentiu um arrepio. Era uma pergunta e, resumidamente, fora formulada mais ou menos assim: “Por que os jovens estão procurando outros cursos e carreiras em detrimento das licenciaturas?”

Dessa vez ela tinha o que dizer, e ficou muito feliz com o que disse. E passou!

Passou a descer e subir as ladeiras das Perdizes todas as terças e quintas-feiras. Neste primeiro trecho da jornada, bastante curto geograficamente falando, porém intenso, a pesquisadora caminhou na companhia de professores e professoras da PUC-SP. Algumas conversas, ocorridas nesse percurso, colocaram em movimento os seus modos de ser/pensar/estar no mundo. As professoras Marli Elisa Dalmazo Afonso de André, Vera Maria Nigro de Souza Placco, e Ana Maria Saul foram responsáveis por alguns desses importantes deslocamentos.

Logo no início do trajeto, caminhando ao lado da professora Marli, que falava às iniciantes sobre as características de uma pesquisa em educação, a mestranda quis saber da coordenadora do curso: “Em que medida a pesquisa no mestrado profissional se distinguiria da pesquisa no mestrado acadêmico?”

A professora foi muito questionada pelas alunas após ter dito que uma diferença básica entre o mestrado acadêmico e o profissional era que o objetivo do primeiro seria formar um pesquisador e a finalidade do segundo seria a de “propiciar

ferramentas que lhe permitam (ao mestrando) compreender e analisar criticamente a sua prática profissional e encontrar caminhos para aperfeiçoá-la” (ANDRÉ, 2017, p. 828). Uma das moças lhe indagou: “No caso, seríamos, as mestrandas profissionais, não produtoras de conhecimento, mas apenas consumidoras de pesquisas alheias?”

Marli prontamente respondeu que considerar o/a mestre profissional um/a consumidor/a ou usuário/a de pesquisas - como tem acontecido em muitas universidades - seria um entendimento raso e que preferia pensar que estaria formando “uma pesquisadora prática”. Alguém que por meio da pesquisa, das exigências que este percurso impõe, poderia vir a se tornar, mesmo não continuando a trilhar a carreira acadêmica, uma profissional mais autônoma, que ali conheceria e passaria a percorrer, por conta própria, os caminhos da pesquisa.

A conversa já estava se estendendo demais, mas a professora pediu ao grupo que permanecesse com ela por mais algum tempo porque queria “explicitar melhor essa proposta” e responder à pergunta desta pesquisadora, feita no início da conversa:

[...] a diferença fundamental encontra-se no objeto de estudo, um tem como referência a prática profissional, o outro, o avanço no conhecimento. O ponto de aproximação entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa da prática é o rigor teórico-metodológico: ambas exigem planejamento, controle e sistematização do conhecimento. (ANDRÉ, 2017, p. 823).

Terminado o encontro, o grupo se dispersou para descansar e lanchar. Algumas daquelas questões, no entanto, continuariam reverberando. Vez ou outra, a mestranda sentia nas atitudes, olhares e palavras de professores/as, mestrando/as e doutorandos/as de outros programas daquela mesma Universidade, manifestações escamoteadas, outras explícitas, de desdém em relação à sua condição de mestranda profissional. Sensação que somente quem “vem das margens” (REIGOTA, 2010) pode compreender.

Nas idas e vindas pelas ladeiras das Perdizes, entre as paradas para recuperar o fôlego, algumas conversas proporcionaram certo alento e/ou acolhimento à formadora de professoras.

Professora Vera Placco, com sua fala e seu temperamento sempre tranquilos, lembrava às alunas, durante as conversas, que a subjetividade docente, ou seja, a organização dos significados (símbolos construídos coletivamente) e dos sentidos

(apropriação particular dos significados) que os sujeitos, de diferentes formas, atribuem à realidade, precisa ser considerada nas atividades formativas. Relatava que ela mesma já havia utilizado artefatos culturais como filmes e poemas em encontros com professoras, no intuito de acessar essa dimensão docente.

Alguém, nesse dia, a interrompeu, perguntando: “Que sentidos, então, seriam dados pelos educadores às atividades de formação, especialmente quando a tarefa é favorecer a apropriação de determinados conteúdos?” Ela, calmamente, argumentou:

Quando se considera a subjetividade do sujeito que aprende, abandona-se a ideia de aprendizagem como relação de causa-efeito ou de construção linear de conhecimento, que leve a resultados em uma única direção. Logo, a postura do formador em relação à atividade de formação deve ser de abertura, a fim de contemplar as diferenças de cada sujeito, sem perder o rumo planejado. (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 42-45).

Naquele momento, a professora Vera não poderia imaginar o alcance de sua reflexão, nem que uma de suas ouvintes, passados sete anos, se lembraria das palavras dela, ao propor que pedagogias podem ser colocadas em deslocamento quando, em processos *transformativos*, o cotidiano docente, na sua dimensão subjetiva e política, é problematizado e colocado em suspensão.

Por meio do trabalho da professora Vera Placco, a mestranda conheceu a importância de se considerar a *multidimensionalidade* na formação docente e procura aproximar a questão ecológica das dimensões “ética e política” e “estética e cultural” propostas pela autora (PLACCO, 2008, p. 195-196).

.....

Terça-feira, dezesseis horas. A pesquisadora foi ao encontro da professora Ana Maria Saul e do grupo que com ela se reunia na Cátedra Paulo Freire da PUC-SP. Naquele dia, tinham planejado conversar sobre o conceito de diálogo, em Freire. Como a mestranda vinha lendo sobre a importância do diálogo nas práticas de formação em educação ambiental, achou que a escolha daquele tema havia sido uma coincidência mais que oportuna.

Professora Ana Maria, como de costume, ao receber aqueles e aquelas que chegam ali pela primeira vez, solicitou à visitante que brevemente se apresentasse e contasse ao grupo sobre o tema de pesquisa dela. Logo em seguida, pediu à Rosana Garagorry, uma de suas orientandas para sentar-se ao lado da pesquisadora e

combinarem um encontro pois entendeu que a veterana teria algo a contribuir com a novata.

De acordo com a farta documentação coletada por Garagorry (2005), as ações de formação de professoras/es para o trato da temática ambiental nas escolas, desenvolvidas durante a gestão de Paulo Freire (1989-1992) à frente da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, no governo Luiza Erundina de Sousa (PT-1989-1993), em muito superaram, em número, abrangência e resultados aquelas implementadas nas gestões anteriores. Garagorry (2005) constatou, inclusive, um lamentável retrocesso dessas conquistas durante as administrações posteriores.

O trabalho de Rosana Garagorry se transformou não somente numa importante referência para a contextualização do tema do trabalho da mestranda (AVERSI, 2015, p. 72), como despertou um grande interesse por Paulo Freire, figura distante até então, cujas ideias desconhecia e pelas quais, portanto, mantinha-se indiferente.

A partir desse encontro passou a frequentar as reuniões da Cátedra e com o grupo caminhou por dois semestres consecutivos. Tempo valioso durante o qual pode conhecer obras, conceitos, estudiosos e seguidores do pensamento do grande educador.

Para uma professora conservadora como ela, ler os textos indicados pela professora Ana Saul e participar das discussões propostas pelo grupo que apresentava uma perspectiva de educação considerada crítica, exigia humildade e abertura ao diálogo. Tais eventos provocavam dolorosos deslocamentos *filosóficoideológicos*, por vezes, insuportáveis.

A permanente vontade de desistir de Paulo Freire, entretanto, era sufocada pelo discurso coerente que encontrava no pensamento do educador e superada pelo desejo de pensar “certo” e educar “de verdade”. Ao se aproximar e se sentir tocada pelas ideias de Freire, com ele começou também a se indignar.

Ainda no vaivém entre a Tucuna e a Monte Alegre, a estudante encontrou um outro grupo que acompanhava um professor da Universidade de Sorocaba que ela conhecera recentemente por meio da leitura de alguns dos trabalhos dele. Apressou o passo para alcançá-los, mas estavam indo em uma outra direção. Ainda assim, conseguiu ouvir um pouco da conversa entre eles. Pareciam falar uma outra linguagem. Quis muito conhecer aquela nova forma de se comunicar, pois parecia bem interessante. Até tentou entender algumas palavras, frases, mas isso demandaria um tempo que ela não tinha, naquele momento. Então, guardou o que pensou ter

compreendido, mantendo-se, por hora, junto ao grupo com o qual iniciara a caminhada.

A dissertação de mestrado apresentada pela pesquisadora de certa forma atendeu a um dos fundamentos do mestrado profissional (e da pedagogia freireana) que considera o pós-graduando sujeito da sua formação, autor e consumidor da sua criação e parece tê-la aproximado de uma *praticantepensante* do seu cotidiano (ALVES, 2015, p. 207; GARCIA, OLIVEIRA, 2015, p. 26), noção, entretanto, que ela só viria a conhecer mais tarde.

Por dois anos, Tucuna *visitou* Monte Alegre e vice-versa, ambas levadas pela mestranda andarilha. Andarilhando para economizar o dinheiro do combustível e do estacionamento, mas também porque aquelas idas e vindas a pé serviam para tentar colocar ideias e sentimentos, sempre deslocados, em algum outro lugar.

### **Perdizes recebe Aclimação<sup>27</sup>**

O ziguezague das rampas que dão acesso ao quarto andar do “prédio novo” da PUC-SP, na Rua Monte Alegre, parecia interminável. A mestranda, já ofegante – decidira naquele dia não depender dos sempre lotados elevadores - tentava chegar mais cedo à sala 45 onde aconteceria o seu exame de qualificação e assim ter tempo de arrumar uma pequena mesa sobre a qual colocaria alguns petiscos a serem degustados pelos membros da banca, após o exame. Essa era, aliás, uma prática comum no recém-lançado Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação de Formadores, do qual ela integrava a segunda turma. Levava, também, um bolo de nozes que preparou com muito carinho para cada um deles.

O encontro estava marcado para as catorze e trinta e faltavam ainda vinte minutos, mas quando a mestranda tomou o corredor da sala avistou ao longe a figura daquele homem muito bem alinhado, de silhueta esguia, grisalho, vestindo uma camisa de algodão que parecia ter acabado de sair do cabide. Carregava uma charmosa bolsa de couro marrom à tiracolo que lhe conferia um ar despojado. Era ele. E chegara cedo.

---

<sup>27</sup> Perdizes e Aclimação são nomes de bairros da cidade de São Paulo.

A mestranda ainda não o conhecia pessoalmente, apenas por troca de mensagens via correio eletrônico:

07-08-2014. 08:41

De: taniaversi

Para: marcos.reigota

Olá, Prof. Marcos, bom dia!

Sou aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (FORMEP) da PUC-SP. Professora de ensino fundamental por mais de 25 anos e pós-graduada em Educação ambiental pelo Senac-SP, hoje atuo como coordenadora pedagógica para uma consultoria em projetos educativos, especialmente na área de educação ambiental. Em nossos projetos de intervenção visando formação de professores, temos visto pouco conhecimento e envolvimento deles quando se trata desta temática. Sabendo da obrigatoriedade de se tratar a educação ambiental nos cursos de graduação, decidi investigar "A inserção da temática ambiental nos cursos de pedagogia: concepções e práticas em EA na formação dos educadores" (título provisório, claro!). Li seu livro "O que é Educação Ambiental", estou concluindo a leitura do seu artigo "Estado da Arte da Educação Ambiental no Brasil" e estão na fila outros dois trabalhos seus. Me identifiquei muito com suas ideias e linguagem. Poderia me estender por horas, agora, falando sobre isso. Gostaria de receber, se possível, um comentário, uma crítica ou dicas sobre esta minha investida. Seu parecer muito me honrará. Obrigada pela atenção. Tânia.

07-08-2014. 09:59

De: marcos.reigota

Para: taniaversi

Prezada Tania. Bom dia. Muito obrigado pelo seu e-mail e consideração. Fico feliz em saber que o meu trabalho tem colaborado com o seu. A minha produção sobre o tema é intensa assim como o do meu grupo de pesquisa e interlocutores. Como trabalho particularmente com a educação ambiental no cotidiano escolar, tenho me preocupado mais em verificar onde e como a educação ambiental acontece e não onde ela não acontece por algum ou outro motivo. Nesse sentido estou mais orientado à educação ambiental como prática discursiva e prática social e pouco interessado nas práticas normativas (leis, políticas públicas, redes tipo REBEA, etc.). Além de uma posição epistemológica, isso implica uma posição política, que espero, tenho deixado claro nos meus textos e intervenções públicas. Adoraria poder conversar pessoalmente com você. No dia 02 de outubro estarei na PUCSP, às 14 horas para um encontro com o grupo de pesquisa da professora Mary Jane Paris Spink (psicologia social). Caso vc esteja interessada, apareça por lá, mas antes entre em contato com a professora Mary Jane, ok? Um abraço, Marcos.

23-02-2015. 17:44

De: taniaversi

Para: marcos.reigota

Prof. Marcos, boa tarde!

"Muda o mundo, Raimundo! Muda o planeta, Marieta!" Quanto mais leio, mais me encanto por esta Educação Ambiental fundamentada nos princípios freireanos para a cidadania plena. Quinze anos depois, tão essencial!! Parabéns, Professor e Instituto Brasil de Educação Ambiental (ainda existe? não encontrei o site...).

Escrevo porque uma frase da sua resposta ao meu e-mail ficou ecoando na minha cabeça: "...(estou) preocupado em verificar onde e como a EA acontece... práticas discursivas e práticas sociais."

Minha pesquisa no mestrado profissional caminha para a produção de um projeto de intervenção em EA na formação dos pedagogos. Quero, portanto, também conhecer cursos de Pedagogia que têm alcançado algum êxito no enfrentamento ao desafio de inserir a temática ambiental na formação dos futuros professores do ensino fundamental. Abraço.

04-03-2015. 07:55

De: taniaversi

Para: marcos.reigota

Prof. Marcos Reigota, bom dia!

Sob o aval da Prof. Dra. Alda Luzia Carlini, minha orientadora, que nos lê em cópia, é que lhe escrevo. É com enorme consideração por seu trabalho pela EA que venho humildemente convidá-lo para fazer parte da banca de exame de qualificação da minha dissertação de mestrado. Tema: A Inserção da Educação Ambiental no Curso de Pedagogia: Desafios e Proposições. O exame deverá acontecer entre os dias 06 e 17/04/2015 (de 2a à 6a feira, manhã ou tarde) e, caso aceite o convite, o que muito me honrará, priorizaremos sua disponibilidade de agenda antes de marcarmos a data do exame. Para tanto, ficarei no aguardo de sua resposta. Desde já agradeço sua generosa atenção. Tânia Aversi.

04-03-2015. 11:44

De: marcos.reigota

Para: taniaversi

Bom dia, Tânia. Muito obrigado pelo convite e consideração. Se for possível mudar a data para a última semana de abril será uma satisfação participar. Estarei em Berlim até 20/04. Um abraço.MR

04-03-2015. 12:41

De: taniaversi

Para: marcos.reigota

Prof. Marcos. Podemos confirmar então para 27/04/2015 às 14h, na PUC-SP, Campus Monte Alegre?

04-03-2015.23:11

De: marcos.reigota

Para: taniaversi

Sim. Podemos. Por favor envie o texto impresso para meu endereço abaixo. Um abraço, MR

Quando Marcos Reigota passou, naquele dia, pela Monte Alegre, *Perdizes recebeu Aclimação*. O professor chegou para radical e definitivamente, “mudar o clima” da pesquisa. Trazendo novos “ares” e perspectivas, ele e seu grupo passaram desestabilizando as certezas da mestrandia. A primeira delas, a de que educação ambiental seria um conceito unívoco e que o conteúdo a ser trabalhado tanto na formação de professores quanto com os estudantes deveria ser o mesmo. Até aquele momento, para ela faltava-lhe apenas atualizar-se ou aprofundar-se nos “métodos e técnicas de sensibilização e mobilização em educação ambiental”.

A mestrandia continuava sob uma cultura impregnada na sua categoria, o magistério, que é a da busca por “receitas” para o que fazer docente. Acreditava que aos professores em formação, para se tornarem educadores (multiplicadores, segundo ela) ambientais, bastaria a eles e elas conhecerem os marcos teóricos da educação ambiental, os fundamentos e os princípios estabelecidos pelos inúmeros tratados internacionais e pelas leis e diretrizes estabelecidas pelos órgãos oficiais internacionais e brasileiros. Desde que tudo isso estivesse presente nas ementas das disciplinas ou que a temática ambiental estivesse sendo tratada como um conteúdo transversal nos cursos de pedagogia, metade do caminho estaria percorrido.

O trabalho da pós-graduanda, nesse ponto, até reconhecia que às educadoras, tal exigência em sua formação, seria colocar mais uma sobrecarga na, já bastante pesada, tarefa docente. Exigir delas que também assimilassem conteúdos cognoscíveis, procedimentais e atitudinais relacionados ao paradigma do sujeito ambientalmente educado, seria um desafio. Continuou, entretanto, reafirmando essa dimensão como essencial à formação inicial das professoras, nos cursos de pedagogia, acreditando que a participação delas nas atividades formativas em educação ambiental poderia contribuir para que valorizassem mais essa temática e, quem sabe, as transformassem em ativistas ambientais convictas que, em suas práticas futuras, abordariam o assunto com “brilho nos olhos”, conquistando as crianças para “a causa”.

Reigota chegou às Perdizes acompanhado de um expressivo grupo. Entre os que o acompanhavam estavam Ariane Silva, Marcio Andrade, Marta Catunda, Carmem Machado, Eder Proença, Andreia Ramos e Thereza Utsonomiya. A estes,

naquele dia, se juntavam Rodrigo Barchi e Leandro Belinaso Guimarães que foi, este último, quem apresentou uma amiga do grupo, Ana Godoy, à mestranda.

A estudante os ouviu falando de *ecologias menores, libertárias, inversas* e até *infernais*. Sobre *alquimias do conhecimento e pedagogias do tempo presente*, conceitos que deixaram a pesquisadora confusa e assustada, de certa forma, mas, por outro lado, muito curiosa. O que mais lhe chamou a atenção, entretanto, nas falas do grupo, foram as conversas sobre as possibilidades teórico-metodológica das *narrativas ficcionais* (REIGOTA, 1999) e das *bio:grafias* (REIGOTA; PRADO, 2008), as quais os integrantes do grupo de Reigota diziam estar propondo em seus trabalhos. A possibilidade de utilizar narrativas ficcionais em textos acadêmicos, sem dúvida, mexeu com a mestranda sempre ávida por histórias de vida.

Ela já havia lido algumas narrativas do livro “Educação Ambiental: utopia e práxis” (REIGOTA, PRADO, 2008), inclusive o levou, junto com “A Floresta e a Escola” (REIGOTA 2011), para que Reigota os autografasse no dia do seu exame de qualificação, mas não imaginava que em um trabalho acadêmico caberia aquele gênero discursivo.

Embora tivesse lido e assinalado em um de seus livros o trecho em que Reigota reafirma a educação ambiental como educação política e diz que esta ideia está *profundamente relacionada com o pensamento de Paulo Freire, principalmente nos seus últimos escritos* (REIGOTA, [1994] 2014, p. 14), a fisionomia perturbada da mestranda, diante do que ouvia, demonstrava, evidentemente, não ter alcançado tal reflexão.

O professor sugeriu que ela dialogasse mais com seus seguidores e com outros pensadores, mais contemporâneos, e recomendou que a estudante se coloque mais no trabalho por meio da escrita de sua *bio:grafia*.

Seis meses até a defesa do trabalho, entretanto, não foi tempo suficiente para a mestranda deglutir e registrar as implicações daquela curiosa proposta teórico-metodológica em sua pesquisa. Construir algo parecido com uma *bio:grafia*, entretanto, de modo que encontrasse sentidos na sua trajetória pessoal e profissional e que explicassem a escolha do seu problema de pesquisa, ela até conseguiu. A inspiração veio com “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade” (RAGO, 2013), de Margareth Rago. O restante do trabalho, porém, ficou ainda marcado pela representação social de meio ambiente e de educação ambiental que trazia até então.

Os questionamentos e contribuições trazidos por Reigota e seu grupo ficaram em suspensão. Embora reconhecesse a pertinência dos argumentos deles e delas, naquele momento, ela não conseguiria elaborá-los. Passou a ouvi-los mais, porém, não tinha segurança para dialogar com eles e elas e para transitar pelas reflexões ali colocadas.

Eram reflexões que a tiravam da zona de conforto e indicavam um percurso muito diferente daquele já bem desenhado para sua pesquisa. Percebeu que estava adentrando um caminho desconhecido. Se continuasse indo por ali, não teria tempo suficiente para concluir aquele trecho da jornada.

A mestranda sai do mestrado começando a compreender a importância da sua *bio:grafia* na constituição do que ela é e do que pensa sobre si e sobre o mundo. Sobre como o pensamento ecológico se tornou parte importante da sua trajetória e sobre as experiências que a fizeram eleger essa e não outra temática para direcionar sua energia em busca de um conhecimento que, hoje, em Freire, a levaria da condicionante *curiosidade ingênua* à *curiosidade epistemológica* (FREIRE, 1997 p. 42).

A caminhada e a parceria com o pessoal da Monte Alegre, nas Perdizes, pareciam estar terminando. Concluído aquele trecho, no qual a pós-graduanda recebeu o título de Mestre Profissional em Educação: Formação de Formadores, ela decide alcançar o grupo de Reigota, se deslocar para os lugares onde seus integrantes costumam se reunir. Tomar o barco que os tem levado *Do Tietê ao Sorocaba*.

### **Do Tietê ao Sorocaba<sup>28</sup>**

Para continuar frequentando os encontros do grupo liderado por Marcos Reigota, que se reúne na Universidade de Sorocaba, a mestre profissional em educação troca as caminhadas pelas ladeiras das Perdizes por engenhocas motorizadas percorrendo vias da metrópole que margeiam o rio Tietê e dão acesso às rodovias: a do general, um dos articuladores do golpe civil-militar e a do bandeirante,

---

<sup>28</sup> O Rio Tietê nasce na Serra do Mar, no município de Salesópolis e corta praticamente todo o estado de São Paulo, de leste a oeste, passando pela capital e por várias cidades do interior. O Rio Sorocaba é formado pelos rios Sorocabuçu e Sorocamirim e atravessa boa parte da cidade que leva seu nome. Depois de percorrer 180 quilômetros, encontra-se com o Rio Tietê, no município de Laranjal Paulista.

um sertanista que alargou as fronteiras do Brasil, no sudoeste paulistano, às custas de muitas vidas indígenas.

Ela começa com visitas semanais à Universidade onde se encontra com o professor Reigota, alguns nativos da região e viajantes, como ela, oriundos da capital e do interior, além de mais alguns, poucos, vindos de lugares mais distantes e até do exterior. Foi o caso de María Anaid Rangel Condado, uma pós-graduanda em educação da Universidad Autónoma “Benito Juárez” em Oaxaca, no México, com quem a aspirante ao doutorado, teve o prazer de conviver durante todo um semestre, nas rodas de conversa sobre Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar e para quem apresentou o Memorial da América Latina, o Parque Ibirapuera e alguns atrativos gastronômicos nos dois dias em que a estrangeira ficou hospedada em sua casa, na capital paulista, antes retornar à América Central.

Há pessoas de outros grupos que são companheiros de Reigota de longa data e estão sempre passando por Sorocaba. Nilda Alves, Alexandra Garcia, Carlos Eduardo Ferraço, Inês Barbosa de Oliveira, trazendo seus estudos *do/no/com os cotidianos escolares* e com as *redes educativas cotidianas* (ALVES, 2015; GARCIA; OLIVEIRA, 2015), são alguns deles e delas. Esse grupo de peregrinos/as que vem lá das bandas fluminenses tem aumentado. Seguidores/as dessa vertente têm discutido a possibilidade da *Conversa como metodologia de pesquisa* (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) e trazido para o debate questões relacionadas às finalidades e aos destinatários das suas pesquisas (MOREIRA, 2011).

Marcos Reigota já vinha, há muitos anos, passando pela Monte Alegre e se encontrando com o *pesquisador conversador* Peter Spink (SPINK P. K., 2008). Foi acolhido também no grupo de pesquisa da esposa dele, Mary Jane Spink, para o qual as pesquisas no campo da psicologia social devem basear-se no estudo do cotidiano e nas maneiras como as pessoas produzem sentidos nas relações sociais (SPINK M. J., 2010). Com o casal, Marcos tem deslocado importantes conceitos da psicologia social para as pesquisas em educação.

Além dos doutores que costumam contribuir com as discussões em Sorocaba, há também alguns líderes indígenas, artistas plásticos, escritores, poetas, ambientalistas, músicos, compositores, enfim, uma comunidade que o professor faz questão de convidar para os encontros do seu grupo por considerar o saber plural indispensável às pesquisas em educação.

A doutoranda tornou-se membro do grupo e passou a caminhar mais frequentemente com eles e elas. Descobriu, com a ajuda de Marcos Reigota e de Alda Romaguera, que áreas do conhecimento como a psicologia, a filosofia, a sociologia e a arte têm fronteiras imprecisas e que por elas a educação pode se deslocar. (ROMAGUERA et al., 2021). Frequentar as reuniões do grupo coordenado por Romaguera e colaborar com uma pesquisa coletiva realizada por seus integrantes, provocou deslocamentos de várias ordens (COHN, 2017) na autora da presente tese, a começar pelo movimento de *pensarpraticar* outros cotidianos docentes possíveis.

Novas paisagens vão compondo o cenário. Novas parcerias e um novo itinerário. Reflexões que, em muito, extrapolam o *espaçotempo* dos encontros. Nem sempre paisagens ensolaradas. Algumas revelam dias sombrios. Dias em que a *banalidade do mal*, em Arendt e a *coisificação* e a *desumanização*, em Freire, se fazem denúncias. Dias em que a *produção de ausência de sentidos*, em Reigota, se escancara e resulta em noites de insônia que, compartilhadas entre os e as viajantes, encontram (des)conforto nas palavras do professor: “Ora, mas se uma conversa ou um debate, não servem para te tirar o sono, para que servem?”

Desde então, a pesquisadora tem usado este critério ao escolher, sempre que possível, lugares para estar, pessoas com quem conversar e assuntos a tratar.



*[...] um Andarilho, aquele que vive uma espécie de vida limítrofe, nas bordas de um mundo ao qual realiza apenas ocasionais e efêmeras excursões [...] O andarilho faz passar de um mundo a outro, embaralha as linhas, bifurca o pensamento, lança na direção de mundos possíveis, assustadores, e faz simultaneamente apreender o intolerável sob um modo de existência concreto.*

Ana Godoy, 2008.

## ENTRE A TERRA RASGADA E A PEDRA ENXUTA: NOVOS DESLOCAMENTOS<sup>29</sup>

Concluído o mestrado, a pesquisadora continuou com sua prática como consultora para projetos educativos, voltando a atuar, agora, na formação das professoras para as aulas de educação ambiental, na mesma escola onde ela havia trabalhado como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental há mais de 20 anos, na Pedra Enxuta.

Embora ainda não alcançasse a reflexão do professor Marcos Reigota quando ele insistia na dimensão política da educação ambiental, na observação dos princípios da pedagogia freireana, dos direitos humanos, dos contextos e das necessidades locais, comunitárias, antes das questões globais, considerados prioritários à formação dos sujeitos da educação, a recém-formada mestre, não desistiu de tentar entender aquela nova linguagem e a tal Perspectiva Ecologista de Educação à qual fora apresentada por Marcos e seu grupo.

Se inscreve em 2016, no I Congresso Internacional de Educação Cotidiano Escolar: (in)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais, promovido pelo PPGE da Uniso e organizado pela linha de pesquisa Cotidiano Escolar. Participa do evento apresentando uma comunicação oral sobre o resultado da sua pesquisa de mestrado. Mas são alguns dos trabalhos apresentados no evento que lhe chamam a atenção, especialmente pelo referencial metodológico. O trabalho apresentado por André Luiz Chaves Yang *A pesquisa narrativa e o processo de narrar-se como movimento de questionamento do tempo presente*, por exemplo, parecia uma extensão da desconstrução desencadeada na mestranda, há um ano, na PUC-SP. As apresentações, de um modo geral, não tinham quase nada de convencional. Era um congresso de educação, porém acrescido de arte, poesia, música, fotografia, coisas que ela nunca havia experimentado.

---

<sup>29</sup> A palavra Sorocaba ou *ybySOROG*, na linguagem indígena, pode ser interpretada como “terra rasgada”. Deve-se à formação geológica da bacia do rio que marca o relevo da cidade e ao fenômeno da erosão do solo, provocada pela água das chuvas. Fonte: <https://sorocaba-sp.webnode.com.br/news/a-historia-de-sorocaba/>. Itapetininga, por sua vez, resulta da contração das palavras tupi-guaranis *itapebe* e *tinga*, que batizaram o rio que abastece a cidade e podem ser compreendidas como “pedra chata” e como “seca, enxuta”, respectivamente. Fonte: <http://ihgqi.org/historia-de-itapetininga/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

Ela lê *A Floresta e a Escola* (Reigota, 2011) e *Ecologistas* (REIGOTA, 1999), porém, noções como *antropofagia de teorias educacionais e narrativas ficcionais*, entre outras, ainda não lhe fazem muito sentido. O desejo de conhecer para além das representações sociais de meio ambiente e de educação ambiental, entretanto, a move em direção à Sorocaba. Nos deslocamentos entre São Paulo e Itapetininga, ao passar em frente ao campus da Uniso, na Rodovia Raposo Tavares, pensa na possibilidade de entrar e conversar com aquele grupo.

### **Vivências na Terra Rasgada**

Ao apresentar o seu projeto de pesquisa no exame de seleção para o Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, não obteve aprovação. Segundo os membros da banca examinadora, para ingressar, a candidata precisaria conhecer melhor a linha de pesquisa Cotidiano Escolar e a perspectiva com que trabalhavam. Sugeriram que ela se inscrevesse como aluna especial em uma das disciplinas eletivas do Programa para, posteriormente, tentar conquistar uma vaga. E assim foi feito.

Foi durante os seminários coordenados por Reigota que a aluna especial começou a se aproximar dos autores contemporâneos sobre os quais ele havia falado, dois anos antes, na PUC-SP. Autores que viriam contribuir fortemente para desarranjar suas certezas.

Em 2018, já aprovada como aluna regular, ela apresenta um trabalho intitulado “Educação Ambiental nas Pedagogias do Presente: o pensado, o vivido e o ressignificado na disciplina “Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar” no II Congresso Internacional de Educação do PPGE, organizado pela linha de pesquisa História e Historiografia: Política e Práticas Escolares. O título do trabalho anunciava os inúmeros deslocamentos aos quais a doutoranda ainda se submeteria pensando, vivendo e ressignificando sua prática, agora, sob uma nova ótica.

### *Novas perspectivas sobre a mesma paisagem*

A preocupação do professor Marcos Reigota em apresentar, durante as aulas e seminários, a conjuntura histórico-político-pedagógica na qual os autores estudados formularam seus conceitos e ideias demonstrava o compromisso dele com um

posicionamento político e freireano e um encaminhamento metodológico característico, e somente possível, em uma Perspectiva Ecologista de Educação.

A proposta político-pedagógica formulada a partir desta perspectiva se caracteriza por colocar-se na contracorrente dos dispositivos de controle que têm legitimado a produção de conhecimentos no tempo presente. Busca pelo inusitado, pelo desviante, pela exceção carregada de possibilidades no sentido da construção de um argumento. Trata-se de uma perspectiva epistemológica de ciência autônoma, contrária aos totalitarismos e conservadorismos e visa ajudar a combater preconceitos e a evitar prejulgamentos. Abraça formas de educar que tem como princípio o direito à existência e que compreende que todo conhecimento construído na escola deve estar à serviço da possibilidade de coexistência das diferentes formas de vida e de ser e estar no mundo (REIGOTA, 2012; 2020b). Essa coexistência, portanto, depende da humanização dos seres humanos no sentido de superar estados de indiferença em relação ao outro e ao seu sofrimento.

As pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Perspectiva Ecologista de Educação, coordenado pelo professor Marcos, ligado à linha de pesquisa Cotidiano Escolar, do PPGE da Uniso, atraem pesquisadores e pesquisadoras sensibilizados e comprometidos com práticas sociais, culturais e pedagógicas cotidianas com enfoque narrativo (prioritariamente) e que possibilitem “adiar o fim do mundo”, como exortam Ailton Krenak (KRENAK, 2019) e Bené Fonteles (FONTELES, 2017). Envolvem processos artesanais e coletivos de criação e produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, doutorandos e doutorandas puderam, por exemplo, durante os debates sobre a trajetória de alguns dos intelectuais da educação moderna, ampliar seus referenciais sobre o período que antecedeu a institucionalização da educação brasileira por meio da indicação de livros como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire (1933), e filmes como *Cafundó* (BETTI, 2005) e *Germinal* (BERRI, 1993), este último, sugerido como forma de alargar repertórios em relação à educação posta a serviço da modernização e civilização da sociedade, época em que os intelectuais brasileiros começaram a se debruçar sobre as questões da democracia e de propostas para uma escola democrática.

Comentários sobre o livro *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (KOPENAWA; ALBERT, 2015) e sobre a obra do artista plástico Bené Fonteles (FONTELES, 2017), contextualizou a discussão sobre as noções de

civilização/sociedade primitiva, de homem civilizado/erudito, resultante do “progresso” do homem primitivo.

O documentário *A Educação Proibida* (2009), sobre experiências de educadores da Espanha e da América Latina que se atreveram a mudar as estruturas das escolas mostrando que os esquemas tradicionais podem ser reinterpretados e alterados tornando possível o reencontro da escola com a educação, foi sugerido como aporte para se pensar as questões relacionadas com o sentido da escola.

O longa-metragem *Hannah Arendt* (2013) baseado na obra da filósofa *Eichman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1963), ao seu turno, foi um excelente “pano de fundo” para o debate a respeito do esvaziamento da reflexão como forma de dominação da era moderna.

A diversidade de fontes de conhecimento acolhida pelo grupo também caracteriza essa perspectiva teórico-metodológica que vê possibilidade pedagógica na amálgama entre as áreas da Filosofia, da Literatura, da Arte e da Ciência na formação de professores e professoras e, conseqüentemente, em suas práticas político-pedagógicas.

Para a professora Alda Regina Tognini Romaguera, que coordena as pesquisas dos/as integrantes do Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar – (GREeCE), também ligado à linha de pesquisa Cotidiano Escolar do PPGE, da Uniso, essa amálgama não somente é desejável, como incontornável. Alda Romaguera e Alik Wunder (esta última, professora ligada à Universidade Estadual de Campinas), parceiras em produções acadêmicas, discutem o potencial poético e político “a partir de oficinas de experimentações coletivas” e apostam “na composição entre a criação do pensamento e da arte, como forma de potencializar conversas na área da educação e estudos da escrita e imagem”. As autoras assumem “as linguagens visuais e verbais como experimentação coletiva na educação, propondo a mixagem entre palavras, imagens e culturas” (WUNDER; ROMAGUERA, 2014, p.31).

### *O (re)encontro com Paulo e(m) Nita Freire*

Por meio do estudo da trajetória de alguns dos principais intelectuais da moderna educação brasileira – Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes e Paulo Freire – proposto por Reigota, a professora pesquisadora tem um potente (re)encontro com o pensamento freireano que a desloca, radicalmente, do

estado de indiferença no qual se encontrava, antes de se tornar pesquisadora, em relação aos escritos desse educador.

Nos seminários, foram analisadas influências de Sartre sobre o pensamento de Paulo Freire, cujo principal legado para a educação, indiscutivelmente, foi ter desnudado a dimensão política presente em toda e qualquer prática pedagógica.

A pesquisa possibilitou observar que, dos quatro intelectuais estudados nos seminários, Paulo Freire e Florestan Fernandes foram os referenciais mais procurados pelos pesquisadores entre 2013 e 2017.

Sobre Freire que, dos quatro educadores, foi aquele cuja trajetória mais interessou à pesquisadora, selecionou três trabalhos, também pela possibilidade de encontrar elementos que pudessem ser analisados pelas lentes da Perspectiva Ecologista de Educação. São eles: *O lugar de Paulo Freire na atualidade: o que sabem os professores e professoras?*, tese de Tatiana Pinheiro de Assis Pontes (2017); *Racionais Mc's e Paulo Freire: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90*, dissertação de Priscila Prado de Faria (2017); e *Memórias de educadoras sobre a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo*, tese de doutoramento de André de Freitas Dutra (2016).

Paralelamente às descobertas que colocavam a pesquisadora diante de um Paulo Freire ressignificado, ela é surpreendida por uma revisita ao pensamento freireano, agora pela lente de sua viúva, Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire), com quem tem seu primeiro encontro.

Aconteceu numa noite de terça-feira, em 2018, após o encerramento de uma das aulas do professor Reigota, na ampla casa que abriga o consultório da psicóloga Verônica Martins Hoffmann, integrante do Coletivo Ritmos de Pensamento: movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana<sup>30</sup>.

A pesquisadora não parecia tão empolgada com a chegada de tal senhorinha, talvez por ainda não a conhecer. Ouvira apenas o seu orientador falar dela. Os outros convidados, cerca de umas vinte e cinco pessoas, entre elas, María Anaid Condado -

---

<sup>30</sup> O Coletivo Ritmos de Pensamento, coordenado pela Profa. Dra. Alda Romaguera, do PPGE da Uniso, é formado por profissionais de diversas áreas do conhecimento. Segundo o texto de apresentação do coletivo, o objetivo do grupo é buscar “por ‘novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro’ (GUATTARI, 2012, P. 55), através do corpo, da palavra, do pensamento, criando interfaces com a poesia, a literatura, a música, a psicanálise. O grupo se desenha como um coletivo que, ao estudar, pesquisa e produz pensamentos e artefatos culturais, movido por uma pergunta: é possível experimentar outros modos de “ser-em-grupo”?

a colega doutoranda de Oaxaca, no México, que estava fazendo um estágio no PPGE - ao contrário, pareciam ansiosos pelo que estava por vir. O que preocupava a pesquisadora, na verdade, era saber que, se decidisse ficar até o final do evento, pegaria a estrada tarde da noite para voltar para casa, há noventa quilômetros dali.

No salão e na área de lazer no subsolo da casa, local que receberia a ilustre convidada, tudo havia sido preparado com muito capricho: A banca com exemplares do livro sobre o qual Nita Freire iria conversar com o público: *Paulo Freire: uma história de vida* (2017), o canto para os autógrafos, a mesa com petiscos e bebidas e as confortáveis cadeiras em semicírculo. A pesquisadora aproveitou que chegara mais cedo para adquirir um exemplar.

De repente, um burburinho na escada que levava ao salão agitou os presentes. Surgiu diante de todos uma idosa senhora, de baixa estatura, muito bem-vestida, com um corte de cabelo moderno, num tom acaju que deixava à mostra - parecia ser propositalmente - as raízes grisalhas. Apoiada numa bengala e segurando no braço da anfitriã, a viúva de Paulo Freire caminhou até uma poltrona, onde foi instalada. Ela alternava um sorriso simpático ao olhar para cada pessoa ali presente com uma expressão atenta, provavelmente pensando no que iria dizer a elas.

Como restavam alguns minutos para começar o evento e a anfitriã se afastou de Nita para resolver alguns detalhes, algumas pessoas, inclusive a pesquisadora, se aproximaram da poltrona onde Nita estava sentada para cumprimentá-la, trocar algumas palavras com ela e adiantar o pedido de autógrafo no livro.

Quando chegou a sua vez, ajoelhou-se perto da poltrona de modo que seu olhar ficasse à altura do olhar da convidada. Não sabia muito o que dizer, então começou contando à acolhedora senhora que estava redescobrimo Paulo Freire por meio dos textos e das aulas do amigo dela, o professor Marcos Reigota, e que esse movimento havia despertado um grande interesse pela vida e pelo pensamento do educador. Contou também que havia passado a visitar regularmente Recife, a terra natal do casal Freire, por conta de seu marido estar trabalhando em Pernambuco.

Nita a olhava nos olhos e a ouvia com muita atenção. Aquela atitude pareceu uma revelação à pesquisadora. De repente, foi como se o olhar e as palavras de Nita concretizassem o que a pós-graduanda já havia lido e assistido em documentários sobre Paulo Freire e o hábito dele de colocar as mãos nos ombros e olhar atentamente nos olhos de seus interlocutores. Era como se a postura de Nita traduzisse, naqueles poucos minutos, o que ela e Paulo Freire queriam dizer, em *Pedagogia da Autonomia*,

com *saber escutar* como uma condição necessária à prática educativa (FREIRE, 2002, p. 43).

A dedicatória dela, no livro adquirido pela pesquisadora, também trazia algo de profético em suas palavras: “Que sua curiosidade por Paulo só aumente com a leitura deste livro”. Naquele momento, a doutoranda não sabia, mas estava em devir um forte deslocamento na sua subjetividade, noção que só viria a elaborar e propor em sua tese, depois de alguns anos.

As práticas cotidianas como assessora para projetos educativos e formadora de professores em uma escola numa cidade vizinha, também no interior, sofrem, então, grande impacto por conta das conversas que passa a ouvir, participar e refletir, tanto na Universidade, quanto na própria escola. Movimentos constantes, idas e vindas, na busca por manter indicotomizável o binômio *teoriaprática*.

### **Pedagogias em deslocamento**

No percurso entre Sorocaba e Itapetininga, no interior de São Paulo, a pesquisadora se põe a pensar sobre a dificuldade em propor um conceito que entenda a pedagogia enquanto *quefazer* condicionado aos atravessamentos cotidianos, aos quais as/os professoras/es estão sujeitas/os *dentrofora* da escola.

Esse pensamento, entretanto, tem uma raiz. Durante o processo de doutorado, ela percebeu não somente o estado de itinerância de sua pesquisa, como os movimentos ocorridos na sua própria condição de indiferença em relação às diversas formas de existência, aos modos de se fazer educação e nas reverberações dessa reflexão sobre sua prática pedagógica.

Ciente desses movimentos, aos quais se submeteu ou foi submetida no referido processo, passou a atentar, nas conversas cotidianas com as professoras com as quais mantém atividades formativas, para o potencial pedagógico presente nos acontecimentos do cotidiano docente, mais especificamente para o que de inédito, inusitado ou que fugisse ao olhar viciado pudesse ser trazido à luz e, possivelmente, provocar desestabilidades, colocar crenças e práticas das professoras em suspensão, de modo que o grupo se colocasse em movimento no sentido de pedagogias inventivas (PREVE et al., 2012; GUIMARÃES et al., 2015).

Foi quando, no meio da viagem, a pesquisadora pensou na palavra “deslocamento”, que imediatamente a remeteu aos textos de Sílvio Gallo (GALLO,

2017), nos quais sugere um deslocamento, uma transferência, ou em outras palavras, um movimento de apropriação conceitual.

A noção de deslocamento em pesquisas na área de educação vem sendo desenvolvida mais intensamente a partir dos chamados Estudos Culturais ou Pós-Estruturalistas. No final do século passado, Marcos Reigota, em *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna* (1999), já nos convocava a trazer à tona a dimensão política da educação – independentemente dos adjetivos (ambiental, étnico-racial, especial...) que tivessem atribuído a ela –, para que emergissem e fossem consideradas alternativas outras às práticas pedagógicas e que contemplassem a complexidade das questões contemporâneas nos seus aspectos global e local. Para o autor, a educação precisa provocar deslocamentos nos modos de pensar e ver.

Sobre a possibilidade de deslocar a visão que se tem dos objetos, Guimarães e Santos (2009), assim como Guimarães e Preve (2012), entre outros, em seus estudos e pesquisas na interface entre imagens, educação e ambiente, se utilizam desta noção para enfatizar o papel das subjetividades nos processos cognitivos e na tecitura de outras educações e outros mundos possíveis. Eles e elas propõem “descaminhos metodológicos” de investigação que promovam subversão nos modos recorrentes dos sujeitos (professores) verem, narrarem e pensarem sobre algo que já tenham visto/conhecido antes.

O objetivo desses pesquisadores é criar linhas de fuga ao pensamento hegemônico circulante e provocar, tanto nos sujeitos quanto neles mesmos e no objeto pesquisado, impossibilidades de permanecerem os mesmos, tal como entraram na experiência, depois de terem passado por ela. E para possibilitarem tais vivências e reflexão, esses estudiosos têm proposto “ecologias inventivas”, experimentações pedagógicas contemporâneas “das/nas paisagens [...] para além das amarras disciplinares que ainda insistem em parcelar nossa relação cotidiana com a educação, ecologia e arte” (GUIMARÃES et al., quarta capa, 2015).

Esse posicionamento político-pedagógico parece ser o mesmo assumido por Greice Cohn (2017). Em seu trabalho *A videoarte e a pedagogia do deslocamento*, ela argumenta que “a videoarte, por suas especificidades e pelos deslocamentos que provoca, tem uma pedagogia singular, capaz de produzir transformações na atitude dos estudantes diante da arte e da aprendizagem” (COHN, 2017, p. 1701), que seu objetivo é “investigar a(s) pedagogia(s) que os deslocamentos implicados na videoarte (espaciais, estéticos, temporais e políticos) inscrevem no ensino da arte” e observar

“movimentos cognitivos, conceituais e políticos” (COHN, 2017, p. 1703) também na reação dos espectadores.

Como já dito anteriormente, o conceito de deslocamento na presente tese assume tanto uma dimensão física/espacial, de deslocamento *do* sujeito em *espaçotempos*, quanto uma dimensão subjetiva - deslocamentos filosóficos, cognitivos, afetivos, culturais e políticos experimentados pelo sujeito.

Tal mudança de posição pode ocorrer com qualquer professor ou professora chamado/a a observar o cotidiano na perspectiva de um viajante ou que, em situações coletivas, por meio de experiências éticas e estéticas, é provocado/a a perceber-se e a perceber o outro para além do que está na sua primeira pele. Acredita-se, assim, que esses movimentos possivelmente contribuam para processos de não-indiferença (SERODIO; PRADO, 2020, p. 85) nas relações sociais.

A pesquisadora se debruça, neste trabalho, sobre a ideia de que pedagogias se colocam em transformação na medida em que educadores e educadoras são colocados em deslocamentos de diversas ordens (COHN, 2017).

Trata-se de uma pedagogia que vai sendo construída ou reformulada nos deslocamentos longos ou curtos, em movimentos intencionais ou contingenciais ou ainda compulsórios, como no caso das diásporas, mas que em todos eles se refaz a partir de aprendizagens, de novos modos de pensar.

Compreende-se, portanto, que experiências aparentemente simples como ler um livro, ouvir uma palestra, podem provocar um deslocamento cognitivo que transforma o entendimento sobre uma questão, assim como assistir a um filme, ou um espetáculo, ouvir uma música, entre tantas manifestações culturais, pode levar a um deslocamento afetivo ou político que transforma sua maneira de ver o outro e o mundo.

Artefatos culturais possibilitam, assim, deslocamentos internos, mas podem provocar também movimentos físicos/espaciais na direção de uma nova pesquisa, de uma nova condição e de uma pedagogia decorrente de uma outra perspectiva de educação.

A noção de sujeito inacabado (FREIRE, 2002, p. 21-22) adquire na pedagogia do deslocamento a possibilidade de descobrir-se nessa condição e sensibilidade para, identificando-a, reconhecer e nomear os deslocamentos que podem ocorrer, inclusive sem que o corpo necessariamente se desloque.

Débora Barbosa Agra Junker, professora, pesquisadora da vida e obra de Paulo Freire e coordenadora da Cátedra Paulo Freire do Garret-Evangelical Theological Seminary, nos Estados Unidos, lembra que o próprio Freire, o “andarilho da esperança”, como o chamaram Andreola e Ribeiro (2005), esteve sempre em deslocamento. Segundo Junker,

[...] O deslocamento ao qual eu me refiro é aquele ocorrido com Freire quando encontrou o jovem dentista que não podia saldar a sua dívida (a arguidora refere-se à narrativa de Freire, 2013, p. 18). Ele não só se desloca da sua condição de advogado e abandona a carreira naquele momento, mas também quando ele foi desafiado pelo operário que indagou sobre a sua condição de vida (a arguidora refere-se à narrativa de Freire, 2013, p. 26): “Éh, doutor, o senhor vem falar conosco, mas como é a sua casa, eu posso imaginar sua casa...”, e para a surpresa de Freire, o operário passa a descrever exatamente como era a casa dele. Naquele momento ocorre um deslocamento muito mais profundo, num sentido visceral que Freire experimentou e que nos inspira a fazer o mesmo. O *deslocamento visceral* dele em direção aos analfabetos, aos esfarrapados do mundo com os quais ele dialogou, mas também aquele deslocamento que ocorreram nos relacionamentos dele com os intelectuais que encontrou e nos quais ele se posicionou. Intelectuais que, por vezes, o desconsideraram por essa forma de ser e de sua postura que, antes de tudo, era política, e que muitas vezes assumia um teor, uma forma fora dos padrões esperados. (Arguição proferida por Débora Junker, em 25 de maio de 2021, durante o exame de qualificação desta tese de doutoramento, como professora externa e membro da banca avaliadora, grifo desta pesquisadora).

A inquietação que leva o sujeito a deixar o estado de repouso - ou de indiferença - e a deslocar-se física, cognitiva, afetiva e politicamente em busca de mudança, acaba por conduzi-lo a *espaçostempos* prenes de deslocamentos combinados na intersecção dessas dimensões. Essa nova configuração pode gerar, por sua vez, novas inquietações e novos deslocamentos no sujeito, nas pessoas com as quais ele se encontra e no entorno de onde ocorrem esses encontros, podendo culminar, assim, num ciclo virtuoso.

Práticas pedagógicas de formação de professores precisam considerar que ideias, experiências e sentimentos vividos em deslocamentos concretos e/ou subjetivos, quando trazidos à luz em ambientes de cumplicidade assegurada entre os pares, podem colocar formas de ser/estar no mundo em suspensão e pedagogias - modos de se pensar e fazer educação - em movimento.

Desse modo, na estrada, *Entre a terra rasgada e a pedra enxuta*, na companhia de Lenine, Tetê Espíndola, Arnaldo Antunes, Bené Fonteles, Alceu Valença, entre

outros, a pesquisadora experimenta deslocamentos entre dias de angústia e dias de euforia, enquanto reflete seu percurso. Entre o cotidiano da Universidade, na companhia do orientador, de professoras e de colegas, e o cotidiano da escola, na companhia das professoras, das/os demais funcionárias/os, dos pais e das mães, dos/as estudantes. Assim, objetivos de pesquisa vão sendo substituídos por *interesses* (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018).

### **Re-existências na Pedra Enxuta**

Enquanto, em 2017, a aspirante ao doutorado assistia aos seminários inseridos nas aulas de Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I e II, ela apresentava o mesmo projeto de pesquisa, com algumas alterações, à direção de uma das escolas para a qual prestava serviços de assessoria na formação de professoras.

Surpreendidas positivamente com a proposta e convencidas da pertinência do trabalho, as mantenedoras da instituição acabaram fechando um contrato de dois anos e meio com ela para que a pesquisa resultasse na produção de uma coletânea de narrativas em comemoração aos trinta anos do Programa de Educação Ambiental, a “menina dos olhos” da escola e um importante diferencial para pais que prezam pelo convívio dos filhos com a natureza.

#### *Uma antologia de vozes em narrativas*

Uma dúvida acompanhava esta pesquisadora desde os tempos em que conversava muito com seu velho colega e querido amigo Valter Almeida, biólogo, professor de Ciências e coordenador do Programa de Educação Ambiental na mesma escola onde havia trabalhado. A dúvida era a seguinte: As colegas professoras daquele colégio, algumas por mais de duas décadas envolvidas nas atividades daquele Programa de Educação Ambiental, teriam tido, assim como a pesquisadora, suas trajetórias pessoais e profissionais também atravessadas pela temática ambiental? Em caso positivo, de que maneira?

Esta pergunta foi se ampliando à medida que a aspirante ao doutorado elaborava o seu projeto de pesquisa. Os/as alunos/as, seus pais, os/as demais colaboradores da escola, o que teriam para contar? E os/as egressos/as, o que viram no programa? E a comunidade do entorno, o que ganhou/ganha com ele? O que

teriam/têm intercambiado com a escola, nesse sentido? Em resumo, o que ela queria saber era se a exposição continuada dos membros de uma comunidade escolar a um programa de educação ambiental implicaria na consolidação ou na transformação das representações sociais de meio ambiente e de educação ambiental deste grupo.

Essas primeiras perguntas foram sendo substituídas enquanto a pesquisadora frequentava as aulas da disciplina Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar, como aluna especial. Quando foi aprovada e ingressou como aluna regular, as questões já eram bem diferentes e mais aprofundadas.

O objeto também passou a ser outro, ou seja, ouvir o que os membros desta comunidade escolar teriam a dizer sobre possíveis atravessamentos que experimentaram em suas trajetórias pessoal e profissional em decorrência da participação deles nas ações do referido programa.

Ao investigar a existência de outros programas de educação ambiental escolares, a pós-graduanda não encontrou nenhum programa semelhante. Até onde chegou com suas pesquisas, aquele era o único e mais longo programa de educação ambiental escolar - público ou privado - criado, coordenado e executado pela própria equipe de gestores, professores e demais colaboradores, em vigor, no Brasil.

Todos os outros programas, pouquíssimos, aliás, haviam sido ou continuavam sendo, na ocasião do levantamento, mantidos por fundações vinculadas às grandes empresas do setor rodoviário, petrolífero, madeireiro ou por institutos da organização civil especializados, que, por meio de parcerias com o poder público ou com escolas privadas, vinham mantendo atividades de educação ambiental para/com os alunos dessas escolas.

Um programa tão duradouro, com um número expressivo de projetos educativos implementados em todos os níveis da Educação Básica, alguns em atividade por décadas, poderia se tornar um interessante objeto de investigação para o campo da educação ambiental. Para ela, não havia dúvidas de que, pelo menos do ponto de vista acadêmico e didático, transformar aquela pesquisa em um projeto editorial justificaria seu trabalho e todo o investimento feito pelas mantenedoras da escola.

A escolha dos participantes seguiria um critério que isentaria a pesquisadora de uma possível acusação de falta de imparcialidade. Dividida a comunidade escolar em subgrupos - pais e/ou avós, estudantes, egressos, professores, ex-professores,

diretores, coordenadores, bedéis, funcionários da manutenção, do setor administrativo, funcionários de empresas parceiras em projetos, autoridades locais e municipais em geral –, a pesquisadora pediu às duas diretoras (administrativa e pedagógica) da escola que apontassem uma pessoa de cada um dos subgrupos que elas considerassem referência, no sentido de ter vivenciado ou acompanhado um número expressivo de atividades promovidas pela escola.

No chamado Grupo 1, a pesquisadora reuniu todos os subgrupos (mencionados anteriormente), exceto o das professoras da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, docentes estas com as quais tinha maior contato em virtude das atividades de assessoria pedagógica que já havia desenvolvido na escola. Para o Grupo 1, mais numeroso e diverso, decidiu pela ferramenta metodológica que havia proposto no projeto original da pesquisa, ou seja, a mesma que utilizara no mestrado: entrevista semiestruturada, gravada e degravada (para a publicação na coletânea), e posterior análise (para a pesquisa).

Formado o primeiro grupo de participantes (15 pessoas) que aceitaram o convite, foram iniciadas as entrevistas. Ao final de cada uma, era solicitado ao/a entrevistado/a que, caso tivesse se lembrado de alguém, durante a entrevista, que ele/a considerasse também ter algo a contar sobre a participação em atividades do programa, que indicasse o nome e, se possível, o contato. E assim, sucessivamente, desde fevereiro de 2017, as entrevistas foram sendo agendadas e realizadas até que o prazo para a coleta de depoimentos acabasse, no caso, julho de 2018, quando a pesquisadora partiu para a degravação das 80 narrativas.

Durante a organização da coletânea e nas conversas com os/as autores/as, muitos deslocamentos ocorreram com a pesquisadora. Inicialmente indiferente às subjetividades dos indivíduos, pois acreditava ser esta a postura investigativa de um pesquisador, se interessava apenas em identificar comportamentos consolidados como ecologicamente “conscientes”, ou “corretos”. Dessa atitude de julgamento, de classificação, foi passando para uma atitude de respeito, compreensão e admiração. Com o tempo, o que lhe chamava mais atenção era a forma com que seus “sujeitos”, agora interlocutores/as, pessoas, autores/as de histórias de vida, entendiam sua existência no mundo. Tratava-se, na verdade, do início de um processo de superação do seu estado de indiferença em relação aos sujeitos do “grupão”, para um estado de não-indiferença em relação às especificidades que os caracterizavam.

Nos encontros com os/as autores/as da coletânea e depois, na degravação das falas, a pesquisadora começou a prestar mais atenção nos sentidos que as pessoas pareciam atribuir às vivências. A conversa, então, passou a substituir a entrevista. Ainda que autorizada, agendada e submetida a um termo de consentimento do entrevistado para publicação, esse momento foi assumindo outros caminhos, adquirindo outros sentidos.

Abandonando a ideia de analisar as representações sociais de meio ambiente (REIGOTA, 1995), já tão explorada por outros pesquisadores, a pesquisadora decidiu não mais analisar, mas limitar-se a publicar as diferentes educações ambientais (BARCHI, 2009, 2017, 2019) que as narrativas pudessem evidenciar. Disseminadas, poderiam contribuir para ampliar o conhecimento e o intercâmbio de ideias, práticas e utopias sobre o tema.

O roteiro com as perguntas também foi sendo deixado de lado. Os textos dos/as autores/as começaram a dizer muito mais do que as respostas que a pesquisadora esperava, ao iniciar a pesquisa. Os entrevistados pareciam se sentir mais à vontade e se permitiam desviar do tema para retomá-lo (ou não) mais à frente. Importava o fluxo, importava a empatia, a solidariedade.

Muitos se emocionaram durante o encontro e, nesses momentos, a pesquisadora pode entender o que Alves (2015), Reigota (2012) e Romaguera et al. (2021) querem dizer com *pesquisadorsujeito* da pesquisa: impossível, enquanto ser humano, manter-se afastado do “objeto” e dos “sujeitos” da pesquisa; impensável, nesse tipo de abordagem, escamotear o envolvimento do/a pesquisador/a por meio de uma relatoria de pesquisa supostamente distante e neutra.

Eram manifestações cognitivas, afetivas, éticas e políticas que não haviam sido desencadeadas, necessariamente, pela participação em atividades relacionadas à temática ambiental, mas por atravessamentos operados pelas lembranças dos momentos compartilhados com professores/as e colegas de turma, alguns esquecidos, outros que se tornaram amigos para a vida; pela possibilidade de falar sobre alegrias, mas também angústias vividas nas atividades escolares ou com os familiares; pela valorização da escola em relação à experiência e às narrativas deles e delas ao torná-las públicas; pela incerteza a respeito do próprio discurso, entre outras expressões humanas que denunciavam o momento do encontro como não-objetivo e, portanto, não mensurável.

A desconfiança, o medo de dizer algo errado, por parte dos/as autores/as foi sendo substituído pela liberdade, pela certeza do acolhimento incondicional por parte da pesquisadora, na medida em que o ambiente de cumplicidade ia se instalando. O semblante e os gestos, antes controlados, foram se tornando leves ao final daquilo que já não poderia mais ser chamado de entrevista. A sensação permanente da pesquisadora era de que as falas escapavam aos objetivos da pesquisa, fossem eles substituídos mil vezes, e a impressão que tinha era de que o que havia sido *conversado* (ROMAGUERA et al., 2021) naquele encontro continuaria reverberando depois dele em ideias e sentimentos de ambas as partes.

Feitas as degravações e submetidos os textos à aprovação dos/as respectivos/as narradores/as, mais uma surpresa: nenhum/a deles/as pediu que fosse alterada uma só palavra da sua narrativa<sup>31</sup>. O semblante dos/as autores/as ao receberem seus exemplares e o modo como os seguravam e folheavam, no dia do lançamento, demonstrou tamanho envolvimento que levou a pesquisadora a compreender o significado de pesquisa *com* o outro e não *sobre* o outro (ALVES, 2015). O que passou a se questionar foi, na verdade, se nas entrevistas semiestruturadas que conduziu no mestrado, “seus sujeitos” teriam respondido às suas perguntas dizendo realmente o que pensavam, ou se responderam o que eles achavam que seria o correto a ser respondido, o mais educado a ser dito.

#### *Na sala das/com as professoras*

Para as professoras com as quais conviveu mais proximamente na escola, a pesquisadora propôs a formação de um outro grupo. Diferentemente das entrevistas gravadas e dos encontros individuais com os/as participantes, como no Grupo 1, ela decidiu tentar fazer algo diferente. Desde que passou a caminhar com alguns daqueles que têm maneiras ecologistas de conceber e fazer educação, foi se percebendo *molhada* (FREIRE, 2013, p. 11) de possibilidades de se fazer pesquisa com o cotidiano. Mais que isso, notou sua *pedagogia encharcada de amor* (PRADO,

---

<sup>31</sup> A pesquisadora está se referindo ao livro *30 anos no Quintal: trajetórias atravessadas pela educação ambiental* do qual foi organizadora juntamente com o biólogo-professor Valter Almeida, publicado pela Pontes Editores, em 2019.

2009) ao se aproximar da perspectiva *Freire(e)Ana*. Observou a serôdia<sup>32</sup> insistindo em cair, mesmo fora de época, pelos lugares por onde passava.

A pesquisadora sugeriu, então, a composição (voluntária) de um grupo de estudos sobre o gênero narrativo, no qual refletiriam sobre o conceito de *bio:grafias* (REIGOTA; PRADO, 2008) e exercitariam a escrita de suas trajetórias e a relação dela com o tema educação ambiental, produzindo narrativas que comporiam uma das seções do livro. Oito docentes aceitaram o convite, seis delas, além da coordenadora pedagógica dos dois segmentos, completaram a jornada que se estendeu por um ano letivo.

As atividades do chamado Grupo 2 eram organizadas pela pesquisadora e pelo professor Valter Almeida, coordenador do Programa de Educação Ambiental da escola e parceiro das professoras nas aulas de educação ambiental. Os encontros eram realizados quinzenalmente e consistiam em indicação de livros e filmes biográficos ou baseados em fatos reais e nos encontros quinzenais, nos quais eram realizadas discussões sobre os artefatos culturais sugeridos. O filme *Narradores de Javé* (2004) e o livro *O diário de Anne Frank* ([1947] 1995) foram as duas produções mais comentadas.

As oficinas tinham como objetivo repertoriar as professoras e ajudá-las no sentido de romper com alguma possível dificuldade para escrever sobre si. Enquetes sobre gostos, preferências, sonhos, desafios de cada uma foram compartilhadas. Os elementos e características de um texto narrativo, estudados. A cada novo saber, uma nova reescrita da narrativa para talvez melhorá-la naquele quesito.

A presença e a fala de Bárbara Heliodora Soares do Prado – organizadora, com Marcos Reigota do livro *Educação ambiental: utopia e práxis* (REIGOTA, PRADO, 2008), que inspirou o trabalho com as narrativas das professoras -, em um dos primeiros encontros do grupo foi, sem dúvida, um divisor de águas na produção textual delas. Bárbara sugeriu, depois de sua arguição, que as professoras escrevessem cartas para ela contando as suas trajetórias; de que forma a educação ambiental havia entrado na vida delas; que escrevessem o que pensavam sobre o tema; e que cada participante narrasse um projeto de educação ambiental que

---

<sup>32</sup> Serôdia: (*malqowsh*, em hebraico bíblico) chuva que ocorria entre os meses de março e abril e servia para amadurecer os campos na Palestina, preparando-os para a colheita. Fonte: <https://www.vidasparacristo.com/o-que-e-chuva-serodia-bem-explicado/>.

tivessem desenvolvido que, na opinião delas, tivesse sido marcante tanto para elas, quanto para seus alunos<sup>33</sup>.

A possibilidade de narrar em carta, sugerida por Bárbara, fez o projeto deslançar, e o compartilhamento das narrativas entre as professoras, que podiam, se quisessem, contribuir com críticas e sugestões ao texto alheio, favoreceu a formação de um ambiente de cumplicidade e de não-indiferença umas pelas outras. Não raramente, se ouvia uma professora comentar no grupo que havia convivido tantos anos com a colega ao seu lado e lamentava desconhecer um aspecto ou um acontecimento significativo da vida da outra e que somente naquela circunstância tomara ciência.

Outras vezes, diante de uma narrativa, vozes embargadas, manifestações de carinho e de acolhimento, expressões de surpresa, de dúvida, mas também de cansaço, vendo a noite cair, o acender das luzes na sala e tendo o desafio de permanecer atenta por aquelas duas horas, depois de um dia inteiro de trabalho na escola e em casa. Narrativas divertidas, outras angustiantes e tristes. Ora lidas em voz alta pelas autoras perante o grupo, ora trocadas e lidas por uma colega e aí a conversa girava em torno dos atravessamentos causados pelas leituras.

As reuniões terminaram quando cada uma das professoras julgou o seu texto pronto para ser inserido na coletânea, ainda que a vontade expressa por elas era de que o grupo não se desfizesse, mesmo depois de terminado o trabalho e publicado o livro.

Para alegria da pesquisadora, tal solicitação foi atendida pela direção da escola e, no ano seguinte, foram iniciadas as atividades do *Coletivo ComPrô - ComProfessores ComPrometidos ComProjetos*, também de adesão voluntária. A repercussão do “Cartas para um beija-flor” foi identificada como responsável pelo envolvimento, desta vez, não de 8, mas de 30 professoras(es) de diferentes áreas do conhecimento, vindas/os dos 3 segmentos atendidos pela escola.

O objetivo do projeto foi, durante um ano letivo, em encontros mensais, trocar experiências entre as/os professoras/es sobre seus trabalhos com projetos, já que a escola valoriza este tipo de metodologia, mas cada docente a compreende e a pratica à sua maneira.

---

<sup>33</sup> As narrativas das professoras estão publicadas na seção “Cartas para um beija-flor” do livro organizado pela pesquisadora em parceria com o professor Valter Almeida (AVERSI; ALMEIDA, 2019).

Divididos em grupos por algum tipo de afinidade, as/os participantes, durante as oficinas foram desafiada/os a elaborar e redigir um projeto educativo para o ano letivo seguinte que poderia, ou não, ser implementado com a sua futura turma, mas que julgasse pertinente e no qual “apostaria todas as suas fichas”.

O projeto, entretanto, deveria também responder à algumas demandas estabelecidas pela instituição tais como pesquisa e adequação do conteúdo ao perfil etário, necessidades e interesse dos alunos, criatividade, viabilidade (estimativa e justificativa de custos do projeto, seção, aliás, que as/os professoras/es geralmente ignoravam ou demonstravam muita dificuldade para compor), avaliação do projeto pelos demais grupos e autoavaliação das/os participantes.

Em cada encontro um, ou dois grupos, apresentava o projeto, explicando as suas etapas e, em seguida, recebia contribuições dos colegas no sentido de atender às demandas da instituição. A pesquisadora, por sua vez, procurava apontar as aproximações e os distanciamentos em relação à compreensão que tinham do que seria uma metodologia de trabalho com projetos. Havia também um plantão semanal no qual ela atendia os grupos para discutirem suas dúvidas.

Assim como no grupo “Cartas para um beija-flor”, o resultado da empreitada se materializou numa coletânea de projetos redigidos e compartilhados entre as/os participantes, e as avaliações revelaram o desejo das/os professoras/es em continuar se reunindo para estudar e compartilhar ideias e fazeres. Das/os 30 professoras/es inscritas/os, 23 concluíram a programação. Da parte da direção da escola, por tudo isso, um grande interesse em oferecer um centro de formação de professores aberto à comunidade.

Para a pesquisadora, ficou claro que nem sempre professores e professoras participam de atividades de “formação” porque são obrigados pelas escolas privadas ou porque somam pontos na carreira docente em escolas públicas, como ouvimos de alguns críticos da educação. Para ela, a questão pode estar, entre outros fatores, nas propostas das chamadas atividades formativas.

As práticas pedagógicas de formação de professores, em sua maioria, continuam revelando uma concepção bancária de educação quando tratam o professor e a professora como depositários de “novidades educacionais” com vistas à melhoria da “qualidade de ensino”. Essa sobrecarga conceitual, procedimental e atitudinal dos professores parece lhes roubar a alegria e o frescor do ofício e tem resultado, em não poucos casos, em apatia e em estado de indiferença em relação às

questões humanas que emergem do cotidiano, contribuindo assim para uma produção de ausência de sentidos (REIGOTA, 2019) também na escola.

A pouca preocupação ou ausência de um olhar dos formadores de professores para as subjetividades inerentes ao trabalho docente pode estar na base da repulsa ou evasão que alguns professores e algumas professoras dizem sentir pelos chamados cursos de formação continuada.

Os projetos que a pesquisadora tem proposto às professoras procuram estar cada vez mais pautados por uma concepção de práticas pedagógicas de “autoformação”, de “formação coletiva”, de “cooperação”, de “transformação” provocada por deslocamentos espaciais, estéticos, afetivos, éticos e políticos, não com vistas, pelo menos não diretamente, à carreira de professora, mas como uma oportunidade e uma possibilidade da docente formar-se ou transformar-se enquanto cidadã. O foco está no desenvolvimento da sua subjetividade, na sua condição política de sujeito da história.

A pesquisadora tem procurado, cada vez mais, propor oficinas pautadas na humanização e na solidariedade docente. Ela acredita, com Freire ([1968] 2014, p. 108) que “existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo”. É enfrentar a tendência desumanizadora que tem tentado nos envolver. E com Prado (2009, p. 68) quer a sua “pedagogia encharcada de amor para lutar por uma escola cidadã criadora de um outro mundo possível, um mundo inédito, mais viável, fundado na solidariedade, na democracia, na justiça e na paz”.

Foi nessa perspectiva que a pesquisadora fechou com a direção da escola, para 2021, um projeto em parceria batizado de *Oficinar-se Docente*. Um conjunto de oficinas ministradas por profissionais de diferentes áreas (música, arte, psicologia, teatro etc.) cujo objetivo seria proporcionar aos professores da cidade, um tempo de “respiro”.

Encontros que não teriam, a priori, um “para que”, senão o encontro por ele mesmo, ou seja, pelo que o/a docente desejasse experimentar por si mesmo/a nas diferentes áreas. Encontros que favorecessem deslocamentos de várias ordens. Encontros não para “melhorar a qualidade da educação” ou para “melhorar o desempenho profissional”, mas um tempo em que os/as docentes pudessem se entregar a eles/as mesmos/as e deles/as mesmos/as se dedicarem para alguém, um tempo de descobertas. Que esse tempo pudesse, simplesmente, melhorar de alguma forma suas vidas e a vida de alguém. Um tempo para o/a docente *oficinar-se*.

Em meio às inscrições, a pandemia de Coronavírus chegou ao Brasil e o Oficinar-se Docente, infelizmente, foi suspenso. Houve até quem sugerisse que fosse ofertado na modalidade virtual, à distância, como passaram a ser realizadas todas as atividades educacionais e laborais no mundo inteiro. Mas a pesquisadora entendeu que os encontros propostos pelo projeto perderiam o sentido e frustrariam completamente as expectativas neles colocadas, se fossem ofertados nessa modalidade.

O distanciamento físico imposto pela pandemia provocou uma brusca ruptura entre a pesquisadora, a escola e as professoras com as quais tecia conhecimento. Passaram a se comunicar por mensagens de voz, de texto e de vídeo. As narrativas das professoras foram se modificando em cores, tons, formas e sons, e por isso será um conteúdo abordado mais adiante, na estação *O novo (em) contexto: espaçostempos de imobilidade e (im)possibilidades*.



Sou o coração do folclore nordestino  
 Eu sou Mateus e Bastião do Boi Bumbá  
 Sou um boneco do Mestre Vitalino  
 Dançando uma ciranda em Itamaracá  
 Eu sou um verso de Carlos Pena Filho  
 Num frevo de Capiba, ao som da Orquestra Armorial  
 Sou Capibaribe num livro de João Cabral...

Sou mamulengo de São Bento do Una  
 Vindo num baque solto de um Maracatu  
 Eu sou um auto de Ariano Suassuna  
 No meio da Feira de Caruaru  
 Sou Frei Caneca no Pastoril do Faceta  
 Levando a flor da lira pra Nova Jerusalém  
 Sou Luiz Gonzaga, eu sou do mangue também

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte  
 Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Eu sou Macambira de Joaquim Cardoso  
 Banda de Pife no meio do canavial  
 Na noite dos tambores silenciosos  
 Sou a calunga revelando o carnaval  
 Sou a folia que desce lá de Olinda  
 O Homem da Meia-Noite puxando esse cordão  
 Sou jangadeiro na festa de Jaboatão

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte  
 Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

### **Leão do Norte**

Lenine e Paulo César Pinheiro<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xBUKcieCrbY>

## **UM DESVIO DE ROTA: A TERRA NATAL DE PAULO E NITA FREIRE PELO OLHAR DE VIAJANTE DE UMA PESQUISADORA**

Ao planejar uma viagem e estabelecer itinerários e destinos, dificilmente consideramos a possibilidade de ocorrer um desvio de rota. Até porque, se o levarmos em conta, deixará de sê-lo, na medida que se tornará parte do projeto. Um desvio pode ser apenas um atalho que tomamos voluntariamente para encurtar espaço ou tempo de percurso ou uma ação compulsória imposta ao viajante em razão de alguma obstrução da passagem normal.

O significado de desvio que é assumido nesta narrativa, todavia, se aproximaria mais de “uma mudança de caminho, de direção ou de posição normal” (HOUAISS, s.a) provocada pela oportunidade de, no meio do percurso, visitar lugares anteriormente conhecidos, mas que, agora, sob outras sensibilidades, permite descortinar novas paisagens, despertar novos interesses que exigem outros olhares e reflexões.

Este capítulo descreve e justifica a tomada de um desvio durante o percurso de construção deste trabalho. Relata como o conjunto de sondagens, ou “escavações” no novo locus/sítio da pesquisa, empreendido pela pesquisadora, acaba recebendo do orientador da tese o nome de “arqueologia freireana”.

Aborda, por meio de narrativas, em um exercício de escrita no gênero de crônicas, processos de desnaturalização da indiferença, ou de não-indiferença, vividos pela pesquisadora diante das diversas situações ocorridas durante o desvio e, da mesma forma, apresenta os resultados e as contribuições deste trabalho “arqueológico” para a defesa do seu argumento.

### **Uma “arqueologia Freire(e)Ana”**

No início dessa jornada, chamada projeto de pesquisa, o “destino”, ou objetivo, parecia muito claro e determinado. O itinerário, bem desenhado, assegurava tempo e alguma tranquilidade para passear pelos locais de parada que a pesquisadora escolhera, os quais sonhara conhecer.

Todo o plano, entretanto, foi colocado em suspensão quando o marido dela, já aposentado, foi convidado a coordenar um projeto de ampliação na rede de

distribuição de energia elétrica na região Nordeste, mais especificamente, na cidade de Recife, no interior do estado de Pernambuco e também no interior da Paraíba.

O que antes era apenas uma possibilidade, tornou-se um destino incontornável, quase que uma situação compulsória, se considerada a condição da pesquisadora - de esposa que decide acompanhar o marido no projeto profissional dele. Decisão que acabou por promover novos deslocamentos, talvez os mais significativos para a proposição deste trabalho. Um desvio que, de tão longo e duradouro, acaba por tornar-se parte do próprio caminho.

A pesquisadora já havia visitado algumas cidades do Nordeste anteriormente, inclusive a capital pernambucana, e assim como muitas das pessoas que lá estiveram, também nutria, sem muita expectativa, o desejo de retornar ao “caribe brasileiro”.

Havia agora a possibilidade de, viajando regularmente para Recife – a empresa que contratara os serviços do marido oferecia, periodicamente, passagens de ida e volta para São Paulo – conhecer muitos outros aspectos da cultura nordestina, como manifestações artísticas, gastronômicas e turísticas, o que costuma acontecer com quem se ocupa, quase que totalmente, do que está na superfície ou do que a maioria vê e unanimemente considera belo. Como aquele ou aquela que se mantém, na maior parte do tempo, indiferente aos acontecimentos cotidianos e que naturaliza as chagas sociais cujas imagens lhe chegam apenas pelos noticiários da TV.

Durante os dois primeiros anos desta nova dinâmica, a pesquisadora chegava a habitar, em apenas 30 dias, quatro lugares – São Paulo, Sorocaba, Itapetininga e Recife – se dividindo entre trabalho profissional remoto e presencial (em tempos bem anteriores aos da pandemia de Covid-19), pesquisa acadêmica e demandas familiares. Viajar era o seu cotidiano. Malas nem chegavam a ser desfeitas, alternavam-se apenas os meios que as transportavam: carro, avião, ônibus.

Foram muitas as incursões que fizeram, ela e o marido, aos finais de semana, nos feriados ou nas férias, pelos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e interior de Pernambuco à cata de novas histórias para contar e imagens para mostrar, ou melhor, postar nas redes sociais, porque se a máxima cartesiana “penso, logo existo” marcou a visão iluminista, colocando a razão como única forma de existência, a ideia “posto, logo existo” tem marcado, de uma forma geral, a concepção de ser e estar no mundo, no tempo presente. De modo algum, entretanto, a pesquisadora poderia imaginar que essa seria uma circunstância que a aproximaria da obra e da história de vida de Paulo Freire.

Foi somente depois que seu orientador lhe chamou atenção para o fato do referido educador ter nascido em Recife e como aquele tempo poderia vir a representar algo mais do que simplesmente uma experiência turística, caso ela aproveitasse as circunstâncias para empreender o que chamou de “arqueologia freireana”, que a pesquisadora começou a perceber a dimensão da sua condição ou do seu estado de indiferença em relação ao potencial político-pedagógico que aquela vivência poderia trazer para si mesma e para o seu projeto de pesquisa.

Embora refutada veementemente por vários profissionais da arqueologia, a figura do arqueólogo ligada a personagens cinematográficos como Indiana Jones, interpretado pelo ator Harrison Ford, protagonista da trilogia *Caçadores da arca perdida* (1981), ainda permanece muito presente no imaginário contemporâneo (FUNARI, 2018).

Para o arqueólogo brasileiro Pedro Paulo Funari, entretanto, “a arqueologia não pode ser desvincilhada de seu caráter aventureiro e romântico” pois, segundo ele, diferentemente do historiador e do geógrafo, o arqueólogo, em sua prática, transita entre a ficção e a ciência, posto que trabalha com o desvelamento de “mistérios do passado”. Diz ainda que nem sempre é possível diferenciar um relato histórico de um mitológico. Além disso, o autor aposta numa extensão de uma “expressão de Eça de Queiroz, ‘sob o manto diáfano da fantasia’ escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções” (FUNARI, 2018, p. 9).

Funari (2018) queixa-se de antropólogos, sociólogos, historiadores e outros cientistas que consideram a arqueologia uma disciplina auxiliar, uma “técnica”, um “trabalho braçal” que consiste na “mera abertura de buracos ou o abaixar-se para pegar objetos” e que ela apenas subsidiaria os estudos científicos.

O arqueólogo argumenta que essa condição da arqueologia nas ciências sociais acabou aproximando-a das ciências humanas e do “estudo das sociedades humanas em seu funcionamento e transformações”, potencializando-a como ciência. Funari (2018) define que o campo da arqueologia “consiste em tratar, particularmente, da cultura material, das coisas, de tudo que, em termos materiais, se refere à vida humana, no passado e no presente” (FUNARI, 2018, p. 15,16).

Na defesa de Funari (2018) a pesquisadora encontra apoio para compreender-se, em certa medida, como uma pesquisadora envolvida em uma viagem - ou missão, se considerada a recomendação do seu orientador.

Até então, ela não compreendia muito bem o que Marcos Reigota queria dizer quando enfatizava que as viagens e as relações cotidianas com pessoas comuns proporcionariam possibilidades de produção de conhecimento relevante, mesmo que, infelizmente, ainda pouco reconhecido e valorizado pelos centros de referência e de legitimação da produção acadêmica.

Reigota recomendava: “Esteja atenta, apure o seu olhar. Talvez o que você tem experimentado no Recife te desvie de algo que você vinha pensando, vivendo, fazendo, um certo caminho que você vinha construindo a algum tempo. De repente, algo ali poderá acontecer. Recife, para você, já é um acontecimento porque algo, certamente, mudou. Você está tendo a possibilidade de enxergar coisas que antes não via”.

A partir de então, a pesquisadora foi constando o que já havia percebido em sua pesquisa, ou seja, que não seria, mesmo, mais possível manter o “tal” distanciamento – tão preconizado pela universidade - entre o projeto acadêmico e o cotidiano pessoal. Essa seria uma preciosa oportunidade de se aproximar da história de vida e da obra de Paulo Freire, ir atrás de suas pegadas, refazer os caminhos por ele percorridos: da infância em Recife, à juventude em Jaboatão dos Guararapes e, novamente, seu retorno à Capital e sua trajetória como educador.

Uma chance também de se aproximar de narrativas outras sobre a vida e a obra de ilustres representantes da cultura nordestina, nascidos ou criados na região como Ariano Suassuna, Francisco Brennand, Abelardo da Hora, entre outras personalidades que conviveram ou que tiveram seus cotidianos atravessados pela presença ou pelo pensamento de Freire, além de escritores, poetas pernambucanos como João Cabral de Mello Neto, Josué de Castro, e artistas como Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Chico Science.

Além de personalidades, a pesquisadora entendeu que deveria estar atenta às expressões de autores e artistas regionais e às falas de anônimos e anônimas nordestinos com os/as quais certamente iria se encontrar nos diferentes espaços por onde viria a circular. Pois o que estaria em jogo seria a questão da valorização do conhecimento produzido pelos que sujeitos anônimos (REIGOTA, 2010).

Reigota (2019, 2020), em seus trabalhos, deixa clara a diferença entre um pesquisador historiador e o que ele tem chamado de pesquisador de “rastros”, “pistas”, “fragmentos”.

Para ele, o pesquisador historiador consulta o que faz parte do patrimônio, o que pertence ao oficial, o que está na superfície, de acesso geral. O pesquisador de “rastros”, por sua vez, se assemelharia a um detetive ou um arqueólogo, ou seja, ele busca encontrar sentidos nas trajetórias anônimas, o que está oculto, latente, o que é particular, específico, peculiar. Uma curiosidade que, alimentada, pode adquirir uma dimensão de pesquisa. Para ele, o que se lê da história é da ordem do cognitivo enquanto o que se lê das narrativas extraoficiais, inclusive das “narrativas ficcionais”, noção já tratada anteriormente, seria da ordem do subjetivo.

Reigota adverte seus orientandos dizendo que uma coisa é buscar um autor como referência nos seus trabalhos acadêmicos, outra coisa é estar com ele, ouvi-lo no cotidiano, nas relações. Pesquisar, na perspectiva ecologista do grupo que o acompanha é buscar o que escapa ao oficial ou ao que já está publicado pela academia. É falar sobre o que estava na programação e que precisou ser alterado. No que esse desvio contribuiu para uma nova leitura de mundo e para a compreensão de si como sujeito da história tanto do/a pesquisador/a quanto dos demais sujeitos envolvidos na pesquisa.

Talvez esse pareça ser um projeto audacioso, mas de modo algum pode ser visto como pretencioso, posto que se debruça com muita responsabilidade e singeleza sobre as ideias, sentimentos e experiências dos sujeitos anônimos em suas narrativas, na mesma medida que o faz sobre o pensamento dos intelectuais, filósofos e pensadores legitimados pela academia.

Fato é que, historicamente, tudo o que teria para se dizer sobre Freire parece já ter sido dito, está documentado. O que Reigota estava propondo para a pesquisadora era uma nova perspectiva, um “olhar de viajante”, que para Bárbara Heliodora Soares do Prado

[...] faz-se necessário desconstruir conceitos e pré-conceitos, assumindo o olhar do viajante, que faz seu caminho ao caminhar e que faz de cada momento uma nova descoberta. Cenas do cotidiano que a um olhar desatento poderiam ser corriqueiras e por isso desprovidas de valor, ganham luz e pessoas comuns ganham voz; através das narrativas saltam do seu meio para serem reconhecidas e compreendidas em um contexto ampliado. (PRADO, 2004, p. 87).

A ideia, agora, era ir aos lugares por onde Freire passou, ouvir o que disseram, e ainda dizem dele, os que são ou estão em sua terra natal. Ficar imaginando como

os fatos relatados nas obras do grande educador estando ali, no próprio local onde ocorreram, e escrever sobre sensações e impressões pessoais. Além disso, fazer conexões entre o pensamento de Freire e o contexto em que este pensamento fora elaborado, sobre o que acontece quando, de repente, lugares, pessoas e acontecimentos que você conheceu na obra do educador passam a circular, real ou imageticamente pelo seu cotidiano. O desafio, então, seria afirmar Paulo Freire de uma forma original.

A pesquisadora se viu, de repente, entre idas e vindas de São Paulo ao Recife e entre a capital pernambucana e outros lugares do interior daquele estado e do estado da Paraíba. Por onde passava, sentia a sua pesquisa pulsar pelas mudanças cognitivas, filosóficas, culturais, afetivas e políticas que ocorriam com ela/nela no novo cotidiano nordestino.

E a mais tocante experiência vivida nessa missão: a visão da paisagem sertaneja em plena seca de julho de 2017. A pesquisadora chora por dias a fio. Entende o que significa vender um voto... Ela mesma, sente que se estivesse no lugar de uma daquelas ou daqueles com quem conversou, também venderia o seu, na primeira oportunidade. Compreendeu o que é poder vestir um par de botinas há cada quatro anos para um agricultor sertanejo, cujo parco ou nenhum recurso tem para alimentar a família, ao tentar, ela mesma, caminhar descalça pelo solo duro, quente e espinhoso da caatinga. Entendeu, ao ver uma parca refeição composta por cuscuz (flocos de milho umedecido e cozido) e macaxeira cozida temperados apenas com sal, o que é poder comer, nem que seja apenas um pedaço de carne de sol, a cada pleito eleitoral, porque o sertanejo foi “presenteado” por algum político com “dentes”.

Recife – o desvio – acabou por tornar-se o próprio caminho. A pesquisadora andarihou por ruas, avenidas, trilhas e mangues à cata de fragmentos, pistas que pudessem ampliar o conhecimento que se tem a respeito de Freire. Alguns supostos achados, revelaram-se, mais tarde, já encontrados, mas essa constatação não impediu a pesquisadora de olhar para os seus artefatos por uma outra perspectiva e de registrá-los de uma forma única, posto que jamais alguém que não tenha vivido o *espaçotempo*, singular e histórico que ela viveu, poderá narrá-lo como ela.

Nesse sentido, as alíneas seguintes procuram organizar as narrativas ficcionais produzidas e selecionadas para este capítulo, pelo que elas representaram de modo mais significativo para a pesquisadora, ainda que *Acontecimentos*, *Encontros* e *Atravessamentos* tenham ocorrido, simultaneamente, em diversos episódios, assim

como seria impossível identificar qual acontecimento, encontro ou atravessamento teria sido responsável pelos mais diversos tipos de deslocamentos (espaciais, cognitivos, afetivos, estéticos, culturais, éticos e políticos), ocorridos nela/ com ela e com seus interlocutores.

### **Acontecimentos**

Por meio de crônicas, ou melhor dizendo, um exercício da autora de escrita nesse gênero, são narrados, nessa subseção alguns dos *Acontecimentos* que impactaram a visão de mundo da pesquisadora e a construção desta tese.

#### *No avião*

Congonhas. São Paulo. Onze horas. Um dos primeiros dias de julho de 2018. Movimento normal de gente chegando ou partindo. Ela está de férias. Finalmente vai se desligar dos temas ligados à sua rotina. É a primeira vez que viaja sozinha de avião. Tem fama de distraída, então, filha e genro a acompanham até o aeroporto e, no caminho, a lembraram dos procedimentos aos quais deve estar atenta para não perder objetos, ou pior, o voo.

Chegam cedo. Ela faz um pequeno lanche na cafeteria, porque tem medo de almoçar e passar mal na viagem. Também porque tem visto, nas viagens anteriores, as empresas aéreas que operam voos domésticos se mostrarem cada vez mais “econômicas” no serviço de bordo.

Ainda sobra tempo para o embarque. Ela decide ir até a livraria do aeroporto, pois, desta vez, evidentemente, fez questão de não levar na mala notebook, livros ou artigos referentes ao seu cotidiano escolar ou ao seu curso de doutorado em educação. Deseja encontrar algo leve, talvez até uma revista de palavras cruzadas, para se entreter durante as três horas que a separam do seu companheiro.

O título *Filhos de nazistas: os impressionantes retratos de família da elite do nazismo*<sup>35</sup>, na vitrine de lançamentos, imediatamente a seduz, não restando mais chance alguma para outra leitura ou entretenimento disponível por ali.

---

<sup>35</sup> Tania Crasnianski. *Filhos de Nazistas: os impressionantes retratos de família da elite do nazismo*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Vestígio, 2018. A autora tem ascendência russa, francesa e alemã. Atua no direito penal. Seu avô materno foi oficial da aeronáutica alemã no período nazista e sempre se negou a tocar no assunto, uma das razões que a levaram a tentar compreender as relações entre esse sombrio episódio do passado e o presente.

Tem muita curiosidade por lugares, fatos e personagens históricos. É capaz de ficar por horas observando fotos e mapas antigos, buscando situá-los nos contextos em que foram produzidos e imaginá-los ou compará-los com imagens ou cartografias contemporâneas, sobretudo se forem imagens de lugares onde viveu, que visitou ou, então, registros de pessoas que conheceu pessoalmente ou por meio de histórias que ouviu. Aliás, sempre gostou de ouvi-las.

Desde a infância, as que mais lhe interessavam, e que continuam a lhe afetar, são aquelas que contam outras versões de uma história “verdadeira”. Acontecimentos contados por uma outra perspectiva, a descrição dos bastidores do ocorrido, narrativas, enfim, que desestabilizam certezas. Relatos sobre dramas e tragédias humanas e ambientais, especialmente biografias ou relatos de sobreviventes.

A educadora parece buscar em livros, exposições, filmes e documentários narrativas que a ajudem a compreender a raiz da maldade e da bondade que parecem se revezar na constituição do ser humano. Busca nos artefatos culturais, sentidos para expressões tão dicotômicas como desprezo e empatia, indiferença e solidariedade que acompanham a humanidade, mas que parecem bem-marcadas na sociedade contemporânea: assistimos quase que ao vivo, pela TV e pelas redes sociais, atitudes violentas contra integrantes de minorias e, horas mais tarde, vemos, nos mesmos canais, movimentos sociais nas ruas gritando palavras de ordem em defesa dos direitos humanos.

A professora viajante toma o livro nas mãos. A capa – Hitler, em cena familiar, rodeado por um casal de amigos com suas crianças, todos sorridentes – a impressiona. Se sente observada pelo olhar do líder nazista na foto. Um frio corre sua espinha. Abre o livro e, nas orelhas, lê a chamada da editora: “Os filhos cuja história é contada neste livro conheceram apenas uma faceta da personalidade de seus pais. A outra só lhes foi revelada depois da derrota alemã.”; seguida de fragmentos da crítica: “Um retrato pungente e impressionante dos descendentes dos líderes nazistas” (*Le Figaro* – França); “Filhos de nazistas é também uma reflexão sobre a culpa e as formas de expiá-la.” (*Observador* – Portugal)

A ansiedade pela narrativa que está por vir só aumenta. Compra o livro e acessa as escadas rolantes que levam à área de embarque. Mal consegue chegar à sala de espera e inicia a leitura.

Na primeira linha do prólogo, percebe que deixou o doutorado “em casa”, mas que o curso não a deixou. Lê que o livro é resultado de pesquisas “aprofundadas nos

diferentes arquivos disponíveis – processos judiciais, cartas, livros, artigos, entrevistas relacionados à intimidade os dirigentes nazistas e de seus descendentes [...] são delineados oito retratos de filhos de nazistas” (CRASNIANSKI, 2018, p. 9).

Como pesquisadora, dirige-se, imediatamente, à seção “Bibliografia Geral”, no final do livro e, surpresa, depara-se com a primeira referência da autora: “ARENDR, Hannah. *Eichmann in Jerusalem. A Report on the Banality of Evil*. Nova York, 1963 (Edição brasileira: *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999), seguida de outra obra da mesma autora: *Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*, publicada em inglês, em 1951. Dois títulos que são sempre mencionados nas discussões sobre produção de ausência de sentidos no tempo presente, que ocorrem no contexto dos seminários avançados em educação no curso de doutorado que frequenta.

A voz do autofalante convoca os passageiros do voo dois-meia-nove-dois. Sem desgrudar os olhos das páginas, a professora viajante pega sua bagagem de mão, coloca-se na fila, entrega os documentos no portão de embarque e caminha sem pressa pela ponte telescópica. Pela primeira vez não reclama da demora dos que estão à sua frente procurando encontrar os respectivos assentos.

Acomodada em sua poltrona, já não levanta os olhos nem para ouvir as orientações da comissária, tampouco para receber as boas-vindas do comandante. Quer “ouvir” o que Crasnianski tem a acrescentar, ou a desconstruir sobre o Holocausto. Quer conhecer o cotidiano banal e doméstico daqueles cujo trabalho era o extermínio de milhões de vidas e cujas casas, por vezes, ficavam ao lado dos campos de concentração. Quer saber se a autora desvelará pistas sobre como filhos de oficiais da mais alta patente nazista lidaram com o choque de realidade: seus afetuosos e poderosos heróis se transformarem, de repente, em carrascos hediondos, execrados pela humanidade.

O avião decola. O costumeiro desconforto dessa hora passa despercebido. Um a um, os filhos de nazistas vão sendo apresentados à professora: Grudun Himmler, Edda Göring, Wolf Hess, Niklas Frank. Meninos e meninas inocentes e inconscientes das barbáries cometidas pelos seus pais, que colhiam morangos cobertos de cinzas no jardim e recebiam as explicações mais diversas para as nuvens escuras e o mal cheiro que viam e sentiam invadindo os quintais.

Pausa para ir ao banheiro.

Quando retorna, põe-se a folhear o álbum de fotos que divide o livro em duas partes. São imagens daqueles meninos e daquelas meninas em cenas cotidianas com a família, em algumas das quais o *Führer* se faz presente.

Para a professora, fotos são textos e, como tal, precisam ser “lidas”. Sobre elas, especialmente as mais antigas, em preto e branco, se debruça à cata de cada detalhe: Os filhos de Höss, em um dia de verão (usam apenas shorts), brincando no escorregador, desses de playground, em casa, em Auschwitz (CRASNIANSKI, 2018, p.115). Grudun, “Püppi”, como era chamada pelo pai, sentada no colo do líder nazista (CRASNIANSKI, 2018, p. 109) que lhe presenteava, “a cada ano novo [...] com uma boneca ou com uma caixa de bombons (CRASNIANSKI, 2018, p.27). A carta que Edda, “a princesinha do Nero da Alemanha Nazista”, escreveu ao pai durante o julgamento de Nuremberg (CRASNIANSKI, 2018, p. 110). A foto de Martin Bormann, em 1958, denunciando o que a leitora ainda está por desvendar na segunda metade do livro, ou seja, que se tornara padre, depois de uma trajetória errante, silenciosa, marcada pelo medo de ser perseguido e morto, até ser acolhido, sem reservas, por uma família cristã. A professora sente novamente um arrepio percorrendo seu o corpo.

“Senhoras e senhores, aqui fala o seu comandante. Estamos prontos para a aterrissagem. São quinze horas e trinta e oito minutos. Lá fora, sol entre nuvens, temperatura na casa dos vinte e oito graus. Agradecemos por voarem conosco. Tenham todos uma ótima estada em Recife.”

A viagem nunca pareceu tão curta. A *professoraviajante* coloca a poltrona na vertical, afivela os cintos e guarda o livro na bolsa. Pela janelinha, a visão dos arrecifes e do verde esmeralda do mar da costa dos corais lhe rouba o pensamento e muda as suas sensações. Só pensa no abraço apertado que dará no seu querido companheiro e no que farão juntos nestas férias. Os demais filhos de nazistas: Martin Bormann, o padre, Rolf Mengele, os Höss e os Speer lhe serão apresentados no dia seguinte, quando estiver sentada em uma cadeira, diante do mar tranquilo e dos bancos de areia do Pontal de Maracaípe.

### *Uma experiência artístico-poético-pedagógica, demasiado pedagógica*

Havia programado, naquele dia, visitar alguns sebos espalhados pela cidade, à cata de raridades. Na verdade, havia um interesse maior por obras literárias de

autores e artistas pernambucanos, especialmente João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, e catálogos de arte de Francisco Brennand e Abelardo da Hora.

A pesquisadora acredita no que o filósofo e poeta Rafael Zacca chama de uma “curiosa afinidade entre alguma tradição poética e alguma tradição pedagógica no Brasil” (ZACCA, 2019) e tem apostado, na composição de sua tese de doutorado, numa experiência “artístico-poético-pedagógica” entre esses autores e Paulo Freire, considerando o fato de dois deles terem sido amigos do educador.

A pesquisadora freireana Débora Junker também vê no pensamento e na pedagogia de Paulo Freire uma dimensão poética – e profética - pouco explorada pelos colegas pesquisadores. Ela lembra a predileção de Freire pelas metáforas nos seus textos. Para ela, Freire tem “olhos de poeta” porque estes, segundo Junker, conseguem acessar nossas almas e nos fazer ver aquilo que não está tão aparente ao olho nu. Podem aplacar nossas dores, nos levando para outros mundos possíveis. Os textos de Freire, tal como poesia, são pratos finos que somente podem ser apreciados por paladares apurados. Isso porque os olhos do grande educador “são desinstitucionalizados, livres e não domesticados” (JUNKER, 2018, p. 329, tradução livre da pesquisadora).

A peregrinação começou pelo Sebo de Casa Amarela, o mais próximo do endereço onde estava hospedada, na capital pernambucana. Descobriu, somente ao chegar lá, que se tratava de uma barraca numa esquina movimentada do centro comercial do bairro. Um amontoado considerável de livros e revistas que serviam como uma espécie de paredes e abrigo para o vendedor. Identificar os livros pelas lombadas era quase impossível. As cadeiras, duas, ocupadas também por livros, o barulho característico de um ponto de ônibus e o vai e vem de pessoas se esbarrando, indicavam que não haveria a menor possibilidade de passar um tempo ali garimpando. Restava perguntar ao rapaz se teria o que procurava. Teve que repetir algumas vezes os nomes dos autores até ouvir um: “Tem, não!”

Tomou o ônibus, conforme números e destinos anotados previamente, mas achou melhor verificar, no aplicativo de mapas do seu celular, a imagem da fachada do próximo estabelecimento, assim não teria surpresas. Sim, parecia um estabelecimento.

Sebo da Torre. Como todos os sebos que conhecia, um delicioso cheiro de mofo anunciava raridades. Algumas sessões muito organizadas, outras nem tanto. O vendedor pergunta pelo que a pesquisadora procura e sai a desenterrar tesouros. Sim,

tesouros, porque livros raros e livros de arte costumam esvaziar a bolsa, já magrinha, da professora.

Não demorou muito para o senhor voltar. Nas mãos, nenhum livro dos artistas que procurava. Trazia, porém, um exemplar da primeira edição de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna e uma edição menos antiga, e não tão rara quanto, de *Morte e vida Severina*, de João Cabral, além de algumas outras obras de ambos os autores. Um verdadeiro banquete, porém, servido no meio de corredores apertados. Não havia, ali, onde se sentar para degustá-lo.

A professora pede permissão, então, para se acomodar na escada que leva ao segundo andar da livraria, afinal a maratona estava apenas começando e ela ainda teria muito o que caminhar e, ao que tudo indicava, iria passar horas em pé naquele dia.

O tempo, que em livrarias costuma seguir outros relógios, foi plenamente vivido e o “jantar”, saboreado calmamente. A vontade era de levar todos aqueles volumes, mas a ávida leitora procurava manter-se contida, imaginando o que ainda poderia vir a lhe ser servido, mais adiante, como sobremesa.

Fez as contas e viu que se levasse os dois primeiros volumes apresentados pelo vendedor sobraria algum dinheiro para outras aquisições posteriores.

Ao passar os olhos pelo ambiente, como se despedindo dele, eis que, do degrau da escada, onde estava sentada, observou uma pilha de livros próxima ao corrimão. Chamou sua atenção um livro que estava quase no topo da coleção e que se destacava dos outros, não pela espessura, era até afilado, mas pela encadernação e pelas dimensões – parecia um catálogo de arte. De que artista seria?

Pondo-se de pé, conseguiu ler o título na lombada: *Pedagogia do Oprimido: o manuscrito* (MAFRA; ROMÃO; GADOTTI, 2018). Ficou paralisada por alguns minutos. Com as mãos um pouco trêmulas, retirou o volume da pilha. Como assim? Então ela desconhecia a existência de uma publicação, em fac-símile, dos originais da mais consagrada obra de Freire?

Sentou-se novamente e abriu o livro. A dedicatória de Freire no centro da primeira página, que já vira tantas vezes em outras publicações e até mesmo na 58ª edição (2014) da obra que adquirira há alguns anos, saltava do papel agora, mais viva que nunca. Folheou mais algumas páginas e desceu até o vendedor, que parecia ser o proprietário do local, perguntando-lhe o preço do livro.

Talvez tenha se mostrado ansiosa demais ou então o brilho nos seus olhos possa ter sido captado pelo senhor de meia idade, pois achou o valor cobrado excessivamente alto. Ainda assim, retornou aos degraus da escada com o livro na mão e voltou a folheá-lo, mas aí, com menos entusiasmo.

Aquele prenúncio de frustração desencadeou um dilema: “Por que comprar o livro, se já tinha uma edição dele em casa? Talvez fosse fácil encontrar outro exemplar em outros sebos, afinal, lera no prefácio dos organizadores que a distribuição desta edição fora gratuita. Ademais, a letra de Freire, em alguns trechos, tornava o texto praticamente ilegível...”.<sup>36</sup>

“Vou pensar”, disse ao atendente. E saiu do local levando apenas o que já havia planejado comprar. “Se eu não encontrar outro exemplar desse livro a um preço acessível, considerarei voltar amanhã para buscá-lo”, pensou.

E continuou a romaria, agora pelos sebos do centro do Recife. Encontrou, na Livraria Progresso, o maior deles, alguns artefatos bem interessantes, inclusive o catálogo *Amor e Solidariedade: Abelardo da Hora, 60 anos de arte*, mas este a professora já havia acessado numa plataforma de publicações digitais e dele extraído muitas afinidades entre os trabalhos do artista e o pensamento freireano. Como prefere os livros físicos aos digitais, aproveitou para folheá-lo à vontade. Não encontrou sequer um catálogo de Brennnand. De Paulo Freire, algumas obras das mais conhecidas, inclusive *Pedagogia do Oprimido*, porém, nada de “O manuscrito”.

Final do dia, sacola cheia de peças, algumas se desmanchando, exigindo cuidados no transporte dentro do coletivo. “O manuscrito” no pensamento e uma convicção: “Amanhã voltarei ao Sebo da Torre para buscá-lo”.

A professora esqueceu, entretanto, de uma regra de ouro conhecida por quem frequenta sebos: nunca deixe para carregar amanhã, o que garimpou hoje.

No dia seguinte, quando chegou ao local e pediu o volume ao mesmo livreiro, ouviu a resposta que a atormentaria pelo resto do dia e que a faz chorar, ainda hoje, quando se lembra do fato: “Sinto muito, o livro foi vendido para uma moça, logo que a senhora deixou a loja. Ela deve ter ouvido nossa conversa e se interessou por ele também”.

---

<sup>36</sup> A edição que a pesquisadora folheou no Sebo da Torre (1ª ed. 2013) trazia apenas a cópia do texto original manuscrito. Na 2ª edição do livro (2018), os organizadores acrescentaram, a cada página manuscrita, o conteúdo correspondente digitado.

Como é que alguém se põe a escavar arduamente uma jazida e, tendo encontrado uma pedra preciosa, a deixa no local para buscá-la mais tarde?

A professora ainda ficou por ali algum tempo, tentando assimilar o acontecido. A caminho de casa, se perguntava: “Por que não consultei, ali mesmo, pelo celular, sites de livrarias e sebos virtuais para saber se era tão fácil encontrar outro exemplar, como imaginava?” Não se lembra de ter ficado, em toda a sua vida, tão desolada e arrependida por algo que deixou de fazer. Não era apenas mais uma edição de *Pedagogia do Oprimido*. Estivera diante de um catálogo de arte de Paulo Freire e não o reconheceu.

### *Escavando na Biblioteca Pública de Pernambuco*

Recife abriga muitas bibliotecas. Um site de buscas na web aponta, pelo menos, vinte endereços. Em se tratando da cidade natal de Paulo Freire, natural que se queira saber quais documentos, informações e obras do autor elas guardam.

A pesquisadora queria verificar, mas, evidentemente, não daria para visitar todas as bibliotecas, considerando os muitos outros interesses da pesquisadora a serem contemplados na sua “arqueologia Freire(e)Ana” em Pernambuco. Faltava-lhe ainda ir atrás de muitos fragmentos inéditos ou inusitados para uma possível composição, bastante particular, que pudesse contribuir para ampliar a compreensão do pensamento desse educador brasileiro.

Escolheu, então, três delas: A Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, por ser a maior e, supostamente, a mais completa delas; a Biblioteca Popular de Casa Amarela, por querer compreender o conceito de biblioteca popular e também por estar localizada no bairro onde estava hospedada, o mesmo bairro onde Freire nasceu; e a Biblioteca do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por imaginar que na Universidade na qual Freire defendeu sua tese de doutorado e onde foi professor talvez encontrasse “artefatos” bem interessantes.

Pela segunda vez, visita a maior biblioteca da cidade e uma das mais ricas do Brasil, se considerado o expressivo acervo que inclui obras do período colonial, do Império e da época da invasão holandesa. Na primeira vez que esteve na Biblioteca Pública de Pernambuco, deixou-se encantar pela arquitetura moderna do prédio, pela fachada de azulejos que compõem o mural *Mandala* de autoria de Francisco Brennand, e pelos enormes painéis e telas que decoram as paredes de pé direito

altíssimos do saguão de entrada. Circulara sem destino certo pelos três pavimentos e seus amplos salões. Tapetes e mobílias antigas. Cheiro de mofo que anunciava, pelo menos para a *pesquisadoraarqueóloga*, a possibilidade de encontrar pistas que levassem a importantes descobertas.

Ao adentrar, desta vez, o salão do primeiro andar, sabe o que quer encontrar. Segue direto à seção de livros de Arte. Trata-se, na verdade, do *Diário de Francisco Brennand*<sup>37</sup>. Havia pesquisado em sites de livrarias e se espantado com o preço. Não que considerasse injusto o valor, mas porque não era para o bolso da professora e, definitivamente, não justificaria adquiri-lo somente para buscar resposta a uma pergunta que a persegue desde que soube da existência da referida obra. Teria Brennand, tal como fez em relação a outros trabalhos, registrado no seu diário o processo de criação e de execução das ilustrações que preparou para Paulo Freire utilizar nos Círculos de Cultura?

Fica felicíssima ao saber, pela atendente da biblioteca, que poderia folhear toda a coleção à vontade, embora naquele setor nenhum material possa ser retirado, ainda que a pesquisadora tivesse trazido um comprovante de residência e se tornado usuária cadastrada da biblioteca.

Imediatamente, abre o primeiro volume do Diário, intitulado “O nome do livro” (1949 – 1979). Folheia as páginas lentamente, temendo que algo lhe escape. As batidas do seu coração se aceleram diante da possibilidade de, finalmente, “ouvir” Brennand se referir a Paulo Freire e ao trabalho dele. As datas com os respectivos registros do autor vão ficando mais próximas do ano de 1960.

Começa a ler dali em diante, pois sabe que foi em 1961 que Paulo Freire assumiu a direção do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife – atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – e, junto com sua equipe, começou a realizar as primeiras ações de alfabetização popular que caracterizariam sua metodologia.

---

<sup>37</sup> Francisco Brennand, aos vinte e dois anos, quando embarca para Paris com o objetivo de estudar pintura, começa a escrever um diário que o acompanharia por toda a vida. Nele, estão contidas suas reflexões sobre arte, filosofia, cinema, entre outros temas. Expõe também seus romances, temores e preconceitos. Pretendia manter o material sob sigilo, para somente ser publicado após sua morte, quando esperava ter seu pensamento compreendido. Mas, em 2016, às vésperas de completar 90 anos, é convencido por sua sobrinha-neta, Mariana Brennand Fortes, proprietária da produtora Inquietude, a publicar seus textos. Lança um box com quatro densos tomos. Na obra, o artista multifacetado passeia entre personagens concretos e imaginados, entre a ficção e a realidade.

A pesquisadora sabe também que Freire, ao iniciar seus experimentos, procurara o amigo Ariano Suassuna para obter dele um parecer sobre o método, tendo ouvido que seus slides não tinham qualidade estética – na opinião do dramaturgo, o único empecilho à exitosa experiência. Nada, entretanto, que não pudesse ser corrigido com a ajuda de Francisco Brennand, amigo do escritor.

Ela lê todos os registros de 1961 a 1962. Nada. Nenhuma palavra sobre as tais ilustrações. Brennand parece completamente envolvido na composição do mural *Batalha dos Guararapes* (BRENNAND; TEIXEIRA; ZACHARIAS; LEAL, 2016, p. 229)<sup>38</sup>.

A investigadora passa para a página seguinte, imaginando que, pelo menos, conhecerá a rotina de Brennand no ano anterior ao golpe civil-militar de 1964. Que sinais trariam seus escritos dos dias sombrios que estariam por vir?

No centro da página em branco, porém, o que vê é a inscrição “1967<sup>17</sup>” seguida, logo abaixo, da imagem de um Ofá de Oxossi, símbolo escolhido por Brennand para representar sua oficina, por ficar ela incrustada em uma floresta, às margens do rio Capibaribe.

Uma nota de rodapé põe fim às escavações do dia: “De 1963 a 1973, parte dos Cadernos do Diário do artista foi destruída. Igualmente, não existem textos datados de 1955, 1956 e 1958, além de algumas outras irregularidades cronológicas (N. do E.)” (BRENNAND; TEIXEIRA; ZACHARIAS; LEAL, 2016, p. 237).

O que levaria alguém obstinado em registrar o seu cotidiano por quase setenta anos a perder/apagar/destruir (?) uma década de ideias, sentimentos e experiências?

### *Leituras de mundo entre quatro paredes*

Enquanto pede à filha caçula para retirar os pratos da mesa, D. Antônia se põe, apressadamente, a lavar a louça do almoço. Levantou-se com o sol do Recife para conseguir deixar a casa em ordem. É terça-feira, dia de acompanhar a menina até a pequena biblioteca do bairro. Pega a sombrinha florida e retira da bolsa o leque espanhol que ganhara de uma antiga patroa.

---

<sup>38</sup> O mural “Batalha dos Guararapes”, de autoria de Francisco Brennand, inaugurado em 1962, medindo 2,30m de altura por 32,5m de comprimento, está localizado na fachada do Edifício Guararapes, na Rua das Flores, no centro do Recife. Atualmente encontra-se em processo de degradação devido à falta de manutenção.

Toinha, como é conhecida no Morro da Conceição, já fez muita faxina em casas de família, tanto na Casa Forte como no Poço da Panela, para ajudar o marido a sustentar os quatro filhos homens. Hoje, recebe uma pequena mesada dos meninos – todos empregados no Porto de Suape – que ajuda a pagar suas despesas com medicamentos para dores na coluna.

Antes do grande relógio na parede da recepção da Biblioteca Popular de Casa Amarela marcar 13 horas, as duas adentram o espaço e respiram aliviadas. O termo “popular” faz referência à produção “surgida espontaneamente entre o povo mais simples de uma sociedade” (BARBOSA, 2009, p. 99).

O ambiente climatizado, limpo e organizado parece provocar na dupla uma certa sensação de paz. O espaço, aliás, juntamente com outros três semelhantes, espalhados pela cidade, faz parte da Rede de Bibliotecas pela Paz. Recintos que se aproximam aos de um centro cultural e que têm, como principal finalidade, promover a inclusão de crianças e jovens por meio de experiências para além da leitura. Ali, ocorrem eventos que nada lembram a sisudez de uma biblioteca comum.

A menina, que aparenta ter seus 12 anos, vai até uma daquelas poucas estantes, que cumprem também o papel de dividir ambientes, e pega um livro de histórias. Mãe e filha se acomodam em cadeiras de plástico coloridas, ao redor de uma das mesas coletivas.

Todo o mobiliário é novo e o ambiente cheira a reforma recente. Seis bons computadores ligados a uma rede de comunicação sem fio, bastante estável, tomam uma das paredes do quadrilátero. Há senha e tempo determinado para usar as máquinas. Um colorido tapete emborrachado delimita outro canto com livros e jogos para crianças pequenas.

O espaço todo se dá a conhecer, já na recepção. Não ultrapassa 60 m<sup>2</sup>. Anexa ao prédio, acessada por uma pequena porta, se encontra o que poderia se chamar de uma sala multiuso: local para reuniões, palestras e performances artísticas.

O movimento de estudantes é, excepcionalmente, pequeno naquele dia. A fiel guardiã do tesouro intelectual que a filha vem acumulando permanece firme ao lado dela, tentando driblar o sono gostoso que sente. Para manter-se acordada, olha pela porta entreaberta e procura ouvir a conversa que se dá entre a coordenadora da biblioteca e uma mulher com sotaque diferente, na sala ao lado.

Ela nota que a forasteira quer saber muita coisa. Primeiro, pergunta à anfitriã sobre um tal de Paulo Freire e sobre documentos ou informações que poderiam existir

sobre ele, ali na biblioteca. Depois, pergunta se ele teria participado do movimento que levou à criação da biblioteca nos idos de 1950 – na época, o educador era diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social do Estado de Pernambuco. A coordenadora demonstra conhecer vagamente o sujeito. Não sabia nem que ele havia nascido e morado até os dez anos há quatro quadras dali. Trata logo de chamar o segurança da biblioteca para conversar com a mulher do Sul, justificando saber ele mais da história da biblioteca do que ela mesma.

De fato, ele sabe. Não exatamente sobre o que a forasteira pergunta, mas sobre coisas outras, também muito interessantes.

A conversa começa a fazer sentido para D. Antônia quando Jessé, o policial militar que faz o plantão na porta do prédio, começa a contar à curiosa visitante que é formado em História e que foi professor por alguns anos. Comenta que ele mesmo passou horas estudando ali, tanto para o concurso que o colocou na rede pública de ensino quanto depois, para o processo seletivo que o levou ao atual posto. Diz que o mesmo acontece, ainda hoje, com alguns jovens da região. Informa que o considerável acervo da biblioteca na área de Direito atraiu, em tempos remotos, muitos estudantes da cidade. Freire concluiu a Faculdade de Direito de Recife em 1947, a biblioteca ainda não existia.

O policial de meia idade conta ter conhecido o famoso educador apenas pela história da educação, segundo ele, pouco repercutida entre os professores da rede. Nascera na década de 1960, época em que Freire despontava no cenário da educação, e mesmo que fosse mais velho, as notícias não costumavam chegar à zona norte, ou se chegavam, eram poucos ali os que sabiam ler ou tinham acesso aos jornais<sup>39</sup>.

Jessé fala com orgulho do conterrâneo enquanto lamenta a atual situação do ensino público. Diz que, embora adorasse lecionar História, decidiu deixar o magistério por questões financeiras. O salário que recebe como policial, apesar de insuficiente, supera o de professor, se consideradas as mesmas horas de trabalho.

Sabe do exílio do colega professor também pelos livros e acredita que se as ações do Movimento de Cultura Popular (MCP), desenvolvidas em todo o Brasil,

---

<sup>39</sup> Na década de 1960, o Brasil contava com 16 milhões de analfabetos (40% da população acima dos 14 anos). Deste montante, 70% habitavam a Região Nordeste do país. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acessado em: 29 set. 2020.

geminadas, porém, no vizinho Sítio da Trindade, não fossem interrompidas pelo Golpe Civil-Militar de 1964, talvez vivêssemos hoje em um país que valorizasse mais o trabalho dos professores, e ele talvez ainda estaria lecionando.

Durante a conversa, Jessé menciona um escritor pernambucano, já idoso, conhecido seu, que, vez ou outra, promove voluntariamente rodas de conversa com frequentadores da biblioteca. Segundo ele, o tal homem teria participado de ações do MCP. Pede licença e, ali, mesmo, diante da visita, liga para o tal escritor perguntando se ele poderia se encontrar com a andarilha para contar o que viu ou presenciou naquela época<sup>40</sup>. Comenta que ainda encontra, embora com cada vez menor frequência, com a atriz Ilva Niño<sup>41</sup>, nas dependências do Sítio, e sugere que a investigadora vá até lá atrás de outras pistas.

Toinha percebe que a conversa terminou e disfarça seu interesse. A visitante, por sua vez, pega alguns volumes na estante e os coloca sobre a mesa. São três, apenas, os livros de Paulo Freire que podem ser consultados ali: *Pedagogia do Oprimido*, *Cartas à Cristina: reflexões sobre a minha vida e a minha práxis* e *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. A leitora procura, nas páginas iniciais dos livros, por possíveis dedicatórias, autógrafos que os tornem objetos singulares. Não encontra. Outra obra selecionada por ela é *O Recife e seus bairros*, do historiador olindense Carlos Bezerra Cavalcanti. Ela é fascinada por mapas e fotos antigas. Indícios de que ficará por ali bastante tempo.

Do outro lado da mesa, a mãe zelosa, não resiste: - *A senhora é professora, não é? Professora de que? Minha menina aqui diz que vai ser professora. A gente ouviu falar que não é mais uma coisa boa, mas sabe que vendo a senhora falar bonito assim com o Jorge fiquei imaginando. Nunca vi alguém gostar dos livros como ela, então eu dou um jeito de trazê-la, pelo menos uma vez por semana, à tarde.* - Parece orgulhosa da determinação da adolescente em frequentar a biblioteca.

---

<sup>40</sup> O escritor mencionado, quando procurado pela professora, gentilmente aceitou conversar sobre sua participação no MCP, adiantando, inclusive, que estivera com Paulo Freire algumas vezes, mas se encontrando ele, naqueles dias, em tratamento contra uma doença grave, disse que a procuraria assim que estivesse em condições de recebê-la. Não retornou a chamada até a entrega deste documento.

<sup>41</sup> Ilva Niño Mendonça é atriz e professora de teatro no Rio de Janeiro, atua principalmente na TV. Ela e o marido, o também pernambucano e diretor de teatro Luiz Mendonça, já falecido, se engajaram na fundação do Movimento de Cultura Popular. Foram responsáveis, ao lado de Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Nelson Xavier e José Wilker, entre outros, pela organização do Teatro Popular do Nordeste (TPN), cuja sede funcionava no Sítio da Trindade, pela disseminação da cultura erudita e popular na região e pela formação de uma geração de dramaturgos, diretores e atores (BARBOSA, 2009, p. 99-108).

A menina, conta, veio por descuido do casal, quase dez anos depois do menino mais novo. Os professores a elogiam. Só tira notas boas.

A mulher reza todos os dias para que os filhos homens não sejam demitidos, como ocorreu com os da vizinhança que trabalhavam numa multinacional do setor automobilístico, instalada, durante o governo Lula, em uma cidade próxima, sob promessa de trazer modernidade à região e oportunidades de trabalho. Conta que, no começo, a empresa até que acolheu a mão de obra local, mas que logo ficou evidente a falta de formação especializada dos trabalhadores, necessária para operar as máquinas, e os meninos do Recife foram substituídos por outros, “estudados”, vindos do Sul.

— *E a senhora, porque não está lendo, também?* – Perguntou a pesquisadora.

Toinha, meio embaraçada, responde que suas vistas estão cansadas e que já não enxerga mais letras miúdas, mesmo com os óculos. Completa afirmando não se incomodar de esperar a filha decidir ir para casa.

A esta altura, a pesquisadora, que adora uma história de vida, afasta os livros à sua frente e coloca os cotovelos sobre a mesa, segurando a cabeça e mantendo os olhos fixos na sorridente senhora que parece ter descoberto alguém uma forma de espantar o sono.

Quando as três saem, já é noite lá fora.

## **Encontros**

Nesta subestação são relatados os encontros, reais e fictícios, da autora com músicos, poetas, escritores, artistas, pesquisadores e pessoas outras, famosas e anônimas, pernambucanas e paraibanas, enfim. Foram selecionadas três crônicas. A crônica *Na casa dos Freire*, traz a segunda das duas únicas narrativas escritas em primeira pessoa, no corpo da tese.

*O encontro de uma pesquisadora conversadora com o cotidiano de um artista e de um educador do Nordeste e do mundo.*

— *Ei, a senhora, aí!* – Sussurrou a garçonete que também fazia o caixa da lanchonete enquanto atendia a loja de souvenir em um museu, no Recife. – *Gostei de*

*conversar com a senhora e, mais ainda, da história que contou sobre ser professora lá no “Sul” e estar fazendo pesquisa aqui no “norte” só para falar de gente importante da nossa terra. Olha – continuou ela – pelo que sei, o Sr. não costuma conceder entrevistas, como a senhora deseja, mas acho que posso ajudá-la a encontrar-se com ele, se não revelar que fui eu quem lhe deu a dica! Está vendo aquele carro preto no estacionamento? – Disse, apontando para a área externa do prédio – Dentro de dez minutos, o motorista sairá com ele de lá e irá até aquele portal, do outro lado do pátio das esculturas, de onde o Sr. Artista sai para almoçar todos os dias, sempre no mesmo horário. Se a senhora quiser trocar uma palavrinha com ele, terá que ser muito esperta, pois o motorista abre a porta do carro, o homem entra rapidamente e os dois saem apressados.*

A pesquisadora conversadora (SPINK P. K., 2008) tratou logo de correr e se posicionar no local indicado. Chovia e ela, então, se abrigou, como pôde, embaixo do portal. Finalmente teria a chance de estar diante do artista plástico que criara a famosa série de desenhos, de temática rural, preparada especialmente para um distinto educador brasileiro compor sua proposta de alfabetização e emancipação de adultos nos chamados “Círculos de Cultura” promovidos no sertão nordestino<sup>42</sup>.

Aquele tempo de espera foi suficiente para que um filme lhe passasse pela cabeça. Lembrou do educador famoso que conhecera ainda na época da faculdade de pedagogia e de quem o único livro lido, entre tantas e tantas publicações, havia sido esquecido numa estante<sup>43</sup>. Recordou o dia em que, pelas mãos de mestres e doutores, reencontrou o autor das pedagogias esperançosas, reapresentado agora sob novas roupagens, em novos contextos. Um potente movimento capaz de aproximar, ainda que por algumas horas, aquela professora, doravante pesquisadora, de uma pessoa muito íntima do referido filósofo-educador da qual recebeu uma

---

<sup>42</sup> Em *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, Freire fala sobre sua relação com o artista (FREIRE, P., 2000, p. 44). Sobre os desenhos, Paulo Freire, segundo Ana Maria Araújo Freire, dizia: “Eram dez as situações concretas, codificações, como as chamo, cuja ‘leitura’ possibilita o começo do desvelamento da atividade cultural humana”. Ainda de acordo com a autora, “Durante o Golpe civil-militar de 1964, a maior parte dos originais da ‘Série Paulo Freire’, como o trabalho ficou conhecido, foi apreendida pelo Exército como material perigoso e subversivo. As obras preservadas encontram-se, hoje, no Museu/Oficina Cerâmica Francisco Brennand, em Recife (FREIRE, A. M., 2017, p. 484). A série de desenhos pode ser vista em (LIMA, 2011, p. 117-129), (FREIRE, A. M., 2017, p. 480-484) e (KIRYLO, 2011, p. 322-334).

<sup>43</sup> Trata-se do livro *Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* de Paulo Freire. São Paulo: Olho D’Água, 1997.

dedicatória com a seguinte inscrição, em um livro biográfico de sua autoria<sup>44</sup> “... com a certeza de que sua curiosidade em torno do Educador vai aumentar depois da leitura desse livro”. Estava entregue a profecia!

A estudante de doutorado jamais imaginaria que, meses depois daquele episódio, seu marido aceitaria uma transferência, à trabalho, para o Recife e que ambos passariam uma temporada morando a uma quadra do endereço onde nascera o educador que se tornaria referência para ela. Também não imaginava que, nas idas e vindas entre os seminários na Universidade de Sorocaba, em São Paulo e as investidas no cotidiano da cultura e da cultura popular da capital e do interior de Pernambuco, estaria revisitando suas convicções sobre métodos e procedimentos utilizados na construção de conhecimento no meio acadêmico.

Quando viu o artista sair de seu ateliê e vir em sua direção com tamanha agilidade – não esperava isso de um senhor tão idoso – correu ao seu encontro com medo de que ele pudesse escapar. Foi logo se apresentando e perguntando: - *Sr. Artista, pesquiso vestígios, fragmentos inusitados do cotidiano de um certo educador para quem o senhor produziu uma série de desenhos...*

Neste momento, o homem parou sua caminhada, voltou-se para a pesquisadora e esboçou um sorriso. Seu semblante, indiferente ao que ela dizia até então, mostrava-se, agora, afável. Então ela continuou:

- *Soube, pela sua assessora, que a série de desenhos que procuro já não se encontra mais exposta. O senhor me permitiria visitar sua reserva técnica para ver as obras e, se possível, fotografá-las?* – E, notando ter capturado sua atenção e que não custava arriscar, emendou:

- *O senhor não me concederia quinze minutinhos para contar como conheceu o educador e em que circunstâncias produziu a série de ilustrações? Em que/quem se inspirou para produzi-la? Se o senhor e o seu acervo sofreram algum tipo de abordagem ou confisco por parte dos militares, por esse motivo? Gostaria de saber também o que lembra da perseguição que o seu colega e conterrâneo sofreu durante o regime militar e o que pensa dessa nova investida que estamos assistindo hoje contra a obra do educador e o seu legado...*

---

<sup>44</sup> Refere-se ao livro *Paulo Freire: uma história de vida*, de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

- *Procure minha secretária, converse com ela, diga que autorizo* – disse o artista, encerrando o já enfadante interrogatório, enquanto retomava o seu caminho apressadamente.

Sob o efeito daquele momento e da resposta surpreendentemente positiva que recebeu, a inquisidora não teve tempo de perguntar se a conversa com ele também estaria incluída naquele “autorizo”. Não estava. Se estivesse, entretanto, talvez ela não teria tido acesso à enorme quantidade de material físico e virtual disponibilizado por aquela assessora que, avisada por ele, se desdobrou em cuidados para que as perguntas da pesquisadora pudessem ser respondidas de outra forma, encontradas em outras fontes, que não fosse a narrativa oral e presencial do artista.

E foi por meio de conversas, em mais de um encontro com a gentil bibliotecária, que a estudante teve acesso a inúmeros documentos, vídeos e fotos sobre a relação do seu ícone com o Sr. Artista, além de ter sua entrada permitida na reserva técnica do museu, onde pode manusear os desenhos originais, agora emoldurados. Material que a própria moça havia organizado quando um autor norte americano que costuma se debruçar sobre as Teorias Pós-modernas da Educação esteve no Recife para investigar a trajetória de um certo educador nordestino internacionalmente reconhecido.

A pesquisadora conversadora pode não ter tido êxito na tentativa de falar com o artista, mas por meio da assistente dele, conseguiu contato com o tal escritor. Na troca de mensagens pelo correio eletrônico, o pesquisador se prontificou a lhe enviar um exemplar do seu livro, caso ela não conseguisse adquiri-lo no Brasil. E foi nos registros de uma entrevista que o autor fez com o Sr. Artista, que ela encontrou a surpreendente resposta para algumas das suas questões:

Apesar de minha reconhecida admiração por Paulo Freire, nossas relações foram apenas circunstanciais. Fui apresentado a ele por Ariano Suassuna, amigo íntimo do educador, que disse que eu era o artista ideal para ilustrar os desenhos. Meus desenhos sempre foram marcados por muita inocência de significado. A simplicidade do coração é que vai levar a entendê-las e interpretá-las. Nada de especial, nenhum pensamento oculto. Os desenhos são o que são. (KIRYLO, 2011, p. 321, tradução da pesquisadora).

Tudo ali, diante de seus olhos, nas palavras do próprio artista, ditas, não para ela, mas para um estrangeiro. Esse detalhe, porém, será que realmente importa?

### *O outro lado de Olinda*

A campainha soa lá dentro. Uma casa simples. Seria ali, mesmo?

Dessa vez, ela não chega à Olinda pela Avenida Agamenon Magalhães, subindo pela Praça do Carmo, sentindo a brisa do mar e fazendo o encantador percurso pelas ladeiras, mosteiros e mirantes do centro histórico, onde há uma profusão de galerias e ateliês integrados à bem cuidada arquitetura colonial, predominantemente barroca que, neste percurso, se descortina.

Muito ao contrário. Chega ao almejado endereço pela Avenida Pan Nordestina, do outro lado da cidade, passando pelo cemitério e por ruas que poderiam ser as de qualquer periferia de uma cidade mediana na região Sudeste, onde mora.

O ateliê que lhe fora indicado não tem fachada, tampouco uma placa no muro desbotado que identifique o local ou o artista que ali residiria, mas a anotação parece correta e, pela fresta do portão, dá para ver algumas esculturas na área em frente à pequena varanda. Teria perdido a viagem?

Insiste na campainha, mais uma vez. Algum tempo depois, aparece um homem magro, grisalho, sem camisa e descalço, vestindo apenas uma calça de sarja folgada, presa à cintura por uma cinta de couro bastante surrada. Trazia respingos de tinta por todo o corpo negro, mais ainda na mão direita que sustentava o cigarro aceso.

Notando o estranhamento do sessentão – que não deve receber muita visita ali, imagina –, trata logo de se apresentar, informando-lhe que é amiga de um grande amigo dele de São Paulo e que está ali para trazer saudações do antigo parceiro, conhecer o seu trabalho e, possivelmente, conversar um pouco sobre a pesquisa que está fazendo no Recife.

O semblante do artista muda completamente quando, depois de alguns instantes – e parecendo menos confuso –, associa o nome do amigo à pessoa e, então, abre um sorriso de satisfação, convidando-a para adentrar a varanda.

Chega da rua sua esposa, estaciona o carro na garagem e, percebendo a alegria com que o companheiro apresenta a visitante e se refere ao amigo, ora distante, junta-se a ele em gentilezas e boas-vindas.

Começam a mostrar e a falar sobre as esculturas que estão por todo canto, ao relento, ainda na entrada da casa. Uma pequena área coberta guarda algumas pinturas enfileiradas, aparentemente inacabadas.

Convidam-na para entrar. Dentro da casa, o espaço parece maior do que quando visto de fora, talvez porque as paredes divisórias originais tenham sido retiradas. De alto a baixo, paredes tomadas pelos trabalhos revelam as diversas fases e inspirações do artista, que também é músico. Telas coloridíssimas ao lado de pinturas monocromáticas, umas abstratas, outras realistas. Está terminando uma série de minitelas em pontilhismo sobre fundo preto, encomendada por um cliente que, segundo ele, levará sua obra para a França. Separa uma delas para a visitante entregar ao seu amigo paulista enquanto conta histórias sobre como o conheceu.

Relata um pouco da sua trajetória e das agruras de ser um artista popular. Pega o violão e mostra uma de suas canções que, segundo ele, foi censurada em um dos festivais de música da capital pernambucana do qual participou na época da ditadura civil-militar. A letra é carregada de expressões de duplo sentido, as quais ele faz questão de, orgulhosamente, explicar uma a uma. Sua esposa, o tempo todo ao telefone, denuncia ser sua *marchand*: “*Ele não sabe dar valor ao próprio trabalho. Se não sou eu...*”

A pesquisadora pergunta sobre a relação dele com outros artistas do Recife, especialmente aqueles que ela tem mencionado em sua pesquisa e que estiveram próximos de Paulo Freire.

O escultor diz ter conhecido pessoalmente Francisco Brennand – aquele que produziu, em 1963, uma série de ilustrações de “situações existenciais” para serem utilizadas por Freire nos Círculos de Cultura. Conta que esteve algumas vezes em sua presença e que, certa ocasião, o famoso artista-plástico chegou a elogiar o seu trabalho, numa atitude que considerou de muita generosidade.

Do multiartista Abelardo da Hora – amigo e companheiro de Paulo Freire na coordenação do Movimento de Cultura Popular (MCP), no início dos anos 1960, o anfitrião não guarda boas lembranças. Convida a visitante para a área externa da casa, onde ficam suas esculturas e, apontando-as, relata ter ido à casa de Abelardo, no centro do Recife, como costumavam fazer outros artistas na intenção de receberem dele aulas ou dicas para seus trabalhos.

Conta que foi pedir orientações sobre uma nova técnica de escultura que o já consagrado artista descobrira e que estava utilizando – em razão dos problemas de saúde causados pela aspiração do pó das pedras naturais (mármore e granito) – e diz

ter recebido como resposta um sonoro “Se vira!” do colega famoso, o que considerou uma tremenda demonstração de pouca camaradagem<sup>45</sup>.

Perguntado se conheceria Ariano Suassuna – amigo de Paulo Freire e de Brennand –, comenta que, quando Suassuna era Secretário de Cultura de Pernambuco, no governo de Miguel Arraes (1994-1998), foi, mais de uma vez, ao gabinete do secretário na tentativa de conseguir verbas para promover exposições de artistas da região que, como ele, precisavam de ajuda para se lançarem no mercado.

Conta que, como músico, certa feita levou até o servidor público uma fita demo com seu trabalho e afirma ter ouvido de Suassuna que os recursos disponíveis na Secretaria eram poucos para distribuir entre tantos artistas que o procuravam. Lembra que sentiu um certo desprezo de Ariano pelo seu material e que, muito irritado, o tomou das mãos do secretário. Esbravejando, saiu da sala acusando a administração pública de sistematicamente promover apenas compositores do calibre de Alceu Valença, por exemplo, prática esta, segundo ele, do conhecimento de todos. A pesquisadora não consegue esconder a surpresa e o constrangimento diante do desabafo.

A tarde cai em conversa entrecortada por silêncios e lembranças. Em despedidas e agradecimentos, se encerra. No retorno ao Recife, nada da brisa do mar, nada do colorido do centro histórico, somente histórias do lado menos bonito de Olinda.

### *Encontro de/com “meninos do Recife” em três atos*

#### 1º Ato

A pesquisadora sai do apartamento onde está hospedada, no cruzamento da Estrada das Ubaias com a Estrada do Encanamento, no bairro de Casa Amarela. Toma o coletivo 561 que a levará até o centro de Recife. Mais uma vez, como quase todos os dias, passa em frente ao local onde nasceu e morou Paulo Freire até os dez anos.

---

<sup>45</sup> Guita Charifker, aluna de Abelardo da Hora e, com ele, professora de arte no MCP, afirma à pesquisadora Letícia Barbora Rameh que, no Movimento (1960-1964), não havia distinção: “Qualquer pessoa que se submetesse (às aulas), fosse menino de Santo Amaro ou fossem mocinhas de Boa Viagem, eram tratados da mesma maneira” (BARBOSA, 2009, p. 97).

Tantas vezes já parou diante do edifício de apartamentos que agora ocupa aquele espaço e ficou olhando para a placa com a inscrição “Aqui nasceu o maior educador brasileiro” tentando imaginar aquela movimentada rua no contexto da década de 1920. Teria sido a casa de Freire parecida com a antiga casa ao lado do edifício que, ora abandonada, ainda resiste à verticalidade reinante? Existiria pela vizinhança algum morador antigo que se lembrasse de Dona Tudinha e de seus filhos?

Mais adiante, ainda na mesma rua, o ônibus faz mais uma parada em frente ao Sítio Trindade, local que centralizou a resistência à invasão holandesa no século XVII e que, mais tarde, no início da década de 1960, abrigou boa parte das atividades desenvolvidas pelo Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP).

Novamente, fica tentando imaginar Paulo Freire, Abelardo da Hora, Ariano Suassuna e outros artistas e intelectuais da época, reunidos nas salas daquele imenso chalé rosado, discutindo os próximos passos que dariam rumo à materialização de uma educação popular dentro de um projeto de cultura popular. Cultura para além da assimilação dos padrões europeus. Cultura fruto da possibilidade de deglutição de culturas, mas principalmente produtora e valorizadora de regurgitações periféricas.

Dentro do ônibus, sem ar-condicionado, ouve o coro de buzinas dos carros presos no trânsito caótico – recorda de ter ouvido que em nenhuma outra cidade do Brasil esse dispositivo é tão acionado. Sente, vez ou outra, ao abrir e fechar das portas do coletivo, no entrar e sair dos passageiros, uma leve brisa que ameniza o calor de 30° à sombra, os açoitando já às oito da manhã, trazendo com ela o cheiro de lixo e lama parada na sarjeta, misturados pela chuva recente e pelos frequentes alagamentos na “vенеza brasileira”.

Observa a paisagem contraditória que, durante o percurso, se apresenta: largas avenidas, prédios altíssimos e envidraçados, modernas pontes estaiadas, gente bem-vestida em seus carrões, lindas esculturas e murais de artistas pernambucanos em fachadas e jardins de edificações com mais de mil metros quadrados – lei municipal de 1961, sugerida pelo pintor e escultor Abelardo da Hora.

Cena repentinamente cortada para ruas de chão batido, esburacadas, com suas pequeninas casas ou barracos, curiosamente gradeados nas janelas e portas, pessoas transitando a pé, descalças ou com percatas de couro. Cena novamente cortada para ruas e passeios estreitos, calçadas com pedras, cercadas por prédios antigos, muitos deles abandonados, praças malcuidadas e, nelas, camelôs vendendo de um tudo, bugigangas de plástico, em sua maioria. Vê estátuas vilipendiadas como

a de Clarice Lispector, em frente à casa onde viveu na infância, na praça Maciel Pinheiro. Murais e painéis degradados como o extenso (32,5m) *A Batalha dos Guararapes*, de Francisco Brennand, na Rua das Flores. Paisagens do “Recife sempre” de Freire:

Cidade bonita

Cidade discreta

Difícil cidade...

[...] Não me entendem

Se não te entendem

[...] Buscando apenas que cada vez mais

que menos meninos

tenham fome e

tenham dor

sem saber porque

O que penso que digo

O que escrevo

O que faço

Tudo está marcado por ti.

Paulo Freire. Santiago, fevereiro 69 (FREIRE A. M., 2010, p. 348)

## 2º Ato

Finalmente, chega à Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Busca pelo catálogo da exposição *Amor e Solidariedade*, de Abelardo da Hora, uma retrospectiva da sua produção, realizada na capital pernambucana e apresentada em outras capitais do Brasil. O livro de arte traz, entre outras imagens, uma série de gravuras intitulada *Meninos do Recife*, produzidas pelo famoso artista plástico (DA HORA, 2011). A série, produzida em 1962, a bico de pena, retrata o cotidiano de esqueléticos meninos e meninas recifenses que sobrevivem entre o trabalho infantil no comércio e na cata dos caranguejos na lama dos manguezais e os raros momentos de brincadeira.

Desvia um pouco o olhar para o balcão à sua frente e vê estampada, na primeira página do jornal *Folha de Pernambuco*, daquele 24 de outubro de 2019, uma

foto que ocupa meia página. A imagem, assim como as de Abelardo, também apresenta um garoto.

Trata-se de Everton Miguel dos Anjos, um “menino do Recife” de 13 anos. O que lhe cobre a cabeça, os braços e todo o corpo, entretanto, não é a lama do mangue, como na gravura do artista. É óleo, petróleo derramado abundantemente no Oceano Atlântico, próximo à costa brasileira. Seu semblante cansado denuncia há quantas horas vem tentando remover as manchas de óleo que impiedosamente atingiram a praia onde sua mãe toca um bar. “*A gente depende disso*”, disse ele ao jornalista, referindo-se à pesca, agora comprometida. A imagem, como se sabe, ganhou a mídia internacional. Mas, e Everton? O que será dele e de sua mãe?

Transcreve uma fala atribuída a Abelardo, publicada em página da Fundação Joaquim Nabuco sobre o artista que, para ela, o aproximaria do seu contemporâneo amigo, Paulo Freire:

Faço a minha arte respondendo a uma necessidade vital. Como quem ama ou sofre, se alegra ou se revolta, aprova ou denuncia e verbera. Fruto das coisas que a vida ensina [...] A marca mais forte do meu trabalho tem sido, entretanto, o sofrimento e a solidariedade. A tônica é o amor: o amor pela vida, que se manifesta também pela repulsa violenta contra a fome e a miséria, contra todos os tipos de brutalidade, contra a opressão e a exploração. (GASPAR, 2019).

O que teriam conversado sobre esse tema Abelardo e Freire, dois “meninos do Recife”, no cotidiano do Movimento de Cultura Popular? Teria Freire, após uma destas conversas, assistido à cena da chegada dos dois canhões em frente ao Sítio Trindade e à prisão do “subversivo”, “perigoso” e raquítico amigo?

Num exercício reflexivo, a pesquisadora reconhece a mesma forma de imprimir a “fome e o brado” (1947) da sofrida gente nordestina, tão presente nas primeiras obras de Abelardo, expressa também em trabalhos de Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Josué de Castro, Paulo Freire e tantos outros sujeitos locais, de ontem e de hoje. Gente como o menino Everton, forjada no cenário da aridez e da lama ou da degradação ambiental, política, econômica e social em que sempre esteve envolvido o nordeste brasileiro.

Para Ana Maria de Araújo (Nita) Freire a “compreensão epistemológica e antropológica” de Paulo Freire “não poderia ser tal qual é se Paulo fosse um homem do sudeste brasileiro. Mais ainda se tivesse nascido e vivido no Norte gelado, cujas

relações quase sempre são de pouco afeto e muito pouca alegria” (FREIRE, A. M., 2010, p. 349).

Mencionando o poeta Josué de Castro, a viúva do educador afirma que “Só pensa e só age como Paulo pensou e agiu quem nasce na terra dos mangues, dos alagados, de gente que vive de “caranguejos e com sua carne de lama fazem a carne de seu corpo e a do corpo de seus filhos [...] quem viu nascer milhares de homens e mulheres de “vida severina”, de “destino severino” (FREIRE, A. M., 2010, p. 349).

João Cabral, Suassuna e Abelardo Da Hora nasceram na mesma década que Paulo Freire e vinte anos, no máximo, os separava de Gilberto Freyre e Josué de Castro, por exemplo, todos recifenses, se considerarmos que Suassuna e Abelardo ali foram criados, desde muito pequenos. Nesse sentido, pode-se dizer que o século XX chegou derramando não óleo, mas bons auspícios sobre a cultura nordestina brasileira.

A observação de Nita – de que há encontros inevitáveis entre o pensamento e as angústias de recifenses – pode ser constatada no trabalho da socióloga Teresa Sales. Em seu livro *João Cabral e Josué de Castro conversam sobre o Recife* (SALES, 2014), a autora promove um encontro fictício, em um bar, no bairro do Recife Antigo, entre o poeta e o sociólogo e busca aproximar as obras desses intelectuais em um diálogo interessante, do ponto de vista, digamos, histórico transcendente. Encontro no qual outros pernambucanos bem poderiam ter estado presentes.

O mesmo ocorre com Cabral e Castro na ficção de Sales (2014), Freire bem poderia ter se sentado à mesa com eles. Certamente teriam muito o que conversar. Josué de Castro, ilustre político e médico, registrou, ainda na primeira metade do século passado, o sofrimento do povo pobre de Recife. Também geógrafo de formação, pensava o planejamento urbano do município. Em 1946, ao publicar *Geografia da Fome*, desenvolve o conceito de fome (endêmica e epidêmica) propondo soluções para a sua erradicação. O que teriam os três discutido nesse fantástico encontro? As relações entre educação e desenvolvimento socioeconômico?

O livro seguinte de Castro, *A cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana*, publicado em 1947, de tão contemporâneo, foi relançado em 2015. Nele, Josué fala da migração dos que abandonam o sertão, o agreste, e até mesmo a Zona da Mata em direção a cidade do Recife atrás de melhores condições de trabalho. No entanto, encontram a cidade já ocupada e com poucos terrenos disponíveis, muitos deles nos morros ou em áreas alagadiças.

A contemporaneidade da sua obra fica evidente quando, a partir dos anos 1980 começam a proliferar os problemas com mortes por deslizamentos de casas nas encostas dos morros ou por doenças causadas pela contaminação nas áreas alagadas. Pelo seu trabalho de alcance internacional, Josué de Castro foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz por 4 vezes. Teve, entretanto, seus direitos políticos cassados em 1964.

Quando João Cabral de Melo Neto publica os poemas *Cão sem Plumas* (1950) e *Morte e Vida Severina* (1955), certamente não tinha noção, assim como Paulo Freire, de que suas inspirações – e expirações - estariam alcançando ares tão longínquos.

*Morte e Vida Severina*, por exemplo, adaptado para o teatro pela primeira vez no final da década de 1950, pelo grupo Norte Teatro Escola do Pará, foi encenado, em 1965, na França e em 1966, no Teatro Tuca, na PUC, em São Paulo, com trilha sonora composta por Chico Buarque. O texto de João Cabral também foi adaptado para a TV aberta, sob a direção de Walter Avancini, em 1981, e serviu de base para a adaptação, em 2010, do texto e das ilustrações do desenho animado produzido pela Ozi – Escola de Audiovisual de Brasília, com recursos do Ministério da Educação, via Fundação Joaquim Nabuco e TV Escola, responsáveis pela realização do projeto.

Em 2015, foi a vez do canal Globo News produzir o documentário *Morte e Vida Severina, 60 anos depois* e, em 2017, a coreógrafa Débora Colker, depois de uma residência com seus bailarinos por cidades ribeirinhas no curso do Rio Capibaribe, passando pelo agreste, zona da mata e litoral de Pernambuco, apresentar sua versão do poema “Cão sem Plumas”, do mesmo autor, em um espetáculo no Rio de Janeiro.

Trajetória semelhante tem percorrido *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Projeto concebido em 1955 inicialmente para o teatro, transformou-se em minissérie na TV Globo, em 1999. Nas telas do cinema, em 2000, levou mais de dois milhões de espectadores aos cinemas do Brasil conquistando expressivo público nos países da América do Sul. O cineasta italiano Roberto Rossellini, empenhado em produzir filmes abordando o tema, também se interessa por adaptar o texto para o cinema.

Suassuna, mais de uma vez, declarou seu apreço por Freire, amigo de longa data. É ele quem solicita ao também amigo e artista plástico Francisco Brennand, outro recifense, que produza uma série de ilustrações para serem usados nos Círculos

de Cultura coordenados por Freire nas cidades do interior do Nordeste (FREIRE, P. 2000, p. 44).

A luta de Chicó e João Grilo contra o patriarcado rural e a burguesia urbana que marca o texto de Suassuna não faria parte de um enredo engendrado em encontros com seu companheiro de tendências esquerdistas na varanda da casa do escritor, na Rua Chacon, ali na Casa Forte, pertinho de onde a pesquisadora está hospedada?

### 3º Ato

Para a reunião dos “meninos do Recife” vem chegando Kleber Mendonça Filho, cineasta que acaba de estreiar o seu *Bacurau* (2019) nos cinemas do Brasil. O longa se passa em uma cidade fictícia de mesmo nome, no interior de Pernambuco. Na trama, o vilarejo começa a ser sabotado por grupos interessados em exterminar o local - nos mapas oficiais, a cidade já nem existe mais. Água, comida e sinal de celular também já foram cortados, e quando forasteiros aparecem na região, os habitantes se unem para resistir ao extermínio. Um estado de indiferença humana é manifesto nas relações políticas e sociais por meio da invisibilidade, desprezo e/ou eliminação do outro.

Mendonça Filho, aliás, desde o curta-metragem *Recife frio* (2009) e o longa *O som ao redor* (2012) vem mostrando a vida por traz do glamour da turística “vенеza brasileira” e discutindo a questão do direito à existência, à moradia e a resistência da população oprimida diante do avanço da especulação imobiliária. No documentário *A Feira* (2013), em exibição permanente no Museu do Cais do Sertão, em Recife, o cineasta escancara a naturalização da posse e uso de armas no sertão nordestino. Onde teria ocorrido o encontro de Kleber com Paulo Freire? Certamente teriam se falado. Que referências ou sugestões de pesquisa e leitura teria dado o filósofo educador ao cineasta?

Ao grupo dos “meninos”, ainda que por pouco tempo, junta-se Francisco de Assis França, mais conhecido como Chico Science, precursor do movimento Manguebeat, que eclodiu em 1991. Sua obra, que mistura maracatu, o mais antigo ritmo afro-brasileiro, a outros ritmos como rock, hip hop, funk e música eletrônica, tem como principal característica as letras das músicas nas quais reside críticas à

indiferença política e econômica em relação às comunidades que habitam os mangues e às desigualdades sociais que marcam a cidade.

O símbolo do movimento é a imagem do caranguejo, principal fonte de renda dos trabalhadores da região dos mangues. O primeiro disco lançado pela banda Nação Zumbi, foi *Da Lama ao Caos*, em 1994, e uma das músicas mais conhecidas interpretadas por ela é "Maracatu Atômico", de Jorge Mautner. Tivesse resistido ao acidente de carro que o levou precocemente, não teria Paulo Freire marcado um encontro com o compositor num dos bancos da Rua da Aurora, próximo à metálica e esquelética escultura do caranguejo gigante? Não teria Freire levado a letra do seu poema "Recife Sempre" para o jovem amigo melodiar?

- *A senhora precisa de mais alguma coisa?* - Pergunta a gentil bibliotecária à pesquisadora, trazendo-a de volta de seus devaneios. A pesquisadora se dá conta do horário avançado ao ver as moças trocando de turno na recepção daquele setor da biblioteca. Encontro encerrado.

- *Não, muito obrigada! Por hoje é "só" isso, mesmo!*

### *Na casa dos Freire*

Aconteceu no dia sete de fevereiro de 2019. Desde cedo estava preocupada com esse encontro porque a possibilidade de estar particularmente com a viúva de Paulo Freire me causava muita apreensão. Tinha medo de dizer a palavra errada, de ser inoportuna, invasiva, e ao mesmo tempo sua preocupação também era de que tudo desse certo em relação à coleta da assinatura Nita nos documentos que a pesquisadora levaria para Recife.

Chamei um carro de aluguel por aplicativo porque não me sentia em condições de dirigir, tamanho o nervosismo que me tomou. Tinha também a perspectiva de não encontrar vaga em estacionamentos próximos a casa dela.

Coloquei os documentos em uma pasta, peguei minha bolsa e um exemplar do livro *Trinta anos no quintal: trajetórias atravessadas pela educação ambiental* do qual fui organizadora, fiz uma dedicatória para Nita onde escrevi que desejava que algum fragmento das narrativas contidas no livro a atravessasse com alegria.

Durante o trajeto, com o coração acelerado, ia pensando nas muitas perguntas que gostaria de fazer a ela, especialmente aquelas relacionadas com minhas

andanças pelo Recife. Sem pensar muito, já havia elencado umas dez, mas as deixaria guardadas pois a gentil senhora havia aceitado me receber para falar dos documentos.

Em momento algum solicitei uma entrevista, então, seria mais prudente guardá-las, quem sabe, para uma próxima vez. Cada lugar que visito, cada história que eu ouço, cada leitura que faço vou colecionando dúvidas. Algumas respostas eu já havia encontrado em algumas obras, outras imagino que estejam nos livros que ainda não li, mas não sei bem onde procurar.

Tanto o Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010), quanto o livro Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica (PITANO; STRECK; MORETTI, 2019) têm me ajudado muito a situar os conceitos e interlocutores de Freire em suas obras, mas ainda assim fiquei um tanto receosa de demonstrar, diante de Nita, minha ignorância a respeito de algum, entre tantos conceitos cunhados por Freire, ou por desconhecer eventos que já tenham sido publicados, os quais desconheço, ainda mais tendo visto o quão minuciosa e detalhista Nita foi ao escrever *Nita e Paulo: Crônicas de amor* (FREIRE, A. M., 1998), *Nós dois* (FREIRE, A. M., 2013b) e *Paulo Freire: uma história de vida* (FREIRE, A. M., 2017). Como só havia conseguido, até então, ler apenas alguns fragmentos desses livros, não queria correr o risco de perguntar a ela sobre algo que já havia sido publicado.

Ao chegar em frente ao endereço de Nita, desci do carro e somente ao tocar o interfone me dei conta de que havia esquecido a pasta com os documentos e o livro, que era para ser um presente, no banco traseiro do carro. O motorista já partira.

Como é que alguém pode pegar apenas a bolsa e esquecer dentro do carro o que era mais importante?

Eu só pensava na pasta e no livro. Nita já havia autorizado minha entrada, faltavam apenas cinco minutos para o horário marcado, não dava para voltar em casa, imprimir novas cópias dos documentos, pegar outro livro e fazer nova dedicatória. Também seria impensável pedir a uma senhora idosa e muitíssimo ocupada que adiássemos o encontro. Sabe-se lá quando ela teria outra data.

Diante da situação, fiquei completamente desestabilizada. Como eu explicaria o acontecido? O que ela pensaria de mim? Só me restava seguir em frente.

Minha fisionomia certamente estava traduzindo meu estado, pois quando Nita e sua secretária vieram até a porta me receber e ouviram o meu “boa tarde, professora!”, ela imediatamente perguntou: “Nossa, menina, você está pálida, o que

houve?” E pediu à moça que buscasse um copo de água para mim, enquanto me convidava para entrar.

Eu, pedindo muitas desculpas, sentindo-me uma irresponsável e admitindo estar envergonhada, expliquei a situação. “É por isso que quando eu tenho que levar documentos eu os carrego no colo”, ela exortou. Enquanto me conduzia ao seu escritório ia aconselhando: “Tente se tranquilizar. Ligue para a empresa de táxi por aplicativo e veja se consegue falar com o motorista”.

Eu sabia que talvez isso fosse possível porque uma de minhas filhas já havia esquecido o celular dela numa dessas corridas, mas a sensação de que esse procedimento não daria certo comigo era enorme. Minhas mãos tremiam e eu só pensava que tudo o que eu havia imaginado para aquela tarde tinha começado mal e terminaria pior ainda. Tomei a água trazida pela secretária enquanto Nita dizia: “Olha, vou ali responder uns e-mails e você vai tentando ligar”.

A situação parecia agora menos difícil porque agora eu podia respirar fundo, me acalmar e tentar encontrar o motorista. Enviei mensagem para o serviço de atendimento ao usuário explicando e eles me disseram que passariam meu contato para o motorista. Claro que já estava considerando o caso como perdido, pois acreditava que, caso o motorista decidisse me ligar, faria isso depois de algumas horas, ou pior, depois de alguns dias.

Imediatamente Roberto me ligou, dizendo que não estava longe dali, mas que havia acabado de entrar em horário de almoço. Expliquei novamente a situação, dizendo que não daria para esperar uma hora. Pedia “pelo amor de Deus”, e por uma gorjeta, que ele adiasse a refeição. Quando o moço disse que me atenderia, e que estaria em frente ao endereço em dez minutos, duvidei: “Ele falou que virá somente para encurtar a conversa, me fará esperar por uma hora ou mais, se é que pretende mesmo me ajudar...”.

Pedi licença à Nita, fui até o portão e fiquei à espreita. Aqueles dez minutos duraram uma eternidade para mim: “E se ele não vier?”

Nunca vi tantos carros brancos passarem pela rua em tão curto espaço de tempo. Cada um que passava eu observava a placa. Quando o sedan branco com a placa QQJ parou diante de mim e eu vi o material no banco traseiro, quase desmontei. Por que será que pensamos sempre o pior quando se trata de esperar por um favor, uma gentileza?”

O motorista sorria para mim e eu só conseguia dizer: “Obrigada, Roberto, muito obrigada, você salvou a minha vida!” Ele se recusava a aceitar a gorjeta que eu estava oferecendo, mas insisti. Então me disse que o valor da gorjeta corresponderia a uma corrida dali até o aeroporto de Guarulhos, naquele horário. Eu respondi que se eu tivesse mais dinheiro na carteira, teria entregado tudo a ele, pois somente eu sei o que significou aquela atitude de Roberto.

Entrei novamente na casa de Nita, agora mais calma. Ela continuava ocupada e pediu que eu me sentasse no sofá de seu escritório e que a aguardasse um pouco, o que me fez sentir que, de certa forma, ela aproveitara aquele tempo “perdido” com outras atividades. Menos mal.

Fiquei então observando os livros, os quadros e as fotos que compõem a decoração. Do meu lado direito, uma caricatura de Freire emoldurada e pendurada na parede. Arte de Claudius Ceccon que eu já havia visto na primeira página da biografia “Paulo Freire: uma história de vida”. No desenho, Freire, em trajes sertanejos, tem um vulcão em erupção saindo de sua cabeça e, nas mãos, um bodoque com o qual atira, no lugar da pedra, conscientização.

Na parede, atrás do sofá, outra caricatura, à lápis, provavelmente desenhada por algum conterrâneo de Freire pois lê-se “Recife” no canto inferior direito, logo abaixo da assinatura - ilegível.

Fotos de Nita com os filhos e netos do primeiro casamento, e outras com Paulo, em viagens. Do sofá, avistei, no corredor da casa, uma foto tela de Nita recebendo um fraterno abraço do Papa Francisco. Me senti especial por estar ali, diante daquela imagem. Dias antes, havia assistido ao filme *Dois Papas* e ficado surpresa com uma rápida cena em que Jorge Mario Bergoglio, no início de seu sacerdócio, tem um exemplar de “pedagogia do oprimido” em suas mãos, dando a entender que a leitura dessa obra de Freire o teria impactado.

Neste momento, me dei conta da honra que me fora concedida estar na casa onde Paulo Freire viveu seus últimos dias. A imagem da foto-tela me remete, imediatamente, ao auditório do Instituto Sedes Sapientiae, onde, no dia 10 de setembro de 2019, ocorreu o evento “Paulo Freire: educação e política no enfrentamento do obscurantismo”. Nesse evento, Nita Freire, em uma mesa com Marcos Reigota e Jorge Pontual, tornava pública sua audiência com o Papa Francisco, no Vaticano, e narrava detalhes do seu encontro com o sumo pontífice.

Nessa narrativa, Nita contou que levou uma caixa de madeira, cuidadosamente produzida por um marceneiro, repleta de obras de Paulo Freire, inclusive textos dele escritos em parceria com ela. O Papa diz à idosa fiel que sua opção pelos pobres se deu na leitura da *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, [1968], 2014). Corri os olhos para ver se encontrava, na estante de Nita, “*Pedagogia do Oprimido: o manuscrito*” (MAFRA; ROMÃO; GADOTTI, 2018), aquele que, por um descuido, deixei escapar de minhas mãos estando em um sebo no Recife.

Contei a Nita esse episódio da minha “arqueologia” e ela me disse que aquela limitada edição havia sido impressa para ser entregue em forma de homenagem a alguns professores, mas que diante da comercialização por parte de algumas pessoas que o receberam gratuitamente, o projeto se perdeu. Naquele dia não tive coragem, talvez por conta da minha gafe, mas hoje, certamente, se visse o livro na sua estante, pediria uma doação.

Nossa conversa começou com Nita perguntando sobre a minha pesquisa no Recife, como eu havia chegado até lá. Contei um pouco sobre o meu percurso e ela disse que tinha muito interesse pelo histórico de Freire na Faculdade de Direito e que ficou muito feliz de saber que havia alguém pesquisando em Recife. Disse também que era muito oportuno porque há algum tempo pessoas vêm pedindo a ela boletins, históricos escolares para compor uma publicação com a trajetória escolar de Freire, mostrando como ele era como aluno. Ela disse que informações e históricos escolares anteriores à graduação ela já havia coletado em arquivos no Rio de Janeiro, inclusive documentos referentes à época em que Freire estudou no Colégio Osvaldo Cruz, de propriedade do pai dela, o Sr. Aluizio Pessoa de Araújo, em Recife. Colégio no qual, depois, foi também professor (FREIRE, A. M., 2017, p. 57).

Neste momento, vi a oportunidade de fazer uma pergunta que há muito vinha buscando respostas. Quis saber de Nita, se aquele prédio antigo, na Rua Dom Bosco, no Bairro Boa Vista, em Recife, que hoje abriga o Batalhão de Polícia de Radiopatrulha, em frente ao qual já passara diversas vezes de ônibus e a pé era o mesmo onde havia funcionado o colégio de seu pai. Não levei em conta a questão do número porque imaginei que pudesse ter sido trocado, com o passar dos anos.

Contei que, por causa das fotos e de outras pistas que encontrei no livro dela, estive no prédio conversando com alguns servidores. Fui convidada a entrar, visitar as dependências a procura de alguma pista, mas ninguém soube me informar. Me sugeriram que procurasse a biblioteca do Quartel da Polícia Militar, pois lá talvez eu

encontrasse alguma informação. Não era tão longe, então nem o calor do meio-dia me impediu de caminhar até o Quartel.

Fui recebida pelo sargento que, entre outras atividades, também administrava a pequena biblioteca. Ele me disse, embora fosse desnecessário, que raramente alguém visitava aquela saleta. Com muita paciência, foi remexendo pastas e caixas e colocando sobre a mesa alguns livretos com textos e imagens da história da corporação e do prédio, mas em nenhum deles havia menção ao nome do Colégio, nem ao nome do pai de Nita, como proprietário do prédio, pelo contrário, havia o nome de um outro homem que teria adquirido o imóvel pouco tempo antes do período em que teria funcionado o colégio.

Nita, então, começou a me contar que o prédio ao qual eu me referia não havia abrigado o colégio, mas fora, sim, sua casa. Contou que a mãe dela sonhava em morar naquela casa e que, por isso, o pai arrematou o imóvel em um leilão. Que a casa havia pertencido a um homem muito rico, mas que acabou perdendo sua fortuna. Disse também que a casa era muito grande e por isso difícil de ser mantida. Contou que havia uma capela nos fundos, numa área que, naquela época, ainda fazia parte do terreno.

Outros temas foram abordados na conversa com Nita. Ela estava curiosa para saber quantas mulheres haviam se formado em Direito na turma de Paulo Freire. Também falou da questão do machismo, que Freire não se achava machista, até que uma interlocutora estadunidense questionou seus escritos nos quais sua linguagem era sexista. Ela conta que, em resposta, ele justificou dizendo que fora por causa da sua criação, pela mãe que não permitia que ele entrasse na cozinha pois era lugar de mulher, mas que ele reconheceu o uso dessa linguagem e, desde então, passou a escrever para homens e mulheres.

Nita me pediu, em seguida, que além de acessar os documentos no arquivo da Faculdade de Direito, eu solicitasse cópias do material para ela. Mais uma vez, me senti novamente honrada pela possibilidade de poder atender a um pedido da viúva do patrono da educação brasileira.

Um dos documentos era o termo de autorização para a digitalização do texto original da tese de doutoramento de Paulo Freire “Educação e atualidade brasileira” cuidadosamente guardada na biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco.

Infelizmente, Nita não pode firmá-lo, pois o documento pedia a assinatura do titular dos direitos autorais sobre aquele material. Me explicou que a ela pertencem

somente os direitos autorais dos textos e obras de Paulo Freire e dele em parceria com ela, publicadas a partir de *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, de 1992. Caso os termos “titular dos direitos autorais da referida obra” pudessem ser trocados por “na qualidade de viúva do autor”, - o que não foi possível - ela assinaria, com muito gosto, pois acredita que digitalização do material e consequente possibilidade de conservação do mesmo deixaria seu esposo ficaria feliz.

O outro documento era uma carta redigida por Nita autorizando o meu acesso ao dossiê com o histórico escolar de Paulo Freire, arquivado na Faculdade de Direito do Recife<sup>46</sup>. Na verdade, ela pediu que eu mesma redigisse a carta e que ela, caso concordasse com os termos, a assinaria.

Eu havia colocado um prazo de validade na carta como forma de garantir a ela que eu só acessaria os documentos uma vez e, dessa forma, ficasse clara minha intenção.

Foi então que Nita pediu que eu, posteriormente, redigisse uma outra carta, sem data de validade porque esperava contar comigo, para procurar por outros documentos de Paulo Freire, em Recife<sup>47</sup>. Ela desejava entregar esse dossiê a um amigo que, à época, estava preparando uma exposição em um prestigiado espaço cultural da cidade de São Paulo, durante as comemorações do centenário de Paulo Freire, que se realizaria em 2021.

No documento não estava explícita a autorização de Nita para copiar o dossiê, mas a atendente disse que aquela carta assinada era suficiente para que ela enviasse todo o material digitalizado tanto para a viúva do egresso quanto para mim, gesto para o qual, Nita, generosamente, deu seu consentimento em troca de mensagens, via correio eletrônico, com a arquivista.

Acredito ter sido a única pessoa, até o momento, a ter acesso a um documento tão privado quanto é o histórico escolar de um egresso daquela Faculdade de Direito, pois o dossiê de um egresso desta instituição só pode ser acessado por alguém da família. Nita afirmou nunca ter ido ao Arquivo. Também não há registros no local de que familiares ou outras pessoas o tenham acessado. Nita, inclusive, ficou surpresa

---

<sup>46</sup> As imagens digitalizadas do dossiê de Paulo Freire encontram-se nos anexos deste trabalho.

<sup>47</sup> Em razão da pandemia de Covid-19, a pesquisadora ficou impossibilitada de continuar as buscas por outros documentos sobre Paulo Freire, conforme desejava Nita Freire. Pelo mesmo motivo, todos os departamentos de diversas instituições passaram a atender os usuários somente de forma remota.

ao saber da existência do documento, lavrado há mais de setenta anos. E se o histórico escolar for de algum personagem histórico ou de uma celebridade, por exemplo, somente depois de 100 anos de lavrado, é que o documento pode se tornar público.

Terminada a conversa sobre os documentos, entreguei o livro que havia levado como presente para Nita. Ela leu o título, folheou o volume, demonstrando atenção e carinho. Disse acreditar que a educação ambiental está mais presente na vida das crianças e dos jovens, hoje em dia, mencionando, inclusive, situações em que seus netos demonstram atitudes “mais ecológicas” que os pais.

Expliquei a ela que se trata de uma coletânea de narrativas de quase uma centena de pessoas anônimas, dizendo o que pensam sobre a educação ambiental e que há uma diversidade de perspectivas. Peço licença para ler em voz alta um trecho de uma delas, por considerar que a autora, uma professora, utiliza argumentos que se aproximam do pensamento freireano:

*Para que(m) é a (sua) educação ambiental? [...] Na verdade, não acredito nessa educação adjetivada, que se coloca como “a verdade” e que todos têm que seguir o que ela recomenda, ou determina – o que é pior – para se sentirem educados. Educação que quer ensinar, inclusive, àquele que já sabe. Que desconsidera o conhecimento daquele que viveu no mato a vida inteira e que tem saberes valiosos. [...] Há momentos em que as pessoas assumem o papel de mestres e, em transcendência, ensinam, o que não quer dizer que não aprendam, enquanto ensinam. Como podemos abarcar a diversidade cultural ou de contexto de ser/estar no mundo, sem sermos excludentes? Como falar de meio ambiente, sem ser desrespeitoso com a forma de ser das pessoas? Há ainda uma questão importante que sempre incluo nos meus trabalhos que é a do “racismo ambiental”, ou seja, “para quem seria esse planeta que estaríamos salvando? De quem seria o tal ambiente sustentável? Seria, mesmo, para todos? Seria para aquele cidadão que passa três horas dentro de um ônibus para chegar em casa, na periferia da periferia? E que chegando em casa, não tem como economizar água ou energia, porque nem mesmo tem esses recursos, ou condições de comprar a comida “verde”, saudável que deveria consumir? O discurso “verde” é moralista, legalista e excludente, na medida em que propõe um lugar onde não cabem todos e que não está acessível aos pobres, majoritariamente, negros (CAFFAGNI, 2019, p. 115-116).*

Nita ouve a leitura e fica em silêncio por uns instantes enquanto folheia mais algumas páginas. Leio a dedicatória que fiz para ela. A professora agradece, me permite registrar o momento com algumas fotos e nos despedimos. O voo para Recife estava marcado para a manhã do dia seguinte.

### **Atravessamentos**

Foram muitas as situações vividas pela pesquisadora em sua “arqueologia Freire(e)Ana” nas quais sentiu-se deslocada por narrativas que ouviu. Evidentemente que, pelo profundo envolvimento dela com o tema, com as histórias e as pessoas com as quais conversou, atravessamentos ocorreram também nos *Acontecimentos* e nos *Encontros* já narrados nas subseções anteriores. Nesta subseção, entretanto, aglutina as narrativas de vidas que foram marcadas pela vida, história ou pelo legado de Paulo Freire ou que, de outro modo, embora não o tivessem conhecido, acabaram por mostrar não somente as mazelas, mas também as riquezas deste pedaço do Brasil profundo.

#### *Linhas imaginárias na Casa Amarela*

Mais uma manhã quente e úmida nas proximidades da linha do Equador.

Na “vенеza brasileira”, em qualquer época do ano, o sol nasce pouco antes das cinco e meia da manhã e, para a tristeza da *professorapesquisadora*, que aprecia os dias longos do verão do Sudeste, lépido se põe, também antes das cinco e meia da tarde. A impressão que ela tem é de que está perdendo alguma coisa ou sempre atrasada para algum compromisso, pois, quando acorda, por volta das sete, o sol já está alto e, pelo movimento e o som das buzinas dos carros na rua, a vida lá fora parece pulsar como às nove, em São Paulo, cidade onde reside.

Houve um dia em que perdeu a noção da hora e, quando saiu da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, no centro do Recife, já era noite. Somente então, se deu conta do trajeto perigoso que teria que fazer se tivesse que ir caminhando até o ponto onde pegaria um ônibus com destino à Casa Amarela. Naquela noite, perdeu o sono por causa da fortuna que gastou ao ter que chamar um carro por aplicativo.

No dia em que foi com o marido assistir ao pôr do sol na praia do Jacaré, em Cabedelo, na Paraíba, ficou intrigada quando informaram que teriam que estar no local às quinze horas para o embarque no catamarã. O que haveria para se fazer durante três horas dentro da embarcação? Era o que ela se perguntava.

Não demorou quase nada para entender que precisaria ficar atenta à marcação repetitiva do *Bolero* (de Havel), na performance de Jurandyr do Sax, se quisesse apreciar o pôr do sol naquele mesmo ritmo cadente, pois, às dezessete horas, ambos os espetáculos estariam praticamente concluídos.

A *pesquisadoraobservadora* desce para buscar o pão e nota que o bufê de café da manhã exposto aos clientes já está bastante remexido e que alguns itens ou acabaram ou estão sendo repostos: tapioca, cuscuz, macaxeira, inhame, queijo coalho, pamonha, bolo de rolo, paçoca de carne...

Quando, por algum motivo, passa por ali mais tarde, por volta das dez horas, vê as atendentes já terminando de arrumar o serviço do almoço e, se decide almoçar na tal padaria naquele dia, tem que ficar atenta ao horário, pois corre o risco de, ao meio dia, ter que raspar o fundo das travessas para se servir de alguns gramas de baião de dois, escondidinho de jerimum e carne seca ou moqueca de peixe com camarão, tudo temperado com muito, mas muito coentro – sobrando-lhe, às vezes, ter que se satisfazer com uma “quenga-gelada” ou uma “cartola”, de sobremesa.

Necessário esclarecer que a *pesquisadoraviajante* se encontra hospedada no bairro de Casa Amarela, zona norte de Recife, e que pelo menos uma hora de trânsito caótico a separa da praia de Boa Viagem, na zona sul da cidade. Lá, os horários e serviços, evidentemente, atendem mais ao gosto dos turistas que, em sua maioria, vindos do Sudeste e do Sul do nosso continente, se utilizam de outros relógios para marcar o tempo.

Em Casa Amarela é diferente. A vida segue alheia às areias e ao mar. Transeuntes passam apressados tomando as estreitas ruas e calçadas. As feiras livres, o vai e vem dos ambulantes e o comércio popular de rua tornam os finais de semana ainda mais movimentados naquela região. O figurino típico do nativo dali evidencia o clima predominante e, insistentemente, causticante: bermuda, camiseta e chinelo de dedo para os homens; bermuda ou saia, blusa do tipo regata, sandálias rasteiras e bolsa à tiracolo para as mulheres.

A aglomeração nos pontos de ônibus denuncia a vida difícil da maioria dos moradores e o cotidiano de um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras informais que ali residem.

Vazios, mesmo, somente as ruas e os altos e modernos edifícios do vizinho bairro de Casa Forte, onde moram alguns dos recifenses de classe média que costumam, nos finais de semana e em feriados prolongados, se retiram para suas casas em praias paradisíacas – geralmente particulares – na divisa do estado com Alagoas, ou então se refugiam na região serrana de Gravatá, lugar a menos de 90 quilômetros da capital, de clima surpreendentemente ameno, pelo menos para quem, como a *professorapaulistana*, achava que todo lugar em Pernambuco reservava um sol para cada vivente.

A Casa Amarela, que ouviu e acolheu o primeiro choro do bebê Paulo, filho de Temístocles e Edeltrudes Freire, é um dos bairros mais antigos da cidade e já foi um dos mais populosos<sup>48</sup>.

A tal casa amarela que, segundo alguns historiadores, deu nome ao bairro, ainda está lá, no cruzamento entre a Estrada do Arraial e a Rua Padre Lemos, e hoje abriga uma farmácia. Frequentemente, a *pesquisadoraandarilha* passa em frente ao local que, segundo relatos de comerciantes da região, já abrigou armazém e mercearia, entre outras atividades comerciais. Embora não seja tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como é o caso do Sítio da Trindade, que fica bem próximo dali, a casa é objeto de um certo interesse histórico e turístico, e por isso tem sido alvo de ações do poder público no sentido de preservá-la, especialmente no quesito cor.

Passeando ou fazendo compras pelo centro histórico e comercial de Casa Amarela, a *pesquisadoraficcionista* fica imaginando como seria voltar no tempo e

---

<sup>48</sup> Localizado numa antiga área de engenhos, o bairro de Casa Amarela formou-se ao redor do forte do Arraial do Bom Jesus, atual Sítio da Trindade, pela população da vila de Olinda e do Recife que teve que abandonar suas casas por causa da segunda tentativa de invasão holandesa, em 1630. Tais refugiados encontraram ali, sob a proteção do exército imperial acampado, condições para continuar suas atividades econômicas e sociais. O arraial, que não suportou os bombardeios e foi invadido em 1935, logo após a rendição holandesa, se reconstruiu e cresceu rapidamente. Com a extinção dos engenhos Monteiro e Casa Forte, no século XVIII, a região foi dividida e, algum tempo depois, a povoação do Arraial Velho do Bom Jesus passou a se chamar Casa Amarela. Segundo a tradição, o nome se deve à existência de uma certa casa, sempre pintada de amarelo, que ficava próxima a um dos terminais da estrada de ferro da cidade e que servia de referência para os passageiros dos bondes e, mais tarde, dos trens que por ali circularam. Cf. GASPARG, Lúcia. Casa Amarela (bairro, Recife). *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=574](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=574) Acesso em: 15 set. 2020.

encontrar-se, em uma daquelas esquinas, com D. Tudinha, apressada, como é comum às donas de casa, trazendo pela mão Paulo, o caçula dos quatro filhos, e se pondo a caminho da feira livre, que até os dias de hoje acontece diariamente em frente ao Mercado Público<sup>49</sup>, e de onde, assim como ela, retornaria com uma sacola de hortaliças e uma baciada de cajus para preparar o suco e o prato do dia: um cozido “...com legumes verdes, brancos e amarelos, amorosamente arrumados [...] paleta, costela, paio, charque [...] pirão feito com o caldo temperado [...] farinha de mandioca” (FREIRE, A. M., 1998, p.74). No caso da *pesquisadoraturista*, abdicando do maço de coentro, evidentemente.

A estrutura do Mercado Público, totalmente construída com ferro, coberta com telhas francesas e inaugurada em 1930, por ela mesma já seria um convite à imaginação. Já não há mais vestígios dos trilhos da estrada de ferro e dos bondes. Estes somente podem ser vistos nos jardins do Museu do Homem do Nordeste, ou nas fotos históricas do bairro que ilustram os painéis decorativos do moderno e climatizado supermercado “BONDEMais”, no mesmo quarteirão.

Resta-lhe a imaginação: quantas vezes Seu Temístocles deve ter saído do número 724, na Estrada do Encanamento, e tomado o bonde naquele terminal, talvez se dirigindo ao trabalho como oficial da Polícia Militar de Pernambuco (FREIRE, A. M., 2017, p. 41)?

Sobra-lhe ficção: imaginando que o militar saísse de casa muito cedo, caminhasse ainda no escuro até aquela estação e que trabalhasse no Quartel do Comando Geral da PM de Pernambuco. Teria ele, algum dia, durante o trajeto do bonde, ao passar pela Praça do Derby, se sentado ao lado da menina Clarice, da mesma idade do seu pequeno Paulo, acompanhada do pai dela, a caminho da praia de Olinda, onde, diariamente, tomavam um banho de mar enquanto apreciavam o amanhecer (LISPECTOR, 1969, p. 193-195)?

---

<sup>49</sup> O Mercado Público de Casa Amarela, antes localizado na avenida Caxangá, fora desmontado, remontado e reinaugurado no largo da feira em 1930. Nos seus 100 boxes, são comercializados carnes, peixes, queijos, ervas, armarinhos e artesanato. Há bares e restaurantes populares na área externa. Abre as 6h, fecha às 18h. Cf. GASPAR, Lúcia. Mercado de Casa Amarela. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com\\_content&view=article&id=702&Itemid=185](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=702&Itemid=185) Acesso em: 15 set. 2020.

*Fortes emoções na Federal de Pernambuco – parte 1*

Vimos, aqui, trazer outras normas  
e, do saber, compor várias formas  
Numa harmonia só, irmanada<sup>50</sup>

Quando a pesquisadora resolve interromper seus pensamentos e dar uma espiada no celular, já é tarde. A mensagem de texto enviada pela bibliotecária, avisando que os servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Pernambuco entrariam em greve naquela manhã de terça-feira, é visualizada somente quando já está deixando o táxi, em frente ao Centro de Educação do Campus Recife.

Haviam combinado por telefone, uma semana antes, de se encontrarem para conversar sobre o acervo que a Biblioteca do Centro de Educação mantém da obra de Paulo Freire. Assim como nas outras bibliotecas que visitou na cidade, a pesquisadora procura, nessa também, por “rastros” que levem à descoberta de fragmentos inéditos que possam compor sua “arqueologia freireana”.

A *pesquisadora andarilha* decide, mesmo assim, permanecer na cidade universitária na expectativa de conhecer o prédio que abriga os cursos de pedagogia e de pós-graduação em educação e, quem sabe, localizar a sala onde funciona a Cátedra Paulo Freire.

No hall de entrada do Centro, vê um pequeno grupo portando faixas e cartazes, falando alto e, aparentemente, se preparando para alguma manifestação, pois consegue ouvir alguém dizer “em frente à reitoria”. Corredores vazios, poucas salas ocupadas por alguns professores e estudantes. Parecem discutir se apoiarão ou não os servidores, pedindo para isso a suspensão das aulas.

O motivo da paralisação, a pesquisadora só saberia mais tarde, no telejornal regional da hora do almoço: a Proposta de Emenda à Constituição (PEC -186/2019), parte do pacote de emendas (Plano Mais Brasil) sugeridas pelo ministro da economia Paulo Guedes e articulada pela base aliada do Governo Bolsonaro no Senado<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Trecho do Hino da UFPE. Letra de Odilon Nestor. Música de Mário Pompeu. Disponível em: <https://www.ufpe.br/institucional/historia>. Acesso em: 14 out. 2020.

<sup>51</sup> A chamada PEC Emergencial dispõe sobre medidas permanentes e temporárias para limitar despesas com pessoal, determinando a reavaliação de benefícios tributários. Servidores públicos federais de universidades, mas também do setor da saúde, fazem oposição às medidas temporárias previstas na PEC que preveem redução de carga horária e de salários, o fim da realização de concursos e o veto de algumas progressões na carreira, entre outros retrocessos nas conquistas trabalhistas. De

Acompanha de longe, por mais algum tempo, a movimentação dos manifestantes enquanto observa o precário estado de conservação do prédio modernista do início da década de 1950 que, historicamente, vem acolhendo e sediando relevantes movimentos de resistência diante de investidas antidemocráticas e contra a promoção de interdependência entre pesquisa, ensino e extensão.

Extensão é uma prática antiga na Universidade, anterior até mesmo ao nascimento de Paulo Freire, mas foi ele o responsável, no início da década de 1960, pela criação e a institucionalização do Serviço de Extensão Cultural (SEC) na então Universidade do Recife, impulsionado, muito provavelmente, pelas atividades desenvolvidas no Movimento de Cultura Popular (MCP- 1960-1964) do Recife, que acabaram se espalhando pelo país.

Freire propunha, na política de extensão, o diálogo para além da relação entre sujeitos. Uma relação entre sujeitos e contextos de vida e trabalho, entre universidade e comunidade.

Nova mensagem de texto no celular. A bibliotecária, pede à pesquisadora que retorne na 5ª feira, pois parece que a paralisação durará apenas dois dias. Combinado.

Mas ainda é cedo e o clima está ameno, não há porque voltar para casa, se ainda há, no roteiro da “arqueóloga”, alguns “resquícios e fragmentos” a serem explorados naquela parte do “sítio” - a área externa do campus.

Sobra tempo para uma visita à marquise do prédio da Reitoria para acompanhar o encontro dos manifestantes sob o painel *Juventude Estudiosa*, em azulejos de cerâmica vitrificada, produzido pelo artista plástico recifense Francisco Brennand em 1970, recentemente revitalizado.

A aparente desorganização do movimento, observada nas palavras de ordem – desconstruídas e confusas - é superada por demonstrações de solidariedade vista nos gestos de camaradagem entre os participantes. O calor, inclusive o humano - e o desumano, com a presença ostensiva da polícia -, aumenta. A pressão arterial da pesquisadora cai e ela decide procurar um lugar mais ameno.

Caminha em direção a uma das frondosas árvores que refrescam a área às margens do “laguinho” da Universidade (Lago do Cavouco) para contemplar – e, por que não, dialogar com - a estátua de Paulo Freire, esculpida em bronze, em tamanho

natural e entregue aos pernambucanos pelo amigo do educador desde os tempos do MCP, o artista plástico Abelardo da Hora, durante as comemorações do cinquentenário da *Pedagogia do Oprimido*, em 2018.

Sol a pino. A ausência de uma nesga sequer de sombra projetada pela estátua anuncia que é hora de voltar para casa, almoçar e assistir ao noticiário local para tentar entender as reivindicações daqueles servidores e servidoras.

### *Fortes emoções na Federal de Pernambuco – parte 2*

Quinta-feira, nova jornada à UFPE. Dessa vez, de olho no celular desde cedo. Teriam cessado as manifestações dos servidores públicos contra as acintosas reformas propostas pela PEC 186/2019 do Presidente Bolsonaro? A pesquisadora temia um novo adiamento por parte da bibliotecária, pois voltaria para São Paulo no dia seguinte. Saiu de casa mais cedo, torcendo, durante todo o caótico percurso da Avenida 17 de Outubro e da BR-101, para que dessa vez desse certo o tão esperado encontro.

A servidora já a esperava, antes mesmo do horário marcado, na porta da biblioteca. Abriu um enorme sorriso ao avistar uma mulher vindo em sua direção com uma bolsa a tiracolo, munida de um caderno e de uma caneta. Apresentou-se dizendo da satisfação que tinha em receber uma pesquisadora do Sul interessada na vida e obra de um ilustre representante da terra.

Conduziu a visitante até a copa, onde estavam mais dois colegas dela, aos quais a pesquisadora foi apresentada. Na mesinha bem arrumada, biscoitos e café. Um dos rapazes tirou um pote de plástico da mochila e colocou sobre a mesa: “Isso aqui vocês não têm lá em São Paulo. É ‘Nego Bom’, experimental!”

A pesquisadora até já havia comido um doce de banana parecido, mas a doçura daquele gesto ainda não havia experimentado, então tudo pareceu diferente.

Não esperava ter que responder a tantas perguntas sobre sua pesquisa. Entre um gole de café – que ela nem costuma tomar, mas achou saboroso - e um biscoito, ia dizendo a que veio. Às vezes, pareciam estar apreciando mais o sotaque paulista do que o tema da conversa.

A bibliotecária, então, levou a visitante para conhecer as dependências do setor e o acervo ali existente, deixando a visitante à vontade para pesquisar. Algumas obras de Paulo Freire e também sobre ele – esperava bem mais. A pesquisadora sabia da

publicação, mas ainda não havia folheado a biografia de Freire organizada por Moacir Gadotti com a colaboração de Ana Maria Araújo (Nita) Freire e outros/as (GADOTTI, 1996).

Logo que iniciou a leitura da primeira parte do livro, compreendeu todo o empenho, dedicação e carinho de Nita para coletar, organizar, escrever e publicar, quase dez anos depois dessa primeira biografia, sua versão estendida sobre o falecido esposo. Este trabalho (FREIRE, A. M, 2017), sim, a pesquisadora conhecia, tornando-se, inclusive, material de leitura e consulta permanente, depois que o recebeu autografado das mãos da autora.

O conteúdo da seção “A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire”, de autoria de Nita, no livro de Gadotti, não poderia continuar contido e limitado a um prólogo de uma obra sobre Paulo Freire. Aquele viria a ser, em “Paulo Freire: uma história de vida”, apenas um pequeno fragmento do vasto material que Nita conseguiu reunir sobre o maior educador do Brasil, em sua obra publicada em 2005 pela Villa das Letras, vindo a ser revista e atualizada em 2017, pela Paz & Terra. Por esse trabalho, a autora recebeu o Prêmio Jabuti de 2007 (62ª edição), ficando em segundo lugar na Categoria Biografia.

Continuando a folhear o volume, a pesquisadora parou no sumário e teve outra surpresa ao ler os títulos e autores da quinta parte do livro. Ficou boquiaberta durante alguns instantes. Não sabia que seu orientador de pesquisa havia contribuído para aquela publicação. Imediatamente foi até a página 610, para confirmar.

Lá estava o nome de Marcos Reigota abaixo do título “Cartas à Cristina”. Com que prazer a pesquisadora leu aquela resenha. Parecia estar ouvindo Reigota ali, ao seu lado, naquela biblioteca, mesmo estando há mais de três mil quilômetros distante. Teve vontade de ligar para ele para contar o que ocorrera, mas lembrou que o professor, sabiamente, não tem - ou não disponibiliza - o contato de um telefone móvel. Imagine o quanto seria abordado diariamente, a começar pela pesquisadora conversadora.

Continuou ainda por algum tempo examinando o material até que a bibliotecária veio buscá-la. Levou-a até seu gabinete e, enquanto vestia luvas do tipo cirúrgica, orientou: “Bem, agora você terá que colocar essas luvas e a máscara. Deixei separado um material que você certamente gostará de ver.”

E lá estava, sobre a mesa: numa encadernação amarelada, visivelmente danificada e reiteradamente restaurada, o texto original de *Educação e Atualidade*

*Brasileira. PAULO Reglus Neves FREIRE. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Filosofia na Escola de Belas Artes de Pernambuco. 1959.*

Embora a pesquisadora, evidentemente, soubesse que aquele conteúdo, há muito, houvera sido publicado por uma importante editora - inclusive havia acabado de folheá-la na biblioteca -, estar diante daquele volume único, com uma tarja sobre a capa escrito “ESTE LIVRO NÃO PODE SAIR DA BIBLIOTECA” - na verdade, segundo a moça, não poderia nem mesmo sair daquela sala -, de alguma forma, a fazia se sentir afortunada. Sensação semelhante a acometeu quando esteve no Sebo da Torre, também em Recife, diante de um exemplar de *Pedagogia do Oprimido: o manuscrito*, embora o desfecho daquele episódio tenha lhe marcado profundamente como um infortúnio<sup>52</sup>.

Enquanto folheava a encadernação que completava exatos sessenta anos, perguntas iam surgindo: “Quem ou quantas pessoas teriam tido acesso àquele objeto histórico? O que teriam sentido? Nita, ou o próprio Paulo Freire teriam estado ali ou em outro local na Universidade, antes dela, e segurado em suas mãos aquele volume?”

Ficou ali por cerca de meia hora. A bibliotecária, em silêncio, observava a cena e, às vezes, sorria ao notar alguma expressão de surpresa ou de encantamento na face da pesquisadora.

Com um suspiro de quem acaba de assistir a um filme icônico, fecha o volume e o devolve à paciente funcionária.

Tem início, então, uma conversa curiosa. A servidora conta que há muito tempo vem tentando disponibilizar, de forma digital, aquele material para que mais pessoas possam ter acesso ao que considera um dos mais importantes documentos do acervo.

Sabendo ela que a pesquisadora já esteve algumas vezes com Nita Freire, lhe pergunta se não conseguiria com a viúva do educador que preenchesse e assinasse um formulário que a capacitasse a levar o projeto adiante, missão que é prontamente aceita pela visitante. Quanta honra na possibilidade de intermediar um processo que contribuiria para o prolongamento, para não dizer perpetuamento, de um artefato histórico pertencente a Paulo Freire<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Este episódio é contado na crônica “Uma experiência artístico-poético-pedagógica, demasiado pedagógica”, nesta mesma seção.

<sup>53</sup> O referido formulário chegou a ser entregue à Nita Freire, mas infelizmente não foi assinado, por ser ela detentora dos direitos autorais do falecido marido apenas das obras mais recentes dele, algumas escritas à quatro mãos com ela, não incluído neste conjunto, portanto, a tese de Paulo Freire. Nita lamentou a impossibilidade de colaborar para um projeto que, segundo ela, o deixaria muito feliz.

O profícuo diálogo continua com a bibliotecária narrando o episódio que vivera com a filha. Diz ela que, no dia anterior, estava pensando no encontro que teria com a pesquisadora quando a filha, de nove anos, lhe pediu ajuda para fazer o dever de casa. A garota está no terceiro ano do ensino fundamental e a lição era de Língua Portuguesa. Conta que, para seu espanto, o texto que a menina lia na apostila e sobre o qual lhe fora solicitada uma interpretação por meio de perguntas era *Minha primeira professora*, de Paulo Freire<sup>54</sup>.

A mãe, então, passou a falar para a filha sobre a importância daquele educador, mencionando a visita que receberia no dia seguinte. Uma professora que, segundo disse ter narrado à menina, havia viajado muitos quilômetros, vindo de muito longe só para ver um livro original escrito por aquele autor e que ela, a mãe, estava incumbida de zelar para que o livro não se perdesse ou se deteriorasse.

A bibliotecária faz questão de mostrar as fotos que tirou da lição já corrigida pela professora da garota e comenta: “Sabe que ela parece ter caprichado mais no dever depois que eu li novamente o texto do Paulo Freire com ela e falei essas coisas. Fez tudinho, só a ajudei a procurar no dicionário o significado da palavra “sentença.”

### *Voltando para casa*

Nada planejado, somente a data para retornar se esboçava um pouco mais definida. Ela só sabia que começaria em Sorocaba, no interior de São Paulo. O roteiro veio depois. Entrou nessa viagem porque desconfiava que existiriam outras formas de ser/estar professora no/do mundo. Procurava por sentidos.

Não demorou para perceber, logo nas primeiras escalas, que já estava bem longe de casa. O desconforto e a sensação de “um sem que, um não lugar” na narrativa de Bené Fonteles, de estar sem ser e ser sem estar. Ainda assim, seguiu viagem entre sentimentos de pertença e de nem tanto, entre experiências de medo e ousadia. Entre capitais e interiores, entre Brasis cosmopolitas e Brasis profundos.

Em cada lugar, ideias, sentimentos e experiências iam lhe constituindo. Procurava ser “casa” onde estivesse, ser “casa em todo lugar” como recomenda o músico Arnaldo Antunes, tentando apropriar-se, na alegria e na tristeza, do que Tetê

---

<sup>54</sup> Trata-se de um excerto de um de texto de Paulo Freire publicado da *Revista Nova Escola* em dezembro de 1994.

Espíndola e Arnaldo Black experimentam: “não sou daqui, não sou de lá, sou sempre de outro lugar. Mas o que sou é onde estou agora, na lágrima (ou) no riso que aflora”, para poder continuar. Outra oportunidade não teria, pelo menos não tão cedo. Então, enquanto houvesse tempo e condições, ela continuaria. O desejo de saber, viver e experimentar mais a deslocava.

A professora pesquisadora sabia que em algum momento teria que retornar e que teria que deixar a fruição e a produção de sentidos na conexão dos achados, para mais tarde. Não havia muito tempo, durante o percurso, para parar e contemplar, para pensar que lugar da casa que aquelas lembranças ocupariam. Embora desejasse, não havia tempo para apreciar cada objeto como mereciam, como deveria ser feito. Assim também com as imagens, amadora e rapidamente capturadas pelo celular para posterior lembrança. Aquisições, somas, devires de amálgama.

Alguns achados, considerava essenciais, indispensáveis, peças utilitárias, outros julgava decorativos ou complementares e outros, souvenir, porém não menos carregados de sentido para ela — e acreditava que também para aquelas pessoas com as quais compartilharia, com grande alegria, o seu espólio.

Mas eis que é chegado o tempo de fazer o caminho de volta. É preciso voltar para casa. É preciso retornar também porque a bagagem tornou-se considerável. Hora de revisitar os lugares recolhendo os artefatos que a pesquisadora foi deixando guardados. Em cada estação, um pacote deixado no guarda volumes. Sim, porque não daria para levar tudo com ela, o tempo todo, na diminuta mochila que carregava (alguns itens pesados e/ou desajeitados demais). Desfrutou sem reservas, isso sim, de tudo o que lhe fora apresentado e possível ser experimentado naqueles tempos/espacos.

Já em casa, começou a desembulhar os pacotes, a rever as imagens. Os achados reavivam as ideias, os sentimentos e as experiências da professora. Estavam agora a serviço da produção dos sentidos que tanto procurava. Os objetos, ora desembulhados e calmamente observados, contemplados, pensados, admirados e dispostos sobre a mesa de jantar, começavam a adquirir significado quando colocados lado a lado, sobrepostos, intercalados...

Ansiosa para mostrar tudo o que adquiriu na viagem, a professora chama as colegas para um chá e, em meio ao burburinho comum à uma sala de professoras, convida: “Meninas, deixem-me contar sobre as últimas aquisições da minha viagem, acho que vocês vão adorar”.



Madrugada camponesa,  
faz escuro ainda no chão,  
mas é preciso plantar.  
A noite já foi mais noite,  
a manhã já vai chegar.  
Não vale mais a canção  
feita de medo e arremedo  
para enganar solidão.  
Agora vale a verdade  
cantada simples e sempre,  
agora vale a alegria  
que se constrói dia-a-dia  
feita de canto e de pão.  
Breve há de ser (sinto no ar)  
tempo de trigo maduro.  
Vai ser tempo de ceifar.  
Já se levantam prodígios,  
chuva azul no milharal,  
estala em flor o feijão,  
um leite novo minando  
no meu longe seringal.  
Já é quase tempo de amor.  
Colho um sol que arde no chão,  
lavro a luz dentro da cana,  
minha alma no seu pendão.  
Madrugada camponesa.  
Faz escuro (já nem tanto),  
vale a pena trabalhar.  
Faz escuro mas eu canto  
porque a manhã vai chegar.  
(Faz escuro, mas eu canto)

### **Madrugada Camponesa**

Thiago de Mello

## O NOVO (EM) CONTEXTO: *ESPAÇOSTEMPOS* DE IMOBILIDADE E (IM)POSSIBILIDADES

Mesmo mundo, mesma década, um ano, entretanto, muito diferente, especialmente para aqueles do “Sul”...

Eis que a janela que dá para a rua é aberta novamente. A paisagem, que, para a professora, já há algum tempo, não era das melhores, assume, em estado de crise permanente, a *normalidade da exceção* (SANTOS, 2020). Rostos, expressões e falas de poucos transeuntes – para quem o conselho “fique em casa” seria um luxo - estão guardados agora atrás de máscaras, embora já não seja mais possível aos paisagistas esconder o medo que grassa por todos os ambientes.

Em meio à multidão circula um novo e invisível elemento. Assim como o velho e conhecido mercado financeiro, *é insidioso e imprevisível nas suas mutações* e, como ele, chega apontando sua mira para a população mais desavisada. As investidas do novo Coronavírus - assim fora apresentado à humanidade - são aleatórias, mas alguns alvos têm se mostrado mais facilmente atingidos, desmascarando o Estado “protetor de todos”.

Nesse sentido, Santos parece caminhar ao lado de Débora Junker, professora e pesquisadora freireana, quando esta lembra

[...] a relevância do pensamento freireano como teoria educacional e práxis pedagógica que recupera a utopia para um mundo que enfrenta profunda crise sócio-geopolítica-econômica e incertezas diante de uma pandemia que afeta especialmente pessoas mais vulnerabilizadas de nossa sociedade. (JUNKER, 2020, p. 5).

As pandemias, nas palavras de Boaventura de Souza Santos (2020, p. 23), “não matam tão indiscriminadamente quanto se julga”. Os mais atingidos são os que compõem o *Sul*.

O Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural [...] grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela pela constante exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. (SANTOS, 2020, p. 15).

Boaventura de Sousa Santos se mostra um daqueles intelectuais que, estando no *Norte*, como a maioria dos teóricos “eurocentrados”, legitimados também pelos pensadores do *Sul*, se dedicam aos *esfarrapados do mundo* porque talvez *neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam* (FREIRE, [1963], 2014, dedicatória). Fala do que vê - e não do que experimenta, evidentemente - ao se referir aos diferentes grupos, entre eles o das *mulheres*, que além do cuidado com os da casa, geralmente assumem profissões que envolvem o cuidado de terceiros e por isso estão mais expostas ao ataque do vírus ou, por outro lado, confinadas em suas casas, se expõem a um risco maior de violência doméstica.

Se refere também “aos trabalhadores informais, ditos autônomos”, que, ao garantirem o isolamento de muitos, se colocam entre o risco de morrer pela pandemia e o de morrer de fome e “às populações de rua e moradores das periferias pobres”, cuja experiência com isolamento e confinamento tem se tornado praticamente a paisagem cotidiana, antes mesmo da atual crise sanitária. Somam-se ao grupo, “os refugiados, os imigrantes, os deficientes, os portadores de problemas de saúde mental”, os presidiários e “os idosos”, majoritariamente, pobres (SANTOS, 2020, p.16 a 21).

Até recentemente, pouco importava aos ocidentais se os chineses ou iranianos estariam morrendo de Covid-19. Havia até quem dissesse e quem apressadamente repercutisse que eles mereciam estar enfrentando aquela, até então, epidemia, e pelas razões mais descabidas.

Mais tarde, pelo noticiário, com muita curiosidade e algum pesar, talvez pela ascendência europeia comum a muitos brasileiros, se ouvia por aqui sobre a evolução da doença na Itália, Alemanha e Espanha. Em tais circunstâncias foram ficando cada vez mais exacerbadas discriminações e exclusões de todo tipo que se materializavam em piadas ofensivas, acusações infundadas e notícias falsas. Cada vez mais evidente a teoria de Michael Herzfeld sobre a “produção social da indiferença via aceitação da humilhação de terceiros” (HERZFELD, 2016, p. 21). Um terreno fértil para a ação de charlatões e especuladores que, diferentemente dos intelectuais, hoje “sabem falar a linguagem e entender as inquietações dos cidadãos: os líderes religiosos apologistas da dominação capitalista, colonialista e patriarcal” (SANTOS, 2020, p. 14)

Atônita, a multidão tenta enfrentar a investida do vírus com os poucos recursos que tem, enquanto o verdadeiro vilão, o estilo antropocêntrico de viver do “clube dos humanos” (KRENAK, 2019, p. 26), continua avançando e colocando em risco de

extermínio, não somente outras *sub-humanidades*, mas também outras formas de existência.

Um fenômeno histórico e destrutivo desta magnitude – a pandemia de Covid-19 – seria capaz de mobilizar os humanos no sentido de repensar os modos de ser e estar no mundo e de dar um basta às opressões sofridas pelas minorias?

Junker exorta que o distanciamento físico<sup>55</sup> imposto pela pandemia de Covid-19, deveria nos fazer

[...] “re-colher” dentro de nossos pensamentos, sensibilidades e identidades; “re-colher” dentro de nossos sentimentos; “re-colher” nossos corpos, sensações e afetos; “re-colher” nossos ritmos, apegos e frustrações; “re-colher” até mesmo o que é prioridade diante das urgências da produtividade impostas por forças neoliberais. (JUNKER, 2020, p. 7).

Para o líder indígena e ativista Ailton Krenak, esta seria uma oportunidade sem precedentes, talvez uma das últimas, antes do *fim do mundo*, para aqueles que compõem o *clube dos humanos*. Na sua cosmovisão, o tempo presente tem sido especialista em “criar ausências do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida” (KRENAK, 2019, p. 26). Estando em curso, nas dinâmicas sociais contemporâneas, o que Marcos Reigota vem chamando de “processo coletivo de produção de ausência de sentidos” (REIGOTA, 2019, p. 2), por que professoras e professores, continuam a fazer o que fazem e a ensinar o que ensinam, cotidianamente?

Há que se ter muita esperança na educação – não a esperança de “um cruzar de braços e esperar”, mas de mover-se em luta com esperança (FREIRE P., 2014, p. 114) - quando atores simpatizantes de regimes autoritários e/ou totalitários, que contestam as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), que, descaradamente, desprezam a vida dos mais vulneráveis, que minimizam os efeitos de uma pandemia, são os mesmos que desqualificam não somente cientistas, depositários do saber consagrado, mas também educadores que, considerando saberes outros, não menos valiosos, lutam por uma cultura de paz, de convivência, de respeito, de humanização e de solidariedade (FREIRE P.; FREIRE A. M.; OLIVEIRA, 2014).

---

<sup>55</sup> Débora Junker prefere o uso da expressão “distanciamento físico”, em lugar de “distanciamento social” para evitar conotações segregacionistas de raça e etnia (JUNKER, 2020, p. 7).

O que pode a educação bancária (FREIRE P., 2014, p. 80) oferecida pela escola agora fechada, vazia, inerte? O que podem os médicos, formados por essas escolas, além de acessar todo o conhecimento ali construído, ou depositado, se ainda que esse conhecimento respondesse à urgência da cura, lhes faltam recursos e dignas condições de trabalho?

Os merecidos aplausos recebidos pelos profissionais da saúde, vistos e ouvidos das janelas das casas, nestes tempos, fora um som de reconhecimento produzido por pessoas confinadas, não pela descoberta da tão esperada vacina – até o momento, única medida eficaz contra a proliferação do vírus – mas pela marca humana e solidária que esses e essas profissionais têm imprimido ao árduo trabalho deles e delas. Teria a escola parcela de contribuição no desenvolvimento dessas sensibilidades?

Débora Junker, para quem o presente é transitório, mostrando-se ora *caótico*, ora *potencialmente criativo*, entra no debate para lembrar aos educadores e educadoras que se exaurirem enquanto esperam “desesperançados que mudanças aconteçam” enfraquece o compromisso ético e solidário que têm com o sofrimento decorrente das desigualdades sociais. Que cabe a cada um deles e delas “enfrentar essas questões através de abordagens educativas que resistam a (i)lógica do materialismo e individualismo”. (JUNKER, 2020, p. 6).

Temos, neste momento, a possibilidade de nos compreendermos enquanto humanidade e de nos posicionarmos, também no cotidiano escolar, verdadeiramente como humanos, ou então estaremos contribuindo para a manutenção de um pensamento individualista, sectário e nacionalista, como se todos os outros seres humanos que não nos interessam diretamente fossem descartáveis.

O atual momento “desnuda” a escola quando, a despeito de tudo o que a ciência tem ensinado, tem que reconhecer que a melhor forma de frear uma pandemia tem se materializado nas mãos de mulheres e homens anônimos/as e em atitudes de solidariedade. Sobreviver a essa crise talvez dependa da capacidade humana de enfrentar e, se não superar, pelo menos desestabilizar o estado de indiferença em relação ao mais vulnerável.

Nesse sentido, vontades e necessidades precisam, mais que nunca, serem disciplinadas para que o outro, o diferente, possa existir, para que seja possível a sobrevivência de *peçoas coletivas* responsáveis por “cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu [...] ampliar o nosso horizonte existencial [...]

enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir” (KRENAK, 2019, p. 32).

Na construção dessa nova paisagem caberia uma *perspectiva ecologista de educação*, na qual o diálogo entre as áreas do conhecimento e entre as diferentes linguagens, inclusive as artísticas, estariam presentes no cotidiano escolar, a serviço da construção de uma educação para a efetivação dos direitos humanos e do direito das demais existências (REIGOTA, 2020, p. 5).

Práticas pedagógicas mais humanizadas e humanizantes, concretizadas em atitudes mais solidárias, inspiradas no pensamento de Paulo Freire se apresentam como uma possibilidade de desconstruir ou, pelo menos, de colocar em suspensão a indiferença que adentra também o cotidiano docente. Pedagogias em deslocamento, que considerem a subjetividade humana como dimensão incontornável na construção do conhecimento, talvez valorizem e promovam as diferenças e devolvam algum sentido à escola e ao magistério.

Antes de fechar a janela novamente e voltar ao seu notebook e aos seus livros sobre a mesma mesa onde repousa o seu café da manhã, de onde, em instantes, também transmitirá sua aula – pois trata-se da única mesa/suporte da casa - a professora tem o desprazer de ver o vizinho janota, do tipo

Presente em todas as classes, o indiferente é aquele que, tendo passado a totalidade de sua existência fechado sobre si mesmo e sobre os seus, ocupando-se exclusivamente com a manutenção da própria vida, permaneceu sempre distante do mundo e do que é comum a todos, de modo que ele é completamente ignorante a respeito do funcionamento do espaço público e do tempo que o estrutura [...] e tendo garantida a possibilidade de trabalhar para se manter e talvez prosperar [...] é indiferente a tudo o que se passe “lá longe, no mundo” (SILVA, 2019, online).

efusivamente feliz, fazendo gestos como se estivesse mirando e atirando para todos os lados. Não era ficção. A professora não estava imaginando coisas.

### **Vidas mais solitárias de professoras não menos solidárias**

Esta subseção apresenta, por meio de narrativas ficcionais, o cotidiano da pesquisadora e de professoras com as quais convivia presencialmente, submetidas ao distanciamento físico imposto pela pandemia de Covid-19. Demonstram a dolorosa

adaptação à nova realidade escolar que, ao isolá-las do convívio com as/os pares e com os/as alunos/as, provocou deslocamentos de várias ordens em suas subjetividades. São narrativas que chegaram à pesquisadora por meio de conversas ao telefone, troca de mensagens de voz e de texto em aplicativos de conversas e por videoconferências, via notebook ou dispositivos celulares.

### *Desabafo*

Aula síncrona. Aula assíncrona. Aula por whatsapp. Aula gravada. Aula ao vivo. Aula na plataforma virtual. Prepara o roteiro. Prepara o Power Point. Lê a BNCC. Planeja a aula. Olha o código da habilidade, para confirmar se tá certo mesmo. Elabora a atividade, nem longa demais, nem resumida demais. Contextualiza o enunciado. Não pode ser difícil, se não eles não conseguem fazer. Não pode ser fácil, se não eles não serão desafiados. Procura um vídeo adequado para encaixar na aula, nem longo demais nem curto demais. E jogos educativos relacionados ao tema. Ah, uma música também. Salva figurinhas fofinhas para mandar no grupo dos pais. Prepara o cenário, a caixa surpresa, os fantoches. Grava a aula. Pera, o carro do gás passou na hora, atrapalhou. Grava de novo. Manda áudio explicando a atividade. Mais um, para não ficar dúvidas. "Manda uma foto bem bonita pra "profe", segurando a tarefinha". Registra a aula. Faz o relatório. Faz a ficha de frequência. Baixa o app para montagem das fotos ficar bonitinha. Eita, meu filho tá na aula on LINE, precisa de ajuda também. "Boa tarde, crianças". "Liga a câmera por favor". "Desligue o microfone por favor". "Parem de conversar no chat por favor". Confere quem está na aula. Manda mensagem para quem faltou. Olha a plataforma, tem atividade para conferir. Posta um livro, precisa estimular a leitura. Esse não, é simples demais. Esse também não, longo demais. Compra ring light. Compra tripé. Compra quadro. Formata o notebook. Aumenta a velocidade da internet. "Todo mundo faz silêncio, vou começar minha aula!". Vou botar um pó e um batonzinho para não ficar com cara de doente. A professora do meu filho manda mensagem pedindo as fotos das atividades dele, que esqueci de mandar. Baixa o app do scanner. Compartilha tela. A Net caiu. "Profe, a senhora tá bugada". Recebo o recado: 'Manda a professora comprar um microfone que parece que ela tá falando dentro de uma lata'. Última aula do dia. Ufa! Vou desligar tudo agora! Não, pera, tem reunião pedagógica. Assista a live. Faça o curso de formação online. Tem que se capacitar. "Novos desafios, novas possibilidades".

Menina, meia-noite já! Vou dormir em paz. Sonho que o celular caiu e quebrou. Acordo desesperada. Penso no que tem para fazer amanhã. Perco o sono. O dia amanheceu. Começa tudo de novo. E depois não sabem por que tem professor e professora enfartando, adoecendo e surtando.

(Texto postado em uma rede social virtual por uma professora amiga da pesquisadora)

### *Vizinhança*

Foi difícil para Ciro e Nádia disfarçarem o brilho nos olhos quando o corretor de imóveis rurais apresentou a propriedade de D. Adélia. A vista para a “Cuesta de Botucatu”<sup>56</sup>, proporcionada pelo lugar mais alto do sítio, era de tirar o fôlego.

A senhorinha, de andar um pouco cambaleante, e seu marido, haviam deixado o pequeno comércio que tocavam na capital, há trinta anos, para se lançarem no sonho da vida no campo. E ali foram muito felizes, até que seu Armando veio a falecer e os filhos do casal passaram a insistir com a mãe para que retornasse à cidade grande, onde poderia ser mais bem assistida.

Ciro, nutria o mesmo sonho daquele casal – abandonar um estilo de vida e trabalho ausentes de sentidos - e agora, que acabara de se aposentar, finalmente havia encontrado o lugar perfeito para morar e cuidar de plantas e animais. Nádia, por sua vez, também se apaixonou pelo local e, como professora, via grande potencial educativo, inclusive ecológico, tanto para crianças e adolescentes, quanto para adultos, nas futuras atividades que poderia vir a desenvolver naquele espaço.

D. Adélia dizia a todos que, desde o momento que conhecera os dois, tinha certeza que eles a sucederiam, pois o perfil dos possíveis novos proprietários havia coincido, em muitos aspectos, com aquele colocado em suas orações, quando

---

<sup>56</sup> De origem mexicana, a palavra “Cuesta”, é traduzida para o português como “degrau”. Foi introduzida pelo francês Emmanuel de Martonne, professor da universidade de São Paulo, a partir dos estudos realizados na Espanha, e na década de 30 do século XX, pela Estrada de Ferro Sorocabana, a qual adotou a denominação “Cuesta de Botucatu”, para a forma de relevo encontrada na região. A Cuesta é uma formação de relevo escarpado em um dos lados com um suave declive em outro, constituindo “degrau”, que se elevam sobre o solo até mil metros de altura, formando grandes paredões, cujo topo não é pontiagudo como as serras, mas sim uma vasta área plana. A região do Pólo Cuesta possui também um dos maiores reservatórios de água doce e potável do planeta, cuja recarga é feita nessa região. Este reservatório é o maior do mundo em extensão contínua, conhecido como Aquífero Guarani, ocupando uma área total de 1,2 milhões de km, estendendo-se pelo Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina; 2/3 dessa área está no Brasil, abrangendo os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Disponível em <https://polocuesta.com.br/quem-somos/>. Acessado em 04/08/2020.

decidiu vender o local. Tanto que nem quis mais ouvir outras propostas depois que Ciro ficou de lhe dar uma resposta nos dias que se seguiram.

A nova amiga do casal ainda ficou morando por alguns meses no sítio até que sua nova casa na cidade ficasse pronta. Antes mesmo de se mudarem, Ciro e Nádia a visitavam regularmente, o que a alegrava muito.

Acostumados a trabalhar o dia todo fora de casa, a morar em apartamento e a não saber sequer os nomes dos vizinhos ou, mesmo conhecendo-os, passar meses sem encontrá-los, foram sendo, a cada visita que faziam ao sítio, introduzidos em um novo tipo de sociedade.

A senhorinha fazia questão de lhes apresentar, um a um, os sitiantes vizinhos, com os quais demonstrava manter verdadeiras relações de interdependência, surpreendentemente solidária, de aspecto quase orgânico. Após a mudança do casal para o sítio, novos vizinhos foram ampliando a teia.

O casal ficou sabendo que D. Adélia e seu Armando assumiram todos os custos da instalação que trouxe, de muito longe, a energia elétrica que beneficiou os moradores do entorno.

Mauro e Filó, cujos filhos também preferiram – ou precisaram ficar na capital para trabalhar –, vivem, há mais de vinte anos, na propriedade em frente ao casal recém-chegado. Formam uma dupla muito envolvida com atividades sociais e físicas promovidas por grupos da “terceira idade” que se mantêm em movimento nas duas pequeninas cidades mais próximas. Eram eles que socorriam D. Adélia nas situações mais difíceis, como quando o Sr. Armando faleceu repentinamente, em casa.

E assim continuam, sempre dispostos e disponíveis a levar ou trazer alguém ou alguma coisa da cidade, a buscar um vizinho no ponto de ônibus, no quilômetro 162 da Castello Branco, a emprestar uma ferramenta, um remédio para um animal machucado. Ciro, nestes momentos, tenta lembrar quando foi a última vez que fez coisas desse tipo por alguém.

D. Rose, viúva, assim como D. Adélia, e também banida da capital, só que por questões econômicas, pode ser vista da estrada todos os dias, ainda que franzina, em suas rotas roupinhas e usando um chapéu de palha de abas largas que protege sua pele e olhos claros. Segue empurrando um carrinho de mão que ora leva terra, ora ferramentas, ora mudas de plantas de um lado para outro do seu bem cuidado espaço.

Ao assar seus bolos, D. Rose coloca-os em pequenas assadeiras, de modo que não compartilha pedaços de um bolo, mas deliciosos bolos inteiros. Sabendo que

a água do poço caipira do sítio do “Sr. Ciro” – é assim que ela o chama – pareceu imprópria para consumo, apressou-se a lhe entregar a chave do cadeado que tranca a sua porteira autorizando-o a buscar água à vontade e a qualquer hora do dia. Nádia, naquele dia, ficou pensando se seria capaz de entregar as chaves de sua casa a alguém que mal conhece.

Irany e Osmar, ela vegetariana convicta e ele com a saúde um tanto fragilizada, administram o lindo jardim em frente à casa que também é o cartão de visitas da propriedade. Plantam várias espécies de árvores, inclusive frutíferas, algumas exóticas como pés de physalis e de pitaia. Talvez pela boa energia que emanam, plantas que, normalmente, não se dariam bem no clima frio ali dos altos da Torre de Pedra, acabam se adaptando e produzindo belas e saborosas frutas que o casal faz questão de convidar para entrar no pomar e saboreá-las “no pé”. Isso quando não estão chamando os vizinhos na cerca para passar mais uma muda que retiraram de alguma planta.

Irany sabe indicar e compartilha remédios naturais para muitos tipos de enfermidades. D. Adélia, que antes de voltar para a capital, se beneficiava de seus chás e de sua companhia sempre presente, era uma das que atestavam seus conhecimentos farmacológicos. Ciro e Nádia, mais uma vez, se põem a pensar nas vezes em que se dispuseram a ser olhos ou ouvidos para alguém.

Vitor e Vera, em relação aos outros, são novos na sociedade solidária. Aposentados do trabalho na indústria, em uma cidade média do interior, decidiram retornar à vida que levavam no estado do Paraná quando ainda eram jovens e moravam e trabalhavam em fazendas de café. Ambos, assim como os demais vizinhos, de tudo o que produzem sentem prazer em compartilhar. Cotidianos em reflexão para os novatos.

Toda essa rede solidária que, de tão natural e orgânica, parece passar despercebida pelos moradores, exceto para Ciro e Nádia, nunca fora tão ameaçada como nestes dias de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

Com o advento do novo Coronavírus, os vizinhos, todos curiosamente na faixa entre 65 e 75 anos, se viram, de uma hora para outra, impossibilitados de se encontrarem nas porteiras de suas propriedades. Não demorou para que o ato de se proteger os acometesse de uma certa dose de ausência de sentidos no cotidiano.

Por meio de uma rede social digital que as mulheres do grupo mantêm, o compartilhamento de queixas se sobrepôs ao dos afetos, o compartilhamento de dores, maior do que o de alegrias.

Sem o encontro presencial ficou impossível continuar com o habitual escambo na tal sociedade, algo que os mantinha ligados. E foi aí que Nádia, numa tentativa de quebrar a sisez dos dias e aproximar os vizinhos de alguma forma, teve a ideia de dar continuidade àquela prática tão carregada de significados, só que de uma outra forma, talvez um pouco mais divertida.

Mandou mensagem de texto para Filó e avisou que estava deixando pendurada na sua porteira uma sacola com algo para a amiga. Era um maço de beterrabas que Nádia colhera na sua horta e que sabia que dessa raiz a vizinha não tinha no seu canteiro.

Percebendo o potencial político-pedagógico daquele movimento, a professora resolveu tirar uma foto daquela cena e repetir o movimento nas porteiros dos outros vizinhos. A ideia era registrar, na imagem daquela sacola, um momento solidário que já acontecia presencialmente há muito tempo.

Solidariedade compreendida não como uma ação pontual, geralmente evocada em situações de emergência ou catástrofe. Solidariedade fruto de humanização em processo, superação de um estado de indiferença cotidiano em relação ao sofrimento alheio; uma antecipação à simples possibilidade de existência desse sofrimento.

Com a sacola solidária circulando, Nádia também pediu que os vizinhos registrassem com fotos as mãos deles – e somente as mãos - segurando o conteúdo que recebiam ou colocavam nela. O que tais fotos querem dizer ou revelam sobre isolamento social e os membros dessa sociedade fica por conta do/a leitor/a.

### *Uma professorapesquisadora em tempos de isolamento*

O ano é 2020 e os brasileiros estão no vigésimo-quarto dia de quarentena por causa da pandemia de Covid-19.

A professora pesquisadora vai até o quintal de sua casa e sobre a pequena mesa de ardósia, à sombra do velho abacateiro, dispõe os livros, o caderno de anotações e o seu notebook. Se acomoda em um dos bancos, também de pedra, que circundam a bancada e ensaia, por mais um dia, retomar a escrita de sua tese de doutoramento em educação. Está difícil seguir adiante... parece que, em meio às conversas alarmantes, aos olhares de desconfiança dos mascarados, à pressa em higienizar-se, às novas dinâmicas familiares e à aparente (im)possibilidade de ter que trabalhar remotamente, escrever sobre o cotidiano escolar no qual costumava atuar, perdeu o sentido. E ela sabe que, de alguma forma, tem que reencontrá-lo ou então, terá que sair à procura de outros sentidos, se quiser continuar militando pela escola dos seus sonhos.

Seus colegas de doutorado, por videoconferência, lamentam o tom de desesperança e de descrença presente em seus textos mais recentes, muito diferentes daqueles em que ela descrevia, com grande entusiasmo, sua “arqueologia freireana” em Recife. Solidários, se apressam em lhe indicar autores e a citar exemplos de práticas pedagógicas que poderiam ajudá-la a superar essa fase e aconselham-na a buscar aspectos positivos na crise, bem como elementos do seu percurso que a inspirem e lhe restituam a esperança.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a pesquisadora confinada não pertence, ainda, ao grupo de risco, aquele mais exposto a ser infectado pelo vírus da vez. Parece-lhe que resta ainda meia década para se preocupar com as vicissitudes que, vez ou outra, costumam ceifar a vida de um amigo ou amiga. O fúnebre cortejo, transmitido ao vivo, de todos os cantos do planeta, a faz pensar nos outros quase 30 milhões de irmãos brasileiros, acima dos sessenta anos<sup>57</sup>, colocados, de uma hora para outra, na condição de idosos ultravulneráveis, muitos deles vivendo solitariamente ou dependendo dos cuidados de familiares ou de profissionais da saúde mais jovens.

---

<sup>57</sup> 1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD-2017).

O minúsculo organismo chega escancarando, em sua indesejável presença no único mundo que temos, viroses outras que têm infectado a nossa espécie - ou seriam vilanias, já que pertenceriam a uma outra categoria de seres, os *fakehumans*. Estes até se parecem com os humanos ou assim se consideram, mas quando vistos por um simples exame de raio X revelam que, verdadeiramente, não o são. A pior faceta, entretanto, que tanto a virose quanto a vilania insistem em revelar, por meio das redes sociais da professora, agora somente virtuais, é o incrível potencial genocida que ambas, cada uma, ao seu modo, carregam.

Embora ainda não conheça muito bem a estratégia do pequeno tirano, a ciência tenta dar conta de, pelo menos, nos munir de escudos contra a assustadora virose que tem disseminado. Já em relação à vilania, que esconde atrás da máscara do cinismo, sua *gerontofobia* e que a anistia os praticantes de *gerontocídio*, atônitos, mas não surpresos, tentamos (re)cobrar entre os humanos (cons)ciências outras capazes de impedir esse outro tipo de pandemia.

Enquanto o preconceito, outrora escamoteado, se materializa no discurso de gente de caráter inominável, com falas do tipo: “Pessoas sãs não têm com que se preocupar, o problema (ser infectado) é dos que têm mais de sessenta anos”, os crimes contra a vida, contra o direito de existir, neste estado de indiferença humana, ocorrem diariamente a começar pelo descaso da mais alta esfera do poder público em relação às medidas de prevenção e de investimento nas ações de controle da doença, principalmente nas comunidades mais carentes.

A pesquisadora imobilizada, porém não amordaçada, diante da rotina modificada, da impossibilidade do encontro concreto, experimenta a dificuldade para ajustar o foco e continuar escrevendo, dizendo a sua palavra, defendendo a educação como uma ferramenta humanizadora e promotora de solidariedade. Apenas segue...

É o vigésimo-quinto dia de quarentena.

A professora pesquisadora volta ao quintal para tentar escrever novamente. Acredita que aquela brisa a inspirará. O vento sopra um pouco mais forte e derruba um abacate já meio maduro à sua esquerda. Ela levanta os olhos para ver se não haveria um outro fruto prestes a cair sobre sua cabeça. Ao sentir a vista ofuscada pelos raios de sol por entre as folhas, imediatamente recorda o dia em que esteve sob uma das mangueiras na casa vizinha ao número 724, da Estrada do Encanamento, no bairro de Casa Amarela, em Recife. Endereço onde Paulo Freire nasceu e morou até os dez anos.

Ela ri de si mesma ao lembrar que descobrira essa informação lendo *Paulo Freire: uma história de vida* de Ana Maria Araújo Freire, quando ainda estava instalada em um apartamento, há trezentos metros do referido local e de como saiu apressadamente pela rua na esperança de encontrar a tal casa. Já passara ali em frente tantas vezes para ir ao supermercado, ao Parque da Jaqueira fazer caminhada, ao Recife. Sim, porque ela descobriu que uma coisa é você ir *para* Recife - situação de quem está viajando para a capital pernambucana - e outra, é ir *ao* Recife - ao centro da cidade, o Recife antigo, cercado pelos arrecifes.

Chegando ao local até encontrou ali uma casa antiga e de janelas e colunas brancas, toda avarandada, cercada por quintal e jardim espaçosos. As paredes rosadas descascadas, o mato alto, enfim, toda a paisagem, porém, em estado de abandono, muito parecida com a da foto que vira no livro de Nita, mas verificou rapidamente que se tratava da casa vizinha ao endereço que tinha anotado.

Os galhos das enormes mangueiras que ainda cercam a tal casa chegam até a calçada e, naquela manhã, a sombra produzida por elas, alcançava a rua. O perfume de manga rosa, que abunda os quintais por ali, pode ser sentido em toda parte, tanto no bairro de Casa Amarela como na Casa Forte.

No lugar onde Freire nasceu foi erguido mais um daqueles altíssimos edifícios residenciais que compõem a paisagem local, o Edifício Ductus, onde hoje moram muitas famílias. Na fachada do condomínio há uma placa produzida pela Prefeitura do Recife na gestão do prefeito João Paulo Lima e Silva (PT – 2001 a 2008 – desde 2018 PCdoB) e pelo Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas (UFPE) com a inscrição: “Aqui nasceu e morou o educador pernambucano Paulo Freire. Homenagem aos 10 anos sem Paulo Freire, 2 de maio de 2007”. No primeiro capítulo de “À Sombra desta mangueira” (FREIRE, 1995), Freire conta que ali, no quintal de sua casa, aconteceram suas primeiras leituras: de palavras e de mundo.

As memórias da pesquisadora sonhadora são, abruptamente, interrompidas pelo barulho de um outro abacate que se esborracha ao cair mais adiante. É ainda maior que o primeiro, pena ter rachado ao meio. Lembra-se de “Refazenda” de Gilberto Gil e começa a cantarolar. Sente-se inspirada pelo ritmo que guarda referências nordestinas e a remete novamente para o já tão estimado Recife e também à Freire, pelo jogo de palavras e neologismos, recursos muito usados pelo compositor.

Ao repetir a canção várias vezes, vai se dando conta da lição preciosa e pertinente contida na letra da música: Que há tempo para tudo e que se algo está

demorando demais a chegar, que descobramos então o que o presente está nos ofertando. Que há tempos “azedos” como agosto sugere, mas também haverá janeiros trazendo o doce das mangas...

Refazenda<sup>58</sup>

Abacateiro acataremos teu ato  
 Nós também somos do mato  
 Como o pato e o leão  
 Aguardaremos  
 Brincaremos no regato  
 Até que nos tragam frutos  
 Teu amor, teu coração  
 Abacateiro  
 Teu recolhimento é justamente  
 O significado  
 Da palavra temporão  
 Enquanto o tempo  
 Não trazer teu abacate  
 Amanhecerá tomate  
 E anoitecerá mamão  
 Abacateiro  
 Sabes ao que estou me referindo  
 Porque todo tamarindo tem  
 O seu agosto azedo  
 Cedo, antes que o janeiro  
 Doce manga venha ser também

A professora pesquisadora volta-se para o seu notebook. Vem chegando a *refazenda*... refazendo tudo. À sombra deste abacateiro, as palavras agora saltam como pipocas do teclado para a tela.

---

<sup>58</sup> Em *Refazenda*, Gilberto Gil, recém-chegado do exílio em Londres, influenciado pelo movimento hippie, procura aliar o rock e o pop ao Tropicalismo interrompido e também às suas raízes nordestinas. Segundo ele, em seu site, embora possam atribuir à letra da música uma crítica à ditadura civil militar, sua intenção foi, pura e simplesmente, descrever as experiências que experimentava em sua Fazenda Guariroba, em Goiás. Fonte: <https://www.lettras.mus.br/blog/refazenda-significado/>



[...] é preciso partir  
é preciso chegar  
é preciso partir, é preciso chegar... Ah, como esta vida é  
urgente!  
... no entanto eu gostava mesmo era de partir...  
e- até hoje – quando acaso embarco  
para alguma parte  
acomodo-me no meu lugar  
fecho os olhos e sonho:  
viajar, viajar  
mas para parte nenhuma...  
viajar indefinidamente...  
como uma nave espacial perdida entre as estrelas

**Poema Transitório**  
Mario Quintana

## CONSIDERAÇÕES: É PRECISO CHEGAR PARA PODER PARTIR

Os constantes deslocamentos aos quais se submeteu ou foi submetida esta pesquisadora ao longo do tempo, particularmente nos últimos e múltiplos eventos ocorridos em sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica, se constituem na gênese do trabalho de uma mulher, mãe, professora, formadora de professoras e, mais recentemente, pesquisadora.

Pesquisadora que escolheu abdicar do papel de investigadora e analista de dados para se colocar como *praticantepensante* do conhecimento construído nas conversas (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) com as demais professoras e pessoas outras com as quais se relacionou durante a pesquisa, e que juntas formaram “tessitura de conhecimentos em redes educativas cotidianas” (ALVES, 2015, p. 134, 174).

O interesse dela que, no projeto inicial da pesquisa, estava centrado nas práticas de formação em educação ambiental, ampliou-se para o estudo e o acompanhamento de uma educação menos adjetivada e que fosse compreendida como ato político (FREIRE, 1997; REIGOTA, 1995). Seu olhar voltou-se para uma escola possivelmente menos indiferente ao outro e às outras formas de existência.

Neste trabalho, constituído de muita *com-versa* (ROMAGUERA et al., 2021), em sua produção, fez-se de cada momento do cotidiano, inclusive o escolar, a oportunidade para que elas acontecessem. *Com-versa* concebida num sentido ampliado, como um encontro de vozes que se dá em várias dimensões. Encontros registrados por meio de narrativas que procuraram manter a linguagem pertinente ao cotidiano docente.

Um dos achados desta pesquisa, aliás, diz respeito justamente a esta questão e veio consolidar a ideia de que o texto coloquial pode ter espaço na universidade.

Enquanto procurava por artigos que abordassem a presença de Paulo Freire nos Movimentos de Cultura Popular, implementados no Nordeste do Brasil, no início da década de 1960, a pesquisadora se deparou com artigos publicados no dossiê “O longo ano de 1963” da revista do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, escritos por trabalhadores rurais. Duas produções, apenas, entre os outros doze artigos dentro dos padrões acadêmicos, escritos por mestres e doutores, que traziam narrativas de anônimos, coletadas durante a 5ª Oficina Sociedades Açucareiras (da Zona da Mata Pernambucana), em novembro de 2013.

Havia outros artigos, nos quais os acadêmicos escreveram sobre alguns trabalhadores anônimos, mas aquelas duas produções eram as únicas em que vozes anônimas genuinamente ganharam o espaço público. Os autores dessas produções têm seus nomes escritos abaixo do título e agradecem, em nota de rodapé, a transcrição literal de suas falas feitas pelos estudantes.

Severino Domingues de Lima (LIMA, 2014) e Fernando Barbosa (BARBOSA, 2014) para além de falarem de si, em suas narrativas, certamente representaram muitos outros “severinos” e “fernandos” que experimentaram, e continuam experimentando, a exploração da trabalho canavieiro naquela região.

Foram leituras e publicações acadêmicas que para além de afetar a pesquisadora em suas sensibilidades, apoiaram seu argumento pela presença do pensamento e do conhecimento não acadêmico, dentro da academia.

O uso do narrador onisciente na composição das narrativas que compõem este volume permitiu expor os bastidores da pesquisa, relatar o que foi capturado nas entrelinhas ou nos intervalos dos encontros com os sujeitos, dizer coisas sobre a pesquisadora, sobre os contextos, fatos e seus interlocutores que, na 1ª pessoa do singular, talvez não me fosse possível.

Ao compor personagens e mosaicos com fragmentos das falas dos sujeitos, as *narrativas ficcionais*, podem ter revelado, de forma ética, os sentidos que eles e elas atribuíram às suas práticas, porém na voz das personagens ou do próprio narrador onisciente.

Tais narrativas surgiram de acontecimentos inusitados, de detalhes que não passaram despercebidos e da relação deles com o tema. Seu papel, como pesquisadora, nessa perspectiva de pesquisa, foi o de capturar fragmentos de falas, comportamentos e contextos revelados em conversas cotidianas, e de construir uma ou múltiplas narrativas que visaram expressar os sentidos que consegui produzir a partir do mosaico de fragmentos coletados no cotidiano da indiferença.

Nesta pesquisa, não há dados a serem analisados, tampouco resultados a serem contabilizados. São achados do e no cotidiano que podem ressignificar concepções de mundo, de educação e de prática docente. A (im)possibilidade de uma análise aprofundada, de uma interpretação ou pertinência do discurso dos sujeitos da pesquisa é o que menos interessa. Ficam estas tarefas submetidas ao eventual desejo ou interesse de outros pesquisadores.

As narrativas ficcionais subsidiaram também uma abordagem formativa de produção de sentidos dos que narram, ao mesmo tempo em que possibilitaram processos reflexivos e de tomada de consciência da trajetória pessoal e profissional daqueles que as ouviram/leram, motivando-os a escreverem suas próprias narrativas.

Uma experiência que ilustra esse tipo de desdobramento provocado por uma narrativa foi capturado durante o exame de qualificação desta doutoranda. Realizado de forma remota, em plataforma digital, por causa da pandemia de Covid-19, o evento foi gravado como forma de registro da seção para arquivamento na secretaria do programa. Na audição da cópia da gravação, feita por ela, com a autorização da secretaria e do orientador, há o registro de dois momentos que merecem destaque: um dos professores que compunham a banca disse que a leitura da tese o levou a tornar-se um companheiro de jornada e o motivou a escrever um texto, também ficcional, sobre suas reflexões e sensações a partir das narrativas por ela produzidas.

O referido professor fez questão de ler a narrativa durante sua fala. Um exercício que, segundo ele, fizera pela primeira vez como arguidor. Outra professora, durante sua arguição, afirmou que os deslocamentos operados na pós-graduanda haviam provocado o seu próprio deslocamento a partir do entrecruzamento de narrativas (dela e da estudante). Disse ter se colocado no lugar da personagem, experimentando sensações e sentimentos por já ter vivido situações semelhantes às narradas no texto. Relatou também ter se lembrado, durante a leitura do trabalho, de autores e conceitos que se conectavam com as noções trazidas na tese, comprovando, mais uma vez, o que no grupo de pesquisa se tem defendido, ou seja, o potencial cognitivo provocado pelas narrativas ficcionais nos ouvintes/leitores, também pesquisadores.

Além da ideia de deslocamento ter lhe parecido apropriada, no sentido de defender a superação das dicotomias individual/coletivo, objetividade/subjetividade no cotidiano docente - “Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade” (FREIRE, [1968] 2014, p. 50) -, ela veio também corroborar a própria alegoria assumida na pesquisa, que descreve processos de ressignificação de ideias, sentimentos e experiências, durante a elaboração deste trabalho, como uma viagem que tem início no mestrado, em São Paulo, e termina em Sorocaba, não sem antes ter passado por Itapetininga e por um desvio de rota que me levou ao Recife.

Nesse desvio, a pesquisadora se aproximou da história de Paulo Freire que encarna um exemplo de como os deslocamentos, ainda que compulsórios, são

potentes no sentido de projetar alguém para além do que se possa imaginar. Freire foi forçado a um deslocamento – o exílio - que o levou a conhecer outras partes do mundo. Nesta caminhada, experimentou o que a pesquisadora freireana Débora Junker chamou - em sua fala, como arguidora, durante o exame de qualificação desta pesquisadora - de *deslocamentos viscerais*, que levaram a pedagogia do educador a lugares ainda mais distantes e imprevisíveis. Nos deslocamentos de várias ordens, aprendeu a aceitar e a valorizar as particularidades dos povos que conheceu.

As experiências vividas por onde passou o ajudaram a constituir o seu ser, o seu pensamento, a sua obra e o seu legado. Deslocamentos que preferiu chamar de andarilhagem. E tudo começou em Recife. Tivesse Freire atuado apenas na capital de seu estado ou nas cidades do interior do Nordeste ou até mesmo se limitado a deslocar-se pelo território brasileiro, como parecia ser o que o futuro lhe reservara até ser preso em 1964 (FREIRE, 2017, p.165), talvez não tivesse conquistado todo o reconhecimento que tem em nível internacional.

Práticas pedagógicas de formação de professores precisam considerar que ideias, experiências e sentimentos vividos em deslocamentos concretos e/ou subjetivos, quando trazidos à luz, em ambientes de cumplicidade assegurada entre os pares, podem colocar formas de ser/estar no mundo em suspensão e pedagogias - modos de se pensar e fazer educação - em movimento. Movimentos esses preñes de inéditos viáveis para a educação e para o mundo.

Que na “virulência do tempo presente”, a áspera, dura e sensível pele do mundo, ao menos pelos poros da educação, seja contaminada - ou nutrida por “livros, músicas, filmes, histórias, lugares, lutas, conversas, encontros, amores, afetos” (BELINASSO; DE CODES, 2020)

Por fim, este trabalho buscou corroborar, a partir dos aportes teórico-metodológicos já mencionados, o potencial pedagógico e formativo presente nos deslocamentos espaciais, cognitivos, estéticos, afetivos, éticos e políticos ocorridos em minha trajetória como professora e pesquisadora em educação, bem como indícios de algum tipo destes deslocamentos nas narrativas cotidianas das professoras que participam das atividades formativas por mim coordenadas e, possivelmente, na de outras pessoas que atravessaram ou foram atravessados pelos percursos desta tese.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, T. Sulear. In: STRECK, Danilo R. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- ALVES, N.; GARCIA, R.L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, N. Faz bem trabalhar a memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. In: GARCIA, A; OLIVEIRA, I. B. (Org.) **Nilda Alves: praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Mestrado profissional e mestrado acadêmico: aproximações e diferenças. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 823-841, 2017.
- ANDREOLA; B. A.; RIBEIRO, M. B. **Andarilho da esperança: Paulo Freire no Conselho Mundial das Igrejas**. São Paulo: Aste, 2005.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: relato sobre a banalidade do mal**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AVERSI, T. L. R. **Ambientalização curricular em cursos de pedagogia de instituições privadas do município de São Paulo: desafios e proposições**. Trabalho Final. Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores. PUCSP, 2015.
- AVERSI, T; ALMEIDA, V. (Org.) **30 anos no Quintal: trajetórias atravessadas pela educação ambiental**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- BARBOSA, F. Situação de saúde dos trabalhadores na zona canavieira de Pernambuco. Dossiê: “O longo ano” de 1963. **Cadernos de História/UFPE**, vol.10, nº 10, 2014 (p. 155 a 169). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109959>
- BARBOSA, L. H. **Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade pernambucana**. Recife: editora do autor, 2009.
- BARCHI, R. Contribuições “inversas”, “perversas” e menores às educações ambientais. **Interacções**, v. 5, nº 11, 2009.
- BARCHI, R. Educações inversas e ecologias infernais: experiências para pensar as educações ambientais a partir dos contos de horror do Heavy Metal de King Diamond. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, v. 34, n.1, p. 311-329, jan./abr., 2017.
- BARCHI, R. As Educações Ambientais insistem e lutam: (re)existências, vivências, experiências. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2019.
- BELINASSO, L.; DE CODES, D. (Org.) **Na pele do mundo: educações ambientais**. Florianópolis: Casatrês, 2020. Recurso digital. Disponível em: <https://casatreseditora.art.br/produto/na-pele-do-mundo-educacoes-ambientais/>

BENJAMIN, W. O narrador. **Obras escolhidas. V 1, Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Roanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTO, F. **O diabo na corte**: leitura crítica do Brasil atual. São Paulo: Cortez, 2020.

BRAGA, M. **Cordel ao educador Paulo Freire**. Mossoró – RN: Queima-Bucha, s. a.

BRANDÃO, C. R. Andarilhagem. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRENNAND, F.; TEIXEIRA, M.; ZACHARIAS, J. C.; LEAL, W. B. **Diário de Francisco Brennand**. Recife: Inquietude, 2016.

BRUM, E. O cotidiano de excessão: como lutar pela democracia aprendendo sobre a tirania. **El País/Brasil**, Opinião, 29 de mai. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623\\_644264.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html) Acesso em: 29 mai. 2017.

BRUM, E. #liberteofuturo: porque nos juntamos num movimento global de resgate do presente. **El País/Brasil**, Tribuna, 5 de jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-05/liberteofuturo.html>. Acesso em: 5 jul. 2020.

CAFFAGNI, C. W. A. Para que(m) é a (sua) educação ambiental. In: AVERSI, T.; ALMEIDA, V. (Org.) **30 anos no Quintal**: trajetórias atravessadas pela Educação Ambiental. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

CAMPOS, C. M.; PRADO, G. V. T. **Pipocas pedagógicas II**: narrativas outras da escola. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014.

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, nº 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. Publicado originalmente em **Para gostar de ler: crônicas, vol. 5**. São Paulo: Ática, 1981. Disponível em: <https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/> Acesso: 22 fev. 2021

COHN, G. A videoarte e a pedagogia do deslocamento. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. P. 1701-1716.

CORDEIRO, R; KIND, L. (Org.) **Narrativas, gênero e política**. Curitiba; CRV, 2016.

COSTA, A. A. F.; VIANNA, M. A. Contextos de formação de professores no Brasil entre os anos 2017-2019. In: COSTA, A. A. F. et al. (Org.). **Narrativas, formação de professores e subjetividades democráticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CRASNIANSKI, T. **Filhos de Nazistas**: os impressionantes retratos de família da elite do nazismo. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Vestígio, 2018.

CUNHA, R. C. O. B. Narrativas pedagógicas e efeitos de leitura entre estudantes de pedagogia. In: COSTA, A. A. F. et al (Org.). **Narrativas, formação de professores e subjetividades democráticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DA HORA. A. Meninos do Recife. In: DA HORA. A. **Amor e Solidariedade**: Abelardo da Hora, 60 anos de arte. Disponível em:  
[https://issuu.com/revistaeducacional/docs/amor\\_e\\_solidariedade\\_-\\_recife2011](https://issuu.com/revistaeducacional/docs/amor_e_solidariedade_-_recife2011)  
Acesso: em 10 mar 2021.

DIANA, D. O que é crônica. **Toda matéria** [website], 7 out. 2020. Disponível em:  
<https://www.todamateria.com.br/cronica/>.

DUTRA, A. F. **Memórias de educadoras sobre a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. 2016.

FARIA, P. P. **Racionais Mc's e Paulo Freire: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2017.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

FONTELES. B. **Oca Tapera Terreiro**. Instalação na 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva. São Paulo, 2017.  
Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/19805-19805-artista-plastico-bene-fonteles-traz-conversas-para-adiar-o-fim-do-mundo-ao-cic> Acesso: 18 jul. 2020.

FONTELES. B. **Cozinheiro do tempo**. Brasília: O Autor, 2008.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank** (tradução de Alves Calado). Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREIRE. A. M. A. Um cozido dos deuses. In: FREIRE. A. M. A. **Nita e Paulo**: crônicas de amor. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FREIRE. A. M. A. Recife. In: STRECK, Danilo R. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FREIRE. A. M. A. Notas explicativas. In: FREIRE. P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013 (p.202-245).

FREIRE, A. M. A. **Nós Dois**. São Paulo: Paz & Terra, 2013b.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire**: uma história de vida. 2ª Ed. Rev. Atual. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2017.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Notas: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2000.[recurso eletrônico]. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10 mar. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013 (p.202-245).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. [1969] 58. Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, P. Recife sempre. In: FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire**: uma história de vida. 2ª Ed. Rev. Atual. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2017 (encarte de poemas s. p.).

FREIRE, P; FREIRE, A.M.A.; OLIVEIRA, W. F. **Pedagogia da solidariedade**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala** [1933]. São Paulo: Global, 2013.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2018.

FURTADO, J. Paulo Freire: o pedagogo dos oprimidos. **Projeto Sesc Cordel**. Sesc Ceará (s. a.)

GADOTTI, M. (Org.) **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo, Cortez: 1996.

GALEANO, E. **O livro dos abraços** [tradução de Eric Nepomuceno]. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GARCIA, A; OLIVEIRA, I. B. (Org.) **Nilda Alves**: *praticantepensante* de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (p. 9-16).

GARAGORRY, R. R. **Tendências da Educação Ambiental na Escola Pública do Município de São Paulo (1972 – 2004)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da Pontifícia universidade Católica de São Paulo. 2005.

GASPAR, Lúcia. *Abelardo da Hora. Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

GERALDI, C. M. A aposta que deu certo. In: CAMPOS, C. M.; PRADO, G. V. T. (Org.). **Pipocas Pedagógicas II: narrativas outras da escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

GERALDI, J. W. O cronista e o compromisso do registro. In: CAMPOS, C. M.; PRADO, G. V. T. (Org.). **Pipocas Pedagógicas II: narrativas outras da escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008.

GODOY, A.; AVELINO, N. Educação, Meio ambiente e Cultura: alquimias do conhecimento na sociedade de controle. **Educação em Revista**. Vol.25, n. 3, p. 327-351, dez. 2009.

GUIMARÃES, L. B.; SANTOS, J. E. Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental. **Interacções**, vol. 5, nº 11, 2009.

GUIMARÃES, L. B.; PREVE, A. M. H. Fotografias de deslocamentos no ambiente: fugas de uma prática educativa. In: **IX ANPED SUL**, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

GUIMARÃES, L. B.; SAMPAIO, S. M. V. de. Educação ambiental nas pedagogias do presente. **Em Aberto**, Brasília, vol. 27, nº 91, p. 123-134, jan/jun.2014.

GUIMARÃES, L. B. et al. (Org.) **Ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens**. Curitiba: CRV, 2015.

HATOUM, M. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, M. **Pontos de fuga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HERZFELD. M. **A produção social da indiferença: explorando as raízes simbólicas da burocracia ocidental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HOUAISS. A. Deslocamento. In: **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. [online]. [s.L.]. s.a. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1) Acesso em 12 ago. 2021.

HOUAISS. A. Desvio. In: **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. [online]. [s.L.]. s.a. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1) Acesso em 12 ago. 2021.

IÑIGUEZ-RUEDA. L. Fazer política: A pesquisa como ação política. In: MOSCHETTA, M. S.; SOUZA, L. V.; RASERA, E. F. (Org.) **A dimensão política do pesquisar no cotidiano**. [recurso eletrônico]. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2020. Disponível em: <https://d26lpennugtm8s.cloudfront.net/stores/143/019/rte/978-65-86903-04-1%20ADPPC.pdf> Acesso em: 13 mar. 2021.

JARAUTA, B; IMBERNÓN, F. (Org.) **Pensando no futuro da educação**: uma nova escola para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2015.

JUNKER, D. B. A. The poetic-prophetic dimension of Freirean pedagogy to imagine another world possible. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 327-339, ago. 2018.

JUNKER, D. B. A. Tempo de re-colhimento: es-colher as lutas e re-colher a esperança. **Educação & Linguagem**, v. 23, n. 2, 5-2, jul-dez, 2020.

KIRYLO, J. D. **Paulo Freire**: the man from Recife. New York – NY: Peter Lang Publishing, 2011.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã 190anomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LARROSA BONDIA, J. Epílogo. A Arte da conversa. In SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003: p. 211-216.

LIMA, Venício A. de. **Comunicação e cultura**: as ideias de Paulo Freire. Brasília – DF: Editora Universidade de Brasília, 2011.

LIMA, S. D. Trabalhador rural e líder sindical: relatos de memória de Severino Domingues de Lima, o poeta “beija-flor”. Cadernos de História: **Revista do Departamento de História-UFPE**. Vol.10, nº10, 2014. (pp. 139-154).

LISPECTOR. C. Banho de Mar. In: LISPECTOR, C. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LOFTI, T. F. **Refugiadas**: a violência de gênero em narrativas de migrantes forçadas. Belo horizonte: Lemos Mídia, 2021.

MAFRA, J.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. (Org.). **Pedagogia do Oprimido: o manuscrito-Paulo Freire**. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Universidade Nove de Julho/Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.

MARQUES, L. P. A conversa como caminho metodológico na pesquisa com os cotidianos. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não?. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. **Arte & Ensaios**, revista do ppgav/eba/ufrj, nº 32, p. 123-151, dez/2016.

MELO NETO, J. C. **Cão sem plumas** [1950]. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MELO NETO, J. C. O Rio. In: MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes** [1955]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MOREIRA, A. F. et al.(Org.) **Para quem pesquisamos: para quem escrevemos**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2011.

NAKAYAMA, B. C. M. S.; PASSOS, L. F. (Org.) **Narrativas, pesquisa e formação de professores**: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas. Curitiba: CRV, 2018.

NASCIMENTO, A. A universidade Estatal é Pública? Rio de Janeiro: **Revista Global**, número 2, 2004. Disponível em: [http://www.sentimentanimalidades.net/textos1/texto\\_global2.pdf](http://www.sentimentanimalidades.net/textos1/texto_global2.pdf). Acesso: 08 mar. 2021.

NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de Professores** [1992]. Porto – Portugal: Editora Porto, 2014.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, L. **10 lições sobre Hannah Arendt**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAPA FRANCISCO. Discurso aos participantes do 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares. **A Santa Fé**. Vaticano. 5 de nov. 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco\\_20161105\\_movimenti-popolari.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

PEREIRA, J. et al. **Des-loucar-se**. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2017.

PITANO, S. C.; STRECK, D. R.; MORETTI, C. Z. **Paulo Freire**: uma arqueologia bibliográfica. Curitiba: Appris, 2019.

PONTES, T. P. A. **O lugar de Paulo Freire na atualidade: o que sabem os professores e professoras?** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente. 2017.

PLACCO, V. M. N. S. Processos multidimensionais na formação de professores. In: ARAUJO, M. I. O.; OLIVEIRA, L. E. (Orgs.) **Formação de professores para o século XXI**. Sergipe: Editora-UFS, 2008 (pp. 185-198).

PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. **A aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006.

PRADO, B. H. S. do. **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga**: a recuperação de matas ciliares. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2004.

PRADO, G. V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da Educação**, v.4, nº 10 p. 149-165, 2013.

PRADO, J. C. **A pedagogia encharcada de amor na prática docente inspirada em Paulo Freire**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, 2009.

PREVE, A. M. H. et al. (Org.) **Ecologias inventivas**: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

PROFETA, G. A. C. ZANELLA, Lígia. **Projeto Hibakusha**. Sorocaba, SP: Ed. dos autores/Catarse, 2020.

RAGO, M. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, M. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, Ano 11, n. 21, p.1-6, jan./abr. 2010.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola**. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, M. Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. **ResearchGate**, julho de 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/291581474\\_GRUPO\\_DE\\_PESQUISA\\_PER\\_SPECTIVA\\_ECOLOGISTA\\_DE\\_EDUCACAO](https://www.researchgate.net/publication/291581474_GRUPO_DE_PESQUISA_PER_SPECTIVA_ECOLOGISTA_DE_EDUCACAO) Acesso em: 09 fev. 2021.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

REIGOTA, M. Hiroshima e Nagasaki. **ResearchGate**, 25 de agosto de 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281240623\\_Hiroshima\\_e\\_Nagasaki](https://www.researchgate.net/publication/281240623_Hiroshima_e_Nagasaki) Acessado em 06 jan.2021.

REIGOTA, M. A ecosofia de Félix Guattari e suas conexões tropicais. In: ROMAGUERA, A. R.; AMORIM, A. C.(Org.) **Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...** Petrópolis: DP Et Alii Editora, 2016.

REIGOTA, M. A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar... e mata. **ResearchGate**, 14 de dezembro de 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335813778\\_A\\_producao\\_de\\_ausencia\\_de\\_sentidos\\_adentra\\_o\\_cotidiano\\_escolare\\_mata\\_Paulo\\_Freire\\_educacao\\_e\\_politica\\_n\\_o\\_enfrentamento\\_do\\_obscurantismo- Instituto\\_Sedes-SP-100919](https://www.researchgate.net/publication/335813778_A_producao_de_ausencia_de_sentidos_adentra_o_cotidiano_escolare_mata_Paulo_Freire_educacao_e_politica_n_o_enfrentamento_do_obscurantismo- Instituto_Sedes-SP-100919). Acesso em: 25 nov. 2020.

REIGOTA, M. O nômade e a sua sombra: (Des)encontros com Friedrich Nietzsche por Sils-Maria e arredores. **Espacios Transnacionales**, enero-junio, 2020<sup>a</sup>. Disponível em: [http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2020/09/ET\\_14\\_Reigota.pdf](http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2020/09/ET_14_Reigota.pdf) Acesso em: 07 mar. 2021.

REIGOTA, M. Environmental education in Brasil and the influence of Paulo Freire. **Oxford Research Encyclopedia of Education**, Apr. 2020b. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Marcos\\_Reigota/publication/341165714\\_Environmental\\_Education\\_in\\_Brazil\\_and\\_the\\_Influence\\_of\\_Paulo\\_Freire\\_Summary\\_and\\_Keywords/links/5eb1f393299bf18b95999522/Environmental-Education-in-Brazil-and-the-Influence-of-Paulo-Freire-Summary-and-Keywords.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Marcos_Reigota/publication/341165714_Environmental_Education_in_Brazil_and_the_Influence_of_Paulo_Freire_Summary_and_Keywords/links/5eb1f393299bf18b95999522/Environmental-Education-in-Brazil-and-the-Influence-of-Paulo-Freire-Summary-and-Keywords.pdf) Acesso em: 06 jan. 2021.

REIGOTA, M.; PRADO, B. H. S.; (Orgs.) **Educação Ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, L. F. **Por entre corpos, vidas e culturas: um (des)encontro entre a educação física escolar e a educação ambiental**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, 2004.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ROMAGUERA, A. et al. Dissertações e teses produzidas entre os anos 2000 e 2017: uma contribuição para o cotidiano escolar. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, vol. 26, nº 56, p.287-305, jan./abr.2021.

SALES, T. **João Cabral & Josué de Castro conversam sobre o Recife**. São Paulo: Cortez, 2014.

SAMPAIO, S. M. V.; GUIMARÃES, L. B. O Dispositivo da Sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**. Vol.30, n.2, p. 395-409, mai/ago. 2012.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina S. A. 2020. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf> Acesso em: 12 jan. 2021.

SENA, C. Clarice Lispector no Carnaval de Recife. **Recanto das Letras** (site). Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3379727> Acesso em 8 ago. 2021.

SENN, C. O educador Paulo Freire. In: Senna, C. **Cordéis que educam e transformam**. São Paulo: Global, 2012, p. 97-106.

SERODIO, L.; PRADO, G. V. T. Percursos interpretativos de formação docente e discente. In: COSTA, A. A. F. et al. (Org.) **Narrativas, formação de professores e subjetividades democráticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SEVERINO, D. L. Trabalhador rural e líder sindical: relatos de memória de Severino Domingues de Lima, o poeta “beija-flor”. Dossiê: “O longo ano” de 1963. **Cadernos de História/UFPE**, vol. 10, ano 10, 2014 (pp. 139-154). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/issue/view/1986/showToc> Acesso: 15 ago. 2019.

SILVA, A. C. B. **“Entre” encontros e caminhos de uma professora-pesquisadora no cotidiano da educação infantil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, 2021.

SILVA, A. G.; ALBRES, N. A.; RIBEIRO, T. Prefácio. In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SILVA, M. C da. Narração: Tipos de Narrador, **Brasil Escola** [website], 25 abr.2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/narracao-tipos-narrador.htm>.

SILVA, T. D. da. Hannah Arendt e o ativismo dos indiferentes do bolsonarismo. **Cult**, São Paulo, 2 de abr. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/hannah-arendt-bolsonarismo/>. Acesso em: 28 out. 2020.

SKLIAR, C. Elogio à conversa (tradução de Tiago Ribeiro). In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SOUZA, L. C. P.; DRIGO, M. O. Representações do outro: estudo com imagens em livros didáticos. **E-Compós**, Brasília, vol.21, nº2, mai/ago. 2018.

SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, M. J. Prefácio. In: REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. P. 9-12.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [recurso digital]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. SciELO Livros. [https://play.google.com/books/reader?id=7NJCBgAAQBAJ&hl=pt\\_PT&pg=GBS.PP1.w.749.0.0](https://play.google.com/books/reader?id=7NJCBgAAQBAJ&hl=pt_PT&pg=GBS.PP1.w.749.0.0) Acesso em 23 ago. 2019.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 20, Edição Especial: 70-77, 2008.

STRECK, D. R. et al. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SUASSUNA, A. **O auto da compadecida** [1955]. Rio de Janeiro: Agir. 2005.

VARANI, A. Trabalho coletivo docente como espaço de re-existência. In: COSTA, A. A. F. et. al. **Narrativas, formação de professores e subjetividades democráticas**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2020.

VOLTAS, F. Q.; SAUL, A. M.; SAUL, A. Formação permanente freireana na Educação de Jovens e Adultos: reinventando políticas e práticas no município de São Paulo. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2116601, p. 1-19, 2021.

WUNDER, A.; ROMAGUERA, A. R. T. Experimentações Coletivas por entre poesias, fotografias e ventos-áfricas. **Informática na Educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 31-45, jul./dez. 2014.

YANG, A. L. C.; MACHADO, C. S.; REIGOTA, M. A. S. O processo de narrar-se como um movimento de questionamento do tempo presente. **Utopia y Praxis Latinoamericana**, Ano 22, n. 79, p. 141-148, oct-dic, 2017.

YANG, A. L. C.; REIGOTA, M.; BARCHI, R. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar-se. **Linha Mestra**, n. 35, p. 265-277, maio-ago. 2018.

ZACCA, R. A educação pela prática da linguagem: uma chance pedagógico-filosófica na poesia de João Cabral de Melo Neto e na filosofia de Paulo Freire. **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social (BVPS)**, 22 de novembro de 2019. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2019/11/22/a-educacao-pela-pratica-da-linguagem-uma-chance-pedagogico-filologica-na-poesia-de-joao-cabral-de-melo-neto-e-na-filosofia-de-paulo-freire-por-rafael-zacca-ufrrj/>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

### Documentos sonoros:

ABERTURA. Performance da Orquestra Armorial em seu primeiro álbum (1975). Regência Cussy de Almeida. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0lcKZXaZkGk&t=708s>  
Acesso em 15 abr. 2021.

ANTENE-SE. Chico Science & Nação Zumbi. Da lama ao caos. Sony Music. **CD**. 1994

BODOQUE. Marta Catunda/Tetê Espíndola. Outro lugar. Luz Azul. **CD**. 2017.

CASTANHO. Lenine/Carlos Posada. Carbono. Universal Music. **CD**. 2015.  
LAMENTO SERTANEJO. Dominginhos/Gilberto Gil. A arte do mestre Dominginhos. Universal Music. **CD**. 2005.

LEÃO DO NORTE. Lenine/Paulo César Pinheiro. The Bridge. Coqueiro Verde. **DVD/CD**. 2016.

O REAL RESISTE. Arnaldo Antunes. O real resiste. Rosa Celeste. **Vinil/DVD**. 2020.

OUTRO LUGAR. Tetê Espíndola/Arnaldo Black. Outro Lugar. Luz Azul. **CD**. 2017.

PORTO DA SAUDADE. Alceu Valença. (original) Cinco Sentidos. Ariola. **LP**. 1981.  
Performance da Orquestra Ouro Preto. Valencianas. Deckdisc. **DVD/CD**. 2015.

REPENTE. Antonio José Madureira (1971). Performance do Quinteto Aralume. **YouTube**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bkPqNbKX\\_0I](https://www.youtube.com/watch?v=bkPqNbKX_0I)  
Acesso: 15 abr. 2021.

RIOS, PONTES E OVERDRIVES. Chico Science & Nação Zumbi. Chico Science & Nação Zumbi. Sony Music. **LP**. 1999.

UM SOL. Lucina e Bené Fonteles. Canções para pescar almas. Casa dos Passarinhos. **CD**. 2019.

### Documentos audiovisuais:

A EDUCAÇÃO PROIBIDA. (La educación prohibida). German Doin/ Verónica Guzzo. Documentário. Dublado. Argentina, 2012. 120 min. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y> Acesso em 18 mar. 2021.

A FEIRA. Kleber Mendonça Filho. Instalação composta por 14 telas de Alta Definição no Museu do Cais do Sertão, Recife, PE, 2014. **YouTube**. Teaser disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Oz25U\\_WN5JI](https://www.youtube.com/watch?v=Oz25U_WN5JI)

ÁGORA: Oca Tapera Terreiro. Bené Fonteles. Instalação 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva. São Paulo, 2017. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x75jaZUUaEE>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BACURAU. Kleber Mendonça Filho. SBS Productions, CinemaScópio, Globo Filmes. Vitrine Filmes/ SBS Distribution. França/Brasil, 2019. 132 min. **Cinema**.

CAFUNDÓ. Paulo Betti/Clóvis Bueno. Brasil. 102 min. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGin4q0xh2w> Acesso: 14 abr. 2018

GERMINAL (Germinal). Claude Berri. França/ Itália/Bélgica, 1993. Legendado. 160 min. **JustWatch**. Disponível em: <https://www.justwatch.com/br/filme/germinal> Acesso: 06 set. 2019.

HANNAH ARENDT: ideias que chocaram o mundo. (Hannah Arendt). Margarethe von Trotta. Reimatfilm. França/Alemanha/Luxemburgo. 2012. 120min. **JustWatch**. Disponível em: <https://www.justwatch.com/br/filme/hannah-arendt> Acesso: 23 set. 2017.

INDIANA JONES e os caçadores da arca perdida (Reiders of the lost ark). Steven Spielberg. Geoge Lucas. Lucasfilm/ Frank Marshall Productions. U. S. A. 1981. 115 min. Legendado. **Cinema**.

NARRADORES DE JAVÉ. Eliane Caffé. Bananeira Filmes et al. Riofilme. França/Brasil, 2004. 102 min. **YouTube**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7-EUH\\_DDfH4](https://www.youtube.com/watch?v=7-EUH_DDfH4) Acesso: 05 mai. 2017.

O SOM AO REDOR. Kleber Mendonça Filho. CinemaScópio. Vitrine Filmes. Brasil, 2012. 131 min. **JustWatch**. Disponível em: <https://www.justwatch.com/br/filme/o-som-ao-redor> Acesso: 06 set. 2019.

RECIFE FRIO. Kleber Mendonça Filho. Emilie Lesclaux. Vitrine Filmes. Brasil, 2009. 24 min. **Canal Brasil** (TV aberta) em 29/04/2021.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
ESTADO DE PERNAMBUCO



12.ª Zona Distrital da Capital

Freguesia do Pôço da Panela

Certidão de Nascimento

REGISTRO CIVIL  
FREG. DO PÔÇO DE PANELA  
OSCAR GLADSTONE MENDES BASTOS  
OFICIAL  
VALDEMAR JOAQUIM PEQUENO  
SUBSTITUTO

DE  
Paulo Regius Neves Freire

Ocorrido em 19 de Setembro de 1921

Oscar Gladstone Mendes Bastos, Escrivão Distrital e Oficial do Registro Civil da Freguesia do Pôço da Panela, 12.ª Zona Municipal do Recife, Capital do Estado de Pernambuco, em virtude da Lei etc.

N.º 427

Fls. 74

Livro 16

Certifico que, do meu decimo sexto livro de registro de nascimentos, a folhas 74 consta o de Paulo Regius Neves Freire -

numero quatrocentos e vinte e sete do teor seguinte:

Dos dezesseis dias do mês de Setembro de mil novecentos e vinte e um, nesta Freguesia do Pôço da Panela, compareceu em meu cartório o Capitão Joaquim Tenistales Freire e perante as duas testemunhas acima assinadas disse: que hoje as nove horas em sua residencia numero setenta e sete e meio quatro, sito á rua do Encanamento, sua esposa dona Edeltrudes Neves Freire deu a luz a uma criança do sexo masculino, que tomou o nome de Paulo Regius Neves Freire, que ele declarou ser natural do Rio Grande do Norte, Oficial da Força publica, filho legítimo de Ceciliano Demétrio Freire, já falecido e dona Albina Quisio Freire, que sua esposa é pernambucana e filha legítima de José da





# MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE

## GINASIO OSVALDO CRUZ

Inspeção Permanente

RECIFE — PERNAMBUCO

Curso Complementar — Classe DIREITO

Certificado de exames da 2.ª Série N.º *82*

Certificamos que *Paulo Reglus Neves Freire*  
filho de *Joaquim Teófilo Freire*  
natural de *Pernambuco*  
nascido em *16* de *Setembro* de 19*21*, foi considerado  
aprovado nos exames da segunda série, no ano letivo de 19*42* com os se-  
guintes resultados:

Literatura <i>sessenta e dois (62)</i>	Higiene <i>cincoenta e seis (56)</i>
Matemática <i>setenta e seis (76)</i>	Hist. da Filosofia <i>cincoenta (50)</i>
Fisiologia <i>cincoenta e sete (57)</i>	Geografia <i>sessenta e nove (69)</i>

Média Geral *sessenta e nove (61)*

Recife, *10* de *Outubro* de 19*42*

O Inspetor.....



*Reco*

Delegado Federal

*Aluizio Araújo*  
Diretor

Recebeço a firma ret. Sr. Vey  
S. da V. da V. da V.

Recibe 18 de jan de 1943

Em testemunho de ver de S.

O TABELLIÃO PUBLICO

sumario dos livros



CLINICA MEDICO - CIRURGICA

DO

DR. CIRNE DE AZEVEDO

Residencia : Rua das Graças n.º 105

Consultorio : Rua Imperatriz N.º 64-Das 15 às 17 horas

Mr. \_\_\_\_\_

Attesto, em fim de todos meus  
para o Sr. Paulo Rufus  
Meus deuses sobre a per-  
fectamente suprido, por  
physien por me toluente.



Recif. 15 de maio a 1943  
M. de Azevedo

Recor

ASSOCIADO: *Trina*

*Neto Sr.*

*Luiz de Macedo*

Recife, *18* de *Jan* de *1943*

Em testemunho do ver de *[Signature]*

O TABELLÃO PUBLICO.

*Sumario do Livro*





DEPARTAMENTO DE SAUDE PUBLICA

ESTADO DE PERNAMBUCO

Vacinação Antivariolica

*Gaule Reglus Neves Freire*  
de *21* de idade, de cor *B*, natural de *Recife*  
residente á rua *Fernando Vitoria 15*  
foi vacinado com proveito em \_\_\_\_\_ de *out* de \_\_\_\_\_

N.º de cicatrizes \_\_\_\_\_ local *Braco*

Recife, *7* de *Out* de 19*43*

*Rayalla Pinney*  
*Recife*

ESTADO DE PERNAMBUCO  
INSPECTORIA  
- DE -  
EPIDEMIOLOGIA E BIO-ESTATISTICA  
46.37

Reconheço a firma Itu S.A.

Atala Jituaera.

Recite. 18 de Janeiro de 1943

Em testemunho da verdade J.

O TABELLIÃO PÚBLICO:

Jacinto Torres Vieira



# COLÉGIO OSVALDO CRUZ

RECIFE

Atesto que o Sr. Paulo Reglus Alves Traine

frequentou as duas séries do Curso Complementar - Classe Direito deste estabelecimento, nos anos letivos de 1941 e 1942, nada constando em desabono de sua conduta.

Recife 8 de Janeiro de 1943  
Alcides Pessoa da Praieira  
Diretor



Reconheço a firma Alcides Pessoa da Praieira  
Recife, 8 de Janeiro de 1943

Em testemunho do verdadeiro  
O TABELLÃO PÚBLICO,

Guilherme Cavalcanti

no-17

M. J. ...

Exmo. Snr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.

MINISTERIO DO AGRICULTURA  
FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE  
Nº 78  
ENTRADO NA PORTARIA  
Em 25 de janeiro de 1943

Paulo Regus

Miscerera - ce  
Em 25 - janeiro 1943  
O Diretor,  
Miguel Bezzer

Q

Paulo Regus Neves Freire, tendo satisfeito às exigências legais, conforme prova com os documentos incluídos, requer a V. Excia. se digne de mandar inscrevê-lo entre os candidatos aos próximos exames do Concurso de Habilitação à matrícula no 1º ano do curso de Bacharelado professado nesta Faculdade. *Colégio Givaldo Braz em 1942 terminou o curso seriado.*  
Nestes termos

Pede deferimento.

Recife, 19 de janeiro de 1942  
Paulo Regus Neves Freire



As Sr. Aguiar:  
Em 25 - Jan<sup>o</sup> - 1943  
O Secretário,

J. J. J. J.

Sr. Sr. Secretário:  
O respeito pela  
vossa autoridade e  
por vossa, e por  
património e por  
do país.

Em 25 - Jan<sup>o</sup> - 1943  
O Secretário,  
J. J. J.

A cartaria de identidade  
de esta república  
35 do Livro competente.

Em 26 - Jan<sup>o</sup> - 1943  
J. J. J.

91-23.

1º ano  
mat.

Exmo. Snr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
 FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE  
 Nº 466  
 ENTREGUE NA PORTARIA  
 Em 3 de Março de 1943  
*Paula Freire*

*Informe a Secretaria  
 Faculdade, 3-3-43.  
 @ Diretor  
 Maria de Souza  
 Matricule-se  
 Em 3-3-43.  
 @ Diretor  
 Maria de Souza*

PAULO REGLUS NEVES FREIRE, tendo sido aprovado nas matérias constitutivas do Concurso de Habilitação, prestado nesta Faculdade na corrente ano, vem, de acordo com os documentos inclusos, requerer a sua matricula no 1º ano do curso de Bacharelado.-

Nestes termos

Pede deferimento.

*Recife, 3 de março de 1943  
 Paulo Reglus Neves Freire*



Ilmo. Sr. Dn. Director:  
O requerente pode  
ser atendido uma  
vez que satisfaz as  
exigências legais.  
Secretaria, 3-3-43.

*[Signature]*



# Ministério da Educação e Saúde

## Faculdade de Direito do Recife

**2.º Via** via

Exercício de 19 ~~43~~...

Guia n. 266..

O Sr. Paulo Roglus Novos Freire.....  
matriculado no .... ano do curso de Bacharel sob n.º.... vai  
pagar na Tesouraria da Faculdade de Direito do Recife a quan-  
tia abaixo mencionada: :

Taxa de matricula.....	Cr\$.s. 60,00
Taxa de frequencia 1.º periodo....	Cr\$.s. 120,00
Taxa de frequencia 2.º periodo....	.....\$.....
Certidão de frequencia.....	.....\$.....
Inscrição em exame final.....	.....\$.....
Certidão de exame.....	Cr\$.s. 30,00
Taxa de promoção.....	.....\$.....
Diploma de terminação do curso..	.....\$.....
Receita diversas:.....	.....\$.....
.....	.....\$.....
.....	.....\$.....
Total.....	Cr\$.s. 210,00



(Rs. .... ~~DUZENTOS E DEZ CRUZEIROS~~.....)

Recebi, em ...../...../ 19.....

Talão n.º .....

**Visto**

**FA- FACULDADE DE DIREITO**

Tesoureiro

**CLASSIFICAÇÃO**  
Receita.

Ministerio da Educação e Saúde.

IV- Diversas Rendas.

180- renda da Faculdade de Direito do Recife.

Receita em duzentos e dez cruzeiros

27 II  
*M. Freire*

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO

CERTIFICO que ás fls. \_\_\_\_\_ do livro de termo de

ligamento das provas do Concurso de Habilitação á matricula no 1º ano

curso de Bacharelado professado nesta Faculdade, realizadas de 9 a

7 de Fevereiro do corrente ano de 1943, consta que o candidato \_\_\_\_\_

Paulo Reglus Neves Freire foi julgado habilitado por

haver obtido as seguintes notas medias e media geral nas disciplinas

do mesmo concurso: LATIM, grau trinta LITERATURA,

grau quarenta e quatro <sup>dição cinquenta e quatro</sup> GEOGRAFIA, grau quarenta e quatro

HIGIENE, grau oitenta e três SOCIOLOGIA, grau setenta e

três HISTORIA DA FILOSOFIA, grau sessenta e sete MEDIA GE-

RAL, cincoenta e oito.

E, para constar, passei o presente certificado, que subscrevo

e assino.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, em 25 de fevereiro

1943.

O SECRETARIO DO CONCURSO

J. V. Freire



252  
3

Exmo. Snr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.-



**INFORME A SECRETARIA**

Faculdade de Direito do Recife

Em 20 de novembro de 1943

*M. S. S.*  
DIRETOR

**INSCREVA-SE**

Faculdade de Direito do Recife

Em 20 de novembro de 1943

*M. S. S.*  
DIRETOR

O infra assinado, aluno matriculado sôb o n.º 13, no 1º ano do curso de Bacharelado desta Faculdade, tendo satisfeito as exigências legais, conforme faz prova com os documentos inclusos, requer a V. Excia. se digne de mandar inscrevê-lo entre os candidatos aos exames finais das disciplinas que constituem o referido ano.-

Termos em que

Pede deferimento.

Recife, 17 de novembro de 1943  
Paulo Regis Freire



Ilmo. Sr. Dn. Director:  
O meqvemente satisfez  
as exigencias legais.

Em 20-11-43.  
A. Gallo

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.

Como pede

Em 20. novembro de 1943.

DIRETOR

*Paulo Reglus Nives Freire*

aluno matriculado

sob o n.º 23 no 1.º ano do curso de bacharelado dessa Faculdade, para fins de direito, pede a V. Excia. que se digne mandar certificar ao pé desta quais as medias finais que obtêve nas cadeiras do referido ano, bem como si tem a frequencia exigida pela lei para inscrever-se em exames finais.

Termos em que,

P. deferimento



*Recife, 17 de novembro de 1943*  
*Paulo Reglus Nives Freire*



CERTIFICO, cumprindo o despacho supra, que o requerente obtêve as seguintes notas medias finais nas cadeiras do ano, adiante mencionadas:

<i>Introdução à Ciência do Direito</i>	<i>média geral seis (6)</i>
<i>Economia Política</i>	<i>cinco e meio (5,5)</i>
<i>Direito Romano</i>	<i>cinco (5)</i>
<i>Teoria do Estado</i>	<i>cinco e meio (5,5)</i>

E, para constar lavrei esta certidão, que assino com o Dr. Secretario, para os devidos fins.

O ESCRITURARIO

VISTO, EM



*11-43*

Secretario



*[Signature]*

# A EDUCAÇÃO E SAÚDE

FAKULDADE DE DIREITO DO RECIFE

TALÃO N.º 1217

..... eiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de  
....., recebida do Snr. Paulo Regulus Nunes

....., proveniente das seguintes taxas:

..... curso de habilitação.....	..... \$
..... ano.....	..... \$
..... ano..... semestre.....	..... \$
..... para exame final, por materia.....	..... \$
..... do de exame, por materia.....	..... \$
..... de transferencia.....	..... \$
..... ciação em defesa de tese.....	..... \$
..... " para concurso de professor catedratico.....	..... \$
..... " " " " docente livre.....	..... \$
Certidão de frequencia por ano escolar.....	..... \$
..... " " aprovação em defeza de teze.....	..... \$
Titulo de docente livre.....	..... \$
Diploma de bacharel (pergaminho).....	..... \$
..... " " doutor ( " " ).....	..... \$
Certidão em relatorio.....	..... \$
..... " verbo ad verbum.....	..... \$
Registro de carta.....	..... \$
Taxas diversas.....	..... \$
Juros de apolices.....	..... \$
Rs.....	..... \$



Importa em Quarenta e cinco cruzeiros

Faculdade de Direito do Recife, em 17 de 11 de 1943

Comando Estadual do Recife  
TESOUREIRO

# DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIVERSIDADE DE RECIFE

*Payou Selos*

TALÃO N.º *730*

Tesoureiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de  
R\$ ....., recebida do Snr. *Paulus Regulus Neves*

proveniente das seguintes taxas:

Curso de habilitação.....	\$
..... ano.....	\$
do <i>1º</i> ano, <i>9º</i> semestre..... <i>4 cad</i>	\$ <i>120,00</i>
para exame final, por materia.....	\$
do de exame, por materia.....	\$
de transferencia.....	\$
..... ição em defesa de tese.....	\$
" para concurso de professor catedratico.....	\$
" " " " docente livre.....	\$
Certidão de frequencia por ano escolar.....	\$
" " aprovação em defesa de teze.....	\$
Titulo de docente livre.....	\$
Diploma de bacharel (pergaminho).....	\$
" " doutor ( " " ).....	\$
Certidão em relatorio.....	\$
" " verbo ad verbum.....	\$
Registro de carta.....	\$
Taxas diversas.....	\$
Juros de apolices.....	\$



Rs. *C. \$ 120,00*

Importa em *Cento e vinte cruzados*

Faculdade de Direito do Recife, em *27* de *7* de 194*3*

*Leonardo Calvado Velh*  
TESOUREIRO *aux XIV*

2º Ano

Exmo. Snr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.-

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE  
 SECRETARIA  
 233  
 10 de fev de 44  
 Paulo Gomes

**INFORME A SECRETARIA**

Faculdade de Direito do Recife

Em 15 de fevereiro de 1944.

DIRETOR

**MATRICULE-SE**

Faculdade de Direito do Recife

Em 15 de fevereiro de 1944.

DIRETOR

Paulo Reglus Neves Freire, tendo sido aprovado nas disciplinas que constituem o 1º ano do curso de Bacharelado desta Faculdade, vem requerer a V. Excia., se digne, de acordo com os documentos inclusos, de mandar matricula-lo no ano subsequente.-

Termos em que,

Pede deferimento.

Recib. 10 de fev de 1944  
 Paulo Reglus Neves Freire

de 1944



Dr. Director:  
requerente puede  
ser atendido una  
que satisfaga sus  
exigencias legales.  
En 75-2-44.

Hatto



PADE DE INVENÇÃO DO RECIFE  
MEMORANDA  
PAGO

MINISTERIO DA EDUCACAO  
FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE  
CERTIFICADO DE EXAMES

Certifico que do livro respectivo de termos de Exames do 1º ano, ás fls. 73-80 82-77 consta que o Sr. Paulo Régis Nives Freire foi aprovado, respectivamente, nos dias 29/11 27/12 27/07 24/01/43 nas seguintes materias: Introdução à ciência do Direito média grau seis (6) Economia Política " " cinco (5) Direito Romano " " cinco (5) Teoria Geral do Estado " " sete (7)

E, para constar, mandei passar o presente certificado, que assino.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, em 30 de janeiro de 1944

O ESCRITURARIO

*[Handwritten signature]*

VISTO  
O SECRETARIO

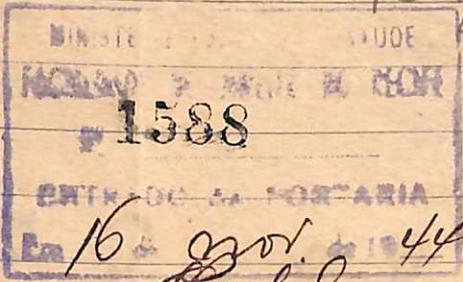
*[Handwritten signature]*



NY (331)

2<sup>a</sup> - adm

Com. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.



16 nov. 44  
Paula Form



Paulo Reglus Neves Freire, aluno matriculado sob o número 2, no curso de bacharelado desta Faculdade, habilitado com os documentos juntos, requer a V. Ex. se digne mandar inscrevê-lo para os exames finais do aludido ano.

Nestes termos,  
pede deferimento.

Recife, 16 de Novembro de 1944  
Paulo Reglus Neves Freire



Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife

Como pede  
Em 16 de novembro de 1944

*M. Aguiar*

D I R E T O R



Paulo Reglus Neves Freire aluno matriculado

nº 2 no 2º ano do curso de bacharelado dessa Faculdade, fins de direito, pede a V. Excia. que se digne mandar certificar ao pé desta quais as médias finais que obtêve nas cadeiras do referido ano, bem como si tem a frequencia exigida pela para inscrever-se em exames finais.

Termos em que,

P. deferimento

Recife, 16 de novembro de 1944.  
Paulo Reglus Neves Freire



CERTIFICADO, cumprido o despacho supra, que o presente obtêve as seguintes notas medias finais nas cadeiras do 2º adiante mencionadas

Recito Civil-media sete e meio (7,5)

Recito Penal-media sete e meio (7,5)

Recito Constitucional-media dez (10)

Frequencia das Financas-media cinco e meio (5,5)

E, para constar lavrei esta certidão, que assino com o Secretario, para os devidos fins.

pel o ESCRITURARIO

*Mais de Melo Arêdo*

CO, E *Sege Gen. Ent.*



Secretario



# MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

TALÃO N.º 701

o tesoureiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de 100,00, recebida do Snr. Paulo Regius

, proveniente das seguintes taxas:

curso de habilitação..... \$

ano..... \$

ano, 2º semestre..... \$

exame final, por materia..... \$

exame, por materia..... \$

matrícula..... \$

custo de tese..... \$

concurso de professor catedrático..... \$

docente livre..... \$

matrícula por ano escolar..... \$

matrícula em defeza de tese..... \$

matrícula livre..... \$

matrícula (pergaminho)..... \$

matrícula ( " )..... \$

matrícula laboratório..... \$

matrícula ad verbum..... \$

..... \$

..... \$

..... \$

Rs. 100,00

em Recife

Direito do Recife, em 7 de Agosto de 194 4

TESOUREIRO

(23)

3º ano

Exmo. Snr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.-

389

26 fev 45

Paula Gomes

**MATRICULE-SE**

**Faculdade de Direito do Recife**

Em 26 de fev de 1945

M. S. M.

DIRETOR

O abaixo assinado, tendo sido aprovado nas disciplinas que constituem o 2º ano do curso de Bacharelado desta Faculdade, vem requerer a V. Excia., de acordo com os documentos inclusos, se digne de mandar matricula-lo no ano subsequente. - *Declara a opção da cadeira do Sr. Gilberto Orócio, curso equiparado de D. T. Público.*

Termos em que,

Pede deferimento.

Recife, 24 de Fevereiro de 1945

Paula Gomes



O peticionario satisfaz as exigencias legais

Secretaria da Faculdade, em 26 de Fevereiro de 1945

Anair M. Azevedo

Aux. Escritorio VII.

# MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

N.º .....

CERTIFICADO DE EXAME TALÃO N.º 295

Fica o tesoureiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de

\$ 200,00, recebida do Snr. Paulo Reglus Neves

proveniente das seguintes taxas:

em concurso de habilitação.....	\$ 60,00
no ..... ano,.....	\$ 125,00
no ..... ano, ..... semestre.....	\$ 20,00
para exame final, por materia.....	\$ .....
o de exame, por materia.....	\$ .....
transferencia.....	\$ .....
em defesa de tese.....	\$ .....
para concurso de professor catedratico.....	\$ .....
'' '' '' docente livre.....	\$ .....
de frequencia por ano escolar.....	\$ .....
' aprovação em defeza de teze.....	\$ .....
docente livre.....	\$ .....
le bacharel (pergaminho).....	\$ .....
' doutor ( '' .....	\$ .....
em relatorio.....	\$ .....
rbo ad verbum.....	\$ .....
e carta.....	\$ .....
ersas.....	\$ .....
polices.....	\$ .....



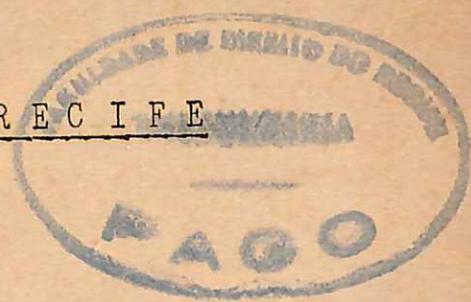
Rs. 200,00

Importa em

de Direito do Recife, em 20 de Fev de 1945

TESOUREIRO

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE



CERTIFICADO DE EXAMES

CERTIFICO que do livro respectivo de termos de Exames do ano, às fls. 96-98-100.- consta que o Sr. \_\_\_\_\_

Paulo Reglus Neves Freire

foi aprovado no 2º ano, em de nov. de 1945

com as seguintes medias, respectivamente: \_\_\_\_\_

Direito Penal media grau oito (8)

Direito Publico e Constitucional " " dez (10)

Sciencia das Financas " " cinco (5)

Direito civil " " oito (8)

E, para constar, mandei passar o presente certificado, que assino.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, em 21 de Jan. de 1945.

O AMANUENSE

Wair de Melo Azevedo

VISTO  
O SECRETARIO



9.11

30.11

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.

MINISTÉRIO EDUCAÇÃO E SAÚDE  
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RECIFE  
 N.º 1471  
 ENTRADO NA PORTARIA  
 20 de out. de 1945  
*Paula Freire*

INFORME A SECRETARIA  
 Faculdade de Direito do Recife  
 Em 20 de *Junho* de 1945  
*Paula Freire*  
 DIRETOR

INSCREVA-SE  
 Faculdade de Direito do Recife  
 Em 20 de *Junho* de 1945  
*Paula Freire*  
 DIRETOR

Paulo Régus Néves Freire, aluno matriculado sôb o n. 23, no 3º ano do curso de Bacharelado professado nesta Faculdade, tendo satisfeito as exigências regulamentares, conforme os documentos inclúsos, vem requerer a V. Excia., se digne de mandar inscrevê-lo para exâmes finais das disciplinas que constituem o referido ano.

Teñmos em que,

Pede deferimento.

Recife, 20 de Novembro de 1945  
*Paulo Régus Néves Freire*



Lu fomos que o peticionário  
atende as exigências da  
lei, estando em condições  
de ser atendido. Sec.º, em  
20/11/45 - Luís de Paula

Apresentou quitação mi-  
litar, que ficou hoje arqui-  
vada.

Secretaria, 28/2/46.  
Luiz Fioravanti

# MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

LIVRO N.º \_\_\_\_\_

TALÃO N.º 837

Fica o tesoureiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de.....

Cr \$ 45,00, recebida do Sr. Paulo Regis Neves

Freie

, proveniente das seguintes taxas:

Inscrição em concurso de habilitação ..... Cr \$ .....

Matrícula no ..... ano, ..... " .....

Frequência no ..... ano, ..... semestre ..... " .....

Inscrição para exame final, por matéria ..... " 30 anos 40,00

Certificado de exame, por matéria ..... " .....

Matrícula de transferência ..... " .....

Inscrição em defesa de tese ..... " .....

para concurso de professor catedrático ..... " .....

“ “ “ docente livre ..... " .....

Matrícula de frequência por ano escolar ..... " 5,00

“ aprovação em defesa de tese ..... " .....

Matrícula docente livre ..... " .....

Matrícula de bacharel (pergaminho) ..... " .....

Matrícula doutor ( “ ) ..... " .....

Matrícula relatorio ..... " .....

Matrícula pro ad verbum ..... " .....

Matrícula ..... " .....

..... " .....

..... " .....

..... " 45,00

Matrícula de ..... Cr \$ .....

..... " .....

..... " .....

..... " .....

..... " .....

..... " .....

..... " .....



Matrícula em Quarta e censu

Direito do Recife, em 20 de Junho de 1944

Emmanuel de  
Carvalho

# MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

## FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

VRO N.º \_\_\_\_\_

TALÃO N.º 653

Fica o tesoureiro da Faculdade de Direito do Recife debitado pela quantia de

\$ 120,00, recebida do Snr. Paulo Lopes Nunes

Receita, proveniente das seguintes taxas:

Matrícula em concurso de habilitação..... \$

Matrícula no \_\_\_\_\_ ano..... \$

Matrícula no 4º ano, 2º semestre..... \$ 120,00

Matrícula para exame final, por materia..... \$

Matrícula para exame, por materia..... \$

Matrícula de transferencia..... \$

Matrícula para defesa de tese..... \$

Matrícula para concurso de professor catedratico..... \$

Matrícula " " " docente livre..... \$

Matrícula de frequencia por ano escolar..... \$

Matrícula " " " aprovação em defesa de teze..... \$

Matrícula docente livre..... \$

Matrícula de bacharel (pergaminho)..... \$

Matrícula de doutor ( " " )..... \$

Matrícula em relatorio..... \$

Matrícula de ad verbum..... \$

Matrícula de carta..... \$

Matrícula de as..... \$

Matrícula de ces..... \$

Porta em Cento e vinte e quatro Rs. 120,00

Direito do Recife, em 20 de Agosto de 1945

TESOUREIRO Guilherme



Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife

Como pede

Em 20 de novembro de 1945

*[Signature]*  
DIRETOR

Paulo Reglus Neves Freire, aluno matri-

culado sob o n.º 23 no 3.º ano do curso de bacharelado dessa Faculdade, para fins de direito, pede a V. Excia. que se digne mandar certificar ao pé desta quais as medias finais que obtêve nas cadeiras do referido ano, bem como si tem a frequencia exigida pela lei para inscrever-se em exames finais.

Termos em que,

Recife, 20 de novembro de 1945  
Paulo Reglus Neves Freire  
P. deferimento



CERTIFICO, cumprindo o despacho supra, que o requerente obtêve as seguintes notas medias finais nas cadeiras do 3.º ano, adiante mencionadas:

Direito Civil	nota média grau seis (6)
Direito Comercial	" " " cinco e meio (5,5)
Direito Penal	" " " cinco e meio (5,5)
Direito Int. Publico	" " " oito e meio (8,5)

E, para constar lavrei esta certidão, que assino com o Dr. Secretario, para os devidos fins.

Col O ESCRITURARIO

*[Signature]*

to Em 20 de novembro de 1945



Secretario

h.º Ano  
106

~~Nº 118~~  
35

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.

MINISTERIO EDUCACAO E SAUDE  
RECEBIMOS  
136/536 (536)  
CENTRO DE CONTABILIDADE  
Em 9 - Março - 1946

Paula Freire

INFORME A SECRETARIA  
Em 9 de Março de 1946  
DIRETOR

MATRICULE-SE  
Faculdade de Direito do Recife  
Em 9 de Março de 1946  
DIRETOR

Paulo Reglus Neves Freire, tendo sido aprovado nas disciplinas que constituem o 3º ano do curso de Bacharelado professado nesta Faculdade, vem requerer a V. Excia., de acordo com o certificado anexo, se digne de mandar matricula-lo no ano subsequente na forma do art. 106, do Dec. 19.851 de 11 de Abril de 1931, com o qual o peticionario foi favorecido.

Temos em que

Pede deferimento.

Recife, 8 de Março de 1946  
Paulo Reglus Neves Freire



to Dr. Raul de A. Neto pa-  
in forma Em 9 de Março de 1946  
SECRETARIO



260

1946

2-010

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

TERMO DE COMPROMISSO

Aos 9 dias do mez de março do ano de mil noçecentos e quarenta e 46, nesta Secretaria, compareceu o aluno Paulo Reglus Neves Freire, e de acôrdo com o artº 106, do Dec. nº 19.851, de 11 de Abril de 1931, assumiu o compromisso de honra de indemnizar esta Faculdade de Direito do Recife, logo que os seus recursos economicos o permitirem, da importancia de R\$. 345,00 (trezentos e quarenta e cinco cruzeiros), correspondentes ás taxas de matricula, frequencia e vinculas p. exames relativas ao \_\_\_\_\_ ano do curso de bacharelado, por não lhe ser possível, conforme provou, realizar no praso legal o pagamento da aludida importancia.

E, para constar, lavrei o presente termo que assino com o Sr. Dr. Diretor e o aluno beneficiado.

O SECRETARIO

~~Em 9 de março de 1946~~  


O DIRETOR

[Handwritten Signature]

O ALUNO

Paulo Reglus Neves Freire

SECRETARIA, 9 de março de 1946.

a 1ª vez selado  
[Handwritten Signature]

MINISTERIO DA EDUCACAO  
FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

CERTIFICADO DE EXAMES

CERTIFICO que do livro respectivo de termos de Exames do  
3º ano, ás fls. 145 - 146 - 152 e 153 consta que o Sr. PAULO RE-  
GIUS NEVES BREIRE foi aprovado, respectiva-  
te, nos dias 4 e 5 de Dezembro de 1945 nas seguintes  
materias : DIREITO CIVIL, simplesmente gráo cinco (5) ; DIREITO PENAL  
simplesmente gráo seis (6) ; DIREITO COMERCIAL, simplesmente gráo cinco  
(5) ; e DIREITO INTERNACIONAL PUBLICO, plenamente gráo oito (8) .

E, para constar, mandei passar o presente certificado, que as-  
sino.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, em 12 de Fevre-  
reiro do 1946.

O ESCRITURARIO

*Francisco de Aguiar Neto*

VISTO

O SECRETARIO

*Alencar*



h.º Arco  
106

~~N.º 118~~  
35

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito do Recife.

MINISTERIO EDUCACAO E SAUDE  
REPUBLICA DE PORTUGAL  
136/536 (536)  
CENTRO DE PORTARIA  
Em 9 de Março de 1946  
Paula Freire

INFORME A SECRETARIA  
Em 9 de Março de 1946  
O DIRETOR  
*[Signature]*

MATRICULE-SE  
Faculdade de Direito do Recife  
Em 9 de Março de 1946  
DIRETOR  
*[Signature]*

Paulo Reglus Neves Freire, tendo sido aprovado nas disciplinas que constituem o 3º ano do curso de Bacharelado professado nesta Faculdade, vem requerer a V. Excia., de acôrdo com o certificado anexo, se digne de mandar matricula-lo no ano subsequente na forma do art. 106, do Dec. 19.851 de 11 de Abril de 1931, com o qual o peticionario foi favorecido.

Têrmos em que

Pede deferimento.

Recife, 8 de Março de 1946  
Paulo Reglus Neves Freire



to Dr. Raulo de A. Neto pa-  
in forma Em 9 de Março de 1946

O SECRETARIO  
*[Signature]*

Dr. G. Curitaris  
Comunicato para seu  
atendimento.

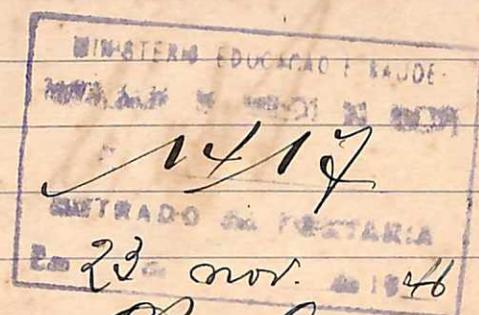
Rua 9/3/46  
Itajubá (RJ)

N.º 1

4.º ano

Excm. Sr. Sr. Juiz de Trabalho do Distrito do Recife

26 de nov. de 1946



O DIRETOR  
Genuaro Guimarães

INSCREVA-SE

Faculdade de Direito do Recife

Em 26 de Nov. de 1946

Genuaro Guimarães  
DIRETOR

Paula Lima

O abaixo assinado, aluno matriculado em 4.º ano de curso de bacharelado desta Faculdade, sob o número 35, tendo obtido as médias exigidas nas provas parciais, com nome próprio, a certidão junta, e, cumprimto as demais exigências requer a V. Excia., mandando inscrevê-lo nos exames finais

Nestes termos  
To de cumprimento

Recife, 22 de novembro de 1946  
Paulo Reges Neves Freire



Ob. O requerente está matriculado sob os termos do art. 106, razão pela qual deixa de juntar as quitações de taxas escolares.

Suspeito de aluno: Paulo Reges Freire

Informo que o requerente  
atendeu às exigências legais  
e, por isso está em condições  
de ser admitido.

Rec. 23/11/46

Guilherme de Paula

Informo que o requerente  
atendeu às exigências legais  
e, por isso está em condições  
de ser admitido.

Rec. 23/11/46  
Guilherme de Paula

Informo que o requerente  
atendeu às exigências legais  
e, por isso está em condições  
de ser admitido.

Sr. Dr. Director da Faculdade de Direito do Recife.



Como pede

Em 28 de Nov. de 1946.

*Genaro de Almeida*

DIRETOR

*Paulo Reglus Neves Freire* aluno matriculado sob o nº 35 no 4º ano do curso de bacharelado dessa Faculdade, para fins de direito, pede a V. Excia. que se digno dar certificar ao pé desta quais as medias finais que obteve nas cadeiras do referido ano, bem como si tem a frequencia exigida pela lei para inscrever-se em exames finais.

Termos em que,

P. deferimento

Recibo, 22 de novembro de 1946  
Paulo Reglus Neves Freire



CERTIFICO, cumprindo o despacho supra, que o requerente teve as seguintes notas medias finais nas cadeiras do ano, em que mencionadas:

*Direito Judiciário Civil, média, par 7 (sete)*  
*Direito Civil, média, par 6 (seis)*  
*Direito Constitucional, média, par 5 (cinco)*  
*Média Legal, média, par 7,5 (sete e meio)*

E, para constar lavrei esta certidão, que assino com o Dr. Escriuario para os devidos fins.

O ESCRITURARIO

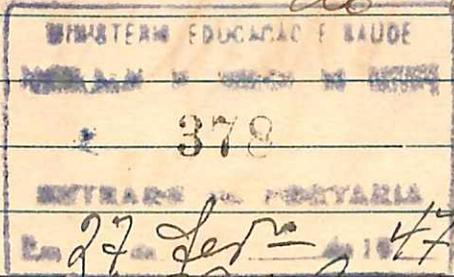
*Genaro de Almeida*



N.º 32

5º ano

Exmo Sr Diretor da Faculdade de Direito do Recife. **INFORME A SECRETARIA**



Em 28 de Set. de 1947

*Guimarães*  
DIRETOR

27 Set 47  
*Paulo Gomes*

**MATRICULE-SE**

Faculdade de Direito do Recife

Em 28 de Set. de 1947

*Guimarães*  
DIRETOR  
Paulo Reglus Neves Freire, aluno

matriculado no 4º ano do curso de Bacharelado desta Faculdade, tendo obtido aprovações em todas as matérias que constituem o referido ano, requer a V. S. se digne mandar matriculá-lo no 5º ano de acordo com o art. 106, do dec. 19.881 de 11 de abril de 1931. Em tempo: o competente certificado de aprovação foi anexado à petição endereçada ao Diretor Acadêmico de Direito.

Uso: Termos.

P. e p. r. i. m. e. n. t. o.

Recife, 27 de Setembro de 1947  
Paulo Reglus Neves Freire



a' levis de trauca, para  
informar. Em 28/9/47

*Secretaria*

Informe que o requerente  
atendeu às exigências  
regulamentares, estando  
em condições para ser  
atendido.

Sec 287047  
deuvidesfranc

*Elab. 601*  
RECIFE

MINISTERIO DA EDUCACAO

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

CERTIFICADO DE EXAMES

Certifico que do livro respectivo de termos de Exames do 4º ano, ás fls. 1-4-6 e 6V. consta que o

Sr. Paulo Reglus Neves Freire

foi aprovado, respectivamente, nos dias 3, 4 de dezembro de 1946 nas seguintes materias:

Direito civil média grau cinco (5)  
Direito Commercial " " cinco (5)  
Direito Jud. Civil " " seis (6)  
Medicina Legal " " oito (8)

E, para constar, mandei passar o presente certificado, que assino.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, em 28 de

dezembro de 1946

O ESCRITURARIO

VISTO

O SECRETARIO,

*[Handwritten signature]*



*[Handwritten signature]*  
- 1947

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

2.ª Via

TERMO DE COMPROMISSO

Aos 28 dias do mez de fev do ano de mil novecentos e 47, nesta Secretaria, compareceu o aluno Paulo Reglus Neves Freire, e de acôrdo com o art.º do Dec. n.º 19.851, de 11 de Abril de 1931, assumiu o compromisso de honra de indemnizar esta Faculdade de Direito do Recife, logo que seus recursos economicos o permitirem, da importancia de R\$ 400.00 cent e de cem, correspondentes ás taxas de matricula, fees e exam ativas ao 5º ano do curso de bacharelado, por não lhe ser possível, conforme provou, realizar no praso legal o pagamento da aludida importancia.

E, para constar, lavrei o presente termo que assino com o Sr. Diretor e o aluno beneficiado.

O SECRETARIO

[Handwritten Signature]

O DIRETOR

[Handwritten Signature]

O ALUNO

Paulo Reglus Neves Freire

SECRETARIA, 28 de fev de 1947.

Selado o 1º vez  
[Handwritten Signature]

28

5º ano

Ex. Sr. Diretor da Faculdade de Direito da  
Universidade do Recife.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIVERSIDADE DO RECIFE  
1530  
29 de nov. 1947  
Paula Gomes

INFORME A SECRETARIA

Em 29 de Nov. de 1947

O DIRETOR

INSCREVA-SE

Faculdade de Direito do Recife

Em 29 de Nov. de 1947

DIRETOR

Paulo Reglus Neves Freire, aluno matriculado no 5º ano sob o número , havendo satisfeito as exigências legais, conforme prova com os documentos anexos, vem requerer a V. Ex.ª se digna mandar inscrevê-lo para exames orais nas cadeiras: Direito Administrativo e Direito Judiciário Civil e promovê-lo nas seguintes: Direito Civil; Direito Judiciário Penal e Direito Internacional Privado.

Alega o requerente deixar de juntar os comprovantes de pagamento de taxas, por pesar dos favores do art. 106.

Recife, 29 de Novembro de 1947  
Paulo Reglus Neves Freire



Mo. Sr. Dr. Director.

Se formo a Obseci. que  
o requerente está em con-  
dições legais para ser  
atendido.

Sec. 29/11/57  
Louis de Graaf

16

UNIVERSIDADE DO RECIFE

1947

FACULDADE DE DIREITO

SEGUNDA PROVA PARCIAL DA CADEIRA DE

Direito Judiciário Penal do 5.º ANO.  
Faculdade de Direito 5 de novembro de 1947.

Paulo Reglus Fuenstein

(assinatura do aluno)

APURAÇÃO DA NOTA MÉDIA PARA PROMOÇÃO, PROVA ORAL, OU

EXAME COMPLETO

NOTA MÉDIA DA 1ª PROVA PARCIAL	oito	(8)
NOTA MÉDIA DA 2ª PROVA PARCIAL	seis	(6)
NOTA MÉDIA PARA ORAL	sete	(7)

O ENCARREGADO DO ANO

Luís de Paula 1946

JULGAMENTO FINAL

NOTA MÉDIA DA 1ª PROVA PARCIAL	.....
NOTA MÉDIA DA 2ª PROVA PARCIAL	.....
NOTA MÉDIA DA PROVA ORAL	.....
NOTA MÉDIA FINAL	.....
RESULTADO:	.....

*Approved: 19/12/46*  
*Luís de Paula*

Faculdade de Direito, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1947.

A COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE \_\_\_\_\_

1º EXAMINADOR \_\_\_\_\_

2º EXAMINADOR \_\_\_\_\_

Julg. seu  
A. Genuaro  
A. Genuaro

Faculdade de Direito do Recife, 5 de novembro  
de 1947.

1ª prova de Direito Judiciário Penal.

Questões:

- a) Do corpo de delito, definições: o que compreende
- b) corpo de delito direto e indireto.
- c) dos peritos; a quem cabe indicá-los nomeá-los - auto de corpo de delito.

Respostas ao 1º e ao 2º

~~entre~~ Entre os elementos mais eficientes no que diz respeito à prova, em Direito Penal, é o corpo de delito. Consiste o corpo de delito no exame feito no corpo da vítima, na coisa ou no lugar onde tenha havido a infração. Pode ser: direto e indireto.

Direto, quando relacionado por peritos oficiais, nomeados pela autoridade competente, autoridade que preside ao inquérito. Tal corpo de delito, isto é, o direto prende-se aos vestígios ainda por serem averiguados da vítima ou no local da infração e a computação dos elementos físicos da infração, tais como: ferimentos, armas, etc, que serviram de meios contundentes ou perfurantes para a concretização

A. Genuaro

ca da infração.

O corpo de delito indireto é a validade da prova testemunhal que sobe sobre o exame direto dos peritos para demonstrar a existência dos sinais e dos meios da infração.

c) Os peritos são os auxiliares do processo, nomeados pela autoridade competente. Podem ser oficiais e não oficiais. Os primeiros são os efetivos de cada comarca; os segundos são os nomeados no ato do processo.

Os peritos não oficiais devem ser pessoas idôneas, escolhidas, preferencialmente, entre as que tiverem habilitação técnica. Os peritos não oficiais prestarão compromisso de bem e fielmente desempenhar o encargo.

O auto de corpo de delito é o resultado material das investigações realizadas; é o laudo dos peritos, contendo as respostas aos quesitos formulados a respeito da infração em ~~est~~ causa.

Deve conter, igualmente, um relatório aos peritos sobre os pormenores e particularidades do crime.

25

J. Genuaro

Julgo 1947  
J. Genuaro  
C. de P. Penal  
P. P. de P. Penal

Faculdade de Direito do Recife. - 9-6-47.

Primeira prova parcial de Judiciário Penal

Questões:

- a) Finalidade da ação penal.
- b) Divisão da ação penal
- c) Modos de iniciar a ação penal e requisitos que lhes são essenciais.

Respostas:

a) Considerando que, dado o caráter essencialmente social do homem, só pode este viver em sociedade; que, fora do grupo social, é mera abstração, que sua vida é, portanto, coexistência, a ação penal tem por fim, ~~reparar~~ a sociedade de atos ~~que~~ reparam do danos morais, físicos ou materiais, por meio da investigação do crime e consequente punição do criminoso, possibilitar a mesma coexistência social de que falamos acima.

- b) A ação penal pode ser:
  - a) Pública
  - II) Privada.

Pública é aquela cuja reparação se ~~dirige~~ caracteriza no punir danos <sup>que</sup> afetam os interesses coletivos e é sempre promovida por

denúncia do Ministério Público, podendo todavia, "dependendo, se a lei o exigir, de requisição do ministro da Justiça ou de representantes do ofendido ou ~~ou~~ de quem tiver qualidade para representá-lo".

Privada é aquela ação que visa punir um dano o qual feriu o indivíduo em si, ou a propriedade da sociedade, e se inicia com a queixa. A ação privada pode ser intentada nos crimes de ação pública, se o Ministério Público não oferecer denúncia no prazo legal.

c) Requisitos essenciais:

- |     |                              |
|-----|------------------------------|
| I   | Qualificação do acusado      |
| II  | Dia - hora - local do crime. |
| III | Exposição do fato criminoso. |

(c)

Requisitos essenciais:

- |     |                              |
|-----|------------------------------|
| I   | Qualificação do acusado.     |
| II  | Dia - Hora - Local do crime. |
| III | Exposição do fato criminoso. |

31  
Faculdade de Direito do Recife

Curso de Direito Judiciário Penal.

Recife, 9-6-47.

Paulo Augusto de Azevedo

UNIVERSIDADE DO RECIFE

EXMO. SR. DR. DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO

Como pede Faculdade, 29. Nov. 1947.

DIRETOR:

Paulo Lopes Neves Freire, aluno matriculado sob nº 32, no 5º ano, do curso de bacharelado dessa Faculdade, pede a V. Excia. que se digne de mandar certificar ao pé desta, quais as medias das duas provas parciais que o suplicante obteve nas cadeiras do referido ano, bem como se tem a frequencia exigida pela lei, afin de inscrever-se nos exames finais.

N. termos

P. deferimento.



Recife, 29 de novembro de 1947  
Paulo Lopes Neves Freire

CERTIFICO, em cumpr. do supra do Sr. Dr.



Diretor, que o requerente obteve as seguintes notas medias das provas parciais, nas cadeiras do 5º ano:

Direito Civil	media	grau sete e cinco (7,5)
Direito Jud. Civil	" "	seis (6)
Direito Jud. Penal	" "	sete (7)
Direito Administrativo	" "	seis e cinco (6,5)
Direito Int. Privado	" "	sete e cinco (7,5)

E, para constar, lavrei esta certidão que assino com o Dr. Secretário, para os devidos fins.

VISTO



Secretario

O encarregado do ano,

Louis de Souza

1947

pr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Re

138  
setembro 49  
Paula Gomes

Coms refer, realizando-se a  
colação às 10 e meia de h  
dia 8 de setembro corrente.

Recife, 8/9/49  
D. L. Neves Freire

PAULO REGLUS NEVES FREIRE, concluinte do curso de Bacharelado professado desta Escola em 1947, não tendo colado grau naquela época, vem requerer a V. Excia, na forma da Lei, se digne designar dia e hora para que lhe seja conferido o grau de Bacharel em Direito. O requerente junta o comprovante do pagamento do emolumento devido para esse fim.

Têrmos em que

Pede deferimento.

Recife, 6 de setembro de 1949  
Paula Reglus Neves Freire



...a requerente...  
...de setembro de 1949...  
...Paula Reglus Neves Freire...

# Ministério da Educação e Saúde

## UNIVERSIDADE DO RECIFE

TALÃO N.º 839

ca o Tesoureiro da Universidade do Recife debitado pela quantia de.....

5,00, recebida do Snr. Paulo Regius Neves

....., proveniente de.....

m concurso de habilitação ..... Cr\$ .....

o ano, ..... « .....

no ano, semestre ..... « .....

para exame final, por materia ..... « .....

de exame, por materia ..... « .....

transferencia ..... « .....

em defesa de tese ..... « .....

para concurso de professor catedrático ..... « .....

« « « docente livre ..... « .....

de frequencia por ano escolar ..... « .....

« aprovação em defesa de tese ..... « .....

de docente livre ..... « .....

a de bacharel ( pergaminho ) ..... « 155,00

« doutor ( « ) ..... « .....

ro de Carta ..... « .....

as diversas ..... « .....



Cr\$ ..... 125,00

Importa em cento e cinquenta e cinco e nois

Universidade do Recife, em 6 de Setembro de 1949

Paulo Regius Neves

23

SEGUNDA PROVA PARCIAL DA CADEIRA DE Direito Romano  
DO 1º ANO

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE, 11 DE SETEMBRO DE 194 3

Paulo R. Neves Freire  
(assinatura do aluno)

AFURAÇÃO DA NOTA MEDIA PARA ADMISSÃO Á ORAL

NOTA MEDIA DA PRIMEIRA PROVA PARCIAL .....	<u>seis (6)</u>
NOTA MEDIA DA SEGUNDA PROVA PARCIAL .....	<u>sete (7)</u>
NOTA MEDIA PARA ORAL .....	<u>seis e meio (6,5)</u>

Visto  
O Presidente da Comissão

O escurituario do ano

Ardeide Bezerra

[Signature]

JULGAMENTO FINAL

NOTA MEDIA DA PRIMEIRA PROVA PARCIAL .....	<u>seis (6)</u>
NOTA MEDIA DA SEGUNDA PROVA PARCIAL .....	<u>sete (7)</u>
NOTA MEDIA DA PROVA ORAL .....	<u>dois (2)</u>
NOTA MEDIA FINAL .....	<u>cinco (5)</u>
<u>aprovado suplesmente com cinco (5)</u>	

Faculdade de Direito do Recife, 3 de Set. de 194 3

A COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE Ardeide Bezerra  
 1º EXAMINADOR [Signature]  
 2º EXAMINADOR \_\_\_\_\_

23

Faculdade de Direito do Recife, 25 de setembro de 1943.  
prova parcial de Direito Romano.

### Questões:

horas jurídica de coisa

Do animus na posse; Doutrina de Savigny e Hering  
a respeito.

Das diversas espécies de posse - civil e natural, jus-  
ta e injusta, de boa e má fé.

### Respostas.

O vocábulo coisa pode ser encarado sob dois  
pontos de vista diversos, isto é, sob dois senti-  
dos opostos: lato ou <sup>genérico</sup> (genérico); jurídico ou restrito  
coisa, desde a encaremos sob o aspecto lato, é  
tudo o que tem existência determinada, no  
tempo ou no espaço, no sentido jurídico, tu-  
do aquilo sobre que incide o direito.

As coisas podiam ser corpóreas e incorpóreas.

As primeiras eram as que se revestiam, as  
mais das vezes, de matéria e podiam ser tocadas;  
segundas  
eram as que não podiam sê-lo.

As corpóreas podiam ser divisíveis e indivisi-  
veis; móveis e imóveis. Divisíveis, as que  
admittiam a possibilidade de fraco sem que, to-  
cava, seu todo se alterasse; as indivisíveis,  
as que, ao serem partidas, perdessem sua  
utilidade. Móveis eram as que se locomo-  
viam impulsionadas, quer por força inter-  
na, quer por força exterior, extrínseca.  
Imóveis, as que não admittiam esta possibi-

lidade.

Podiam, ainda, as coisas ser fungíveis e  
nas fungíveis.

Nota: Para alguns autores, os romanos confun-  
diam, ou mollior, identificavam as coi-  
sas fungíveis e nas fungíveis, com as  
consumíveis e nas consumíveis.  
sendo assim, fungíveis seriam as coisas  
que se acabassem ao primeiro uso e as  
infungíveis, o contrário.

b) Antes de, em linhas gerais, estenderem  
as doutrinas de Savigny e Thering, a res-  
peito da posse, é interessante sabermos  
o que vem a ser posse como também,  
animus.

Posse é a relação de fato entre a pessoa  
e a coisa. Animus - elemento intencional,  
psicológico, imprescindível à posse.

Com relação a este animus, a esta  
intenção, como elemento fundamental  
da posse, é que os dois grandes juristas  
de quem tratamos, a pra, entraram em  
desacórdio. Assim, para Savigny, o elemento  
fundamental, determinante, se assim  
podemos dizer, da posse, era o animus <sup>domini</sup> ~~posse~~  
• Não havia, portanto, posse e sim, mera  
detenção, se não existisse este elemento  
subjetivo, essa vontade de ser proprietário.  
Negava-se, como estariam vendo, pois, Savigny  
a supremacia do corpus, isto é, do fato em  
si, na existência da posse.

Comunho oposto, ou melhor, orientação oposta a

esta, era a tomada por Shering. Para este jurista, o que caracterizava a posse, era ~~o corpus - o factus e ius~~ e não o ~~animus~~ ~~o elemento in iure~~ o animus possidendi.

c) A posse civil quando é aquela que é feita de boa fé e por meios lícitos.

Natural, quando há uma simples relação entre um objeto e uma pessoa. Justa, quando adquirida por justo título; injusta, quando há precariedade, violência e clandestinidade.

De boa fé, quando o indivíduo se apodera da coisa, pensando de si para si, estar agindo justamente.

De má fé, no caso contrário.

A distinção entre posse de boa e má fé não implica na distinção entre posse justa e injusta, de vez que, poseses justas pode haver que tenham sido verificadas de má fé e poseses injustas existem que nasceram de boa fé.

Miguel

Zapatero

28

Faculdade de Direito do Recife.

Recife, 17 de junho de 1943.

Prova de Direito Romano.

Ponto 10:

Questões:

- a) Que é personalidade "em direito"?
- b) Quais os requisitos da personalidade física?
- c) Como se extingue a personalidade? (física)

Respostas:

1) Antes de darmos um conceito exato do que de personalidade <sup>em direito</sup> jurídica, é de mister nos referirmos à palavra persona, que vem de persona (latim). Entre os latinos, a palavra persona significava, <sup>de máscara</sup> máscara usada pelos artistas, nos teatros, a fim de sua voz adquirir maior volume. Posteriormente, porém, tal vocábulo sofreu uma transformação semântica, isto é, transformações ideológicas e passou a significar, de assim podemos dizer, a própria individualidade do homem.

É justamente a personalidade jurídica surge da persona, quer dizer, do último conceito do vocábulo persona (latim) e significa a pessoa ter direitos e estar sujeita a obrigações.

O conceito de personalidade, entre os romanos, era, porém, muito restrito, restrito tal que acarretava em grande injustiça, posto que, aos escravos e servos não se ~~de~~ reconhecia, nem sequer os direitos, a que

Marrifain dá o nome de naturais; direitos  
à vida, à dignidade, à liberdade etc.

Como estamos observando, o conceito de  
pessoa física, entre os romanos era  
falho, inhumano, fugia à filosofia cristã.  
O Direito Romano considerava a personalidade  
de física e a jurídica.

2) Havia, para a existência da personalidade,  
(jurídica)  
três pressupostos: a) Status libertatis.  
b) Status civitatis  
c) Status familiae.

Reunidos estes três pressupostos, tinhamos  
o status ~~illegitimus~~ *illegitimus* existimationis.

Para a existência da personalidade física ha-  
via requisitos estudados, ou melhor, dita-  
dos por duas escolas opostas.

1) O 1º requisito era a existência. Liv,  
para que houvesse personalidade era  
necessário existência, quer dizer, vida.  
Assim, o feto era pessoa jurídica, desde  
que, ao nascer, prolasse um vagido ou  
mesmo, segundo uma das escolas, apresen-  
tasse um ligeiro movimento no corpo,  
denunciando vida.

Outro, porém, o feto viesse ao mundo  
antes dos sete meses de gestação,

# Faculdade de Direito da Universidade do Recife

RECIFE — PERNAMBUCO



## Histórico Escolar

Nome: PAULO REGLUS NEVES FREIRE

Filiação: Joaquim Temistocles Freire

D. Edeltrudes Neves Freire

Data do nascimento: 19 de setembro de 1921

Local: Recife - Pernambuco

Nacionalidade: Brasileiro

CURSO DE: DIREITO

### Serviço Militar

Documento apresentado: Isenção de Serviço Militar - nº 30.792

Repartição expedidora 21ª. C. R. 7ª Região Militar

Data da expedição: 14 de maio de 1945

### Curso Secundário

#### 1.º Ciclo

Estabelecimento: Vide observações.

Séde:-----

Data da conclusão:-----

#### 2.º Ciclo

Estabelecimento: Vide observações.

Séde:-----

Data da conclusão:-----

CURSO SUPERIOR



Concurso de habilitação

Ano letivo de 1943

Disciplinas	Notas de aprovação	Média
Latim .....	30 (trinta)	
Literatura .....	54 (cinquenta e quatro)	
Geografia .....	44 (quarenta e quatro)	
Higiene .....	83 (oitenta e três)	
Sociologia .....	73 (setenta e três)	
História da Filosofia ....	67 (sessenta e sete)	
- 0 -		
Habilitado por haver obtido média nas materias acima.....		58 (cinquenta e oito)

1.ª Série

Ano letivo de 1943

Cadeiras ou disciplinas	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Introdução á Ciência do Direito .....	6 (seis)	
Economia Política .....	5 (cinco)	
Direito Romano .....	5 (cinco)	
Téoria Geral do Estado .....	7 (sete)	

2.ª Série

Ano letivo de 1944



Cadeiras ou disciplinas	Média de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Direito Penal .....	8 (oito)	
Direito Constitucional .....	10 (dez)	
Ciências das Finanças .....	5 (cinco)	
Direito Civil .....	8 (oito)	

3.ª Série

Ano letivo de 1945

Cadeiras ou disciplinas	Média de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Direito Civil .....	5 (cinco)	
Direito Penal .....	6 (seis)	
Direito Comercial .....	5 (cinco)	
Direito Internacional Público .....	8 (oito)	

4.ª Série

Ano letivo de 1946



Cadeiras ou disciplinas	Média de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Direito Civil .....	5 (cinco)	
Direito Comercial .....	5 (cinco)	
Direito Judiciário Civil .....	6 (seis)	
Medicina Legal .....	8 (oito)	
- 0 -		
<p><u>NOTA:</u> Na época em que cursou esta Faculdade não existia a cadeira de Direito Industrial e Legislação do Trabalho.</p>		

5.ª Série

Ano letivo de 1947

Cadeiras ou disciplinas	Média de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Direito Civil .....	7 (sete)	
Direito Judiciário Civil .....	5 (cinco)	
Direito Judiciário Penal .....	7 (sete)	
Direito Administrativo .....	7 (sete)	
Direito Internacional Privado .....	7 (sete)	
- 0 -		
<p><u>NOTA:</u> Aprovado de acôrdo com a Lei nº 7, de 19 de dezembro de 1946, por ter obtido média nas cadeiras acima.</p>		

Data da colação de grau: ..... 8 de setembro de 1949.

Data da expedição do diploma: .....



OBSERVAÇÕES

(Informações de que não consta referência nos quadros acima, bem como quaisquer outros dados elucidativos)

CURSO SECUNDÁRIO - Apresentou um certificado sôb o n. 82, datado de 21 de dezembro de 1942, do GINASIO OSVALDO CRUZ, visado pelo Inspector Federal Rui S. da Rosa Borges (firma devidamente autenticada), do qual consta que no ano letivo de 1942, nos exames da 2ª. série do Curso Complementar - Classe de Direito, foi aprovado com os seguintes resultados:

Literatura .....	62 (sessenta e dois)
Latim .....	76 (setenta e seis)
Sociologia .....	57 (cinquenta e sete)
Higiene .....	56 (cinquenta e seis)
História da Filosofia .....	50 (cinquenta)
Geografia .....	69 (sessenta e nove)
Média Geral .....	61 (sessenta e um).

\*\*\*\*\*

NOTA: O Bel. Paulo Reglus Neves Freire terminou o Curso Ginásial no "Colégio Osvaldo Cruz", no ano letivo de 1940.

\*\*\*\*\*

Recife, 1 de agosto de 1953.

*Rui Leite Soares*  
Arquivista da U. R. servindo  
nesta Faculdade.

(Secretario)

(DIRETOR)

## ANEXO B - Ficha vida escolar Paulo Freire – Faculdade de Direito do Recife



Ficha n.º 14/17

### FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

Vida escolar do aluno PAULO REGIUS NEVES FREIRE

Ano de entrada 1943  
Ano de saída 1947

Naturalidade Pernambuco - (Recife)

Data do nascimento 19 de setembro de 1921

Estado civil \_\_\_\_\_

FILIAÇÃO

Pai Joaquim Tamisocles Freire

Mãe D. Edelmudes Neves Freire

CONC. DE HABILITAÇÃO EXAME VESTIBULAR	1.º ANO	2.º ANO	3.º ANO
<p>Inscrito em 26 de Janeiro de 1943 sob o n.º 17 - L/C fls. 5v.</p> <p>Prova escrita em LATIM ..... Nota 30 ARITMÉTICA ..... 54 com a nota GEOGRAFIA ..... 44 HIGIENE ..... 68 com a nota SOCIOLOGIA ..... 78 com a nota</p> <p>Prova oral em H. DA FÍSICA ..... 67 H. DA FLORESÇA ..... 57</p> <p>RESULTADO Foi considerado aprovado em 25 de fevereiro de 1943, por ter obtido a média Geral Grau cinquenta e oito (58) - L/C. fls. 13.</p>	<p>Matriculado em 3 de março de 1943, sob o n. 23 - L/C. fls. 12.</p> <p>Inscreeveu-se para exames em 18 de novembro de 1943, sob o n. 20 - L/C. 27.</p> <p>Prestou exames em 29 de novembro, 2 e 3 de dezembro de 1943, obtendo os seguintes resultados:</p> <p>INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DO DIREITO, simplesmente grau seis (6) - L/C. fls. 73.</p> <p>ECONOMIA POLÍTICA, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 80.</p> <p>DIREITO ROMANO, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 82.</p> <p>TEORIA GERAL DO ESTADO, plenamente grau sete (7) - L/C. fls. 77.</p>	<p>Matriculado em 25 de fevereiro de 1944, sob n.2. L/C fls. 14.</p> <p>Inscrite para exame em 16 de novembro de 1944, sob n. 33. L/C fls. 190.</p> <p>Em 27 de novembro de 1944, prestou exame da cadeira de Direito Penal e foi aprovada plenamente grau sete (8) - L/C fls. 96.</p> <p>Na mesma data, prestou exame da cadeira de Direito Constitucional e foi aprovada com distinção dez (10) - L/C fls. 98.</p> <p>Em 23 de novembro de 1944, prestou exame da cadeira de Ciência das Finanças e foi aprovada simplesmente grau cinco (5) - L/C fls. 100.</p> <p>Na mesma data, prestou exame da cadeira de Direito Civil e foi aprovada plenamente grau sete (8) - L/C fls. 104.</p>	<p>Matriculado em 23 de fevereiro de 1945, sob o n. 23 - L/C. fls. 14v.</p> <p>Inscreeveu-se para exames em 16 de novembro de 1945, sob o n. 11 - L/C. fls. 190.-</p> <p>Prestou exames em 4 e 5 de dezembro de 1945, obtendo os seguintes resultados:</p> <p>DIREITO CIVIL, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 145.</p> <p>DIREITO PENAL, simplesmente grau seis (6) - L/C. fls. 146.</p> <p>DIREITO COMERCIAL, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 152.</p> <p>DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO, plenamente grau oito (8) - L/C. fls. 153.</p>

Ficha n.º \_\_\_\_\_

Vida Escolar do aluno PAULO REGIUS NEVES FREIRE.

4.º ANO	5.º ANO	OBSERVAÇÕES																		
<p>Matriculado em 11 de março de 1946, sob o n. 35 - L/C. fls. 21v.</p> <p>Inscreeveu-se para exames em 28 de novembro de 1946, sob o n. 4 - L/C. fls. 1v</p> <p>Prestou exames em 3 e 4 de dezembro de 1946, obtendo os seguintes resultados:</p> <p>DIREITO CIVIL, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 3.</p> <p>DIREITO COMERCIAL, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 1.</p> <p>DIREITO JUDICIÁRIO CIVIL, simplesmente grau seis (6) - L/C. fls. 3v.</p> <p>MEDICINA LEGAL, plenamente grau oito (8) - L/C. fls. 4.</p>	<p>Matriculado em 20 de março de 1947, sob 32 - L/C. fls. 21.</p> <p>Inscreeveu-se para exames em 1 de dezembro de 1947, sob o n. 32 - L/C. fls. 5.</p> <p>Foi considerado aprovado em 3, 10 e 11 de dezembro de 1947, na forma da Lei n. 7, de 19 de dezembro de 1946, por ter obtido os seguintes resultados:</p> <p>DIREITO CIVIL, plenamente grau sete (7) - L/C. fls. 23.</p> <p>DIREITO JUDICIÁRIO CIVIL, simplesmente grau cinco (5) - L/C. fls. 31.</p> <p>DIREITO JUDICIÁRIO PENAL, plenamente grau sete (7) - L/C. fls. 25v.</p> <p>DIREITO ADMINISTRATIVO, plenamente grau sete (7) - L/C. fls. 32v.</p> <p>DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO, plenamente grau sete (7) - L/C. fls. 24.</p>	<p><b>CURSO SECUNDÁRIO:</b></p> <p>Apresentou um certificado sob o n. 82, datado de 21 de dezembro de 1942, do GINÁSIO OSVALDO CRUZ, visado pelo Inspector Federal M. S. da Rosa Borges (firma devidamente autenticada), do qual consta que no ano letivo de 1942, nos exames da 2ª. série do Curso Complementar - Classe de Direito, foi aprovado com os seguintes resultados:</p> <table style="width: 100%; border: none;"> <tr><td>LITERATURA .....</td><td>Sessenta e dois</td><td>(32).</td></tr> <tr><td>LATIM .....</td><td>Setenta e seis</td><td>(73).</td></tr> <tr><td>SOCIOLOGIA .....</td><td>Cinquenta e sete</td><td>(57).</td></tr> <tr><td>HIGIENE .....</td><td>Cinquenta e seis</td><td>(56).</td></tr> <tr><td>HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....</td><td>Cinquenta</td><td>(50).</td></tr> <tr><td>GEOGRAFIA .....</td><td>Sessenta e nove</td><td>(89).</td></tr> </table> <p style="text-align: center;">- MÉDIA GERAL ..... SESSENTA E UM (61).</p> <p style="text-align: center;">(Certificado anexo à petição n.73/43-FDR)</p> <p style="text-align: center; font-size: large; font-weight: bold;">CONFERE VISTO</p> <p style="text-align: center; font-size: large; font-family: cursive;">Louis de Graau</p>	LITERATURA .....	Sessenta e dois	(32).	LATIM .....	Setenta e seis	(73).	SOCIOLOGIA .....	Cinquenta e sete	(57).	HIGIENE .....	Cinquenta e seis	(56).	HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....	Cinquenta	(50).	GEOGRAFIA .....	Sessenta e nove	(89).
LITERATURA .....	Sessenta e dois	(32).																		
LATIM .....	Setenta e seis	(73).																		
SOCIOLOGIA .....	Cinquenta e sete	(57).																		
HIGIENE .....	Cinquenta e seis	(56).																		
HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....	Cinquenta	(50).																		
GEOGRAFIA .....	Sessenta e nove	(89).																		

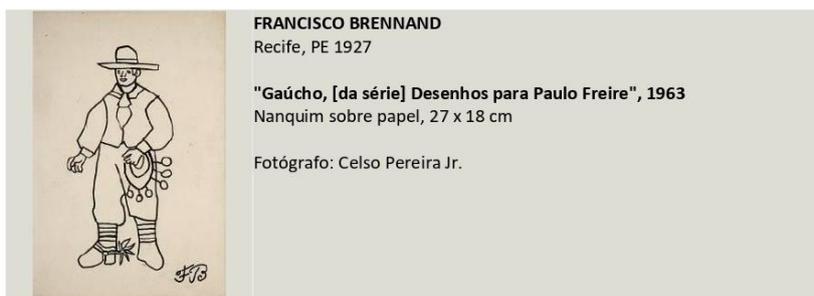
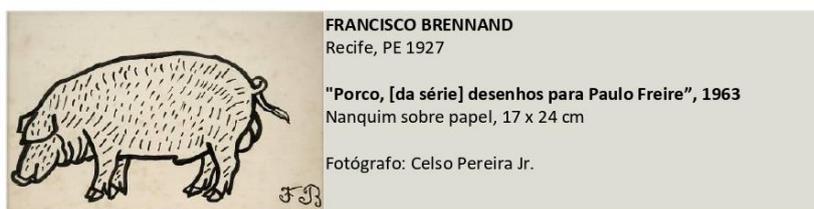
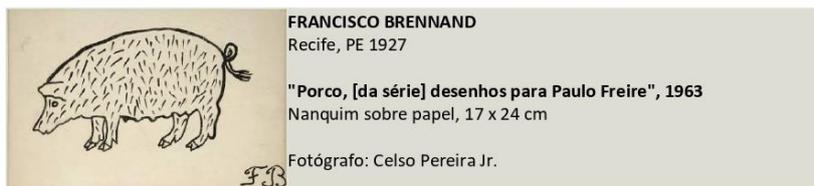
DIREITO

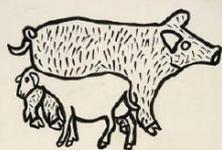
Recebeu o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 8 de setembro de 1949 Remetido ao Arquivo em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, sendo-lhe expedido o título em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, o qual, depois de \_\_\_\_\_ conforme protocolo às fls. \_\_\_\_\_ registrado no livro competente às paginas \_\_\_\_\_, foi \_\_\_\_\_ Secretaria, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

O SECRETARIO

## ANEXO C - "Desenhos para Paulo Freire" – Francisco Brennand

[Série Paulo Freire: Desenhos de Francisco Brennand]





**FRANCISCO BRENNAND**

Recife, PE 1927

"Porco e cabrito, [da série] Desenhos para Paulo Freire", 1963  
Nanquim sobre papel, 16 x 25 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.



**FRANCISCO BRENNAND**

Recife, PE 1927

"Paulo Freire, [da série] Paulo Freire", 1963  
Nanquim e guache, 33 x 24 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.



**FRANCISCO BRENNAND**

Recife, PE 1927

"Paulo Freire, [da série] Paulo Freire", 1963  
Nanquim e guache, 24 x 33 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.



**FRANCISCO BRENNAND**

Recife, PE 1927

"Paulo Freire, [da série] Paulo Freire", 1963  
Nanquim e guache, 33 x 24 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.



**FRANCISCO BRENNAND**  
Recife, PE 1927

"Paulo Freire, [da série] Paulo Freire", 1963  
Nanquim e guache, 24 x 33 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.



**FRANCISCO BRENNAND**  
Recife, PE 1927

"Paulo Freire, [da série] Paulo Freire", 1963  
Nanquim e guache, 24 x 33 cm

Fotógrafo: Celso Pereira Jr.

**Total: 10 Desenhos**

Recife, 02 de julho de 2014.

Handwritten signature of Marinez Teixeira da Silva.

Marinez Teixeira da Silva

Bibliotecária CRB-4/1661

Museu/Oficina Cerâmica Francisco Brennand

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Tânia Lídia Ribeiro Aversi**

**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:  
NARRATIVAS DESDE UMA REVISITA À PERSPECTIVA FREIRE(E)ANA**

**Volume 2**

**Sorocaba/SP**

**2021**

**Tânia Lídia Ribeiro Aversi**

**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:**

**Narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana**

**Volume 2**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação na linha de pesquisa Cotidiano Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

**Sorocaba/SP**

**2021**

## Ficha Catalográfica

Aversi, Tânia Lúcia Ribeiro

A97p      Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença:  
narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana / Tânia Lúcia Ribeiro  
Aversi. -- 2021.

2v. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba,  
Sorocaba, SP, 2021.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Prática de ensino. 3. Educação  
ambiental. 4. Educadores – Brasil. 5. Freire, Paulo (1921 – 1997). 6. Freire,  
Ana Maria Araújo. I. Reigota, Marcos Antonio dos Santos, Denise, orient. II.  
Universidade de Sorocaba. III. Título.

**Tânia Lídia Ribeiro Aversi**

**PEDAGOGIAS EM DESLOCAMENTO NO COTIDIANO DA (IN)DIFERENÇA:  
Narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana**

**Volume 2**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação  
no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba

Aprovada em: 20/09/2021

BANCA EXAMINADORA:



---

Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota  
Universidade de Sorocaba – Orientador



---

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera  
Universidade de Sorocaba



---

Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo  
Universidade de Sorocaba



---

Profa. Dra. Débora Barbosa Agra Junker  
Garret-Evangelical Theological Seminary – USA



---

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho

A PAULO E(M) NITA FREIRE, responsáveis pelos deslocamentos da(s) minha(s) pedagogia(s) na direção da pergunta, da indignação, da autonomia, do compromisso, da tolerância, da solidariedade... e da esperança nos sonhos possíveis.

Às PROFESSORAS que, diante da realidade do inacabamento, insistem na transformação e, nesse caminho, se descobrem não-indiferentes às narrativas dos meninos e meninas e, com eles e elas, se solidarizam.

## **Gratidões**

Aos céus, às terras, às rochas, às águas, aos gentis lugares, confins, que me acolheram e permitiram que neles eu andarilhasse em descobertas.

Aos animais, às plantas, às pessoas e grupos delas, às amorosas existências, enfim, que em profundos atravessamentos me constituíram enquanto provocavam em mim deslocamentos de toda ordem,

Gratidões, sempre!

AVERSI, Tânia Lídia Ribeiro Aversi. **Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença**: narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana. 2021. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2021.

## RESUMO

Às vésperas do centenário de Paulo Freire, uma professora pesquisadora tem um afortunado encontro com a viúva do maior pensador da educação brasileira. Tal encontro marca de forma definitiva sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Estando no caminho de seu doutoramento em educação, um desvio de rota acaba por levá-la a frequentes viagens à terra natal de Paulo e Nita Freire onde se dedica a uma “arqueologia Freire(e)Ana”. Este trabalho funda-se na experiência de uma formadora de professoras cuja *bio:grafia* é registrada por meio de textos, imagens e sons. *Narrativas ficcionais* são tomadas como alternativa teórico-metodológica para traduzir olhares outros sobre paisagens do Brasil profundo e sobre a educação que se descortinam por ocasião do encontro dela com inusitados acontecimentos cotidianos. A andarilhagem é utilizada metaforicamente como recurso linguístico e a crônica é adotada como gênero textual para transcrever as reflexões e conhecimentos produzidos durante percursos nos quais contextos, conversas, referências, dados/achados, objetos, sujeitos e resultados da pesquisa, incluindo, neste grupo, a própria pesquisadora viajante, se transmutam ou caminham entrelaçados em *espaçotempos* contemporâneos. A tese defende o potencial formativo presente nos deslocamentos espaciais, cognitivos, estéticos, afetivos, éticos e políticos dos/nos cotidianos de professoras que aceitam vivenciar e propor experimentações pedagógicas em tempos de retrocessos e conservadorismos. A partir da Perspectiva Ecologista de Educação e de aportes freireanos, dedica-se à construção da noção de pedagogias em deslocamento, segundo a qual práticas pedagógicas se originam, se constituem e se modificam ao longo da vida de um(a) educador(a) e, como obras inacabadas, carregam possibilidades de educação sensível, solidária e de nutrição estética em movimentos contínuos, prenhes de *inéditos viáveis* quanto ao enfrentamento à indiferença e à ausência de sentidos produzidas e repercutidas no tempo presente e, portanto, também no cotidiano escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas ficcionais. Pedagogias em deslocamento. Cotidiano docente. Indiferença. Solidariedade. Paulo e Nita Freire.

AVERSI, Tânia Lídia Ribeiro Aversi. **Pedagogies on the move in the daily life of (in)difference:** narratives from a revisit to the Freire(e)Ana perspective. 2021. Thesis (Doctorate in Education) - University of Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil, 2021.

### ABSTRACT

On the brink of Paulo Freire's centennial birth, a research teacher has a fortunate encounter with the widow of the greatest thinker of Brazilian education. Such encounter definitively marks her personal, academic, and professional trajectory. While being on the path of her doctorate in education, a detour ends up taking her to frequent trips to the birthplace of Paulo and Nita Freire, where she dedicates herself to engage in a "Freire (and) Ana archeology." Thus, this work is based on the experience of a teacher trainer whose *bio:graphy* is recorded through texts, images, and sounds. Fictional narratives used as a theoretical-methodological alternative seek to translate other perspectives on the landscapes of deep Brazil and education unveiled at the occasion of her encounter with unusual everyday events. Travel is metaphorically used as a linguistic resource. The chronicle is adopted as a textual genre to transcribe the reflections and knowledge produced during journeys in which contexts, conversations, references, data / findings, objects, subjects and research results, including in this group the traveling researcher herself, all intertwine in the contemporary space-time. The thesis defends the formative potential present in the spatial, cognitive, aesthetic, affective, ethical and political changes of/in the daily lives of teachers who accept to experience and offer pedagogical experiences in times of setbacks and conservatism. From the Ecologist Perspective of Education and Freirean contributions, it aims to construct the notion of *pedagogies on the move*, that is, pedagogical practices developed and transformed throughout the educator's experience. Hence, as unfinished works, they carry possibilities for sensitive, solidary education and aesthetic nutrition in continuous movements, pregnant with untested feasibility in terms of coping with indifference and the absence of meanings produced and reflected in the present time and, therefore, also in the daily events of school life.

KEYWORDS: Fictional narratives. Pedagogies on the move. Teaching routine. Indifference. Solidarity. Paulo and Nita Freire.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	11
PAISAGENS.....	15
CAMINHOS.....	33
ENCONTROS.....	59
LUGARES.....	89
ACHADOS.....	123
ACONTECIMENTOS.....	141
ATRAVESSAMENTOS.....	153
PRESENTEAUSENTE: (IM)POSSIBILIDADES.....	167
LEGENDAS.....	185



## APRESENTAÇÃO

Este álbum constitui-se no volume dois da tese de doutoramento em educação intitulada *Pedagogias em deslocamento no cotidiano docente: narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana*.

No volume um, a pesquisadora se dedicou ao exercício de escrever, colecionar e publicar crônicas que narram o seu cotidiano como formadora de professoras e como pesquisadora, e os deslocamentos que ocorrem com sua(s) pedagogia(s), bem como com as práticas pedagógicas das professoras com as quais trabalha, diante dos movimentos espaciais, cognitivos, estéticos, afetivos, éticos e políticos à que todas estão submetidas no cotidiano docente.

Durante todo o percurso da tese, entretanto, esta pesquisadora também colecionou imagens. Seu orientador à incentivava a atentar para o que de inédito, desviante ou escamoteado poderia ocorrer no cotidiano e a registrar suas impressões, inclusive por meio de imagens. Buscou, então, inspiração nas pesquisas dos(as) colegas do Grupo Perspectiva Ecologista de Educação e do Grupo Ritmos Estética e Cotidiano Escolar, nas quais não somente as palavras, como também as imagens, os sons e os gestos têm narrado e ajudado a compreender fenômenos que acontecem no mundo da educação.

Fotografar não foi um hábito e nem uma habilidade adquiridos durante a vida desta pesquisadora, menos ainda fotografar o cotidiano. Pelo contrário, em suas viagens, nos tempos em que era comum as pessoas estocarem rolinhos de filmes para usar em câmeras analógicas, ela costumava voltar para casa com menos de uma dúzia de imagens e, mesmo mais tarde, com a chegada das câmeras digitais e da cultura de compartilhamento desses materiais na internet, continuou não vendo nada, ou quase nada, que merecesse registro na paisagem.

Compreendendo o papel das imagens em uma pesquisa, tornou-se necessário refinar o olhar e os ouvidos sobre a paisagem cotidiana para tentar capturar aquilo que não fosse facilmente observado por lentes embaçadas e ouvidos viciados. Este seria (e continua sendo) o maior desafio para a pesquisadora que, a despeito do que o tempo presente lhe impõe, se junta àqueles e àquelas que desejam produzir sentidos, sensibilidades e solidariedades, especialmente no cotidiano docente.

Artefatos culturais (fotos, filmes, literatura, músicas, danças, performances, rituais, artes plásticas etc.), ainda pouco explorados e acolhidos pela academia, mesmo nas pesquisas em educação, têm adentrado os estudos da linha de pesquisa Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, não como forma de ilustrar o texto acadêmico, mas como ferramentas pedagógicas que possibilitam ou potencializam o desenvolvimento de pesquisas em educação que contribuam para transformar conhecimento em *inéditos viáveis*.

O desejo nutrido por esta pesquisadora era de que seus registros escapassem à forma como as imagens costumam ser dispostas em um texto acadêmico e que pudessem, inclusive, extrapolando o ambiente universitário, dialogar sensibilidades com pessoas consideradas não-pesquisadoras. Gente interessada em manter o *céu suspenso*, mas que, dificilmente, acessaria um banco de teses para interagir com *Paisagens, Caminhos, Encontros, Lugares, Achados, Acontecimentos e Atravessamentos do/no Presenteausente* se atraídas apenas pelo título do trabalho.

O presente volume, portanto, foi concebido no exercício de produção de um álbum que, impresso ou digital, pudesse ser folheado, visto e ouvido como um artefato. Convida o(a) leitor(a) a andarilhar com a pesquisadora entre imagens que, para além de uma extensão do volume um, de alguma forma e, em alguma medida, provoque deslocamentos em pedagogias e/ou deslocamentos de outras ordens em quem o tiver em mãos. Este é o propósito.

*O Rio*

João Cabral de Melo Neto (1953)

Sempre pensara em ir  
caminho do mar...

Por isso é que ao descer  
caminho de pedras buscava,  
que não leito de areia  
com suas bocas multiplicadas.

Leito de pedra abaixo  
Rio menino eu saltava...



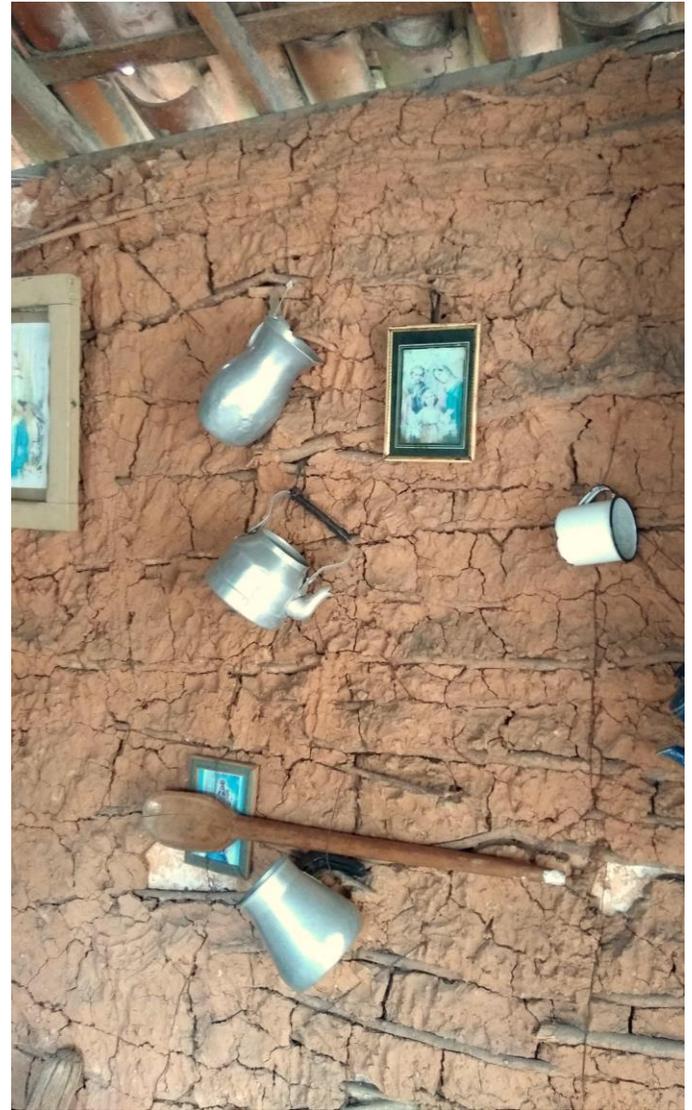
















...Por trás do que lembro,  
ouvir de uma terra desertada,  
vaziada, não vazia,  
mais de seca, calcinada.  
De onde tudo fugia,  
onde só pedra é que ficava,  
pedras e poucos homens  
Com raízes de pedras, ou de cabra...









...Os rios que eu encontro  
vão seguindo comigo.  
Rios de pouca água pouca,  
em que a água sempre está por um fio.  
Uns com nome de gente  
Outros com nome de bicho,  
Uns com nome de santo,  
Muitos só com apelido...

...É o que contam os rios  
que vou encontrando por aqui.  
Rios bem diferentes  
daqueles que já viajavam comigo.  
Só após algum caminho  
é que me contam seu segredo.  
Contam porque possuem  
aquela pele tão espessa;  
porque descem tão tristes  
arrastando lama e silêncio.









PAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CONTEC  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
SENTE:(IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATRAVE  
SSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM) POSSIBILIDADE  
SPAISAGENS **CAMINHOS** ENCONTROS LUGARES SA CONTE  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
SENTE:(IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATRAV  
ESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM) POSSIBILIDAD  
E SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CONTE  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE  
AUSENTE:(IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOSE  
NCONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATR  
AVESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM) POSSIBILIDA  
DE SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CON





***O Rio***

João Cabral de Melo Neto (1953)

...Para trás vai ficando  
onde vivem os dentes  
que a fábrica mastiga.  
Outra vez vou baixando  
entre os mares de verde  
entre colinas mansas  
de uma terra sempre em cio,  
que o vento, com carinho,  
penteia, como se sua filha.







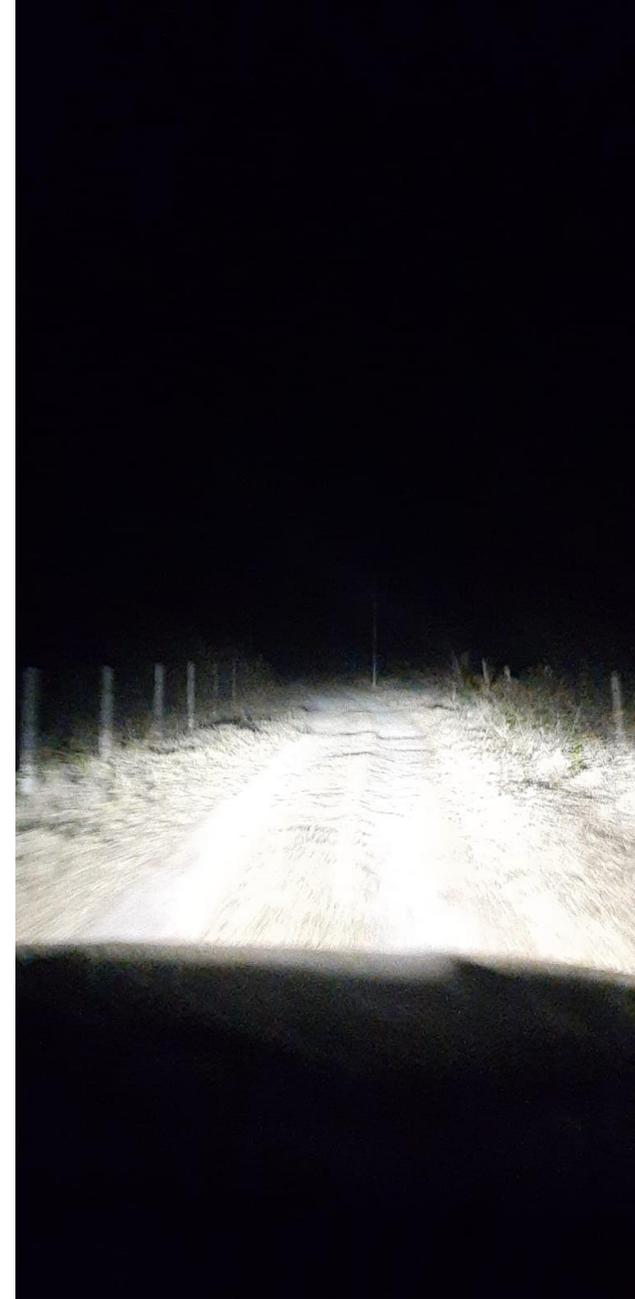


















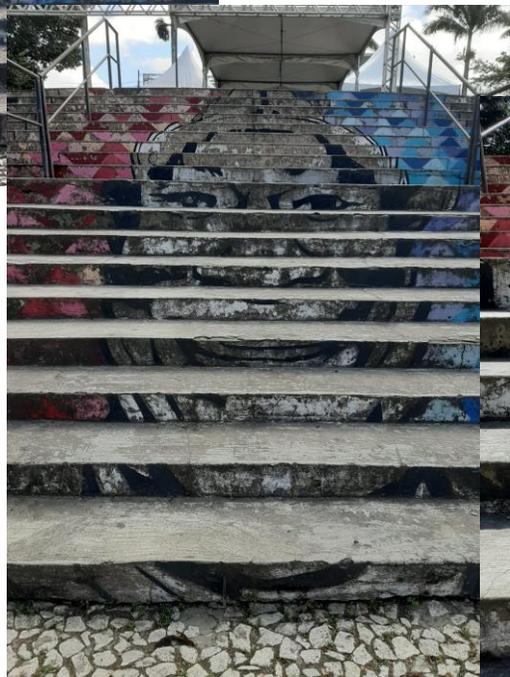




**DESVIO**





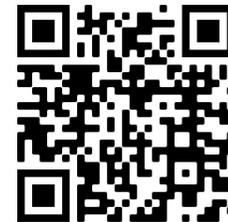


*Lamento sertanejo*

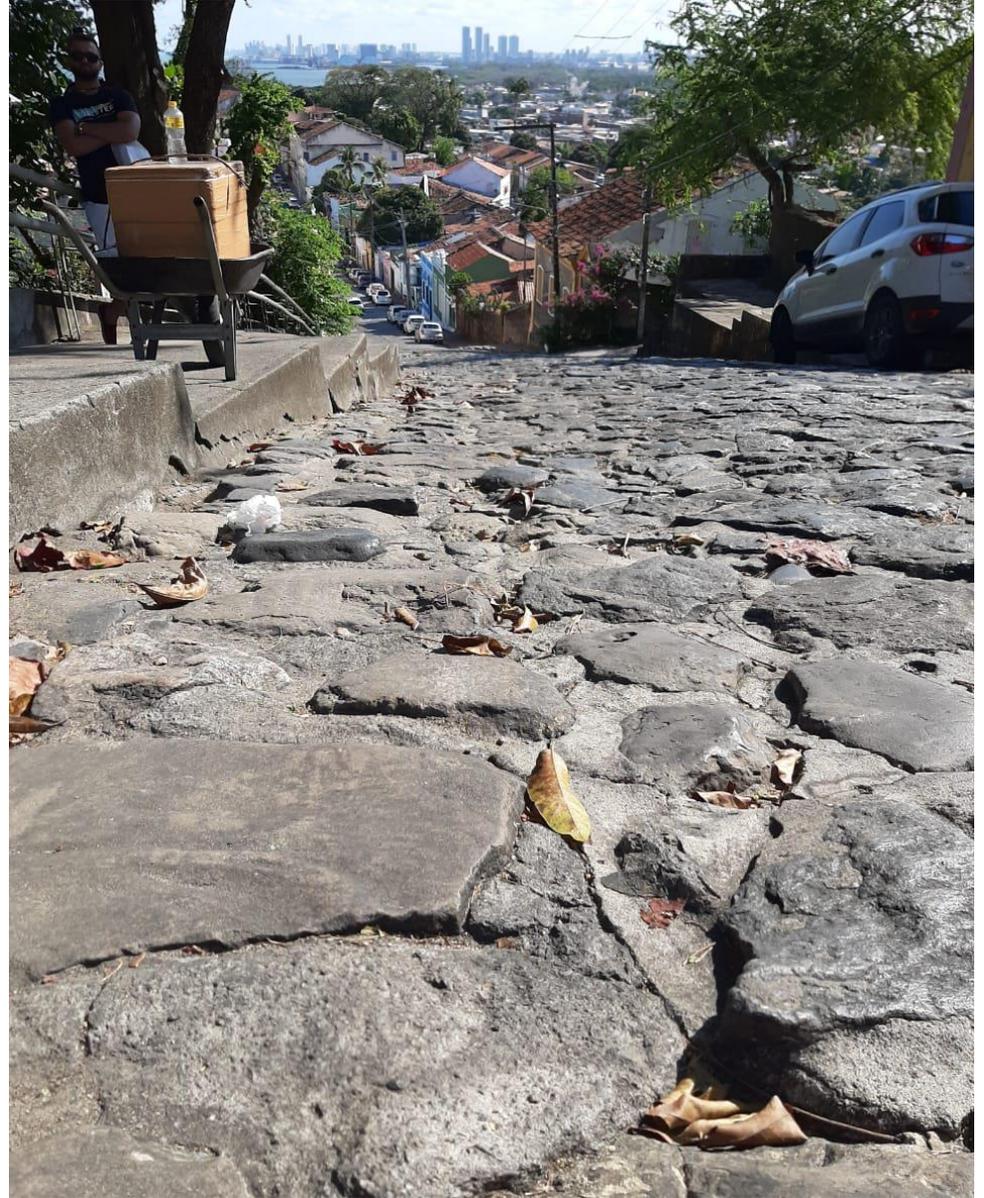
Dominguinhos

Por ser de lá  
Do sertão, lá do cerrado  
Lá do interior do mato  
Da Caatinga, do roçado  
Eu quase não saio  
Eu quase não tenho amigo  
Eu quase que não consigo  
Ficar na cidade sem viver contrariado

Por ser de lá  
Na certa por isso mesmo  
Não gosto de cama mole  
Não sei comer sem torresmo  
Eu quase não falo  
Eu quase não sei de nada  
Sou como rês desgarrada  
Nessa multidão, boiada caminhando a esmo



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1zMK8UKvJo>



*Morte e vida severina*

João Cabral de Melo Neto (1955)

...Bem me diziam que a terra  
Se faz mais branda e macia  
Quanto mais do litoral  
A viagem se aproxima.  
Como ela é uma terra doce  
Para os pés e para a vista.  
Os rios que correm aqui  
Têm a água vitalícia.  
Cacimbas por todo lado; cavando o chão, água mina.  
Quem sabe se nessa terra  
Não plantarei minha sina?





PAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CONTEC  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
SENTE:(IM)POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATRAVE  
SSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM)POSSIBILIDADE  
SPAISAGENS CAMINHOS **ENCONTROS** LUGARES SA CONTE  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
SENTE:(IM)POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATRAV  
ESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM)POSSIBILIDAD  
E SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CONT  
ECIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE  
AUSENTE:(IM)POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOSE  
NCONTROS LUGARES SA CONTECIMENTOS ACHADOS ATR  
AVESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE:(IM)POSSIBILIDA  
DE SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SA CON



Educação ambiental:  
utopia e práxis

*Tônia Aversi,*

*Que este livro te inspire  
em seus comentários.*

*Um abraço,*

*Barbara Heliodora*

SÉRIE CULTURA, MEMÓRIA E CURRÍCULO

volume 8

Marcos Reigota  
Barbara Heliodora Soares do Prado  
(organizadores)

Educação ambiental:  
utopia e práxis

*Tônia.  
Que este livro, Francisco,  
que atravesse você a  
possa estimular sua  
escrita a sua obra-  
publica. Com  
Mw Adriano  
04/2015*

CORTEZ  
EDITORA







“Educação não  
transforma o mundo.  
Educação muda pessoas.  
Pessoas transformam  
o mundo.” Paulo Freire

Homenagem dos Educadores da  
América Latina ao grande Mestre Paulo Freire.  
Frente do Movimento  
Educativo Brasileiro



**DIÁLOGOS COM PAULO  
FREIRE...  
É TEMPO DE QUEFAZER**

Tânia, um pouco mais  
do que pesquisamos sobre  
Freire em Recife.

Manilla Foleira  
Recife, 09/03/2019.

Para Tânia  
Espero que o livro sirva como  
pano de fundo para outros horizontes (como o  
conceito de actante) Mary Jane Paris Spink

Mary Jane  
2019

**Viver em áreas de risco**

Reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais

TI TERCEIRO NOME

educ





### Organizadores

Juliana Cristina Pereira  
Davi de Codes  
Eduardo Silveira  
Elisa Helena Tonon  
Gizelle Kaminski Corso  
Leandro Belinaso Guimarães

## Des-loucar-se

Livro I

Biblioteca Central  
Campinas, SP  
2017

*Sara Saino,  
com carinho e afetos  
deslucados para você  
e seus pensamentos.*

*Alvares  
Davi de Codes  
13/11/18  
Sorocaba*

### Organizadores

Juliana Cristina Pereira  
Davi de Codes  
Eduardo Silveira  
Elisa Helena Tonon  
Gizelle Kaminski Corso  
Leandro Belinaso Guimarães

## Des-loucar-se

Livro II

Biblioteca Central  
Campinas, SP  
2017

*Tânia,  
Para nos deslucarmos  
e nos movermos pelos  
mundos abertos  
pela Fúria.*

*Ben Joss  
Leandro  
novembro 2018  
Sorocaba*

Para Tania, com  
a certeza de que seu curso-  
sidade em torno do Paulo vai  
aumentar depois da leitura  
dessa letra  
17-9-12

PAULO FREIRE  
UMA  
HISTÓRIA  
DE  
VIDA

Tania, ne preciso  
caminho de Paulo e sinto  
o quanto ele foi um  
do mundo.  
A/B

**PEDAGOGIA DO  
COMPROMISSO**  
AMÉRICA LATINA E  
EDUCAÇÃO POPULAR



Pode  
ficar como  
livro, se quiser!  
Agosto/2020

**No ermo dos fios**

**COMO SE FAZ UMA  
XILOGRAVURA  
E  
COMO SE ESCREVE UM  
CORDEL**

Dedico este Para  
Tânia com abraços do  
autor J. Borges  
23-10-20

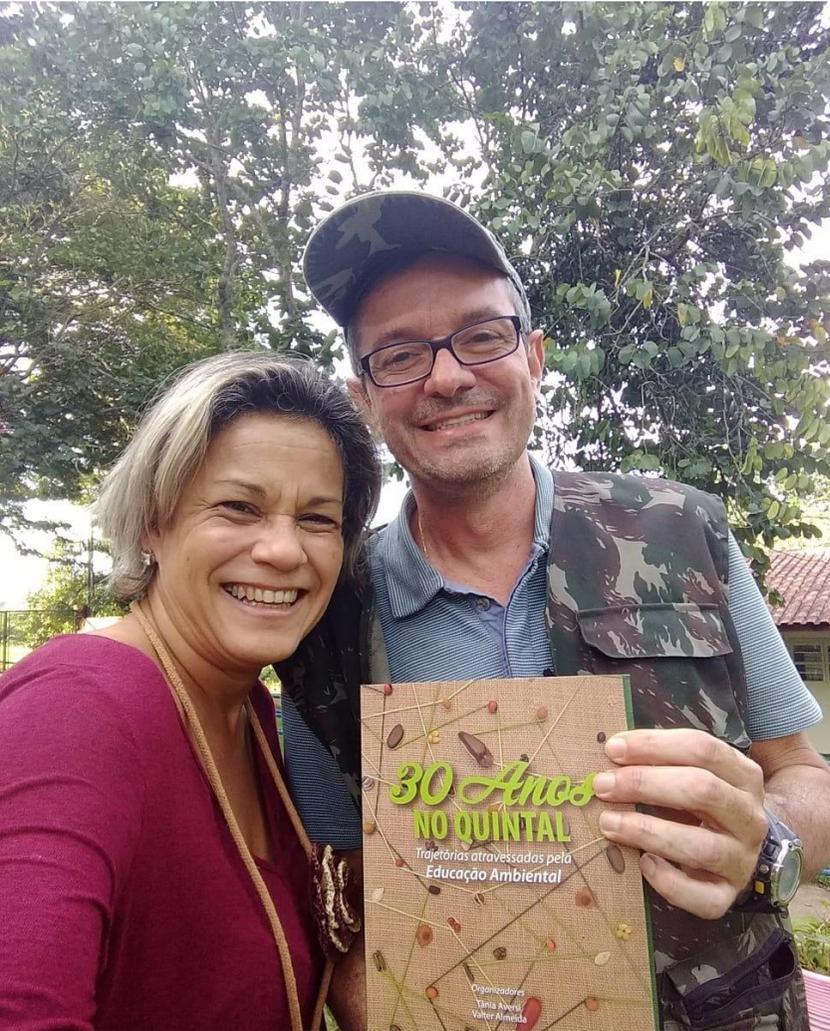






Voltando ao *O Rio* de João Cabral...

Juntos, na da ribeira,  
continuamos, a estrada e o rio,  
agora com mais gente:  
a que por aquela estrada descia.  
Lado a lado com gente  
Viajamos em companhia.  
Todos rumo ao mar  
e do Recife esse navio.





# Cartas para um Rejoice





# 30 Anos NO QUINTAL

Trajetórias atravessadas pela  
Educação Ambiental

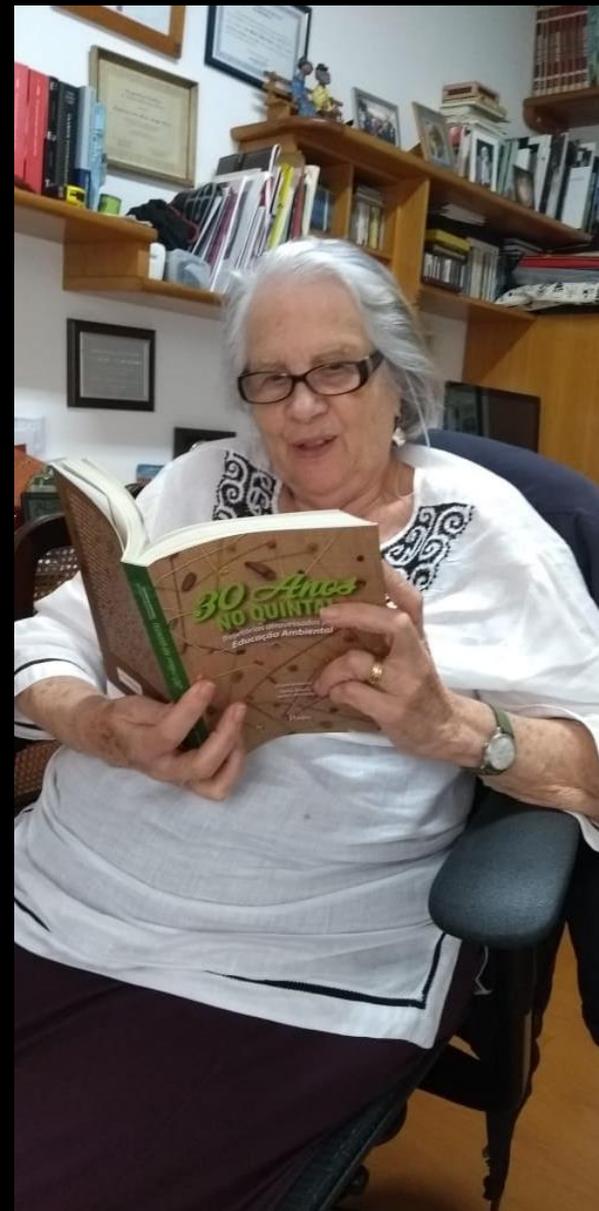
À Profa. Rita;

Com o desejo de que algum  
fragmento desta coletânea lhe  
atravesse com alegria.

Com carinho e  
admiração

Pontes

Ánia ☺  
SP / fev / 2020





*Sobre dedicar(-se)*

Para Marta Catunda,

Estive contigo e desse encontro restaram os sons, as imagens, as ideias, os afetos e as palavras escritas para sempre em meu coração. Por instantes do seu eterno voo dedicaste algo precioso de ti. Portanto e por tanto, já não posso mais dizer que me falta. Tenho parte de ti, tenho tudo.

*Tânia Aversi*  
triste agosto de 2021



Taine  
Joquime e Luz  
de Luz  
2019.

Em sua casa  
estrelas no céu  
Ihara

Marta Borges  
set 2014



## *Bodoque*

Marta Catunda e Tetê Espíndola

Eu vou com meu bodoque caçar estrelas  
No meio da noite no céu olhar  
Que é de manhazinha e tem orvalho  
E brilha como um sonho no entardecer  
Eu sou de polca rock, mas amo o blues  
Me ligo nessa rede que embalou  
No ventre desse cosmo que nos abraça  
Brotando a semente da criação

O som fluindo naturalmente  
Vibrava estéreo na nossa mente  
O tom soando tão de repente  
Tocava fundo suavemente

Estou com a vontade à flor da pele  
Querendo viver tudo nesse momento  
Já é quase noitinha, tô indo embora  
Levando esse cheiro de hortelã  
Eu gosto do seu toque de fogo e vento  
Resisto o quanto posso ao temporal  
Que ascende essa centelha e me fascina  
Respira a vida aflora imensidão



Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-v\\_wG9dk04](https://www.youtube.com/watch?v=-v_wG9dk04)



J. BORGES



## *Um Sol*

Lucina e Bené Fonteles

Há um sem que  
um não lugar  
No que se perde  
no que procurar  
Ajeitar a letra no corpo da música  
Melodia no lúmen da alma que chama

E há vida a um palmo da tristeza  
E há morte a um passo da alegria

Conquistar espírito de infância  
ser a criança que desenha um sol.



Disponível na faixa 5 em: <https://www.youtube.com/watch?v=nKbJLrGxxAU>











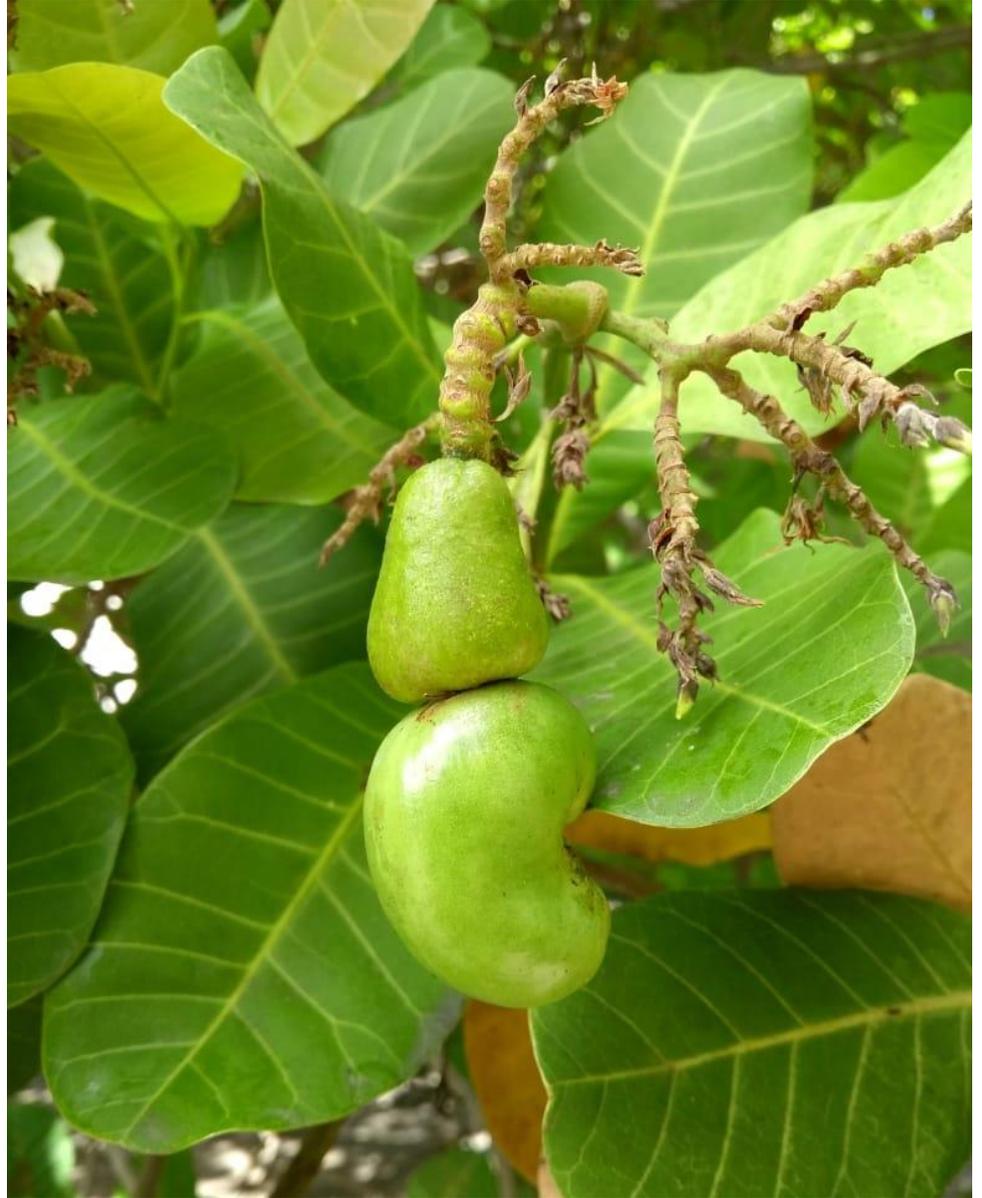


*Antene-se*

Chico Science & Nação Zumbi

Recife cidade do mangue  
Incrustada na lama dos manguezais  
Onde estão os homens caranguejos  
Minha corda costuma sair de entrada  
No meio das ruas e em cima das pontes...





## *Clarice Lispector no Carnaval do Recife\**

Carlos Sena

...Vestidinho rodado, enfeitada de adálias retiradas dos jardins da praça, seguiu aquela meio moça serelepe... desembestada pela Rua da Imperatriz atendendo ao chamado da folia...

...lá vai aquela menina conduzida por uma mulher que parecia ser sua ama. – Como é o nome dessa menina, indaguei. – Clarice, a mulher respondeu... Antes de entrar no sobrado bonito que fica numa esquina, a menina gritou: CLARICE LISPECTOR é o meu nome!...

Nunca mais eu a vi. Sua lembrança sempre se renovava em cada carnaval, em cada frevo de bloco...

\*Conto completo disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3379727>







*A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados.*

Ariano Suassuna



**Repente.** Antonio José Madureira (1971). Performance do Quinteto Aralume. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=bkPqNbKX\\_0I](https://www.youtube.com/watch?v=bkPqNbKX_0I)



**Abertura.** Orquestra Armorial em primeiro álbum, lançado em 1975. Regência Cussy de Almeida. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=0IcKZXaZkGk&t=708s>



# A MORTE - A Moça CAETANA

Com  
Tema

De Deborah  
Brenna

Eu vi a Morte,  
com o Manto negro,  
Vi o inocente olhar,  
e os dentes de Coral,  
Eu vi o Estago, o bote,  
os pulos  
Na mão direita,  
e, na esquerda,

a Moça Caetana,  
rubro e amarelo,  
puro e perverso,  
da Desumana.  
o ardor cruel,  
fascinantes e esquisitos  
a Cobra cascavel  
e Coral, rubi maldito.



Na frente, uma coroa e o Gavião  
Nas espáduas, as asas afegantes,  
que, ruflando nas pedras do céu,  
pairavam sobre Urugas pausticentes,  
paules de prata, Espinhos estrelados  
e os cachos do meu sangue iluminado.



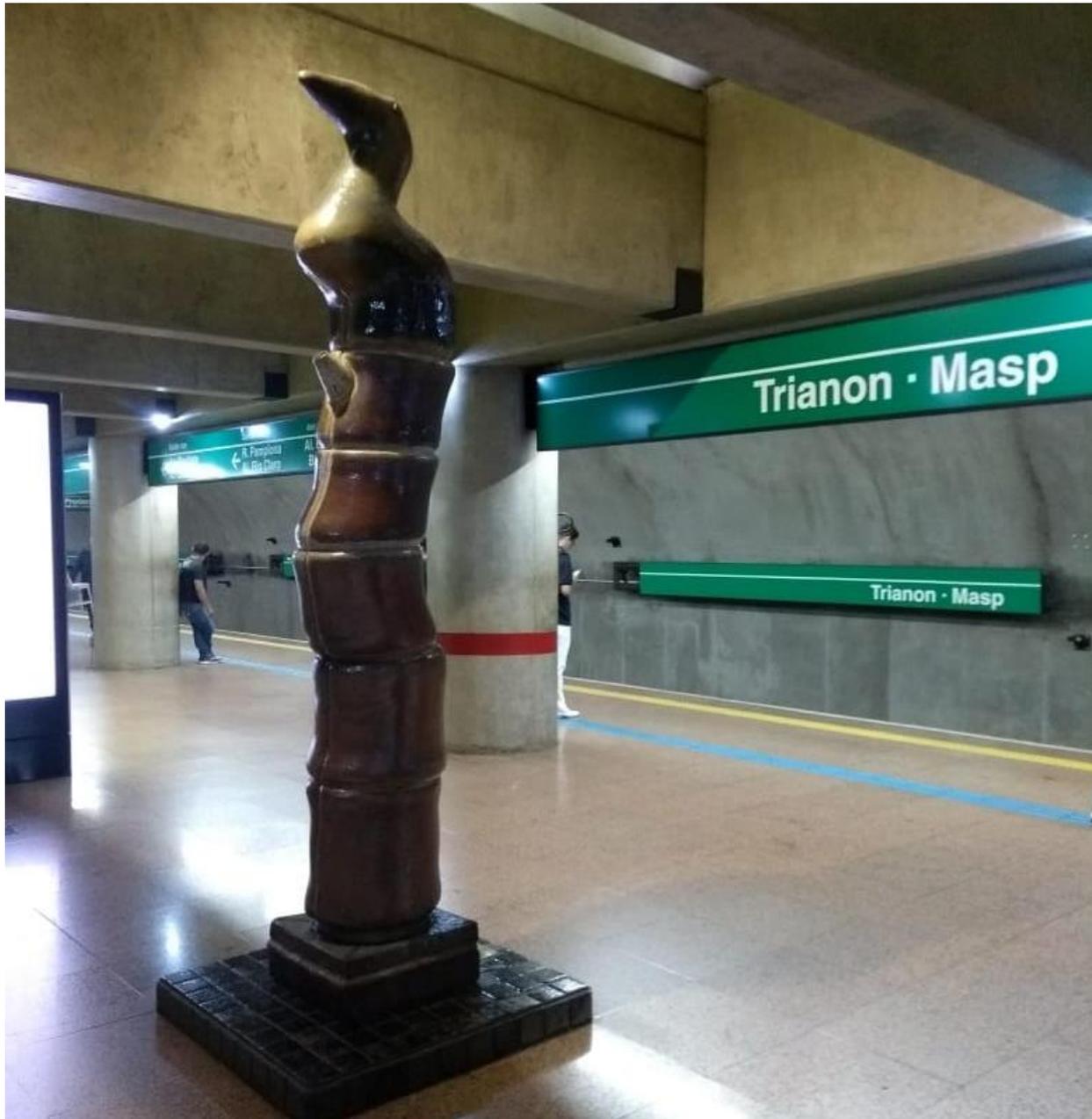
Deborah Brenna - 1990





BRENDA  
CENTENARIO



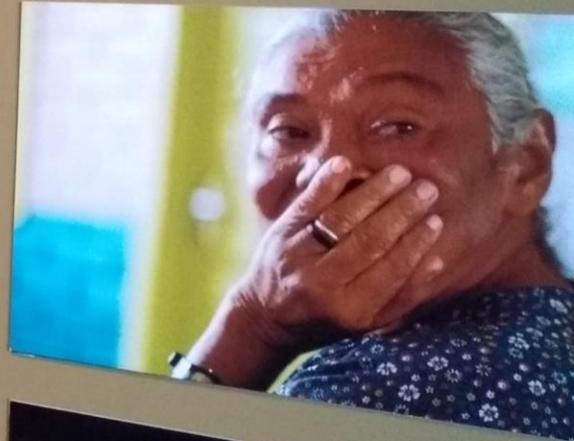


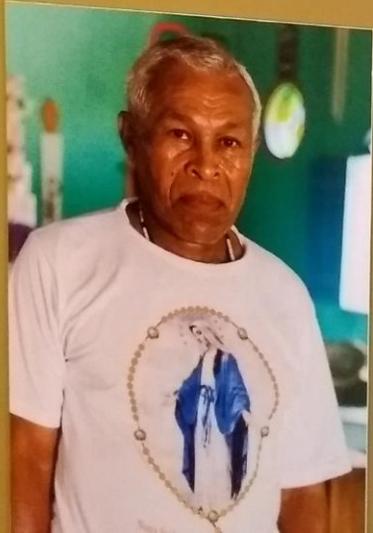
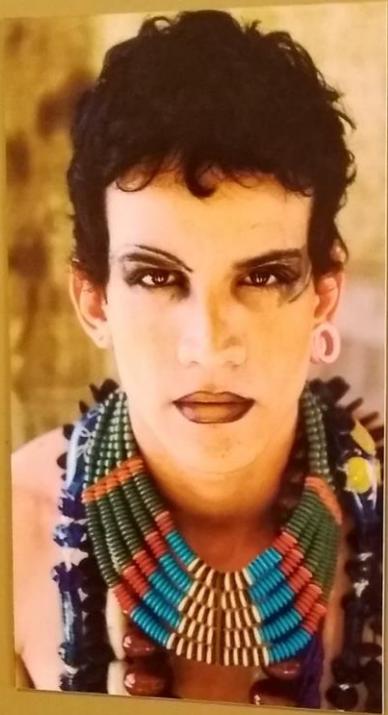


**MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE**

# Quem é o homem do Nordeste?









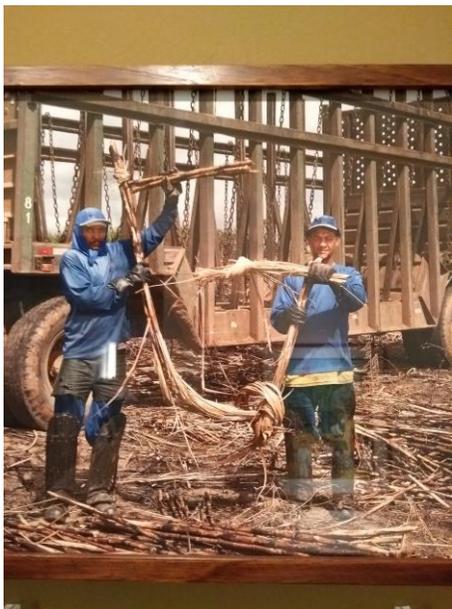
**JONATHAS DE ANDRADE**  
 (1982, Maceió/AL)

**ABC da Cana**  
 26 fotografias coloridas, 2014

Convite aos trabalhadores da refinaria TABU a performar o abecedário durante o corte da cana, em Condado/PE.

Trabalho inspirado pelas gravuras em nanquim feitas pelo artista Luis Jardim para a revista Brasil Açucareiro, em 1957, pertencente ao acervo do Cehibra da Fundação Joaquim Nabuco.

**DOAÇÃO DO ARTISTA**





**ENTERRO DE SEM TERRA**

Rodrigo Lobo/JC Imagem  
Moreno, Pernambuco

Enterro de Josias de Barros Ferreira, 28 anos, dirigente do Movimento Sem Terra, assassinado em 21 de agosto de 2006, no acampamento Alto da Balança, em Moreno, Pernambuco.

Na foto, destaque para o Maracatu Leão do Norte de Itaquianga, cidade da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

*Rios, pontes e overdrives*

Chico Science & Nação Zumbi

...É Macaxeira, Imbiribeira, Bom Pastor,  
é o Ibura, Ipseb, Torreão, **Casa Amarela**  
Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro,  
Madalena, Boa Vista, Dois Irmãos,  
é o Cais do Porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU  
Capibaribe, é o Centrão eu falei



farmácias  
Independentes

FARMÁCIA POPULAR  
MEDICAMENTOS  
GRÁTIS  
Remédios de graça  
para hipertensão,  
asma e diabetes

MAIS SAÚDE  
BRASIL

Lemos

Ortobom

FILA ÚNICA

5 RE  
PEITO  
100g



RUA LINARCA FONSECA MENEZES

UTM





*Recife Sempre*  
Paulo Freire

Cidade bonita  
Cidade discreta...

Se alguém me ama  
Que a ti te ame  
Se alguém me busca  
Que em ti me encontre...

Por isso te disse:  
Não me entendem  
Se não te entendem.  
O que penso  
O que escrevo  
O que faço  
Tudo está marcado por ti.  
Recife, cidade minha,  
Te quero muito, te quero muito.



Ed. Ductus  
726



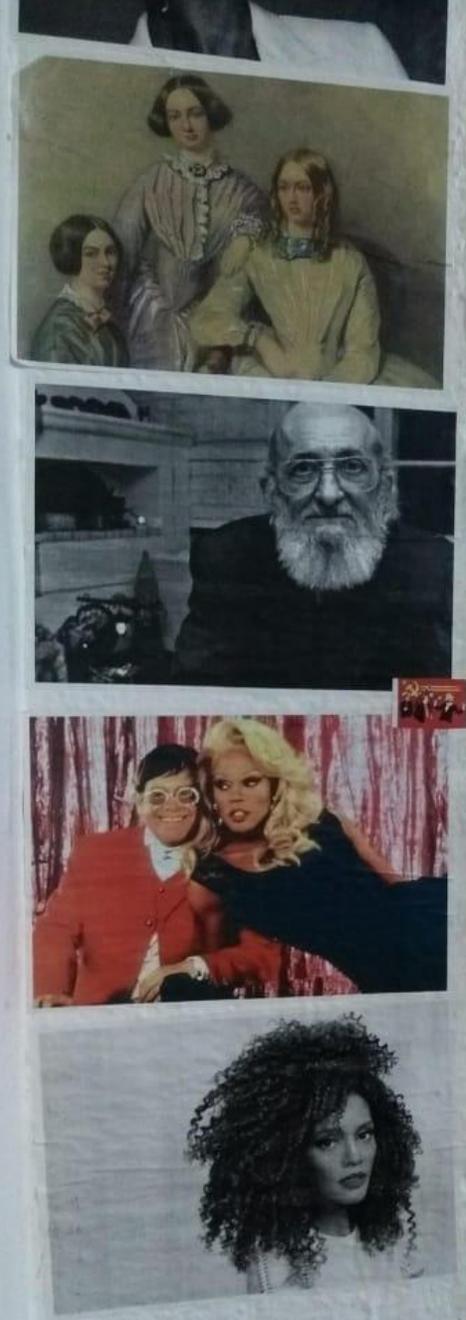




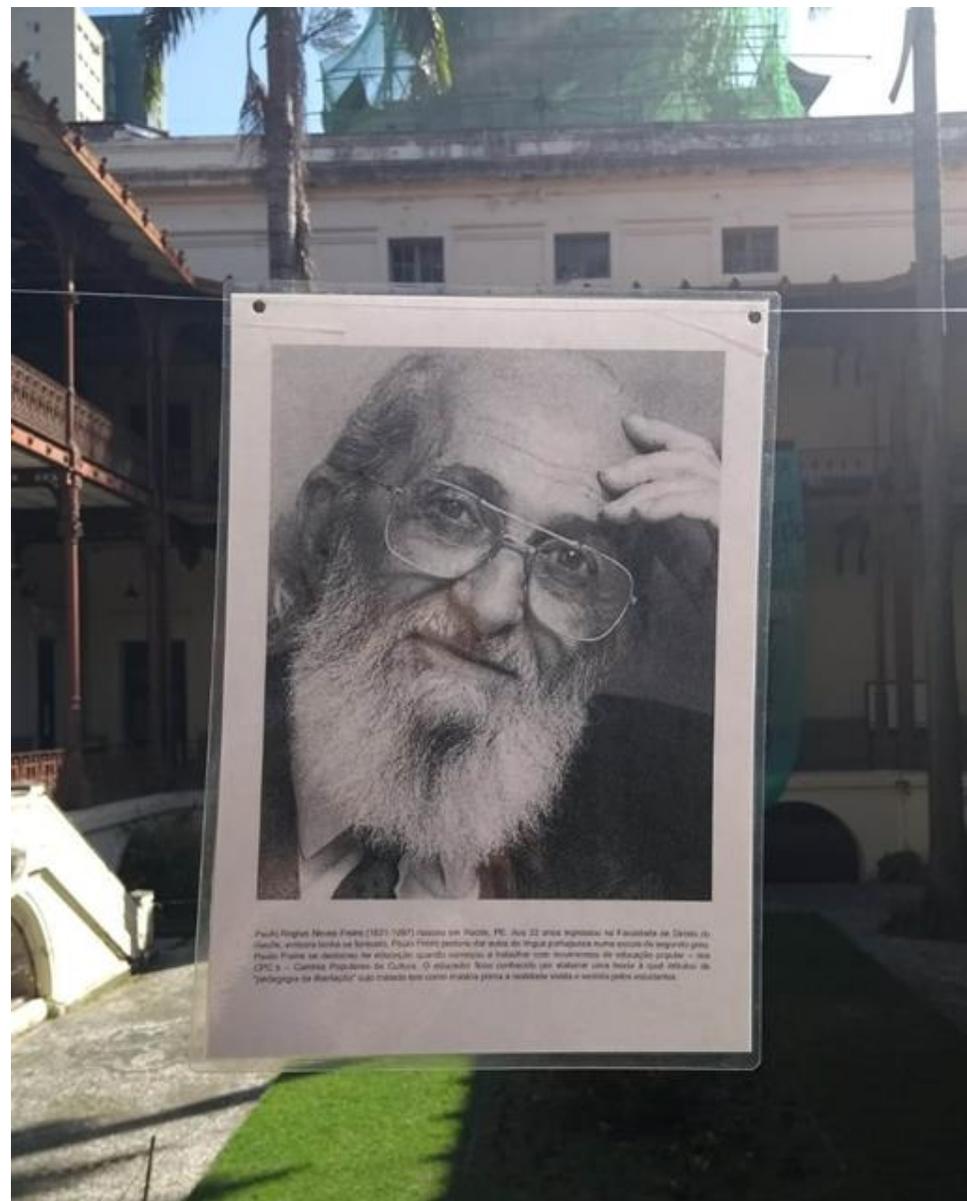
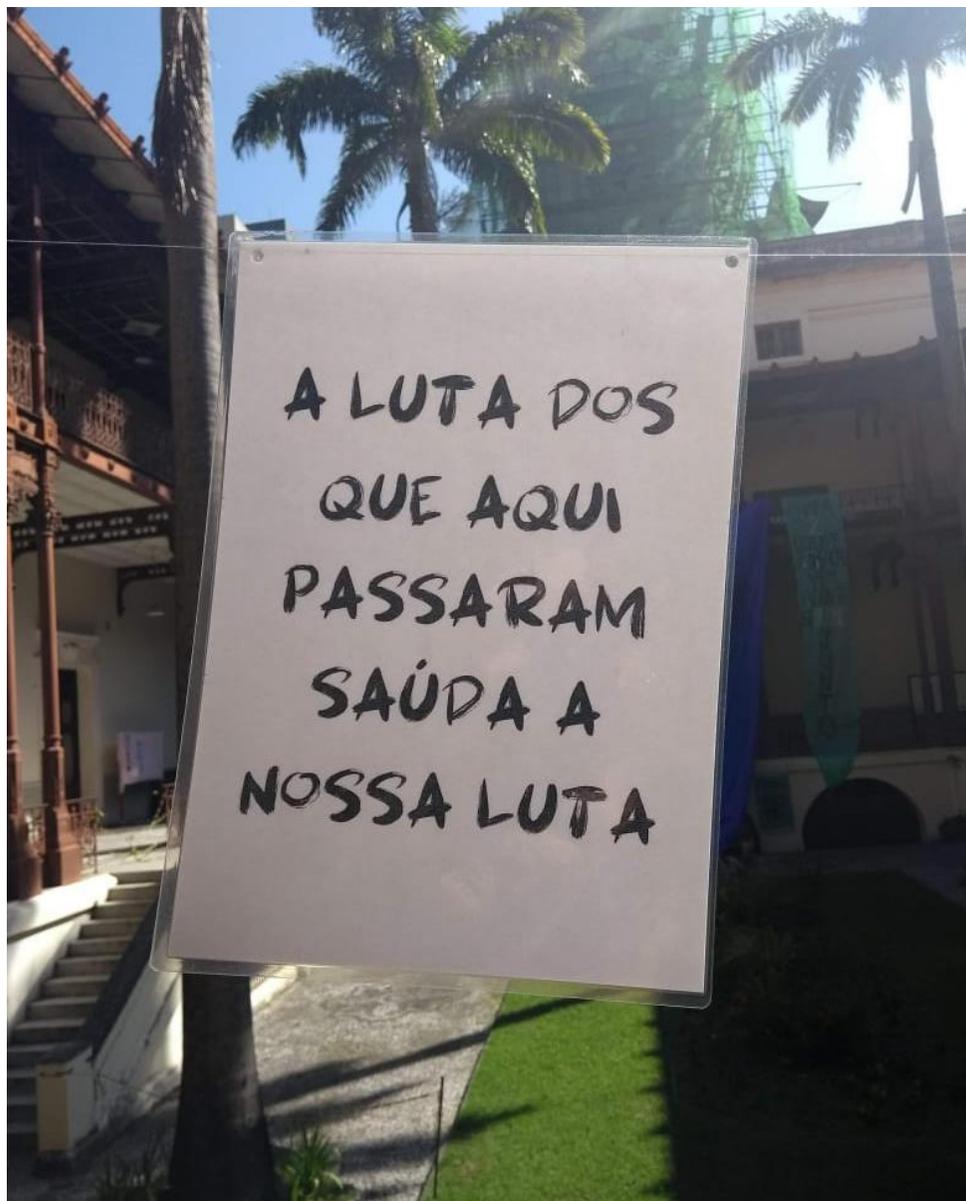


# ACHADOS

PAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SACONTEC  
IMIENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
SENTE: (IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SACONTEC IMIENTOS ACHADOS ATRAVE  
SSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE: (IM) POSSIBILIDADE  
SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SACONTE  
CIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE AU  
USENTE: (IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOS EN  
CONTROS LUGARES SACONTEC IMIENTOS ACHADOS ATRAV  
ESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE: (IM) POSSIBILIDAD  
E SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SACONT  
ECIMENTOS ACHADOS ATRAVESSAMENTOS OPRESENTE  
AUSENTE: (IM) POSSIBILIDADE SPAISAGENS CAMINHOSE  
NCONTROS LUGARES SACONTEC IMIENTOS ACHADOS ATR  
AVESSAMENTOS OPRESENTE AUSENTE: (IM) POSSIBILIDA  
DE SPAISAGENS CAMINHOS ENCONTROS LUGARES SACON











# FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE



Centro de Estudos Jurídicos



1939  
Francisco Julião  
Arruda de Paula



1939  
Paulo  
Pessoa Guerra



1942  
Lourival  
Faustino Vilanova



1945  
Manuel Correia de Oliveira  
Andrade



1947  
Everardo  
da Cunha Luna



1947  
Paulo Reglus  
Neves Freire



1950  
Aloísio Sérgio  
Barbosa de Magalhães



1950  
Ariano  
Vilar Suassuna



1950  
Edmir da Boa-Viagem  
Domingues  
da Silva



1950  
Hermilo Borba de  
Carvalho Filho



1950  
Gastão  
de Holanda



1955  
Moacyr  
de Góes



1957  
Carlos Souto  
Pena Filho



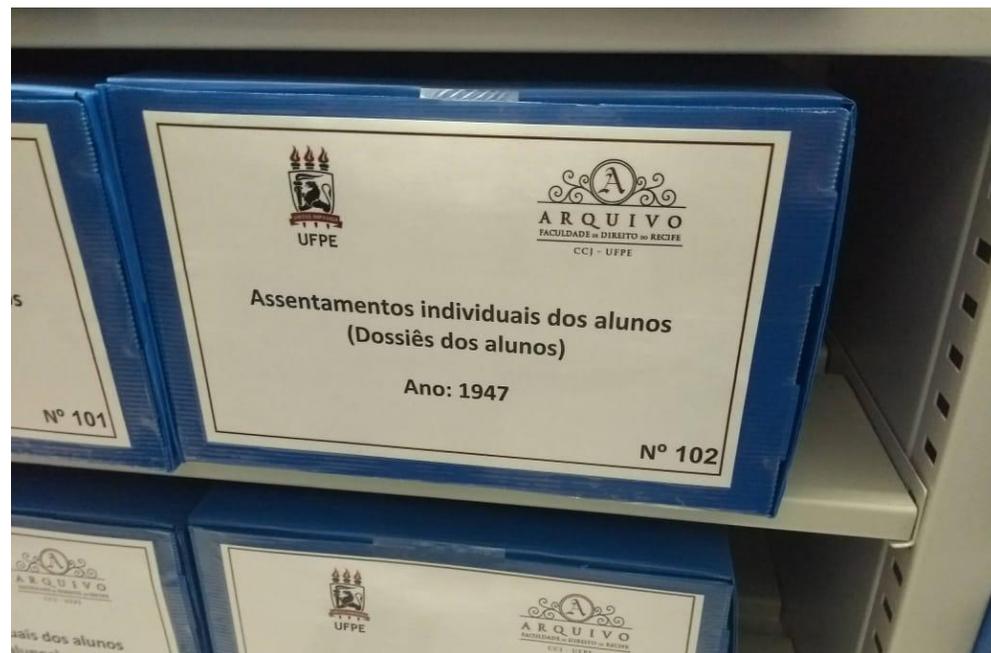
1962  
Marcos Vinícios  
Rodrigues Vilaça



1963  
Marco Antônio de Oliveira  
Maciel



1970  
Alceu  
Paiva Valença



1961  
FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DO RECIFE

## LISTA GERAL

DOS

Bacharéis e Doutores que têm obtido o respectivo grau

(EM CONTINUAÇÃO)

DE JANEIRO DE 1942 A DEZEMBRO DE 1960

ATUALIZADA NA ADMINISTRAÇÃO DO

Prof. José Soriano de Souza Neto

Organizada em ordem alfabética e cronológica com as competentes naturalidades dos Bacharéis e Doutores, seguida de uma relação dos Diretores, Professores Catedráticos, Docentes Livres, Assistentes e Instrutores remunerados, Professores Eméritos e Honorários, e funcionários em exercício no dia 31 de Dezembro de 1960.

POR

LUIZ LEITE SOARES

ARQUIVISTA

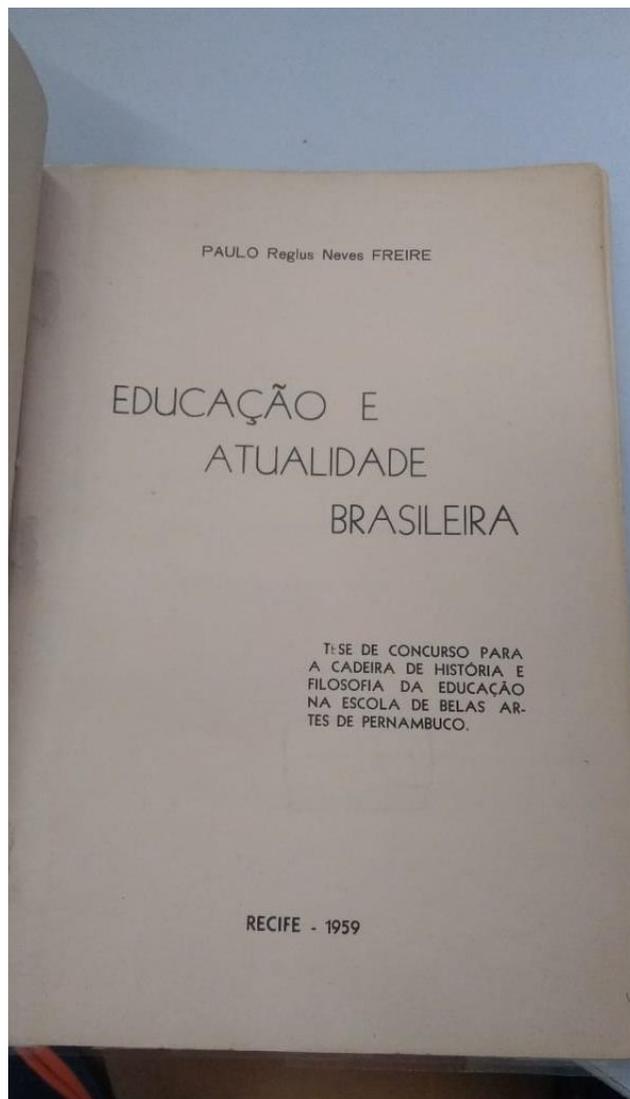
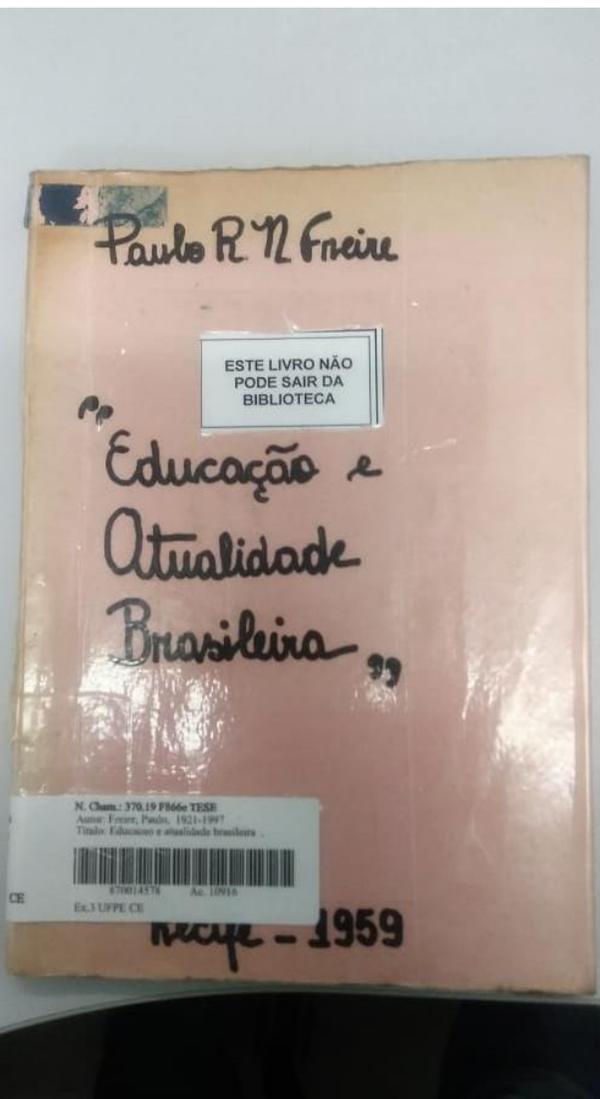
NOME	ANO DE FORMAÇÃO	DATA DE COLAÇÃO DE GRAU	NATURALIDADE
Paulo de Albuquerque	1942	5-12-1942	Alagôas
" Barros Vieira	"	"	Paraíba
" Germano de Magalhães	1943	4-12-1943	Pernambuco
" Magalhães dos Reis	"	"	Piauí
Pelagio Silveira	"	"	São Paulo
Paulo Gomes da Costa	1944	2-12-1944	R. G. do Norte
" Pires de Almeida Amazonas	1945	13-12-1945	Pernambuco
" Soriano de Souza	"	"	Bahia
Pedro Celestino Vilar	"	"	Pará
Paulo Frederico do Rêgo Maciel	1946	12-12-1946	Pernambuco
" de Albuquerque Araújo	1947	20-12-1947	Pernambuco
" Pereira da Luz	"	"	R. G. do Norte
" Reglus Neves Freire	"	8-09-1949	Pernambuco
" Rodolfo de Rangel Moreira	"	20-12-1947	Pernambuco
o Pedrosa de Oliveira Melo	"	"	Pernambuco
Ribeiro Malta	"	"	Alagôas
o Marinho de Oliveira	1948	15-12-1948	Pernambuco
da Silva Miranda	"	"	Pernambuco
otiguar Figueiredo Matos	"	"	Pernambuco
Pedro Toscano de Brito	1950	7-12-1950	Pernambuco
Paulo Guimarães de Souza	1951	22-12-1951	Pernambuco
Pedro Januário de Siqueira	"	"	R. G. do Norte
Péricles de Moraes e Silva	1952	13-12-1952	Pernambuco
Petronio Ramos Figueiredo	"	"	Paraíba
Pelópidas Holanda de Arroxellas Galvão	1937	5-05-1955	Pernambuco
Paulo Américo Maia de Vasconcelos	1953	12-12-1953	Paraíba
" Pedrosa de Oliveira Melo	"	"	Pernambuco
Pedro ... Costa	"	1-04-1954	Amazonas
Pedro ...	"	12-12-1953	Bahia
mpaio Dias da Silva	1954	30-12-1954	Pernambuco
Br ...	"	"	Pernambuco
C ...	"	"	Pernambuco
"	"	"	Paraíba
"	"	"	Pernambuco
reira	1955	16-12-1955	Paraíba
fon	"	"	Pernambuco
de	"	"	Pernambuco
on	"	"	Pernambuco
s Muniz	"	"	Pernambuco

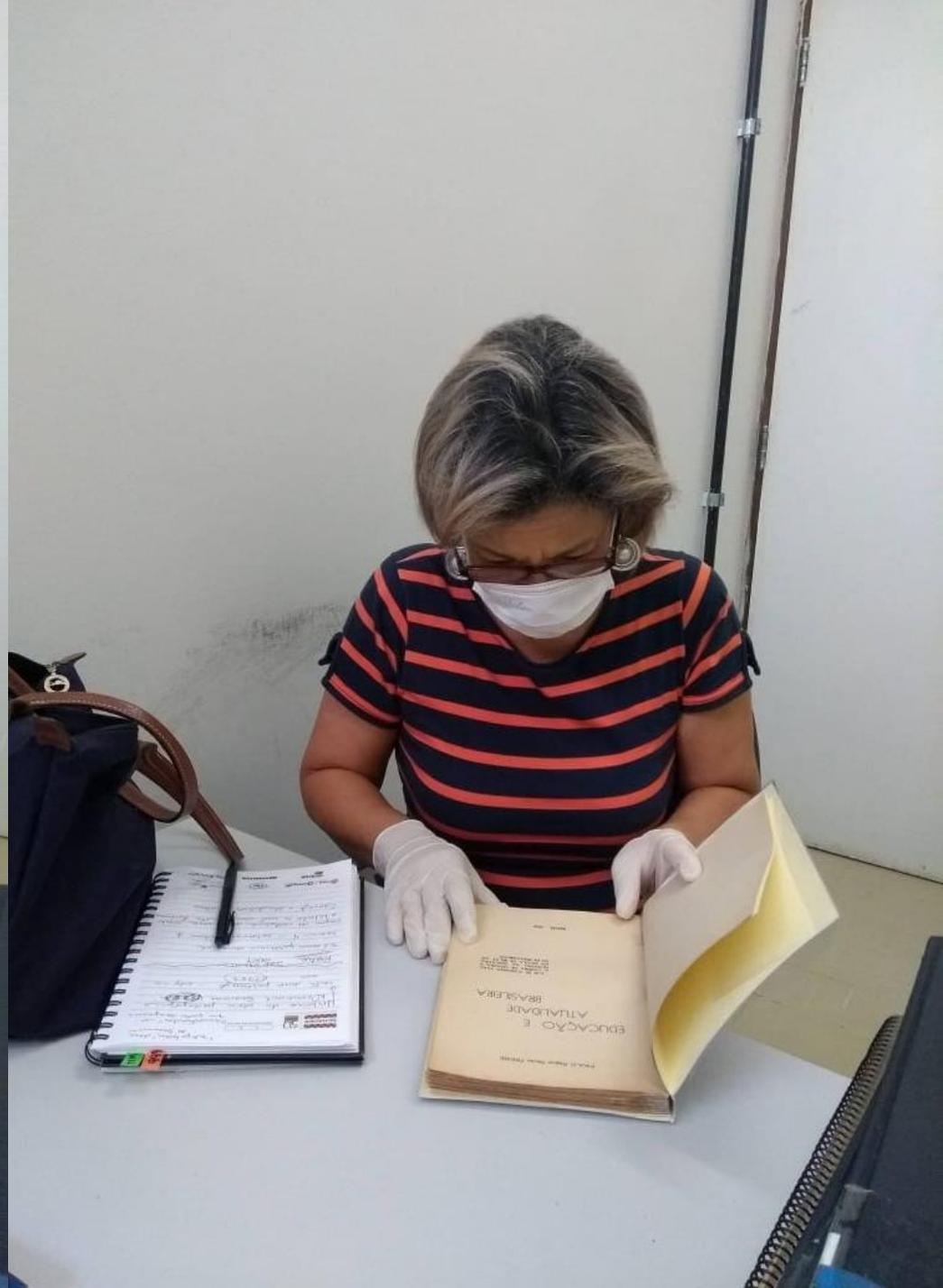
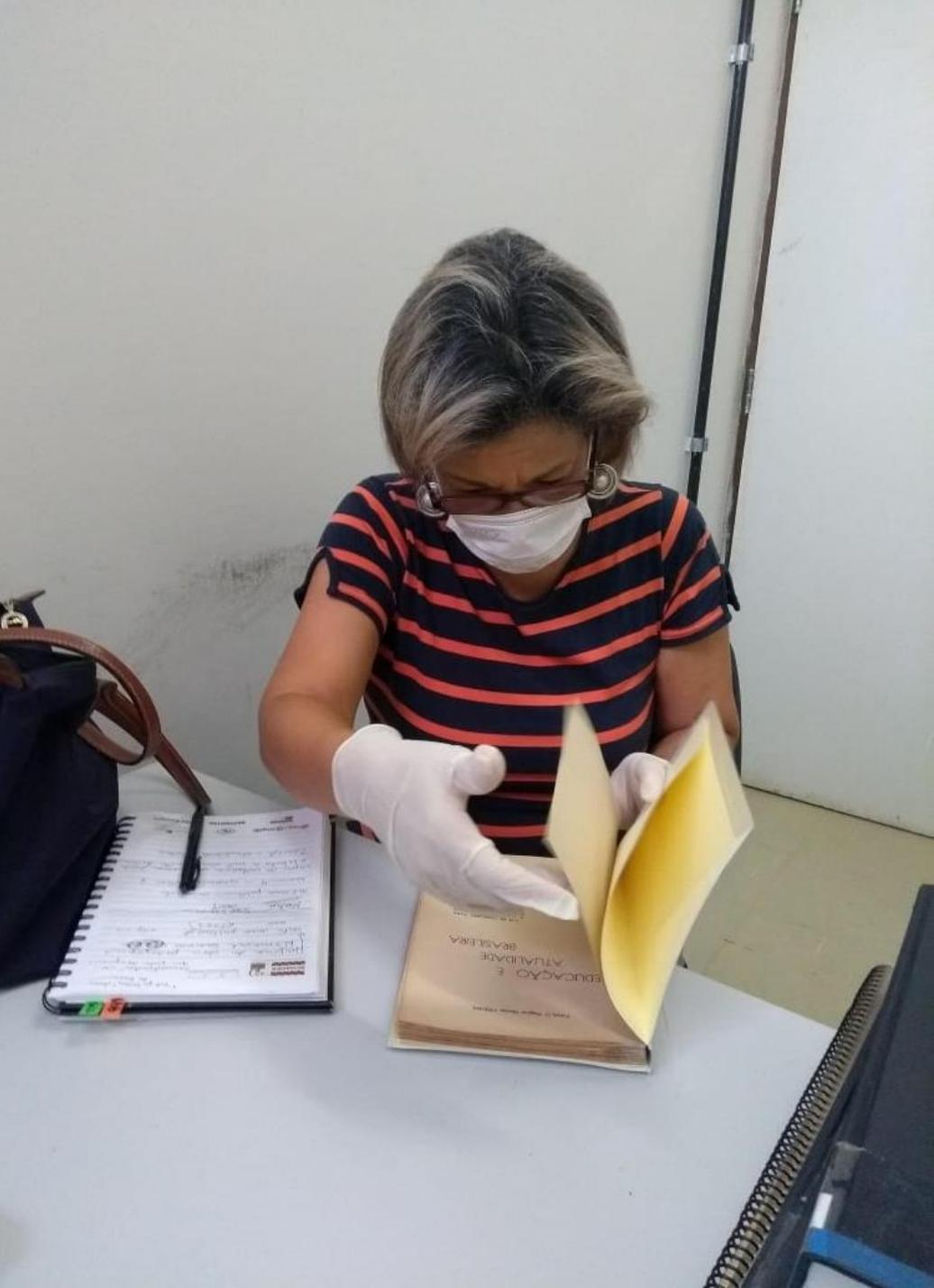
A UNIVERSIDADE  
SÓ TRARÁ LUZ  
QUANDO ESTIVER EM  
CHAMAS



AZUL  
DE BARROS







*Cordel ao educador Paulo Freire*

Medeiros Braga

Antes dele só havia  
A lição do dominante,  
Dirigida era a escola  
Pra manter o ignorante  
Ao cabresto de um sistema  
Desigual e degradante.

Juntando ideias e letras  
Iniciou a batalha  
Visando acabar com a farsa  
De que se vive, “sem farsa”,  
Em um país que oferece  
Condições a quem trabalha.

Educação que ensinasse  
O homem a ler e escrever  
Não apenas pra votar  
Ou pra riqueza crescer,  
Mas, sobretudo, mostrar  
Tudo em volta do poder.

Mostrar o mundo real  
No seu modo primitivo  
E o mundo justo, ideal,  
Libertário, coletivo,  
Para na luta atingir  
O seu grande objetivo.

Para o mestre Paulo Freire  
Os problemas principais  
Não são questões pedagógicas,  
Mas, são elas como tais  
Questões políticas que devem  
Ser discutidas bem mais.

Era a educação política,  
Era a lição popular  
Gerada ali na escola,  
Comentada em cada lar  
O que levava mais alto  
Todo oprimido a pensar.





FB



FB



FB

*Paulo Freire: o pedagogo dos oprimidos*  
Jorge Furtado

Ao Programa Nacional  
De Alfabetismo assumiu  
O Ministro da Cultura  
Viu nele um ser viril,  
Capaz de levar avante  
O nosso imenso Brasil.

Com isso gerou-se o ódio  
Na vil classe dominante  
Paulo Freire era tido  
Como uma praga devastante  
E unidos se empenharam  
Em vencer o bom gigante.

Em Harvard ensinou  
Quando ainda estava exilado  
E em diversos países  
Apresentou seu tratado  
Ele tinha o educar  
Como o bem mais venerado.

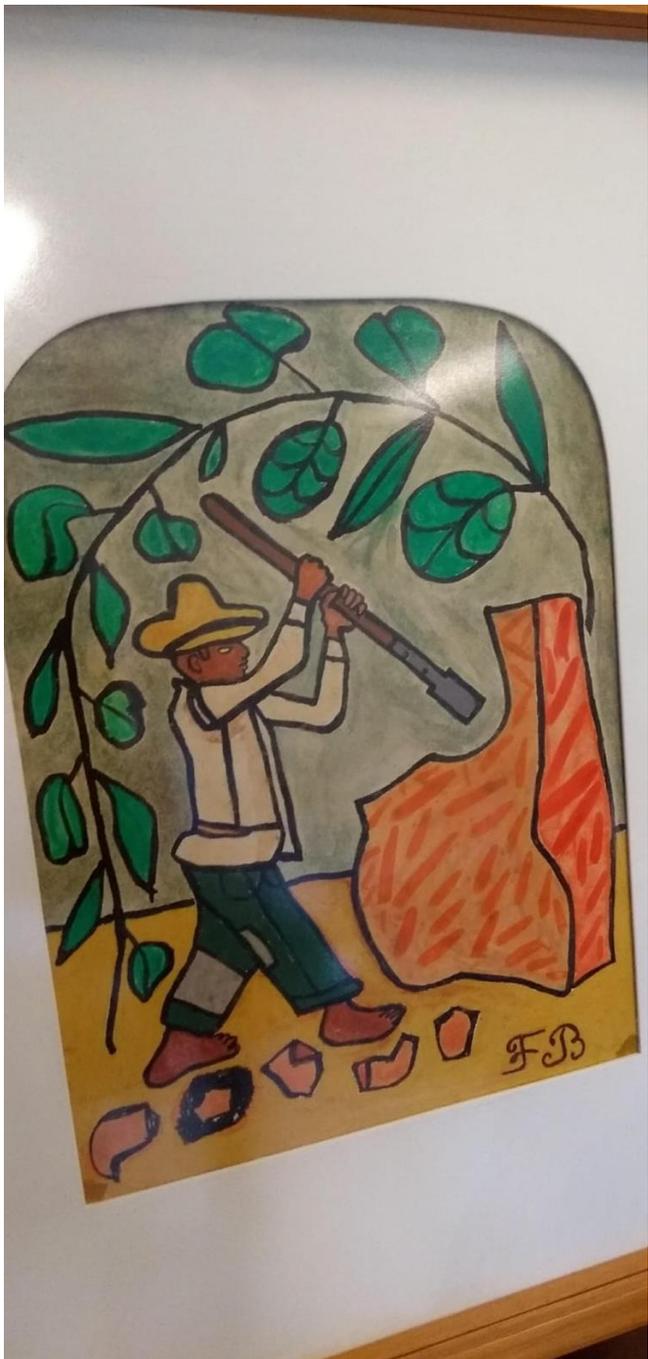
*O educador Paulo Freire*  
Costa Senna

Jardineiro da utopia  
Nunca parou de regar  
Letras, sílabas, palavras  
E frases para educar  
Neste pesquisar profundo  
Ele, as linguagens do mundo,  
Aprendeu para ensinar.

Dando a jovens e adultos  
Lições de cidadania  
Para que homem e mulher  
Alcancem autonomia  
Com muita vitalidade  
Construam felicidade  
Nas bases do dia a dia.

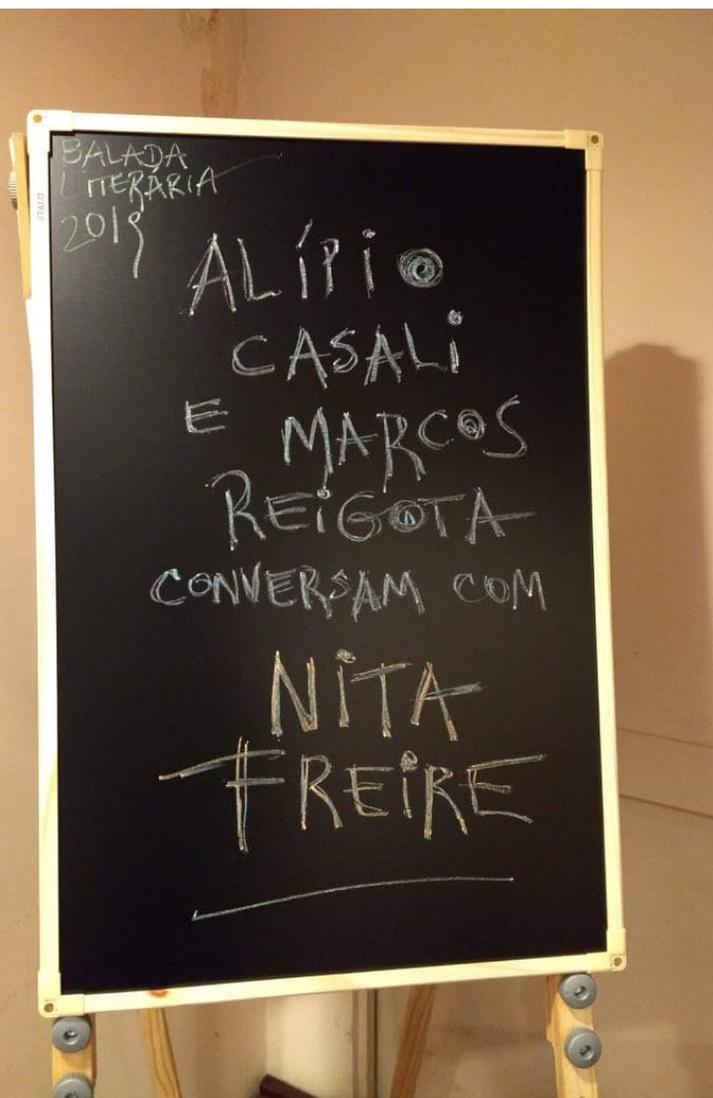
Pela extensão da obra  
Deste nobre menestrel  
Sua luz está na Terra  
E com as estrelas do céu  
Desfrutando eterna glória  
Um pouco da sua história  
Eu transformei em cordel.













## *Porto da Saudade*

Alceu Valença

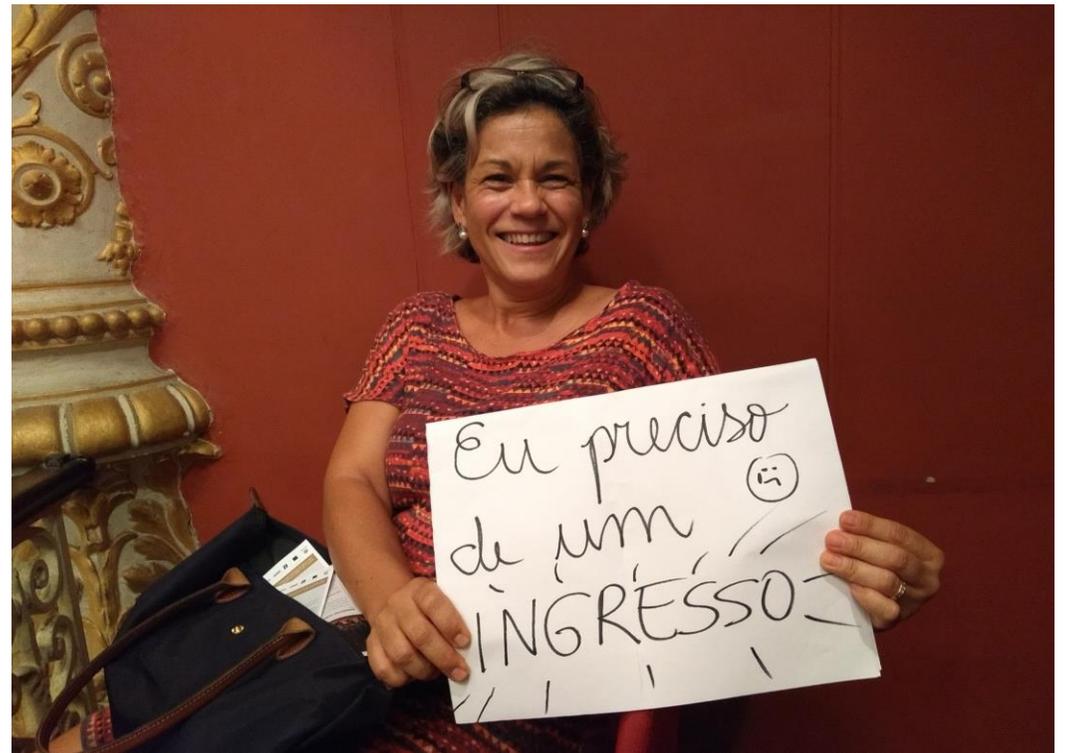
Faz tanto tempo, tempo é rua Soledade  
Leia saudade quando escrevo solidão  
Quis o destino tortuoso dos ciganos  
E as aventuras dos pneus de um caminhão  
Que atravessava o riacho de salobro  
Deixando marcas desenhadas pelo chão  
O vento vinha e varria a minha volta  
A ventania e o tempo não têm compaixão

Oh mana deixa eu ir  
Oh mana eu vou só  
Oh mana deixa eu ir  
Pro sertão de Caicó

Faz tanto tempo, tempo é porto da saudade  
Praias do Rio de Janeiro no verão  
Quero o destino das águas dos oceanos  
Me evaporando pra eu chover no riachão  
Mergulharia no riacho de salobro  
Lavando a culpa como se eu fosse cristão  
O vento vinha e varria à minha volta  
A ventania e o tempo não têm compaixão



Performance da Orquestra Ouro Preto. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=fl\\_5euY3nEM](https://www.youtube.com/watch?v=fl_5euY3nEM)



A hand-painted sign on a dark green background. The text 'BARRACA' is on the top line and 'PAULO FREIRE' is on the bottom line, both in a stylized, light green font with red and white decorative elements. The sign is framed by a red border and features elaborate green and red scrollwork and floral designs. It is hanging from a green cord with a white polka-dot bow.

BARRACA  
PAULO FREIRE

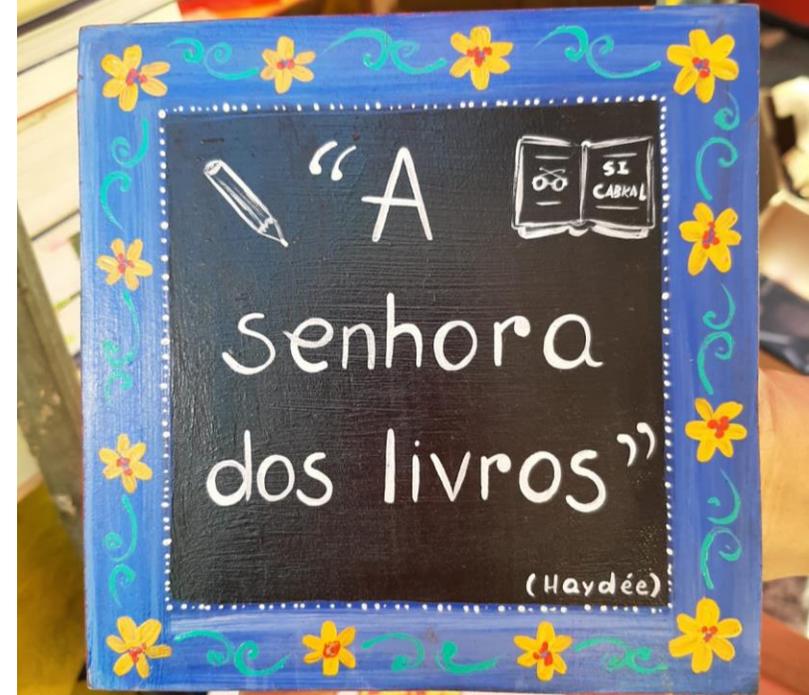




À sua voz expressiva de sotaque nordestino e à SANFONA DE 120 BAIXOS, Luiz Gonzaga acrescentou a ZABUMBA (ritmo já muito comum nos forrós nordestinos), posicionada à direita, ao lado dos graves da sanfona; e, à esquerda, auxiliando os agudos, o tilintar do TRIÂNGULO (descoberta no pregão de ambulantes chamando a freguesia).

## ESTAVA INVENTADO O "TRIO NORDESTINO"!

Bené Fonteles





**A**

**F**

**E**

**R**

**A**



**KLEBER**

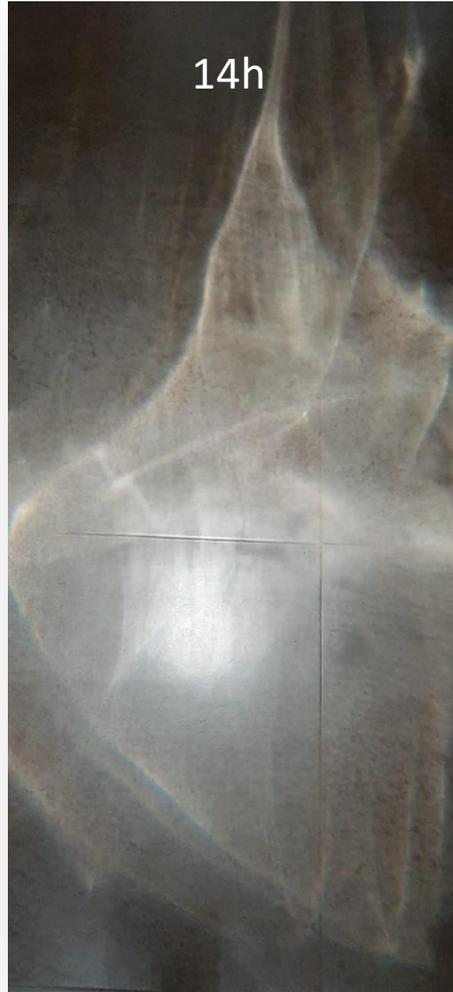
**MENDONÇA**

**FILHO**

















*Meninos do Recife*

Abelardo da Hora

São habitantes anônimos  
dessa cidade alagada  
de limo formada  
sob marés, submersa...

Habitantes desse pântano  
Sem escrituras, sem títulos  
Submetidos ao ócio  
Que gera fome e vício  
E um calendário implacável  
De misérias e imprevistos

São apenas habitantes  
Dessa cidade alagada  
Atirados sobre a lama  
Sobre as marés da desgraça.





**ELIZÂNGELA DAS PALAFITAS**  
(1978, Moreno/PE)

**Da Lama ao Caos**  
Madeira, plástico, tecido, papel, argila.  
Recife, Pernambuco.

**Cabaré de Bêu Veia**  
Madeira, plástico, tecido, papel, argila.  
Recife, Pernambuco.

Através do uso de materiais recicláveis, a artista apresenta a sua preocupação com o meio ambiente, a desigualdade social, a violência contra mulheres e crianças, e a falta de políticas públicas habitacionais.





# FOLHA de PERNAMBUCO

VENDA DE R\$ 1,50  
RECUPERAÇÃO DE  
PARALELA ARRELA  
CLAR DE ASSIAANTE  
Grupo EOM

www.folhapa.com.br

quinta-feira  
Recife, 24 de outubro de 2018

ano XLII nº 244  
Fundador: Eduardo de Queiroz Monteiro



## IMAGEM DE GAROTO REPERCUTE NO MUNDO

Mídias como o The New York Times e The Guardian publicaram fotografia de Léo Malafaia, da Folha, mostrando o menino Everton no mar em meio ao óleo. CONTINUA -- PÁG. 10

# Novas manchas de óleo devem atingir praias

Alerta é do vice-reitor da UFPE, Moacyr Araújo. Segundo ele, a quantidade de óleo nas praias corresponde apenas a um percentual do que teria vazado. Ele participou de reunião comandada pelo governador Paulo Câmara com pesquisadores. Em rede nacional, o ministro do Meio Ambiente anunciou ações e voltou a denunciar que o petróleo é venezuelano. CONTINUA -- PÁG. 10 ECONOMIA -- PÁG. 10 BRASIL -- PÁG. 10

Manchas de óleo  
apareceram ontem  
na praia do Ianga



## PAULO CÂMARA REÚNE PREFEITOS DE CIDADES DO LITORAL PARA DEFINIR AÇÕES CONTRA VAZAMENTO

Governador destacou a importância da reunião para avaliar o que está sendo feito e planejar o futuro. Ainda ontem, o presidente da Amupe, José Patrão, relatou o drama de gestores que não têm verba para comprar equipamentos. POLÍTICA -- PÁG. 10

COLUNA

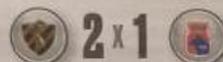
FOLHA PREVIDÊNCIA

REAÇÃO

Planos de saúde vão  
em busca dos usuários

JULGAMENTO

Supremo começa a  
decidir sobre prisão  
em 2ª instância



2 x 1

SPORT VENCE E BOTA  
PRESSÃO NO BRAGA



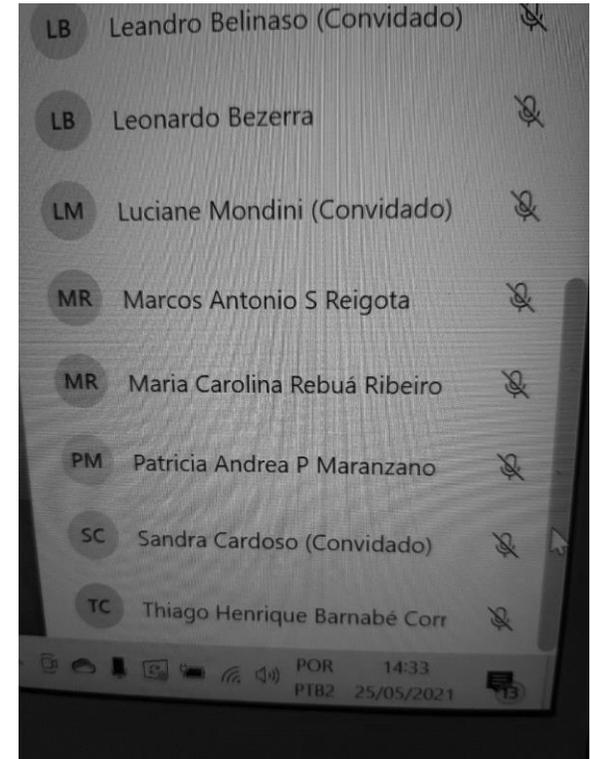
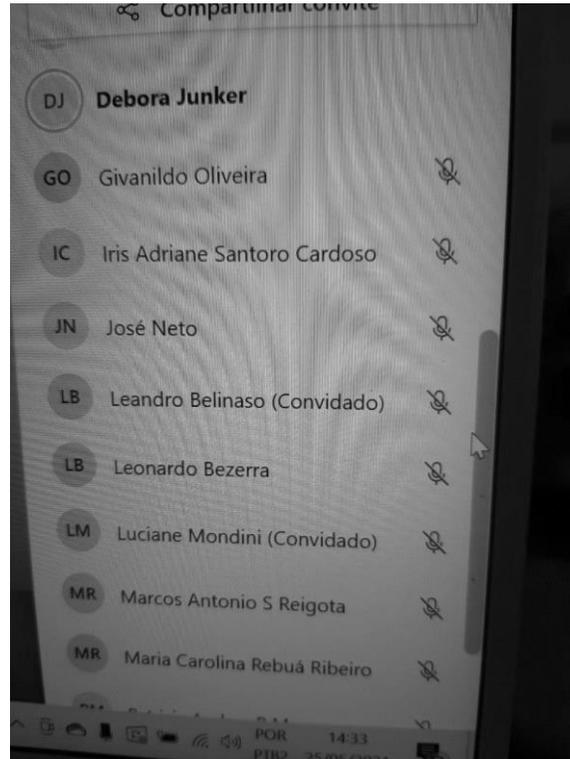
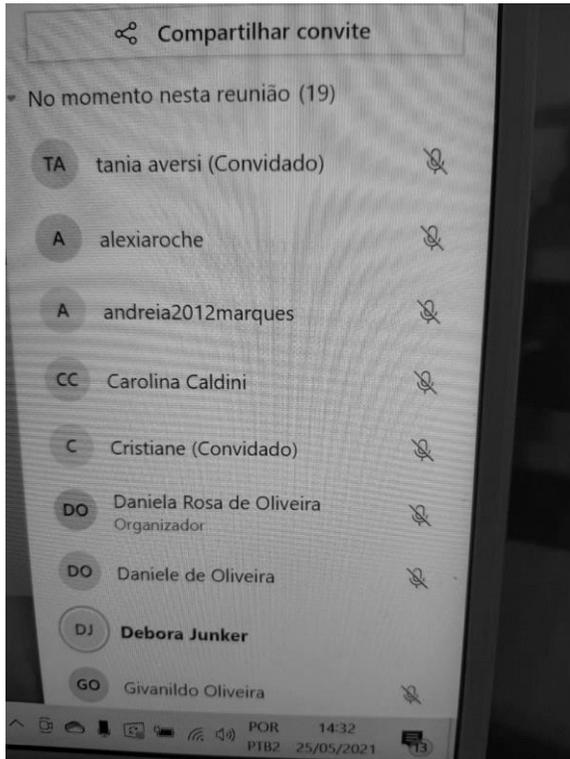






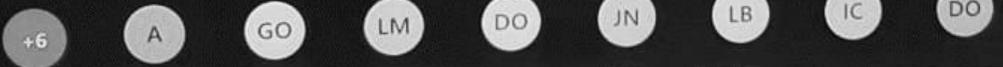






⚠ A gravação foi iniciada. Esta reunião está sendo gravada. Ingressando, você dá consentimento para que esta reunião seja gravada. [Política de privacidade](#)

Ignorar



### Pessoas

Compartilhar convite

No momento nesta reunião (19)

TA tania aversi (Convidado)

A alexiaroche

A andrea2012marques

CC Carolina Caldini

C Cristiane (Convidado)

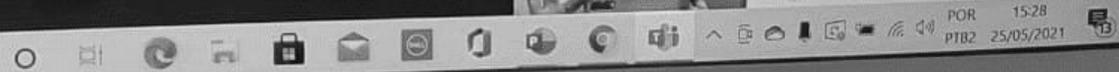
DO Daniela Rosa de Oliveira  
Organizador

DO Daniele de Oliveira

DJ Debora Junker

GO Givanildo Oliveira

☰ Digite aqui para pesquisar



DELL



*Da sua formação católica cristã Paulo trouxe algumas influências para a literatura educacional, entre outras, as virtudes teológicas. Entretanto, devo alertar, estas virtudes foram superadas em categorias ético-político-pedagógicas na sua compreensão de educação [...] a Caridade, que (nele) se transmutou em solidariedade. **Solidariedade** para com o mundo, para com a sustentabilidade do Planeta Terra, porque esta implica na mais profunda solidariedade para com todos os homens e todas as mulheres do mundo.*

Nita Freire (2014)















## LEGENDAS

Todas as imagens, exceto aquelas cujos créditos são aqui concedidos, foram capturadas pela pesquisadora ou por alguém que operou a câmera do celular dela em situações nas quais desejava registrar sua presença.

### *PAISAGENS*

Páginas 16-17. Rota do Cangaço. Poço Redondo-SE

Páginas 18-22. Grotta do Angico. Poço Redondo-SE

Página 24. Arredores de Delmiro Gouveia-AL

Página 25. Povoado de Entremontes-AL

Páginas 26-27. Ponte sobre um dos rios (re)existentes no percurso entre Delmiro Gouveia-AL e Ibimirim-PE.

Página 29. Vista do Rio São Francisco na altura em que divide os estados de Alagoas, Sergipe e Bahia. Delmiro Gouveia-AL.

Páginas 30. Vista do Rio São Francisco desde o Mirante do Talhado. Delmiro Gouveia-AL

Página 31. Vista do Rio São Francisco a partir do Mirante da Igreja. Piranhas-AL

Páginas 32. Por do sol a partir do Mirante Secular. Piranhas-AL.

### *CAMINHOS*

Páginas 34-35. Piranhas-AL.

Página 37. Alambari-SP.

Páginas 38. Torre de Pedra-SP.

Página 39. Mococa-SP.

Página 43. entardecer sobre o Rio Tietê. Barra Bonita-SP.

Página 44-45. percurso entre Botucatu e Torre de Pedra-SP.

Página 46. Complexo viário “Cebolão” sobre o Rio Tietê. São Paulo-SP.

Página 47. Bairro Perdizes. São Paulo-SP.

Página 48-49. Bairro da Chapadinha. Itapetininga-SP.

Página 51. Toritama-PE.

Página 52. Área externa do Museu de Cultura Popular Paraibana. João Pessoa-PB.

Página 53. Escadaria da Praça Cultural Mestre Dominginhos. Garanhuns-PE.

Página 55. À esquerda, Entremontes-PE. À direita, Ladeira da Misericórdia. Olinda-PE.

Página 57. Ponte sobre o Rio Capibaribe em Toritama-PE.

## ENCONTROS

Página 60. Com Bárbara H. do Prado. Itapetininga-SP (2018). Com Marcos Reigota. PUC-SP(2015).

Página 62. Com colegas doutorandos(as) e Marcos Reigota em término de seminário. UNISO. Sorocaba-SP (2018).

Página 63. Com Bené Fonteles e grupo da UNISO e da Unicamp. Pinacoteca-SP (2019)

Página 64. Com Paulo Freire na UFPE. Recife-PE (2018).

Página 65. Com Nita Freire. Clínica Psicologia no Cotidiano. Sorocaba-SP (2018)

Página 67. À esquerda, com Mônica Folena. Cátedra Paulo Freire da UFRPE. Recife-PE (2018). À direita, com Mary Jane Spink. SESC Sorocaba-SP (2019).

Página 68. Com convidados e colegas do PPGE-UNISO. Entrevista concedida por Marcos Reigota a Leandro Belinaso e Davi de Codes. Sorocaba-SP (2018).

Página 71. Com Nita Freire. Balada Literária 2019 (Paulo Freire homenageado). Livraria da Vila. São Paulo-SP.

Página 73. Com J. Borges, xilo gravurista e cordelista. Bezerros-PE ( jan.2020).

Página 74. À esquerda, com Mestre Vitalino Neto, escultor em barro. Caruaru-PE. (jan.2020).

À direita, com Francisco Brennand, artista plástico, autor da série de desenhos especialmente produzida para Paulo Freire utilizar nos Círculos de Cultura (ver anexos, no volume 1 desta tese).Recife-PE (2019).

Páginas 132-133. Recife-PE (2018).

Página 75. Com Pablo Borges, xilo gravurista (@ateliiepabloborges). Bezerros-PE (jun.2021. \*ambos já vacinados contra Covid-19).

Página 77. À esquerda, com Valter Almeida, coordenador da coletânea *30 anos no Quintal*.

À direita, com Telma Almada Lobo e Claudia Regina Martinez Fernandes, patrocinadoras do referido projeto editorial. Itapetininga-SP (jun.2019).

Página 78. Professoras (Roberta, Alba, Patrícia, Sueli, Giovana, Amanda e Liliane) que participaram, com suas *bio:grafias*, do projeto *Cartas para um Beija-Flor*, narrativas que compuseram uma das seções do livro *30 anos no Quintal*. Itapetininga-SP (jun.2019)

Página 79. Com Nita Freire em São Paulo-SP (fev. 2020).

Página 80. Grupo da UNISO presente ao lançamento do livro *30 anos no Quintal*. Itapetininga-SP (jun.2019)

Página 82. Com Tetê Espíndola no lançamento do CD *Outro Lugar*, que contém 4 canções em parceria com Marta Catunda, “a passarinha”. SESC Pompeia, São Paulo-SP (2017).

## LUGARES

Página 90. Inspiração à sombra do abacateiro. Torre de Pedra-SP (mar.2020).

Página 91. Universidade de Sorocaba sob a estranha nuvem que, às 15h do dia 19/08/2019, tornou o dia em noite. Fumaça oriunda de queimadas na Amazônia que, sob ação de fortes ventos, chegaram à região sudeste.

Página 92. Escultura *Carne da minha perna*, obra coletiva em homenagem à Chico Science e Josué de Castro. Rua Aurora. Recife-PE (2018).

Página 94. Árvores que valem mais que asfalto. Poço da Panela e Parnamirim. Recife-PE (2017).

Página 95. Paineis “Cajus” de Francisco Brennand e frutas naturais nos jardins do Museu do Estado de Pernambuco. Recife-PE (2019).

Páginas 97-99. Praça Maciel Pinheiro. Escultura de Clarice Lispector, o “casarão rosa”, que pertenceu à família dela, adesivado com protestos contra a iminente demolição do prédio. Recife-PE (2019).

Página 101. Casa de Ariano Suassuna até seu falecimento em 2014, em projeto para abrigar o Museu do Movimento Armorial. Ao lado, um dos poemas no estilo Romancero Popular (Literatura de Cordel) escrito e ilustrado por ele. Poço da Panela, Recife-PE (2019).

Página 102. Sítio da Trindade. Local que abrigou no início da década de 1960, as atividades do Movimento de Cultura Popular do Recife que impulsionou a arte, o teatro e a música no nordeste. Participaram desse movimento Suassuna, Abelardo da Hora e Paulo Freire, este como coordenador da área de educação. Casa Amarela, Recife-PE (2018).

Páginas 103-104. Oficina Cerâmica Francisco Brennand. Várzea, Recife-PE (2018).

Página 105. Obras de Francisco Brennand na Estação MASP do metrô e no Museu Afro Brasil (MAB). São Paulo-SP (2019).

Páginas 106-111. Museu do Homem do Nordeste (MUHNE). Recife-PE (2019).

Página 113-116. Cenas de Casa Amarela: Imóvel que teria dado nome ao bairro, no século XVII. Em processo de tombamento pela prefeitura, pode servir ao comércio, desde que mantida sua “cor original”. Sebo de rua. Mercado e Feira. Cruzamento entre a Estrada das Ubaias e a Estrada do Encanamento, antigas vias que ligavam os engenhos ao interior do estado e ao porto do Recife. (2018) no século XVII.

Página 118. Ilustre morador de Casa Amarela. A casa onde Paulo Freire nasceu e morou até os 10 anos (foto ampliada da imagem que se encontra na página 48 da obra “Paulo Freire, uma história de vida” escrita por Nita Freire).

Páginas 119-121. No lugar do antigo número 724 da Estrada do Encanamento, ergueu-se um edifício. A casa vizinha resiste à ação do tempo. No seu quintal altíssimas mangueiras carregadas de frutas balançam ao vento e perfumam a vizinhança. Recife-PE (2018).

### ACHADOS

Página 124. Freire ao lado de Lispector, sua “conterrânea” (assim ela se considerava). Sala do Centro Acadêmico do Curso de Letras. PUC-SP (2016).

Página 125. Bancos sob frondosas árvores no jardim do Centro de Formação de Professores Paulo Freire. Madalena. Recife-PE (2018).

Páginas 126-131. Faculdade de Direito do Recife (UFPE). Acesso (inédito) da pesquisadora ao dossiê de Paulo Freire, devidamente autorizado por Nita Freire (ver anexos, no volume 1 desta tese). Recife-PE (2019).

Páginas 132-133. Biblioteca da UFPE. Acesso da pesquisadora ao único exemplar remanescente da tese *Educação e Atualidade Brasileira* (1959), apresentada por Paulo Freire no Concurso à Cadeira de História e Filosofia da Educação na, então, Escola de Belas Artes de Pernambuco – UFPE (ver anexos, no volume 1 desta tese). Recife-PE (2019).

Páginas 135-138. Sala da reserva técnica da Galeria Brennand. Série de 10 desenhos criados por Francisco Brennand, à pedido do amigo Ariano Suassuna, para os trabalhos de Paulo Freire com os Círculos de Cultura, semente do Plano Nacional de Alfabetização. Confiscados pelo Golpe Civil-Militar de 1964, alguns desenhos desapareceram (ver anexos, no volume 1 desta tese). Recife-PE (2019).

### ACONTECIMENTOS

Página 143. Círculo de Cultura. Cátedra Paulo Freire da UFPE. Recife-PE (2018).

Página 145. Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto. A saga da pesquisadora para conseguir um ingresso e assistir ao espetáculo na “casa” do artista. Teatro de Santa Isabel. Recife Antigo. (2019).

Página 146-147. Feira Agroecológica da Várzea. Professor Benedito Medrado, da UFPE, um dos organizadores, conta que a placa “Barraca Paulo Freire” fora encomendada pessoalmente a um artista de rua no bairro do Caminito, em Buenos Aires e que o artista quis saber o que significava “barraca”, porque “Paulo Freire” ele sabia quem era. Recife-PE (2019).

Página 148. Museu do Cais do Sertão. Em meio aos artefatos expostos, uma frase de Bené Fonteles sobre o Trio Nordeste. Em conversa com a pesquisadora, posteriormente, Fonteles se recorda de ter participado da curadoria do referido Museu. Recife-PE (2019).

Página 149. Barraca de Si Cabral “a senhora dos livros” – Feira do Bom Jesus, Recife-PE (out. 2020).

Página 151. Fotomontagem: cenas de abertura do curta metragem do cineasta recifense Kleber Mendonça Filho: *A Feira* (2013). Instalação (corredor escuro cercado por 14 telas de projeção). Museu do Cais do Sertão. Recife-PE (2018).

#### ATRAVESSAMENTOS

Página 154. Fragmento do ensaio *Atravessamentos* composto para capa do livro *30 anos no Quintal: trajetórias atravessadas pela Educação Ambiental*. Arte: Valter Almeida e Tânia Aversi. Foto: Glauco Paiva. Itapetininga-SP (jun. 2019).

Página 155. Luz do sol, em vários momentos do dia, atravessando a clarabóia no teto do corredor, em frente ao escritório onde boa parte desta tese foi escrita. Torre de Pedra – SP (2020-2021).

Páginas 156-159. Oficinas pedagógicas para educadores, coordenadas pela Professora Alda Romaguera da UNISO e ministradas pelos membros do Coletivo Ritmos de Pensamento em parceria com o SESC Sorocaba. Participação especial de Bené Fonteles, Alik Wunder, Davi e Dario Kopenawa Yanomani, Wenceslau de Oliveira Junior e Elisete Leite Garcia (e bonecos de pano ancestrais das artesãs de Crato-CE). Sorocaba-SP (2019).

Páginas 161-165. Os meninos do Recife - e do mundo (2019-2020).

#### PRESENTEAUSENTE: (IM)POSSIBILIDADES

Páginas 168-169. O novo lixo, sempre humano (2020).

Páginas 170-173. O cotidiano resiste na *presençaausência* do outro (2020-2021).

Páginas 176-181. Presença em tempos de ausência. A “sacola solidária” (2020).